



O OUTRO PÉ DA SEREIA

Maria
Conto



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título: O Outro Pé da Sereia

Autor: Mia Couto

Design gráfico: José Serrão

Capa: fotografia de Rino Scuccato

Imagem captada do interior da Capela Velha da Fortaleza da Ilha de Moçambique

ISBN: 9789722123624

Editorial Caminho, SA

[Uma editora do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 2006

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.caminho.leya.com

www.leya.pt

*Os que morreram não se retiraram. Eles viajam na água que vai fluindo. Eles são
a água que dorme.*

*Os mortos não morreram. Eles escutam os vivos e as coisas Eles escutam as vozes
da água.*

(Birago Diop)

*«Desde que em alguma outra parte é que vivemos e aqui é só uma nossa
experiência de sonho...»*

João Guimarães Rosa (*Ave, Palavra*)

Capítulo um

A estrela enterrada

Moçambique, Dezembro de 2002

*Em todo o mundo é assim: morrem as pessoas, fica a História.
Aqui, é o inverso: morre apenas a História, os mortos não se
vão.*

(O Barbeiro de Vila Longe)

— *Acabei de enterrar uma estrela!*

Foi assim que o pastor Zero Madzero se anunciou junto à cama de sua esposa, Mwadia Malunga. Lá fora, espreitavam os primeiros sinais de luz. A mulher, ainda emergindo do sono, sorriu e disse:

— *Venha, marido, venha que eu lhe apronto um bom banho.*

Olhou o homem em contraluz: parecia um fantasma, magro e sujo, carregando mais poeira que o vento do Norte. Um cheiro a queimado se espalhou na ensonada claridade do quarto.

— *Trouxe os burros?*

Ele acenou com a cabeça, como se estivesse bêbado. Quando Mwadia se aprontava para o encaminhar por entre as penumbras, o pastor deu um passo atrás e murmurou:

— *Não me toque! Não me toque que tenho as mãos em fogo.*

Só então a esposa reparou no brilho que emanava das mãos fechadas de Madzero. Lentamente, ele entreabriu os dedos, um por um, como se desfolhasse uma flor. Mwadia Malunga levou o braço ao rosto, incapaz de enfrentar a reverberação. A sua voz esgueirou-se num gemido:

— *Meu marido, me confesse: você já morreu?*

— *Não, tudo isto vem da estrela, mulher.*

— *Mas qual estrela?*

— *A estrela que enterrei no nosso quintal.*

Mwadia espreitou, receosa, pela janela. O amanhecer costumava ser um beijo no vidro de sua casa. Naquela manhã, porém, a luz era mais tensa que intensa. Foi então que ela viu a pá, espetada junto a um amontoado de areia. Enterrada na vertical, cumpria o serviço de cruz em campa rasa.

Saiu para o pátio, o marido seguindo-a em passos sonâmbulos. Em redor do tambor de água, ela juntou umas tantas latas enquanto o homem se ia despindo. Tinha sido sempre assim: o pastor recusava banhar-se sozinho. Um homem fica menos macho se passeia as mãos pelo seu próprio corpo. Era essa a crença de Zero Madzero. A esposa fazia de conta que acreditava.

Desta vez, como sempre acontecia, manchas de sangue iriam sujar a água que restava do banho. Ela nunca lhe perguntou porquê. A um homem não se perguntam certas coisas. Também ela, quando saltava a lua e lhe vinham os sangues, gostava de ser guardada em silêncio. Uma esteira diferente à entrada da porta: era o que bastava para Zero saber que esses eram dias interditos.

— *Não gaste muita água, pediu Zero.*

Mwadia sentiu os riscos abertos no pescoço do marido. Dizia-se que eram antigas cicatrizes de golpes de faca, de certa vez que quase o mataram. O pastor defendia que eram guelras, que metade da sua alma era de peixe e ele, quando dormia, descia às profundezas do rio e se embalava na corrente.

— *Tem a certeza que não estava viva?*

— *Quem?*

— *A estrela.*

— *Estava morta. Quando tombou do céu, já vinha despedaçada.*

O que restou, disse ele, era pouco menos que uns montes de lata incandescente. Uma lata voadora?, se admirou Mwadia. O pastor Madzero descreveu o mutilado corpo celeste: uns ferros brilhantes, mais amolgados que sucata tombada de uma desconstelação.

— *Você tocou na estrela?*

— *Toquei, fiz mal.*

— *Mas porquê não resistiu, marido? Vê como não posso confiar em si?*

— *Eu queria aproveitar aqueles ferros, fazer um portão para o curral.*

Ali estava a explicação. Não podia ser senão um castigo pela pretensão do burriqueiro em se apropriar de uma criatura celestial. As mãos se impregnaram de cintilações, dessas luzes que acendem os astros no fundo da noite.

— *Me conte, meu marido. Conte tudo que lhe darei um banho de desencardir a alma.*

Enquanto se deixava banhar, sob as demoradas carícias de sua esposa, o pastor Madzero não podia saber que longe, mais longe que o outro lado do mundo, uma mão nervosa viria a redigir a seguinte mensagem:

Comunicação interna, urgente

Um aparelho de espionagem usado pelos nossos serviços secretos desapareceu esta noite, algures no Norte de Moçambique. A aeronave não pilotada poderá ter sido abatida, o que confirma a suspeita de que forças terroristas estão actuando nessa região de África. A aeronave cumpria uma missão de reconhecimento militar quando, inesperadamente, se interrompeu o contacto com a base de apoio, localizada num porta-aviões estacionado no oceano Índico. Forças de segurança terrestres poderão ser enviadas para o território onde aconteceu o acidente para confirmar o destino do aparelho e as causas do seu desabamento. Desde os atentados do Quénia e Dar-es-Salaam que os nossos serviços de segurança mantêm a região sob estreita vigilância.

A melhor maneira de fugir é ficar parado. Lição que o burriqueiro Zero Madzero aprendera com a imbabala, a gazela dos matos densos. É a fuga da presa que engrandece o caçador. O ficar imóvel é o mais astuto modo de enfrentar o predador: deixar de ter dimensão, converter-se em areia no deserto. Desaparecer para fazer o outro se extinguir.

A melhor maneira de mentir é ficar calado. Lição que o burriqueiro não aprendera com ninguém. O silêncio não é ausência da fala, é o dizer-se tudo sem nenhuma palavra. Por isso, Madzero só falou quando a esposa deixou de lhe pedir para contar a história do astro. Enquanto Mwadia lhe enxugava o corpo, o burriqueiro relatou as extraordinárias sucedências que a ele pareciam singelas, mas que iriam mudar o destino do seu lugar e da sua gente.

As lágrimas de Mwadia, ao escutar o relato de seu marido, não resultavam do que ele ia dizendo. Comovia-a, sim, o simples facto de Zero Madzero falar. Desde há anos que a sua voz se tornara tão episódica como se ele estivesse existindo por conta de um outro que já vivera. O homem calava cobras e lagartos. No silêncio, Zero se embalava, feito um pêndulo, pontual para lá e para cá.

— *Estou a esquecer-me.*

E oscilava como água na onda. A kapunda, essa túnica de algodão branco, sobrava-lhe nos ombros. A mulher suportava mal esse lento silenciar e, mais e mais vezes, o espicaçava para as falas:

— *Então, marido, já não fala?*

— *Estou à procura das palavras...*

Demorava-se, olhos rebuliçosos, à cata dos termos. No esforço, ele contava pelos dedos, como se palavra e algarismo se misturassem, informes, nos obscuros lamaçais de seu pensar. A esposa foi

confirmando: o marido estava sendo atingido por uma estranha cegueira. Ele era invisual para palavras. Preocupada, ainda pensou: farei com que se alimente melhor. Quem come pouco, fala pouco. O prato encheu-se, não se encheram as falas. Zero se aproximava do próprio nome: ele se anulava, em ocaso de si mesmo.

Rosto velado, Mwadia torceu o pano com que lavava o marido e se deixou possuir pelo doce sabor do pranto. Só então ela prestou atenção ao que o marido contava, o surpreendente relato de ocorrências que iriam mudar o seu destino.

Naquela noite, como em todas as outras, Zero Madzero saíra para levar os burros e os cabritos a pastar. Preferia pastorear os seus bichos quando estava mais fresco e lá, ao longe, a fogueira da sua casa lhe indicava o único caminho em todo o universo. Devia ser quase madrugada quando ele olhou o firmamento como quem, na cidade, consulta o relógio. Eram horas de encaminhar os animais de volta a casa. Seus olhos ganharam brilho num silencioso agradecimento: só é olhado pelo céu quem olha para as estrelas. Nem o burriqueiro sabia o quanto, nos próximos tempos, ele seria contemplado pelos céus.

Apoiou-se no pau bifurcado que ele esculpira para que as cabras dessem à luz, em igual número, machos e fêmeas. O brilho em seu rosto era a única cintilância na aridez da paisagem. Naquelas esqueléticas paragens só chove quando os joelhos dos bois tocam o chão, as mulheres cantam e os homens rezam. Mas fazia tempo que não havia bois, há muito que as mulheres tinham emudecido e os homens perdido a crença.

Todavia, aquele lugar nem sempre fora um território isolado, longe do mundo, do outro lado do tempo. Há trinta anos — quando Zero Madzero nascera — ali se espriavam as chamadas mphalas verdes, as férteis colinas dos montes Camuendje. Converteram-se numa ilha esquecida quando se encheu a albufeira da barragem de Cahora Bassa. O Zambeze

inchou e os riachos de Nkazi e Muzenguezi coalesceram, sepultando vales e terras baixas. Quando as águas subiram, os mais-velhos sorriram, satisfeitos. A Bíblia também está a ser escrita na nossa terra, diziam. Mas depois a inundação conteve-se e sobraram montes, cabeços e outeiros.

— *Nem o dilúvio merecemos*, resmungavam os velhos.

Nascemos para ser escolhidos, vivemos para escolher. Podia-se dizer de Madzero que era tonto mas, ao menos, ele escolhera viver nesse lugar de que se esqueceram os caminhos. Há anos que ele quase não cruzava com alma vivente. A única pessoa de seu convívio era Mwadia, essa que tinha corpo de rio e nome de canoa.

E era para reencontrar a sua esposa que o pastor agora apressava o passo. Queria regressar antes que fosse manhã. A última coruja já havia pousado, sinal de que a noite estava prestes a desvanecer-se. Daí a pouco, a esposa estaria despertando. O burriqueiro anteviu os grandes olhos da mulher e a savana se encheu de luminações como um pestanejar dos céus.

— *Vou no caminho de ser Deus*.

Arrependeu-se da ousadia do pensamento. Na igreja lhe ensinaram que Deus só é se é único, mais que único. Ele que apagasse a multidão de deuses familiares, essas divindades africanas que teimavam em lhe povoar a cabeça. Madzero era um «postori». Noutras palavras, ele era um crente da Igreja Apostólica, criada por John Marange em 1930. Não seria exactamente um caso de fé, pois o juízo de Zero não aguentava nem metade de crença. Ele aderira aos «vapostori» apenas porque, para ele, o nome soava como um aportuguesamento da palavra *pastores* e não de *apóstolos*. A seita seria onde os pastores pobres como ele se reuniam e evocariam o dia em que o planeta inteiro se converteria numa reverdejante paisagem.

Nos tempos de hoje, pouco restava da agremiação religiosa. Todavia, o burriqueiro mantinha-se um seguidor dos preceitos do finado Marange. Assim, até na doutrina ele se revelava bem distinto da maioria que frequentava a Igreja Católica. Madzero não era apenas diferente: ele

gostava dessa diferença, trazia-a ao peito como se de uma medalha se tratasse. Cabelo sempre rapado, não bebia álcool, não fazia uso dos tambores nem das mbiras[1] para convocar os espíritos.

Enquanto apressava o regresso a casa, Zero Madzero ergueu os olhos para a noite como se nela procurasse chão. De repente, o pastor se arrepiou: um ruidoso fogo rasgou os céus como um chicote de luz. Parecia um fósforo a ser aceso pelas mãos de Deus. Depois, foi a explosão. Madzero se apeou da alma, tal o susto. Parecia que o universo todo se estilhaçara. Sem pisar nem pesar, o pastor se ajoelhou. Seus lábios imploraram:

— *Me salve, Deus!* E acrescentou, em célere sussurro: *E me acudam os meus deuses, também...*

Fosse há uma dezena de anos e o pastor estaria seguro de que se tratava de um acto de guerra. Mas, agora, era impossível. A guerra era coisa do passado e o tempo varrera as cinzas e lavara as lembranças.

Decorreram viscosos instantes, enquanto o mundo reganhou ordem e silêncio. O burriqueiro viu, longe, uma silhueta ainda incandescente, afocinhada nas areias. E concluiu tratar-se de uma estrela-cadente. Ela se despenhara ali, com propósitos que se iriam ainda descortinar.

Acto descontínuo, assim que a poeira assentou, Zero Madzero foi ver dos burros e cabritos, seus únicos valores. Espreitou os graus do horizonte e os degraus do céu. Os cabritos não demoraram a despontar. Mas os jumentos nem vê-los. Tudo desarreado, cascos empoeirados, desapeados pelos vãos.

Só depois de muito chamamento é que os burros assomaram entre brumas e fumos, aproximando-se em passo resignado e com olhos de obediente tristeza. Por fim, estavam todos, completos, jumentos e caprinos. Os asnos, inquietos, agitavam as orelhas. Os cabritos, como sempre, caminhavam imperturbáveis. Cabrito é bicho que já viu o fim do mundo. Nada o surpreende.

Cambaleando na areia, o pastor se aproximou da estrela. O corpo celeste estava desfigurado, todo amassado, ainda chamuscando em

fugazes labaredas. Zero se admirou do tamanho. Por certo era uma estrela em idade infantil, dessas que ainda tropeçam nos atalhos do firmamento. Tombara mesmo nas traseiras da casa, por pouco não acertara no tecto. Madzero, primeiro, levantou os braços a mostrar que não tinha culpa no acidente. Pobre como era, seria o único a receber punição. Permaneceu assim, de mãos erguidas, até estar certo de que não havia testemunha. Depois, cumpriu deveres de fé: cobriu a pobre defunta com umas pazadas de terra, balbuciando umas ininteligíveis palavras de encomenda a Deus.

Antes de entrar em casa ainda espreitou o céu. Seria aquela apenas a primeira de um chuvisco de estrelas? A savana iria sofrer uma inundação de luz, enchente de astros desamparados?

— *Foi então assim?*

— *Foi, mulher. Sem tirar nem opor.*

— *Pois eu lhe digo, marido: temos que desenterrar essa estrela decadente.*

— *Porquê?*

— *No nosso quintal só os nossos é que plantamos, só os nossos de carne e osso.*

O casal decidiu que, nesse mesmo dia, transladaria os restos imortais do corpo celeste. E os enterraria junto ao rio, no lugar do sagrado bosque. É lá que se sepultam as crianças.

Antes, porém, consultariam o curandeiro Lázaro Vivo. Não que essa consulta fosse do agrado de Mwadia, que ela não dava créditos àquilo que chamava de credices. Nem Zero, se fosse coerente com os mandamentos dos vapostori, se prestaria a tais consultas. Quando olhou a sombra nos olhos do marido, Mwadia entendeu que aquele não era o momento para lhe requerer coerências.

Aliás, desde os tempos da Revolução que o velho Lázaro Vivo deixara de se apresentar como um nyanga[2]. Ele era, agora, um conselheiro

tradicional. Fosse qual fosse a sua oficial designação, o adivinho lhes daria a necessária permissão para entrar na floresta. Só isso, agora, importava.

Antes da visita a Lázaro, Zero Madzero teve ainda tempo para se deitar. Queria dormir, apagar o seu existir. Mwadia Malunga acariciou-lhe a fronte e ele se afundou no sono. A mulher voltou a espreitar a campa no quintal. Pobre Madzero, ele acreditava tratar-se de uma estrela. Não seria ela a desmenti-lo.

Mas a esposa sabia: aquilo que se vê no céu nem sempre são astros. Aprendera com o pai a distinguir os verdadeiros dos falsos corpos celestes. Esses outros, os enganosos astros, são barcos em que viajam os que não souberam morrer. A mulher sorriu: o que estava ali sepultado no quintal eram restos de uma desembarcação. Ela sabia de suas certezas: o seu nome, Mwadia, queria dizer «canaoa» em si-nhungwé[3]. Homenagem aos barquinhos que povoam os rios e os sonhos.

Depois, olhou a nascente madrugada como se procurasse um lugar vago nos céus. A lua ainda se destacava, lá no lusco-fusco. A Mwadia doeu-lhe uma súbita saudade da casa de infância. Chegou a escutar a voz de sua mãe, como se a lembrança fosse água tombando sobre água. Fixou aquela luz viúva e o seu olhar se embaciou. Esfregou o rosto, corrigindo tristezas, num gesto redondo:

— *A lua hoje está cheia de pólen.*

Não tinha passado uma hora: a mulher escutou o pastor gemendo. Ardiam-lhe as mãos. Ela chamou-o. Mas o homem se queixava dormindo, o pranto lhe emergia do outro lado da consciência. Mwadia teve medo de tocar nas lágrimas que escorriam pelo rosto do marido e encharcavam a almofada. Quem chora dormindo pode também rezar sem despertar. E, assim, ela encorajou o pastor:

— *Isso, vá rezando, marido. Mas reze de sua maneira, você é um postori.*

Os outros rezavam a Deus. Ele rezava com Deus. Os outros rogavam ao Criador. Madzero conversava com Ele, fazendo dele as Suas palavras.

A presença da esposa deve ter invadido o espírito do adormecido burriqueiro. Pois, segundo contou mais tarde, Madzero sonhou que as suas mãos se juntavam, duas chamas numa única fogueira. Em lugar dos dedos, lhe doíam dez pequenas labaredas. Foi então que outras mãos, feitas de água, se aconchegaram nas suas e aplacaram aquele incêndio. Eram as mãos de mulher. *Seriam as minhas*, adiantou-se Mwadia. Não. Aquelas eram mãos de mulher branca. E a mulher do sonho vaticinou:

— *As minhas mãos são de água. Sou feita para a sede dos homens.*

A voz ecoou na cabeça do pastor. As palavras o sacudiram por dentro. A voz tomava posse dele, usando a sua boca para falar:

— *Eu sou a mulher.*

— *Está maluco, marido? Agora sonha que é mulher?*

Foi o trespassar da gota. Nenhum homem no mundo se envaidecia tanto de ser macho. Zero Madzero puxava lustro da tradição viril dos seus antepassados: os Chikundas^[4], bravos caçadores de elefantes, intrépidos viajantes do rio, lendários guerreiros. Como podia, agora, o seu homem se confessar mulher?

Mwadia sacudiu o marido, vestiu-o à pressa e o enca-minhou pelos carreirinhos até ao topo do morro Camuendje. Seguiram por velhos e secretos atalhos, ocultos entre areias e cascalhos, por onde, durante séculos, os Chikundas conduziram missionários, exploradores e comerciantes de escravos e marfim.

Em Antigamente toda a noite é derradeira. Cada dia é tão custoso e espesso que parece carregar o último sol. Depois deste escuro, pensou Mwadia, já nenhuma outra luz haverá. Talvez tenha sido esse receio que

a fez sorrir, aliviada, quando, já no topo do monte, avistou na distância as escassas luzes de Vila Longe.

Contornaram as grandes rochas de granito: nas traseiras daquele cabeço morava o adivinho Lázaro Vivo.

— *Diga-me, marido: você quer mesmo consultar o conselheiro? E a sua igreja não proíbe as cerimónias tradicionais?*

— *A nossa igreja proíbe, mas, às vezes, a circunstância é maior que a situação.*

O compadre Lázaro refugiara-se no monte Camuendje desde que a Revolução perseguira os curandeiros. Dizia-se que, agora, os tempos tinham mudado, mas Lázaro Vivo não facilitava. Quisessem incomodá-lo e deveriam atravessar vales e rios e vasculhar por entre as penedias da montanha.

Chegados à vedação, Mwadia bateu as palmas, em pedido de licença, enquanto Zero Madzero foi entrando pelo pátio do curandeiro. Espreitou pelos recantos e não viu ninguém. Mwadia procurou uma sombra e recostou-se, decidida a esperar à entrada do recinto.

Recordava-se bem de Lázaro Vivo, o adivinho. O homem se convertera numa figura mítica desde que, aquando do enchimento da albufeira de Cahora Bassa, ele se recusara a abandonar a sua velha casa.

— *Fico a fazer companhia aos mortos, teimara.*

Zero Madzero e Lázaro Vivo eram dois opostos: contrastando com a cabeça rapada do primeiro, o adivinho exibia longas e farfalhudas tranças; o burriqueiro vestia sempre uma camisa branca, o nyanga envergava uma túnica preta. Um e outro se colocavam em lados contrários do oculto: os feiticeiros trazem a chuva dos primórdios; os vapostori transportam o fogo do fim do mundo.

Um ruído alvoroçou Mwadia: era o nyanga que entrava em casa, vindo do mato. A mulher se espantou: o adivinho mudara de aparência dos pés à

cabeça. As tranças deram lugar a um cabelo curto e penteado de risca, a túnica fora substituída por uma blusa desportiva. Debaixo do braço trazia uma tabuleta e foi assim, surpreendido e meio torcido, que saudou a visitante:

— *Acabo de chegar de Vila Longe! Fui lá buscar esta tabuleta que mandei fazer para colocar aqui, na entrada do estabelecimento.*

Colocou a tábua no chão de modo a que o letreiro se tornasse legível. Estava escrito: «Lázaro Vivo, notável das comunidades locais, curandeiro e elemento de contacto para ONGs». O riso de confiante orgulho não esmoreceu quando o adivinho perguntou:

— *E Madzero onde está?*

— *Já entrou, está aí no quintal.*

— *Ele está bem? É que, lá na Vila, dizem-se coisas.*

— *Zero só sai de noite.*

— *Pois ele que se acautele e se torne mais diurno. Dá azar um homem deixar de ver a sua própria sombra.*

— *Agora vá, compadre Lázaro: fale com Zero que ele está muito angustiado. Eu aguardo aqui fora.*

A mulher regressava à sua condição de esposa: retirou-se, convertendo-se em ausência. Lá fora, ela se dedicaria à sua mais antiga vocação: esperar. As vozes, mesmo aguadas, lhe chegariam, ora distintas ora enevoadas. Embalada, a mulher fechou os olhos, encurvou os ombros para reduzir o tamanho da sua sombra.

Lázaro Vivo fixou os olhos em Mwadia e suspirou longamente. Há uns anos talvez ele ensiasse um tropeção de pestanas com Mwadia. Agora era tarde. Corrigiu o devaneio, acertando os chinelos nos pés como se, desse modo, espantasse pensamentos e rematou:

— *Não fique aí, faça o favor de entrar.*

Surpreendida, a visitante ainda reagiu. Mas o curandeiro insistiu, peremptório: aquilo não era um ritual, era apenas uma conversa sem demais implicações. A mulher acabou por aceitar e, timidamente, cruzou o pátio onde Zero Madzero já ganhara assento.

— *Não contava que eu viesse, compadre Lázaro?*, começou por inquirir Madzero.

O curandeiro espreguiçou-se demoradamente, como se entendesse expulsar o corpo de si mesmo.

— *Os que me conhecem, sabem: gosto de surpresa, mas só quando sou avisado.*

— *Quer saber o que sonhei?*, perguntou o burriqueiro, com voz pastosa.

Não. Era isso que ao curandeiro Lázaro lhe apetecia responder: que não, não queria que ninguém mais lhe contasse sonhos. Estava saturado. Já não suportava essa mentira que é o relatar dos sonhos. Porque nenhum sonho se pode contar. Seria preciso uma língua sonhada para que o devaneio fosse transmissível. Não há essa ponte. Um sonho só pode ser contado num outro sonho. Mas o curandeiro, amável, quase profissional, lá condescendeu:

— *Conte. Conte lá esse seu sonho.*

— *Sabe uma coisa, Lázaro? Até tenho medo de contar...*

— *Medo?*

O compadre Lázaro sabia: havia o sagrado e o segredo. Lázaro ficava com um, Zero ficava com o outro. Assim se expressou o pastor, entre nervosos risos. Falava apenas para afastar o silêncio. E depois, perguntou:

— *Tem um beberico por aí?*

— *Mas vocês, os vapistori, não podem beber...*

— *Nós também não podemos estar aqui nas cerimónias. Um pecado perdoa outro.*

— *Bom, acho que sobrou uma cabanga. Com este calor, porém, já deve estar muito fermentada.*

O adivinho arrastou o braço e tomou a garrafa pelo gargalo. Um líquido espesso e esbranquiçado foi tombando num copo de metal. Madzero, primeiro, entornou uns pingos no chão, a lembrar os falecidos. Depois, fechou os olhos enquanto sorvia a bebida. Desconhecia se o que

lhe sabia bem era aquele dedilhar de prosa ou o adiar do assunto da consulta. Só agora notava o quanto lhe fazia falta conversar com gente humana. Não o palavrear ligeiro que, às vezes, destroçava com Mwadia. Mas conversa de macho para macho. Estalou a língua nos dentes a aprovar a qualidade da bebida.

— *Fermentadinho é que é muito óptimo. E peço desculpa, compadre Lázaro, nem cumprimentei como deve ser. O senhor está bom, como vai a vida pessoalmente?*

— *Ora, eu continuo sempre na mesma: vou fazendo o favor de viver. Mas, agora, a minha vida vai mudar. Vejam só...*

Lázaro dobrou o tronco para ir ao fundo do bolso e retirar algo que a Zero pareceu um pequeno rádio de pilhas.

— *Um telemóvel, meus amigos.*

Zero e Mwadia permaneceram impassíveis enquanto o outro agitava o minúsculo telefone como uma bandeira vitoriosa.

— *Eu já estou no futuro. Quando chegar aqui a rede, já posso ser contactado para serviços internacionais. Entendem, meus amigos?*

— *Entre nós dois quem percebe é Mwadia.*

Ficaram a olhar a tarde, calados. Como se o que esperassem fosse o próprio tempo. Madzero sabia: era falta de maneiras expor logo a sua aflição. Até porque Lázaro sempre dizia que não resolvia problemas. Ele dissolvia os problemas, que é uma forma superior de prestar ajuda.

— *Mas, então, compadre: ficou-lhe a doer um sonho?*

— *O pior, Ba Lázaro, o pior não foi o sonho. O despertar é que foi um pesadelo.*

— *Explique-se, meu amigo, detalhe-se.*

— *Acordei todo cansado, ombro derreado. E as mãos, as mãos eram um incêndio.*

O curandeiro ergueu-se com pesos que lhe vinham não do corpo mas da tardia hora da consulta. Postou-se rente ao queixoso e soprou como se trombeteasse o ar, semelhando o vozear de um paquiderme. Pediu a Zero que estendesse os braços. Com inesperado vigor, repuxou a manga da

camisa para lhe descobrir o ombro magro. Depois, o curandeiro fungou ruidosamente como se a alma lhe escapasse pelas narinas. Debruçou-se sobre o pastor e farejou-lhe a omoplata. Num ápice, desviou o olhar e passou a mão pelo rosto, limpando invisíveis transpirações. Em seguida, cuspiu repetidas vezes, parecendo expulsar a alma aos retalhos.

— *O que se passa, Ba Lázaro?*, inquiriu Zero com o susto atravessado na garganta.

— *Você andou carregando um peso toda a noite.*

Madzero estranhou, sobrancelhas em arco. O nyanga adivinhava a queda e o enterro da estrela? A medo, o pastor perguntou:

— *Peso? Que peso?*

— *Uma mulher.*

— *Uma mulher?*

— *Sim, meu amigo, uma mulher. E lhe digo mais: uma mulher muito quente.*

— *Isso não pode ser. Desculpe, mas não pode. Eu durmo sozinho. Mais do que sozinho, eu durmo com minha esposa.*

— *Veja, então! Veja essa marca!* E lhe apontou um espelho para que ele espreitasse a sua própria omoplata.

— *Marca de quê?*

— *Não está a ver? Isso é a marca de um seio. Um seio de mulher.*

Seio deixa marca? Nem objectou, por respeito. Lázaro Vivo adivinhou-lhe a descrença. E voltou a levantar-lhe a manga, apontando para um sulco redondo sobre a pele.

— *Isso, compadre, é a pegada de um seio. Mas também lhe digo: essa mama não é feita de carne.*

Lázaro não tinha mais a dizer. Com um gesto vazio ordenou o fim da consulta. Madzero retirou-se confuso e abatido. O curandeiro desvariava. O burriqueiro só conhecia as belas e carnudas mamas de Mwadia. Era evidente que a marca tinha sido produzida pela estrela decadente que ele transportara e enterrara. Quem pode confundir mulher e estrela?

À despedida, o curandeiro enfrentou Mwadia que permanecia calada, olhos no chão.

— *E você, Mwadia, você não sonha?*

— *Eu? Ora, compadre Lázaro, eu nunca lembro o que sonho.*

— *Cuidado, minha filha, muita cautela: quem não vê os seus sonhos é porque está sonhando aquilo que está vendo.*

— *Não diga isso que me assusta.*

— *Espere um pouco, disse Lázaro, quero-lhe mostrar uma coisa.*

Lázaro Vivo inclinou-se sobre a areia e arrancou uma planta pela raiz. Levantou a planta, virou-a ao contrário e pediu a Mwadia que contemplasse o recorte das raízes de encontro ao céu.

— *Espreite bem: o que lhe parece essa raiz?*

— *Parece uma árvore, avançou com timidez.*

Ele sorriu, confiante. Era a resposta que esperava. Sacudiu a raiz, espalhando areia húmida.

— *Isto é você. Parece uma raiz. Mas é uma árvore que vive enterrada.*

Mwadia despediu-se, cumprindo a vénia respeitosa. Depois, correu para acompanhar o marido que, entretanto, ganhara caminho. As enigmáticas palavras do curandeiro ecoavam na sua cabeça. Rapidamente decidiu esquecê-las. Assim que contornaram o cabeço rochoso ela perguntou ao marido:

— *Não escutei tudo o que falaram: afinal, o curandeiro autorizou?*

— *Hein?*

— *Pergunto se Lázaro autorizou a nossa viagem à floresta.*

O burriqueiro acenou afirmativamente. Depois, apressou o passo para que todos vissem que ele caminhava à frente da mulher, como era devido a um homem-macho. Mas logo ele se riu. Não havia ali ninguém para os ver passar. E o riso lhe foi murchando numa linha entristecida.

— *Marido, me diga uma coisa: você não inventou toda esta história da estrela só para me fazer esquecer da sua promessa...*

— *Da promessa?*

— *Há quantos anos você anda a prometer que me vai tirar desta porcaria desta vida?*

— *Mas, Mwadia, você não desiste dessa ideia?*

— *Eu já não tenho motivo de viver, Zero. E você me prometeu que me matava de boa maneira...*

— *Eu ainda estou a pensar numa maneira.*

— *Ainda estou a pensar, ainda estou a pensar... pois pense rápido, que um dia ainda me acontece como essa estrela, e me despedaço dos céus.*

Longe da família, sem filhos, sem chuva, naquele canto para além do mundo, Mwadia não era nem a árvore nem a raiz de que falara Lázaro. Ela era um arbusto definhado e seco. Toda a morte tem o seu quê de suicídio. Mwadia, porém, já não se considerava vivente. Por isso, para deixar de viver, já nem carecia morrer.

Segunda comunicação urgente e confidencial

Aviões militares foram enviados para missões de reconhecimento na costa moçambicana a partir de bases navais norte-americanas no oceano Índico. O objectivo é recolher informações sobre o estranho desaparecimento de um aparelho de espionagem no Norte de Moçambique. Até ao presente, nenhum vestígio do aparelho foi detectado. A hipótese de um acto de sabotagem começa a tornar-se mais e mais plausível. Operações de busca no terreno foram sugeridas mas revelaram-se, à partida, difíceis de montar pela ausência de apoios logísticos na região.

Chegados a casa, Mwadia derramou a sua fadiga sobre a velha esteira. Zero puxou do banco para perto, sentou-se junto da esposa e olhou em redor, como se temesse algo. A mulher estranhou a proximidade e esperou o que viria a seguir. Nada veio. Zero se afundou na sonolência, a cabeça tombada sobre o ombro, deixando visíveis os sulcos na garganta.

Mwadia efabulou: a idade das girafas pode ser medida pelas cicatrizes no pescoço. São marcas de lutas de cortejo, despiques pela fêmea desejada. É assim que o amor se escreve na pele dos amantes. No caso do burriqueiro, porém, não era a caligrafia do amor. Era uma assinatura cega de quem escreve para nunca ser lido.

Em silêncio, Mwadia foi à varanda e desamarrou o nó que atava duas fitas de pano vermelho. Não corria brisa, as fitas tombaram, pesadas, no chão. Fazia anos que ela pendurava, de forma cruzada, os dois pedaços de pano na travessa de madeira que sustentava o tecto. Era um expediente contra a saudade que fazia justiça à sua fama de «inventadeira», como lhe chamavam na casa da infância. Nessa mesma casa, em Vila Longe, pequenas aves pousavam constantemente nos beirais. O lugar onde agora vivia, porém, não tinha céu para pássaros. Nos dias em que ventava, os panos estremeciam e eram duas asas de uma ave silenciosa, tão silenciosa como o marido, como os burros, como as pedras da paisagem.

Desta vez, Mwadia não se debruçou a apanhar os panos. Ficaram ali derramados, pobres inutilidades condenados à imobilidade do pó, como a estrela que, na véspera, tombara dos céus.

Capítulo dois

Pegadas no rio, sombras no tempo

Moçambique, Dezembro de 2002

*Zamuone, zamuone ndine Leva, leva, ndaneta Siku lakufa uza
ndilile? (Vem ver, vem-me ver E responde: estarei cansado de
viver? No dia da minha morte, quem chorará por mim?)*

(Canção Chikunda)

Na noite seguinte, o burriqueiro Madzero não levou os animais a pastar. O que fez foi desenterrar a estrela que tinha tombado na véspera. Amontou os restos metálicos do astro e depositou-os sobre o lombo de Mbongolo, o mais velho dos burros. Mwadia saiu em defesa do animal:

— *Vai levar o Mbongolo, marido? Não será peso de mais para a idade dele?*

— *Esta viagem exige um burro da máxima confiança.*

Há bichos que, para escapar, se fazem de mortos. O burro Mbongolo fazia-se de vivo. Não se recusava: furtava-se, sem afronta. Hasteava o olhar em poente, exibia o andar de quem perdeu regresso. Assim, o dono, condoído, mantinha a decisão de nunca o vender. E o conduzia sempre sem demasiados carregos. Por isso, o jumento agora estranhava, batendo os cascos em protesto contra a carga. O pastor deu-lhe uma palmada e proclamou:

— *Não refila, Mbongolo. Você até me devia agradecer. Afinal, você é o primeiro burro terrestre a carregar uma estrela.*

E lá partiram, em silêncio. À frente, o pastor, depois, o burro e, por fim, a mulher. Todo o cortejo é fúnebre, pensou Mwadia enquanto apressava o passo para não se deixar afastar. Foram-se distanciando de casa, atravessando a fronteira daquele lugar feito de areias, miragens e ausências.

Há anos que o casal se refugiara nesse além mundo. Mwadia perdera a conta ao tempo naquele exílio de tudo, naquela desistência de todos. No início, Mwadia acreditou que eles buscassem refúgio para escapar da guerra. Mas não era isso que Zero procurava. O que ele pretendia, nessa tresloucada fuga, era um lugar agreste em que mais ninguém fizesse

morada. Quando se instalaram naquele nada, nesse remoto dia, o burriqueiro olhou a paisagem inóspita e declarou:

— *Este lugar vai ser baptizado de Antigamente!*

— *Antigamente? Gosto, é bonito*, anuiu a esposa.

Não era, contudo, nome de terra. Era um nome para uma saudade. O apelido nascera dos suspiros, desses lamentos em que Zero Madzero se tinha tornado useiro e vezeiro:

— *Antigamente, ai, antigamente!*

Antigamente tudo era mais ordenado: o chão chamava e as sombras obedeciam. As rezas subiam, a chuva descia. Foi para reinstalar essa antiga ordem que ele nomeara aquela aridez. O casal estava tão longe de tudo e de todos, que Madzero repetidamente pedia à esposa:

— *Não me chame sempre de «marido».*

— *E como lhe hei-de chamar?*

— *De vez em quando, me chame por Zero Madzero. Que é para eu não esquecer o meu próprio nome.*

Tudo isso acontecia quando Zero ainda suspirava. Depois, ele deixou de se lamentar, poupando fôlego para descansar. Até porque fora por culpa dele que ambos se internaram naquela desolação. A mulher apenas o seguira, em silenciosa fidelidade. Para afastar a solidão, Mwadia pendurava os lençóis e ficava olhando-os a agitarem-se ao sabor do vento, enfunados como se fossem criaturas de alma. Refazia a lembrança da roupa no estendal da sua casa de infância. Os lençóis brancos eram, às vezes, garças cegas, outras vezes, tontas labaredas de luz.

Nestes tristonhos assuntos ia pensando Mwadia enquanto seguia, atrasada, o cinzento cortejo. Calada, não silenciosa. Porque havia uma canção que alvoroçava o seu peito.

— *Posso cantar, marido?*

— *Já sabe que não.*

— *Cantarei baixinho, você nem vai notar.*

— *Nada, aqui não se canta. Você já sabe, por que é que insiste?*

— *É que me estava a dar uma vontade tão grande...*

Cantar: não havia o que o pastor mais temesse. O simples riso, nos lábios de Mwadia, o assustava. A vida, para ele, era um rio comportado. A felicidade era o prenúncio da inundação. Quando essa enchente chegasse, o pastor não saberia o que fazer. Para além disso, se Mwadia desatasse a rir, cedo começaria a cantarolar e, mais grave ainda, não tardaria a pensar em regressar ao outro lado do mundo.

— *Escute bem, mulher. Nós, agora, só vamos até à montanha. Depois voltamos para Antigamente. É pé para lá, pegada para cá, está a perceber?*

A mulher anuiu, engolindo o canto. Permaneceu calada até que, ao fim da tarde, chegaram ao rio Mussengueze. Contemplava o marido caminhando como uma queimada na extensão da savana. De repente, ela se alvoroçou. Porque lhe pareceu que Zero não deixava pegada atrás de si.

— *Zero?*

— *Diga?*

— *Nada, era só para escutar a sua voz.*

À medida que desciam o vale, a vegetação ganhava mais substância e o verde se afinava em tons e matizes. O olhar do burriqueiro foi atraído para as alturas: aves de rapina voavam em círculos, atentas à chegada da expedição. O pastor foi vigiando os céus enquanto soltava a carga do burro.

Um arrepio o fez vacilar quando se recordou do cantochão da sua infância:

Uyo kaluangane

Chenjera kaluangane

Apatha nkuku kaluangane

Há um abutre!

Tem cuidado, há um abutre

Que te vai roubar as galinhas.

Na berma da floresta, Zero Madzero perfilou-se militarmente, bateu três vezes com os pés no chão e, num gesto ríspido, projectou a mão de encontro à cabeça. Ficou assim imóvel, mais rígido que pau de cimbirre[5], como se esperasse uma voz de comando. Foi a mulher que o descomandou:

— *Que se passa, marido, mordeu-lhe algum bicho?*

— *Não vê que estou a fazer kukwenga?*

— *Fazer o quê?*

— *Faço continência.*

Estava saudando os sepultados, os que o antecederam. Ele era um Chikunda, descendente de soldados e caçadores. Os Achikunda [6] cumprimentavam-se assim, de forma marcial, para se distinguirem dos outros povos, que eles tinham por efeminados por não caçarem nem guerrearem.

Cumpridas as saudações, Zero Madzero retirou do bolso uma porção de farinha que espalhou junto a um tronco de embondeiro. Pediu a Mwadia que se ajoelhasse junto com ele, fechou os olhos, bateu as mãos em concha e falou em si-nhungwé:

«Peço-vos, meus antepassados, que me concedam autorização para entrar nesta floresta. Peço mais ainda que autorizem Mwadia, minha esposa, a me acompanhar. Sendo mulher ela está interdita de entrar no bosque. Mas o caso é demasiado imperativo. Agora, irei dormir na margem da floresta, deitado sobre o último caminho. Amanhã regressarei para confirmar se esta farinha foi deixada intacta como um sinal da vossa permissão.»

Terminada a prece, Zero Madzero se afastou para um recanto escuro e se alheou da esposa. Adormeceu, enrolado sobre si mesmo. Mwadia passou a noite em claro. De que valia dormir se ela não adormecia os sonhos?

Para se distrair da insónia ela, primeiro, pensou rezar. Todos rezam para pedir, ela rezaria para dar. Mas nenhuma palavra lhe ocorreu. Depois, ainda cantarolou num murmúrio de voz, como um riacho na primeira chuva. Mas de que servia cantar se a sua alma acabara ensurdecendo? Convicta de que a sua morada não podia ser outra senão o silêncio, Mwadia ergueu-se e pendurou a capulana num ramo. O ondear do pano a embalou e ela, vencida pelo cansaço, entregou-se ao sono. Mas foi escuro de pouca dura, pois logo o esposo a sacudiu:

— *A farinha está onde a deixei, vamos entrar na floresta!*

O dia estreava e o orvalho brilhava sobre o pêlo do burro como se o bicho fosse coisa plantada, continuação de capins e seus perfumes. Seguiram em direcção ao rio, passo cauteloso, olhar atento, até que começaram a chapinhar no chão saturado de água. O jumento Mbongolo se apressou a beber, enquanto o pastor se abrigava na sombra de uma frondosa mbawa [Z]. Contemplando a correnteza, Mwadia sentiu-se tomada por um irreconhecível impulso que a fez entrar na água. A coberto do rio, foi-se libertando das vestes. Lançou-as para a margem, peça por peça, perante o olhar aterrado do marido. O convite dela o fazia estremecer:

— *Vá, Madzero, se atire. Venha para a água!*

A mulher enlouquecera? Ali, na floresta dos antepassados, onde as mulheres eram proibidas, ela se estava fazendo maior que o seu tamanho? Mwadia ainda esperou, mas depois acabou saindo da água. Não emergiu de corpo inteiro. Foi progredindo de gatas, como se o pudor a impedisse de se exhibir toda despida. O que ela fez, de seguida, foi rolar-se na areia branca da margem.

— *Você está maluca, Mwadia?! Vista-se, mulher!*

— *Estou vestida, marido. Estou vestida com a própria terra.*

Mwadia Malunga fez uma concha das mãos e recolheu água do rio. Depois, foi derramando uns pingos sobre a pele. Assim, a sua nudez se revelava, gota a gota, fresta a fresta. A terra a vestia, a água a despia. Zero Madzero agitou os braços, em desespero, e desabafou:

— *Não posso ver isto. Você vai ser castigada sozinha!*

O homem virou costas e desandou pelo mato. Mwadia sorriu, triste. Ela fora educada em cidade, na missão católica do Zimbabwe, perdera alguns dos temores que mandavam em Zero. Recordou-se do tempo em que ainda namorava, o marido respondia caloroso aos seus apelos. Ela se despia e se deitava de lado na cama. O marido demorava-se na contemplação do seu corpo:

— *Você está em fase de nua cheia*, dizia ele, voz atabalhoada pelo fervilhar da paixão.

Ela fazia tenção de o tocar, mas ele ordenava que não se mexesse. Mulher despida haveria que estar quieta. Se assim não fosse, o desejo dele escapava, volátil como um perfume derramado. Mwadia perguntava-se pela razão daquela exigência de imobilidade. Agora, ela sabia. Zero Madzero sentia medo. Esse medo que os homens nutrem das mulheres, desses antigos demónios que apenas o gesto feminino pode soltar.

Mwadia fechou os olhos e a si mesma se acariciou. E sonhou que as mãos que percorriam o seu corpo eram as do burriqueiro, ante o olhar atento do asno Mbongolo. Então, cumpriu-se o destino daquela terra de miragens: o pastor a teve, toda ela um gemido na tempestade das suas mãos. No final, o homem beijou-a como se faz nas cidades, nos filmes, nos livros. Mwadia suspirou, em suave murmúrio:

— *Eu hoje estou muito eterna.*

— *Já lhe passaram as loucuras?*

Zero Madzero inquiria sem sequer a olhar. Ele já tinha fechado a cova. Sepultara os restos metálicos da estrela na terra lodosa. É assim que se procede com os meninos mortos, meninos tão tenros que nem nome possuem. O túmulo dessas crianças não pode ser aberto em terra seca, requerendo, antes, o chão informe e aquoso da margem dos rios. O

mesmo ritual se seguia com a estrela, tão menininha, tão inominada. Zero Madzero desentortou as costas, limpou o suor na testa e suspirou:

— *Em menos de um dia já abri duas covas para um único falecido.*

Madzero olhou as grandes árvores que sombreavam o rio. Não havia vento mas as copas dançavam como que animadas por um balanço vindo da própria terra. Aquele rumor das folhas despertou nele lembranças antigas. E recordou o pai acariciando os troncos das muangas, nsumos, msangas. Os gestos meigos eram os de um amante, o suave afagar de quem tem coração na ponta dos dedos. O seu velho, contudo, apenas escolhia as árvores que ia abater. Seguia a tradição dos Achikunda que fabricavam canoas e, com elas, superavam distâncias.

— *Ser canoeiro, era esse o meu sonho.*

— *Você não precisa sonhar, meu marido. Você é um canoeiro, eu sou a sua canoa.*

Conhecer as habilidades do rio, ser visitado por espíritos que avisam sobre os ventos, remoinhos e hipopótamos, reconhecer as ilhas no meio do leito, saber onde dormir, tudo isso Madzero aprendera com seu pai, em silenciosas lições do ver fazer.

Ensino maior, no entanto, era o seguinte: não é força que se pede a um canoeiro. O segredo está no ritmo dos remos, batendo num mesmo compasso na superfície da água. O cantar pode ser mais forte que a corrente. Os remadores, antes da viagem, estancavam junto à margem e escutavam o murmurar das águas.

— *Ouçam como o rio canta hoje.*

Depois, já nos barcos, eles escolhiam a adequada canção e com ela marcavam o ritmo. Os cânticos tinham ainda uma outra função: cantava-se para esquecer o cansaço.

— *Canções do rio? Você podia cantar uma, agora, para me fazer esquecer a fome,* pediu Mwadia.

A mulher nunca pensou que ele cedesse. Por isso, reagiu com suspeita quando ele lhe solicitou que se sentasse e fosse batendo palmas. Afinal, o

burriqueiro afinou a garganta e, de olhos fechados, entoou a seguinte canção:

Vem ver, vem-me ver

E responde: estarei cansado de viver?

No dia da minha morte, quem chorará por mim?

O tom lacónico deixou-a vencida. Para enxotar tristezas ela abriu os braços e olhou para o alto:

— *Com tanto céu, a gente nem precisa morrer.*

Mwadia procurava as roupas que o rio arrastara quando soltou um grito. O pastor correu, esbaforido. Seus olhos se petrificaram. Entre os verdes sombrios, figurava a estátua de uma mulher branca. Era uma Nossa Senhora, mãos postas em centenária prece. As cores sobre a madeira tinham-se lavado, a madeira surgia, aqui e ali, espontânea e nua. O mais estranho, porém, é que a Santa tinha apenas um pé. O outro havia sido decepado.

— *Já viu, Mwadia? Esta é a Virgem coxa!*

O pastor tocou a estátua. Eram aquelas as mãos que vira em sonhos, as mãos da mulher branca que o visitara em Antigamente.

A mulher não comentou. Em vez disso, ela apontou para um arbusto e um novo sobressalto sacudiu o pastor. Madzero tropeçou no passo que não deu. Pois ali se exibiam as ossadas completas de pessoa humana. O pastor recuou como se, ao ganhar distância, lhe viesse mais entendimento. Desviou o rosto: ao contemplar os ossos ele via o seu próprio esqueleto. Estava decidido a retirar-se, de imediato, daquela floresta quando o gesticular desesperado da mulher lhe revelou uma nova descoberta, brilhando entre o capim.

— *Veja, marido: uma caixa! Vou abrir!*

O pastor se apressou a impedir que Mwadia tocasse na velha caixa. Era um baú de madeira já meio apodrecido. Rápido, o pastor tomou as decisões: o esqueleto ficava; a caixa e a estátua seguiriam com eles. O que tinham que fazer era carregar o burro Mbongolo e sair rapidamente da floresta. Porém, no momento em que abraçou a Virgem, o pastor sentiu-se tomado por uma tontura e zonzeou pelo espaço como um bêbado. Mwadia, atónita, olhou o par e se questionou: o marido dançava com a estátua? Mas foram uns tantos passos embriagados e o pastor desabou no chão, não se desfazendo do abraço da Santa. E assim ficaram, um tempo, um sobre o outro, como se namorassem, ele e a imagem. Até que o homem murmurou, sufocado:

— *Me ajude, mulher!*

Mwadia deu-lhe uma mão. Madzero libertou-se da Virgem Maria, mas permaneceu acabrunhado. A mulher estranhou o deplorável estado do marido. Mais a espantou foi a sombra que se anichara nos seus olhos. E foi o aperto de um ciúme que a fez duvidar: como é que a estátua perturbara tanto assim o seu Zero Madzero?

— *Estou perturbado, sim, admitiu o homem. Espreite o meu ombro.*

Mwadia confirmou no ombro do marido a marca que, antes, o curandeiro tinha detectado. Era uma marca redonda, a impressão do seio da Virgem sobre a carne de Zero.

Passou-se um tempo, o pastor ganhou tento e chamou o burro para iniciar a operação de carregamento. Aflita, a esposa encostou-se ao animal e reagiu nervosamente:

— *Essas coisas não podem sair daqui, Zero!*

— *Deixe-me fazer o que eu sei que tem que ser feito.*

— *Essas coisas pertencem aqui, ninguém as pode tirar.*

— *Pois eu vou levar a Virgem para onde ela pertence.*

— *O melhor é perguntar a Lázaro. Foi ele que nos deu permissão de vir aqui.*

— *Consultemos Lázaro, sim. Mas uma coisa é certa: a Virgem Maria vai para a igreja. E é você que vai levá-la para Vila Longe.*

— *Eu, marido?*

— *Eu é que não posso. Você bem sabe que não posso voltar lá.*

Mwadia sentiu o conflito a mordiscar-lhe o peito: ela queria, mas temia. O regresso a Vila Longe era sonho e pesadelo. Desejo de reencontrar os seus, de regressar à velha casa de infância. Receio de que os «seus» já não lhe pertencessem, e que a velha casa estivesse morta.

Recordava-se das últimas palavras de sua mãe, na distante tarde da despedida:

— *Vai de vez?*

— *Eu hei-de voltar.*

— *Se é para voltar, volte antes de partir.*

Mwadia era a última filha a sair do lar. Todas as filhas tinham tomado a estrada e se desvaneceram na neblina. Nunca mais voltaram. A mãe remoía tristezas, repisando as palavras:

— *Pois então, minha filha, você vai embora...*

Demorava os adeuses, queria que a despedida se arrastasse a vida inteira.

— *Você nasceu-me muito tarde, Muadita. Estou cansada, eu já não tenho forças para mais um rasgão dentro de mim.*

Lázaro Vivo não teve rosto onde coubesse a surpresa. Rondou o burro e, boquiaberto, espreitou a carga. Mwadia se antecipou:

— *Zero Madzero é que vai explicar.*

O pastor soltou o baú do lombo de Mbongolo e avançou quintal adentro, antecipando-se às licenças. Lázaro e Mwadia seguiram-no. Madzero foi directo ao assunto:

— *Trago-lhe esta caixa que desterrei lá do chão da floresta.*

O burriqueiro sentou-se com solenidade e apoiou a arca sobre os joelhos. Com infinito cuidado, foi abrindo a tampa da caixa como se temesse que dali emergissem fantasmas. Quando desembulhou a papelada, alguns dos documentos se esfarelaram em poeira miúda. O adivinhou reclamou:

— *Não quero esse pó nas minhas aragens! Essa terra daqui, só é boa para cemitério.*

Madzero guardou os restantes papéis e voltou a tapá-los com a gaze de cera que os protegia. O pastor relatou, então, as estranhas ocorrências na floresta, junto ao rio Mussenguezi. O curandeiro escutou petrificado. Mergulhou a cabeça entre as mãos e deixou-se ficar assim como se o céu se tivesse tornado num peso vivo.

— *Esses ossos você não mexeu neles, pois não?*

— *Sou quizumba [8] para mexer em ossos já mortos?*

— *Você sabe de quem são esses tais ossos?*

— *Como posso saber?*

— *Nunca ouviu falar do missionário Silveira?*

Não. Madzero era de uma pequena aldeia chamada Passagem, um emigrado de outras lendas. Mas logo se apercebeu de que era assunto de peso.

— *Esses ossos são dele, desse padre português. Estão ali há mais de quatrocentos anos...*

— *Quatrocentos?*, o pastor até soltou uma gargalhada, tal era a perplexidade.

— *Quem guarda esses ossos são as aves de rapina.*

O adivinho espreitou o céu. Inspeccionava se não seria perseguido pelas voadoras guardiãs. Suspirou e prosseguiu, em tom contido, como se receasse ser escutado:

— *Essa estátua, essa caixa, esses papéis, tudo isso era pertença desse Silveira. Me entende agora, Madzero? Tudo isso é muito quente...*

— *Não diga isso, Ba Lázaro, o que eu me assusto.*

— *Mas, por outro lado, tudo isto agora faz sentido...*

— *Tudo o quê?*

— *Você sonhou que tinha as mãos em fogo, não foi?*

— *Sonhei, não. Senti mesmo.*

— *Foi por ter mexido em coisas que ninguém pode tocar.*

— *Mas esse falecido, acrescentou o pastor em tom de desculpa, também não o enterraram muito fundo...*

O curandeiro surpreendeu-se com o despropósito do comentário de Zero. O tom seco punha cobro à conversa:

— *Não há fundura para os mortos. Neste mundo todo, só há um cemitério, disse, apontando o próprio peito.*

Depois, Lázaro Vivo levantou-se, espreitou a caixa e pegou nos manuscritos como se lidasse com coisa putrefacta. Foi manipulando os papéis mais olhando entre eles que para eles. O burriqueiro estranhou tão dedicada atenção.

— *Lázaro, me diga, com a sinceridade: o compadre sabe ler?*

O adivinho respondeu que tinha os seus modos de ler. Foi a uma tina de água e nela lançou um dos manuscritos. Ficou olhando as letras se diluírem, primeiro apenas esbatidas, depois engolidas pelo papel já sem forma.

— *É sempre assim: nunca vi uma palavra que soubesse nadar.*

— *Desculpe, compadre, mas está-me a destruir os papéis...*

— *É só este. Eu leio na água, meu filho...*

Inclinado sobre a tina, Madzero seguia atento o evoluir de pequenas manchas que se soltavam como nuvens coloridas. O burriqueiro, contudo, tinha chegado aos limites: de um salto, arrancou os papéis das mãos do adivinho. Depois, com despacho, voltou a meter os documentos no baú.

— *Eu vou, Lázaro. Prefiro ir.*

— *Não vai sem eu lhe dizer uma coisa. Está a escutar bem?*

— *Como posso escutar se ainda não falou?*

— *É que ele não morreu de doença.*

— *Ele, quem?*

— *Esse missionário. Esse homem foi morto.*

O adivinho ponderou palavra a palavra antes de prosseguir. O assunto tinha gravidade para que pensasse depressa e falasse devagar. Pessoa morre, bicho é morto. A criatura humana quando é morta fica na condição dos demais bichos. O seu espírito é um ngozi, parente das almas dos animais. Distante do pensamento de Lázaro Vivo, o burriqueiro insistia em se retirar:

— *Não quero nem saber. Morto ou falecido, isso aconteceu antes de eu chegar a estas bandas. Ninguém me pode acusar...*

— *Não é nada disso, meu irmão. Você sabe o que eu quero dizer...*

— *Não sei se quero saber.*

— *A alma desse homem é maior que a vida dele. Está a perceber? Não, ele não está a perceber...*

O curandeiro olhou o rosto do burriqueiro como se descobrisse a natureza e o vazio. De pronto, passou a dirigir-se a Mwadia Malunga, a voz alterada como não convinha a um homem de tanto aviso:

— *Esse falecido vai andar por aí, cheirando as nossas vidas como um cachorro esfaimado.*

Um silêncio pesou e a noite ganhou viscosidade. A voz de Lázaro voltou à serenidade quando ele vaticinou:

— *Esse ngozi veio buscar vingança...*

E o adivinho prosseguiu: pior que estar morto é estar morto-e-ferido. É que um morto-e-ferido continua nos incomodando, requerendo os nossos contínuos cuidados. É um sangrar sem ferida, uma dor sem carne, um cheiro putrefacto sem cadáver.

— *Não sente o cheiro, comadre Mwadia?*

No portão, junto ao caminho, Lázaro Vivo despedia-se, distribuindo as bênçãos, quando Mwadia reparou que Zero Madzero sangrava. Pequenas gotas vermelhas despontavam no pescoço como botões de flores, essas mesmas que deflagravam nas águas do banho do burriqueiro.

Para Mwadia a origem dos ferimentos era simples: o marido roçara a micaia [9] junto à vedação. Nem ela queria que Madzero viesse com a conversa das guelras. Mas para o curandeiro o assunto era de maior alarme: quem ferira Zero tinha sido a maldição do missionário. Sombra silenciosa, uma águia descera em voo picado e atacara o burriqueiro. Ninguém vira porque ela lhe entrara no corpo e o bicara por dentro.

— *Uma águia? Sabe, compadre Lázaro, eu já começo a ficar cansada...*

— *Você não acredita, não é?*, inquiriu Lázaro, em tom grave.

— *Tenho outras crenças.*

— *Pois aqui não precisa de acreditar, minha filha. Basta viver. Veja o sangue no peito do seu marido. Veja.*

Não era o momento para mastigar conversa. Lázaro entrou em casa, anunciando que ia buscar apropriado remédio. Madzero não podia entrar: ali estava o sangue, o vivo vermelho desafiando os espíritos. O adivinho trouxe um pano molhado e mandou que Mwadia lavasse as feridas de Madzero.

— *Lave-o a ele e lave-se a si também.*

Ficaram em silêncio, sentados, como que esperando o desabar do destino. Até que o adivinho se ergueu e sentenciou:

— *Vamos ao rio.*

— *Ao rio? Eu quero é regressar a casa, tratar do meu marido...*

— *Minha amiga, o seu marido está sofrendo perigos que nenhuma casa nem esposa podem dar protecção...*

Todo o caminho o curandeiro bufou, espirrou, soprou maldições, limpou o suor com um lenço branco. Quando, por fim, chegaram à margem do Mussengueze, o fatigado Lázaro ordenou:

— *Agora, compadre: meta as mãos na água!*

— *Para quê?*

— *Faça.*

O burriqueiro, a medo, mergulhou os braços na corrente. De imediato, a água tingiu-se de vermelho. O pastor, assustado, olhou as mãos e

gemeu:

— *Estou sangrando tanto?*

— *Não é você que está sangrando, explicou o nyanga. Esse sangue já estava lá, adormecido no rio. Você apenas o despertou.*

O curandeiro puxou as mangas de Zero e inspeccionou-lhe os pulsos. Certificava-se de que nenhum objecto de metal havia tocado as águas. Se isso tivesse sucedido o rio poderia secar. Depois, virando-se para o burriqueiro, Lázaro sentenciou:

— *E agora lhe digo uma coisa: Você corre grande perigo.*

— *Não diga isso, compadre, meu coração é uma sombra. O que devo fazer?*

— *Você tem que levar essa Santa para um lugar sagrado.*

— *Mas para onde? Para junto do rio, de onde a tirei?*

— *Para aí nunca!*

— *Mas você não disse que esse lugar é sagrado?*

— *Era. Já não é.*

Tinha sido o casal que conspurcara o lugar. Sem rodeios, o adivinho sentenciou que a Santa fosse levada para Vila Longe, o mais rápido possível.

— *Eu não disse?*, interrompeu Madzero que, a seguir, se dirigiu a Lázaro: *Você acha que posso ir à Vila?*

Mwadia interpôs-se e interferiu, em defesa do marido:

— *Nem pensar, Zero não pode voltar a Vila Longe.*

A decisão, em Mwadia, já tinha sido tomada. Ela mesma iria à vila em representação do marido.

O dia seguinte foi o da partida de Mwadia. Sempre calado, o marido ajudou-a a aparelhar o burro. Madzero também não disse palavra à despedida. Adeuses são assunto de mulheres. De costas viradas, a esposa agachou-se e com o indicador desenhou na areia uma estrela. Era a sua

maneira de escrever a promessa: regressaria antes que o desenho ficasse desfeito pelo vento e pela poeira.

Não tomou, de imediato, o atalho em direção ao rio. Ela queria, primeiro, passar por casa do curandeiro Lázaro Vivo. Quando o enfrentou, falou-lhe assim:

— *É por causa de Zero, meu marido.*

— *E o que há com ele?*

— *Queria que tomasse conta dele na minha ausência.*

O curandeiro baixou a cabeça, encheu o peito a alimentar paciência. Ia dizer algo de que se arrependeu. Passou a mão pela testa num gesto redondo antes de prometer que cuidaria do lunático pastor de burros.

— *Há coisa que nunca entendi: por que é que esse homem foge? Foi crime que ele cometeu?*

— *Não, compadre. É um crime que ele não quer cometer.*

Lázaro segurou as mãos de Mwadia, abençoando a viagem e dando-lhe as devidas instruções: — *O barco está lá, na curva do rio. Lá dentro está o remo.*

— *E, depois, onde guardo a canoa?*

— *Não se preocupe, ela vem sozinha de volta.*

Mwadia sorriu, sem esconder alguma desconfiança. O curandeiro enrugou a voz, realçando o tom de desagrado.

— *Você está a duvidar, comadre?*

— *Deixe, Lázaro. Não me dê importância.*

— *Há muito que lhe queria dizer isto, Mwadia Malunga: você ficou muito tempo lá no seminário, perdeu o espírito das nossas coisas, nem parece uma africana.*

— *Há muitas maneiras de ser africana.*

— *É preciso não esquecer quem somos...*

— *E quem somos, compadre Lázaro? Quem somos?*

— *Você não sabe?*

Mwadia baixou o rosto, sentindo que tinha ido longe de mais. Uma mulher não se confronta daquela maneira, olhos nos olhos, voz na voz.

Pedi desculpa, o curandeiro parece nem ter escutado, ocupado em fazer render a despedida.

— *Você não tem aparecido a entregar cabritos.*

— *Não tem dado.*

— *Ainda tem aí sal e petróleo que é da última venda dos bichos.*

— *Deixe ficar mais uns tempos.*

— *Mas venha estes dias porque eu estou para viajar para o Zimbabwe. Tenho encomendas lá, aquela gente está mal, coitada. Mas ligue-me, minha filha, ligue-me...*

— *Ligar-lhe?*

— *A partir da fronteira tenho rede de telemóvel, você pode-me ligar dos correios de Vila Longe. Se for preciso, é claro.*

— *Não vai ser preciso.*

— *Eu só tenho mais um assuntozito, aliás, um pedido...*

— *Diga o que precisa, compadre Lázaro.*

— *Quero que saiba como é que, lá na capital, se pode meter anúncio na televisão para os meus serviços de curandeiro.*

O adivinho fez o que não fazia com mulher alguma: acompanhou Mwadia à porta e ficou a vê-la desaparecer por entre os atalhos de areia. Uma ruga lhe agravava o rosto: saberia a filha de Constança o que a esperava em Vila Longe? Ou recorria à mesma ilusão que produzia com os panos pendurados à porta de sua casa: inventaria vidas para preencher o vazio do seu coração natal?

Capítulo três

Primeiro manuscrito: o mar nu, escrito

Goa, Janeiro de 1560

*Quem acha doce a terra natal ainda é um tenro principiante;
aquele para quem toda terra é natal já é forte; mas é perfeito
aquele para quem o mundo inteiro é um lugar estrangeiro. A
alma tenra fixou seu amor num único ponto do mundo; a
pessoa forte estendeu seu amor a todos os lugares; o homem
perfeito extinguiu o seu.*

(Hugo de St. Victor, monge saxão do século XII, citado por Edward Said)

*Dizem-me que pode muito o demónio com seus enganos
naquellas partes & que não só leva aos miseráveis Cafres ao
Inferno, senão que por todos os caminhos se mostra cruel
contra os que elles tratam a causa de Deos, & que procura
enganallos com seus embustes e maldades.*

(Carta de D. Gonçalo da Silveira aos Irmãos da Companhia que estavam na Índia)

A nau *Nossa Senhora da Ajuda* acaba de sair do porto de Goa, rumo a Moçambique. Cinco semanas depois, em Fevereiro de 1560, chegará à costa africana.

Com a *Nossa Senhora da Ajuda* seguem mais duas naus: *São Jerónimo* e *São Marcos*. Nos barcos viajam marinheiros, funcionários do reino, deportados, escravos. Mais do que todos, porém, a nau conduz D. Gonçalo da Silveira, o provincial dos jesuítas na Índia Portuguesa. Homem santo, dizem. O jesuíta faz-se acompanhar pelo padre Manuel Antunes, um jovem sacerdote que se estreava nas andanças marítimas.

O propósito da viagem é realizar a primeira incursão católica na corte do Império do Monomotapa. Gonçalo da Silveira prometeu a Lisboa que baptizaria esse imperador negro cujos domínios se estendiam até ao Reino de Prestes João. Por fim, África inteira emergiria das trevas e os africanos caminhariam iluminados pela luz cristã.

A estátua de Nossa Senhora, benzida pelo Papa, é o símbolo maior desta peregrinação. Silveira jurou que a imagem sagrada só repousaria em terras da Mãe do Ouro, na corte do Monomotapa. Mas a Santa quase ficava em Goa, aprisionada nas lamacentas margens do rio Mandovi. No carregamento do barco, junto à Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, a estátua escorregou dos braços do padre Manuel Antunes e tombou no lodo. De imediato, o pântano começou a engolir a imagem. Soaram gritos, ordens e contra-ordens. A voz de D. Gonçalo fez-se ouvir sobre as demais:

— *Salvem Nossa Senhora!*

Um escravo correu, lançando-se nas águas turvas. Com as pernas enterradas na lama, o homem soergueu a Virgem Santíssima, evitando

que fosse tragada pelo lodoso chão dos trópicos. O servo negro abraçou a imagem e banhou-a lentamente na água para lhe retirar o lodo. Antunes apressou a operação:

— *Pronto, já está, depois lavamo-la com mais cuidado.*

— *Eu não estou a lavar a Santa. É ao contrário: a Santa é que está lavando a água, lavando o rio inteiro.*

†

D. Gonçalo da Silveira decidiu arrumar a estátua no camarote que lhe estava destinado, no castelo da popa. O mesmo escravo que se havia lançado à margem ajudou-o no transporte da imagem. Já no quarto de Silveira, o homem deu um passo atrás enquanto o missionário limpava os pés de Nossa Senhora.

— *Desculpa, mas é só perguntar: vai dormir com ela aqui no quarto?*

Silveira sorriu, benevolente. Pousou a mão sobre o ombro do escravo e perguntou-lhe:

— *Conheces um lugar mais seguro?*

— *É que eu vi como essa Santa queria ficar ali, no pântano.*

Enquanto falava, o negro ia-se desviando da mão do português. Ele não era tocável, era um escravo, um ser da outra margem. Cabeça baixa, procurando as palavras, retomou a palavra:

— *Essa Senhora não escorregou...*

— *Não escorregou?*

— *Ela desceu, só mais nada: desceu por vontade dela.*

— *Como por vontade dela?*

— *Essa Senhora, eu já conheço, na minha terra chamam de kianda.*

†

D. Gonçalo da Silveira regressou à amurada, a tempo de ver as embarcações passarem, primeiro, pelo Forte da Aguada, e, mais adiante,

pelo Forte de Nossa Senhora do Cabo. O negro que o ajudara a carregar a Santa permanecia a seu lado. Silveira estranhou a presença: aos escravos não era permitido permanecer no convés senão em momentos excepcionais. O africano pareceu adivinhar a dúvida do missionário e foi adiantando:

— *Sou um mainato. O meu nome é Nimi Nsundi.*

Era um escravo particular: em terra, cumpria funções de mainato; no mar, era um estrinqueiro, encarregado de zelar pelas velas e pelos cabos. Cumpria essa função desde há cinco anos. Nesta viagem ele fora promovido: auxiliava o meirinho.

— *Ajudante de meirinho, tu?*

O espanto de Silveira era justificado. O meirinho era um funcionário da justiça, de alta confiança e responsabilidade. Era ele quem, a mando do capitão da nau, prendia os delinquentes. Todavia, nesta viagem, o meirinho destacado tinha embarcado adoecido. E o escravo Nsundi ajudava-o em tarefas mais pesadas como a guarda da pólvora e a gestão dos fogareiros onde se conservava o fogo a bordo. Ninguém senão ele podia acender lume no decurso de toda a viagem. O próprio jesuíta iria receber das mãos de Nsundi uma vela que o escravo acenderia e que o ajudaria a vencer as escuras entranhas do navio.

— *Sou eu que lhe vou dar fogo!*, disse o negro, com vaidade.

O orgulho vinha de longe: o ajudante de meirinho não era um simples cafre. Tinha sido capturado no Reino do Congo e enviado para Lisboa em troca de mercadorias que o Rei Afonso I, aliás Mbemba Nzinga, mandara vir de Portugal. Nsundi era um «trocado», uma moeda de carne. O homem custara uma espingarda, cem espoletas, cinquenta balas de chumbo, um barril de pólvora e uma pipa de cachaça.

Em Lisboa, ele trabalhou arduamente, mas cedo revelou inaceitável rebeldia. Como medida correctiva enviaram-no para a Índia Portuguesa. Já em Goa, cumprira serviços domésticos, enquanto apurava os conhecimentos de português para servir de intérprete nas costas de África.

Nsundi era um homem alto, trajando com mais apuro que os restantes marinheiros. Uma incontida altivez perpassou-lhe na voz quando repetiu:

— *O seu fogo, Vossa Reverência, sairá daqui, da minha mão.*

O missionário português sorriu, com desdém, e voltou a contemplar o horizonte. O vento era escasso, as naus evoluíam com lentidão. Até à desembocadura do rio Mandovi as gaivotas ainda encontraram pouso no topo dos mastros. Silveira ficou olhando o seu contorno de encontro ao sol e deixou-se cegar pela luminosidade. De tal modo se ofuscou que, quando as aves levantaram voo, o que ele viu foram os panos das velas perderem-se nos céus. Quase em surdina, assustado, Gonçalo balbuciou:

— *Meu Deus, as velas estão voando!*

Apenas o padre Antunes o escutou. Permaneceu impassível conforme sua obrigação. Ainda lhe ocorreu: era cedo para alucinações, a viagem nem sequer saíra do berço. Silveira desculpou-se, falando mais para si mesmo: que a ele lhe parecera, sim, que os panos brancos se abriam como asas evoluindo pelo azul intenso. O jesuíta sorriu, como que para se distrair da vergonha. E disse para o escravo:

— *Um dia viajaremos pelos céus, cruzaremos o oceano mais alto que os albatrozes.*

†

A costa indiana é agora uma linha flutuando no horizonte. A nau tornou-se no último lugar do mundo. À volta tudo é água, transbordação de rios e mares. O navio é uma ilha habitada por homens e os seus fantasmas.

— *Vejam! Já não há pássaros!*

O grito do gajeiro interrompeu a oração de D. Gonçalo da Silveira. Inclinado na cesta da gávea, o marinheiro anunciava que a viagem já não teria mais retorno.

— *Daqui em diante, nenhuma ave mais haverá.*

Um vazio pesou sobre o estômago do sacerdote português. Quando saíra de Goa, ainda na protecção do estuário, a viagem surgia como um caminho dócil. Mas quando o mar se desdobrou em oceano e o horizonte todo se liquefez, lhe veio uma espécie de tontura, a certeza de que o chão lhe fugira e a nau vogava sobre um abismo. Silveira não tinha dúvida: chegara ao irreversível momento em que a água perde o pé e o mar abandona o suave maneirar dos rios. Dali em diante, o mundo se resumiria àquela nau, rompendo caminho entre domínios que eram mais do Diabo que de Deus.

Nos dias que se seguiriam, o missionário iria presenciar um fenómeno invulgar: a devoção arrebatada do escravo à Santa. Não havia dia em que Nimi Nsundi não prestasse homenagem a Nossa Senhora, falando com ela, limpando-a, lavando-a, cuidando de que nem sol nem sal molestassem a sua pintura. Gonçalo da Silveira muito se comovia com a entrega cristã do cafre. Mal ele sabia o que essa devoção ocultava.



Nas noites seguintes D. Gonçalo da Silveira não dormiu com todas as pestanas. O escravo Nimi Nsundi tinha sido apanhado a rondar o camarote do missionário. Até que, na sexta noite, o homem foi surpreendido saindo para o convés com a Santa ao colo. Silveira chamou por ele, mas o escravo apenas apressou o passo rumo à amurada. Foi a intervenção do padre Antunes, saltando sobre Nimi, que evitou que a Santa fosse atirada ao mar.

Juntaram-se vozes inclementes clamando para que justiça imediata fosse feita e o negro respondesse pelo seu acto demoníaco. O julgamento seria sumário e Nimi Nsundi teria sido lançado ao mar não fosse a intervenção do missionário. Que o deixassem a sós com o negro. Queria falar com ele, saber-lhe as razões para tão tresloucado acto.

— *Deixe-me acompanhar a conversa*, pediu o padre Manuel Antunes.

— *Deve ficar, padre.*

— *Mas eu queria fazer as perguntas. Sem ofensa, Vossa Reverência, mas eu entendo-os melhor a eles.*

O escravo tremia, não se sabia se de medo, se de frio. As noites nas naus requeriam bom resguardo. E o africano estava quase nu. Tremia tanto que as palavras não chegavam a ganhar formato.

— *És cristão?*, começou por perguntar Manuel Antunes. Depois emendou a pergunta: *És crente em Deus?*

— *Deus não desce lá em baixo.*

— *Lá em baixo, onde?*

— *Lá em baixo, onde dormimos nós, os escravos. Já desceu lá?*

— *Por que razão transportavas Nossa Senhora?*

— *Ela é kianda... não é... vocês não sabem...*

— *Não se percebe nada do que está dizer...*

As tremuras sacudiam de tal modo o escravo que os sacerdotes se ficaram por ali, naquele improvisado interrogatório. Gonçalo decidiu transferir a estátua da Virgem para o agasalho do padre Antunes e pediu-lhe que ficasse de atalaia.

Mais apaziguado, o escravo, que já seguia de saída, voltou atrás e inclinou-se, servil:

— *Me perdoe, senhor padre.*

— *Vai, vai com Deus!*

Silveira parecia mais gratificado em perdoar que o escravo em ser absolvido. Ao absolver os alheios pecados, o jesuíta era atravessado por um estranho sentimento. Eis o que sucedia: o missionário perdoava e, assim, se sentia divino. Depois, esse sentimento lhe trazia culpas. E as culpas o faziam, de novo, sentir-se humano.

— *Tenho um pedido, padre!*

— *Diz lá, meu filho.*

O escravo pediu para que, caso adoecesse gravemente, o deixassem abraçar Nossa Senhora antes de ser lançado ao mar.

— *Tens medo de morrer?*

— *Não é morrer que me dói. O que me dá tristeza é ficar morto.*



A vela pincelou de luz a estátua da Santa. Naquele bruxulear, a Virgem parecia animada de vida interior. O padre Antunes certificou-se de que a imagem estava bem apoiada, a salvo dos balanços do mar. Depois, fechou os olhos, deixando-se possuir pelo duplo embalo: da obscuridade e do mar.

Acreditava estar dormindo quando um rosto pálido de mulher lhe inundou os sentidos. Era uma jovem despedindo-se na berma do rio Mandovi. Antunes seguia na canoa a caminho da nau e a moça ia caminhando sobre o lodo, arrastando as vestes pela lama. A roupa foi somando peso, dificultando-lhe a marcha. Até que ela decidiu desvincular-se do vestido e passou a caminhar nua. Ela não apenas caminhava: circulava como se fosse a dona do mundo de lá. Por mais que quisesse, o padre não despegava os olhos do seu corpo.

— *Você se lembrará assim de mim*, disse a desconhecida.

— *Cubra-se, mulher...*

— *Você se lembrará de mim quando for tragado pelo mar*, vaticinou a mulher.

O padre despertou estremunhado. *Raio de sonho*, exclamou. Levantou-se e foi ao convés para respirar. O que sucedia para ser assaltado por sonhos eróticos? Talvez fosse a noite particularmente ventada, talvez fosse a ondulação cavada que se fazia sentir. Olhou a fogueirinha de sinalização e vislumbrou o escravo Nimi Nsundi tomando conta do fogo. Fez-lhe um sinal e o outro respondeu com ensonado aceno. *O negro sossegou*, pensou o português.

Regressou ao quarto, voltou a deitar-se e não tardou a mergulhar no mesmo sonho, o mesmo rio o envolveu num crepitar de ondas. A voz suave da mulher estava agora mais próxima, segredando ousados convites:

— *Toque-me, toque em mim que eu o farei renascer.*

O padre fez chegar a canoa para junto da margem, a mulher estendeu-lhe uns braços estranhamente compridos, os dedos lhe roçaram a pele, arrepiando-o. Antunes não negou o seu abraço quente e as femininas mãos o enlaçaram como lianas, fazendo balouçar a barça. O padre tombou no rio e se afundou nas águas turvas. Sentiu que desvanecia, puxado por obscuras forças que o faziam submergir. Até que delicados braços o puxaram para a superfície. *É ela que me está salvando*, pensou. Soltou-se já sem alma, o seu corpo emergindo de um ventre de mulher e, numa espécie de parto às avessas, foi assomando à tona da água. Quando, finalmente, reganhou ar e luz, Antunes se libertou desse abraço redentor.

— *Acudam-me!*, gritou.

Mas não foi voz humana que respondeu. Diante dele estava Nossa Senhora, em carne e osso. As suas vestes estavam encharcadas e o rosto salpicado de lama. Foi entrando nas águas, os braços movendo-se como se fossem barbatanas, os olhos redondos, sem pálpebras.

— *Sou kianda, a deusa das águas*.

O padre Antunes de novo pulou da cama, esbracejando a enxotar o sonho, repelindo pecaminosos pensamentos.

Quando assomou ao convés, uma tempestade violenta havia deflagrado e os marinheiros, atarefados, corriam de barlavento para sotavento, cuidando de não serem tragados pelas vagas que varriam a coberta. Mais além, soldados metiam fogo a um falcão para avisar as outras naves da sua nebulosa localização. O projectil, como ave incendiada, subiu na escuridão. O padre estremeceu: a bala de pedra incandescida não evoluía nos céus mas era dentro dele que ardia, consumindo-lhe o peito e enchendo-o de fumos e desesperos.



O dia seguinte foi de bonança. Horas e horas, o padre Antunes lutou para afastar o fantasma do sonho. Ainda lhe ocorreu confessar-se a Silveira de tais malfadados delírios. Mas acreditou ser mais prudente dar

tempo ao tempo. E passou o dia rezando, braços cruzados sobre a pequena escrivaninha onde se espalhavam os papéis do diário do bordo. Deitou-se ainda o poente se anunciava, depois de rilhar a dose de biscoito e uma púcara de vinho para propiciar um sono santo.

Quando o escuro abraçou o barco, o escravo Nimi Nsundi foi alimentar o fogo no convés. Desde o início da viagem, todas as noites repetia o mesmo serviço: atizar a fogueira, para que o fogo falasse. Sobre o castelo da popa, junto ao mastro da mezena, a fogueirinha fazia calar as trevas, desnorteando os maus espíritos que moravam no oceano. Essa era a sua crença, o modo como ele romanceava as suas rotineiras funções.

Mas o fogo tinha outros, bem mais comezinhos, propósitos: alimentava as lanternas que iluminavam as entranhas da embarcação. E ficava aceso até de madrugada para que as naus guardassem vista umas das outras. O mar é um infinito sem fundura: navio que se perdesse no escuro era como se tombasse no último dos abismos.

No convés, o escravo pastoreava as chamas durante oito relógios. A ampulheta era virada em cada meia hora para marcar as vigias nocturnas. O escravo cumpria o turno das vinte horas até à meia-noite. Esse período tomava o nome de «quarto da prima». Nimi Nsundi deixara-se deslumbrar pelo nome. De si para si, ele repetia:

— *Vou para o quarto da prima!*

Mais tarde, ele haveria de preferir o «quarto da alva», a última das vigílias. Esse turno tinha outras belezas, bem mais suaves. De madrugada, antes de o convés se encher de movimento, o que mais o fascinava era contemplar os peixes-voadores. De quando em quando, emergiam das ondas como aves líquidas, fabricando nas asas falsas um voo de verdade. Esses peixes, afinal, a ele se assemelhavam. Também ele sonhava emigrar do seu mundo. Pudesse ele inventar asas que o levassem para um outro céu. Esse céu era o Reino do Congo, de onde fora arrancado e para onde, em sonhos, sempre regressava. Nessa noite, ele cumpria o quarto da prima e concentrava-se no cumprir da obrigação. Os perigos de incêndio eram tão grandes, que a tarefa o consumia por

inteiro. O remexer da pá fazia o fogo comportar-se, como bicho domesticado, contido na grande panela de barro e ferro, instalada junto à proa. Ao fim ao cabo, Nimi Nsundi revia-se nesse fogo doméstico, irmão dessas brasas arrefecidas sem lembrança da originária combustão. O escravo sorriu ao pensar como o seu sonhar saltitava entre fogo e peixe. Sacudiu os ombros para afugentar ideias e cansaços e lembrou o provérbio da sua infância:

— *Quem tem insónia é o peixe que só adormece na frigideira.*

Escutou, então, um leve pisar nas tábuas. Um vulto o fez estremecer. Uma mulher envolta num pano negro se desenvencilhou das trevas e se anunciou:

— *Posso sentar-me aqui?*

A desconhecida sentou-se e arrumou-se no silêncio, enrolada como se ela própria fosse o pano que a cobria. Nimi Nsundi continuou remexendo a fogueira, espreitando furtivamente a intrusa que se mantinha imóvel, queixo apoiado sobre os joelhos. As chamas revelavam-lhe, intermitentemente, as mãos e o rosto. Depois, a voz rouca prolongou-lhe o fascínio:

— *Sou Dia...*

— *Dia? Já passou a hora de ave-marias,* emendou o escravo.

— *Dia é o meu nome. Sou Dia Kumari, aia de Dona Filipa.*

Dona Filipa era a esposa de António Caiado, um comerciante português estabelecido na corte do Imperador do Monomotapa. A senhora tinha estado em Goa, em tratamento médico. Ficara lá anos, convalescendo de febres tropicais, no Hospital da Misericórdia. O destino da nobre dama estava ligado aos demais tripulantes da *Nossa Senhora da Ajuda*: ela desembarcaria em Moçambique e seguiria, depois, para a capital do Monomotapa, assim permitisse a sua frágil saúde.

— *Chamo-me Dia.*

Repetia o seu próprio nome como se necessitasse de se confirmar, negando o escuro que a vestia. Ergueu-se e aconchegou-se ao sari: um repentino frio a atravessou.

— *Poderei vir aqui mais vezes? Só para ver o fogo.*

Nimi Nsundi acenou em silêncio. Não sabia falar com mulheres. Quase respirou de alívio quando a viu afastar-se, afundada na penumbra.

†

No dia seguinte, a aia regressou ao fim da tarde. Nimi Nsundi declarou, entredentes:

— *Se vem ver o fogo, chegou cedo.*

— *Posso vir mais tarde.*

— *Pode vir até numa outra vida, mas eu nunca lhe darei fogo,* retorquiu Nsundi, em tom seco.

— *Não lhe pedi nada. Além disso, a minha ama tem uma lanterna só dela...*

— *Então o melhor é que não fique perto da árvore, é perigoso...*

— *Árvore? Você quer dizer «mastro»?*

— *É árvore que se diz. Você vai ter que aprender português.*

— *E é você quem me vai ensinar?*

— *A minha língua é o português, nunca mais terei outra.*

A indiana riu-se. Espreitou o rosto do negro para se garantir de que este não estaria ironizando.

— *Falo a sério.*

— *Dona Filipa disse que, quando chegarmos a Moçambique, você será o língua dos portugueses. Isso é verdade?*

— *Esse é assunto meu.*

— *Pois eu não sei se faria uma traição dessas. Você sabe para que é que vai ser usada essa língua?*

— *Essa língua é a que falamos nós dois, agora.*

A indiana percebeu no tom do escravo que ele se queria afastar do assunto. O silêncio que deixou crescer era, para Dia, a confirmação de que a sua presença era dispensável.

— *O melhor é ir-me embora. Disse que era perigoso ficar junto ao mastro. É por causa desses cabos?*

— *Não são cabos, respondeu Nimi Nsundi. Estes aqui são os viradores, aqueles são os brandais, estas são as costeiras, mais além são as enxárcias...*

— *E eu lhe pergunto, estive todos esses anos em Goa, aprendeu alguma palavra na nossa língua?*

— *Qual língua? Vocês têm uma língua?*

— *Bom, não vale a pena, eu prefiro ir-me embora.*

— *Pois não esqueça: não passe junto do mastro: ainda lhe cai o papa-figos!*

Dia não teve coragem para pedir explicação. Só mais tarde, ela soube: papa-figos era a vela principal da embarcação.



O padre Manuel Antunes terminou o dia arrumando o seu pequeno agasalho, o minguado espaço que lhe cabia por quarto. Ordenou os papéis, o tinteiro, as penas e os aparos. Tapou com um lençol a estátua de Nossa Senhora. O acto quase roçava o sacrilégio. Mas a intenção era ocultar a Virgem aos olhos do escravo Nsundi.

Sentou-se junto à pequena mesa e abriu a arca onde guardava os documentos e o diário da viagem. Reparou então, entre os papéis, na autorização emitida pelo Vice-Rei para que actuasse como escrivão no barco e durante a expedição em terras da costa africana.

Foi lendo as oficiais escrituras e dando conta dos nomes da viagem e do seu destino. Chamavam de Torna-Viagem a este percurso da Índia para Portugal. E chamavam de Contra-Costa ao Oriente de África. Tudo fora nomeado como se o mundo fosse uma lua: de um só lado visível, de uma só face reconhecível. E os habitantes do mundo oculto nem o original nome de «gentios» mantinham. Designavam-se, agora, de «cafres». A palavra fora roubada aos árabes. Era assim que estes

chamavam aos africanos. Os cafres eram os infiéis. Não porque tivessem outra fé. Mas porque se acreditava não terem nenhuma.

Um inesperado balanço fez verter o tinteiro. Para salvar os manuscritos o padre Antunes atirou-se sobre a mesa e o tampo cedeu, fazendo com que a lamparina tombasse no chão e o óleo ardente se espalhasse sobre o pavimento. Aflito, o sacerdote lançou o conteúdo do tinteiro sobre a pequena e, no entanto, ameaçadora fogueira. A tinta era pouca, mas suficiente para apagar o fogo. Antunes repôs a ordem no agasalho e saiu para o convés para recuperar do susto. Foi então que reparou que as mãos estavam sujas de tinta. Com as mãos negras, ele reentrou no seu camarote. E com as mãos negras, ele se abandonou no rio do sonho.

Capítulo quatro

A travessia do tempo

Moçambique, Dezembro de 2002

Eis a nossa sina: esquecer para ter passado, mentir para ter destino.

(O Barbeiro de Vila Longe)

A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores. A viagem acontece quando acordamos fora do corpo, longe do último lugar onde podemos ter casa. Mwadia Malunga sentiu que realmente viajava quando perdeu de vista o único casebre de Antigamente. Nunca ela pensara regressar a Vila Longe, sua terra natal. Não fosse o aparecimento da Santa e ela permaneceria enclausurada na solidão.

Quando chegou ao rio Mussenguezi ela procurou pelo barco. Era uma canoa feita de um tronco de mbawa e estava ocultada entre os caniços da margem. O lugar era-lhe familiar. Era ali que Mwadia vinha na companhia de Lázaro, todos os três meses, trazer os cabritos e receber, em troca, mantimentos e os bens para a sua sobrevivência. Nunca ela vira o comerciante com quem trocava mercadorias. Limitava-se a deixar os bichos na sombra de uma msassa [10] onde já haviam sido depositados os alimentos, o sal, os fósforos, o petróleo e alguma roupa.

Desta vez, tudo era diferente. Era ela que se trocava em nome da salvação de Zero e do seu mundo solitário. Mwadia olhou para o burro Mbongolo e mediu a tarefa de o meter dentro da canoa. Não seria o peso que constituiria atrapalhação. O bicho estava magro, a pele sobrando no cabide dos ossos. Zero dizia que era assim que os seus jumentos morriam: emagreciam até levantar voo, mais ligeiros que o beija-flor.

Não tarda que este também vá, pensou Mwadia enquanto empurrava o animal pelos quadris. Todavia, Mbongolo tinha uma testa maior que o corpo e recusava tirar os cascos do chão. Felizmente, devido à seca, o caudal se tornara superficial. O jumento atravessou a preguiçosa corrente, caminhando ao lado da canoa, sem tirar os olhos de Mwadia. Sobre o seu

lombo, Nossa Senhora balançava e parecia que um sorriso lhe aflorava o esculpido rosto. Junto dela se equilibrava o baú dos manuscritos.

Chegada à outra margem, a mulher encheu o peito medindo forças com o horizonte. As árvores que ela vislumbrara frondosas junto ao rio eram aqui uma ossatura vegetal, ramos indigentes raspando os céus. Árvores de rapina.

O sol queimava e Mwadia abriu o velho guarda-sol sobre o jumento. Não era o bicho que ela protegia. A sombra pousava, sim, sobre a sagrada imagem.

— *Não quero que adoeça, Santinha, com essa pele tão branca...*

Nossa Senhora caísse em doença e a desgraça desceria em Antigamente. O marido pagaria com a própria vida, consoante o mau agoiro traduzido por Lázaro Vivo. Foi então, e só então, que Mwadia reparou que um lenço branco estava amarrado ao único pé da Santa. Era um desses panos que se enrolam nos troncos das árvores sagradas e que lembram os espíritos dos antepassados. Ainda lhe ocorreu desamarrar o lenço, devolvendo a pureza cristã ao ícone. Mas uma dor lhe prendeu o braço e paralisou a sua intenção.

O burro fitou a mulher, fremiu as narinas e desceu as orelhas. Parecia pedir-lhe uma pausa, um brevíssimo repouso. Mwadia não condescendeu e deu ordem para reiniciar a marcha solar, cada passo pesando como pedra que se rasgasse do chão. A mulher sentia o soprar das ventas do jumento como uma compassada acusação nas suas costas.

— *Não me chateie, burrito. Não me venha amolecer o coração.*

Não era insensibilidade. Mwadia sabia que o burro a si mesmo se bastava. Os olhos dele, tão cheios de água, davam-lhe a sombra de que carecia. E as borboletas, sedentas, continuavam bebendo nos seus olhos.

Por antecipação, Mwadia deleitava-se com o espanto que a sua chegada iria causar em Vila Longe. Quem se iria regalar com a aparição da Santa seria a Tia Luzmina Rodrigues, a única irmã de seu padrasto. Ela era a mais dedicada beata em Vila Longe. Dormia abraçada a postais de santinhos e, mesmo contra a vontade do padre, dava banho às figuras da pequena igreja. Para Luzmina tudo nascia da limpeza: até a santidade vinha da água e do sabão.

Nada, nem a sua origem goesa, explicava o seu fervor católico. Fora ela quem, há mais de vinte anos, conduzira Mwadia à festa de inauguração da capela. A menina, na altura, ficou encantada. Em casa, enquanto a mãe preparava o jantar, perguntou:

— *Gostei tanto da igreja, mãe. Não podemos fazer uma igreja dentro de nossa casa?*

— *A nossa casa é tão pequena que nem nela podemos ajoelhar.*

— *Mas, mãe, eu queria tanto...*

— *O que faz uma igreja, Mwadinha, é o sossego que mora lá dentro.*

Onde quer que deitasse o sossego a crescer, ela teria uma igreja só dela. Isso lhe prometeu Dona Constança, sua mãe.

Mwadia Malunga prosseguia por atalhos virgens, as pegadas sendo engolidas pela mobilidade das areias soltas. Era isso que ela requeria da caminhada: fazer com que o passado emudecesse, sem eco nem rasto. Apagar as horas e os dias, apagar as cicatrizes do passado.

No seu retiro em Antigamente, Mwadia não desejava apenas estar distante, mas ambicionava esse exílio que só se encontra quando todos de nós se esquecem. Nunca o conseguiu. As lembranças atravessavam os rios, calcorreavam a savana e nela emergiam como lava incandescente.

— *Porquê, Zero Madzero, por que é que eu recordo tanto?*

O marido não sabia responder. Era por isso que ela lhe perguntava: por não temer a resposta. No íntimo de si, Mwadia sabia: quem se lembra

tanto de tudo é porque não espera mais nada da vida.

Quem parte treme, quem regressa teme. Tem-se medo de se ter sido vencido pelo Tempo, medo de que a ausência tenha devorado as lembranças. A saudade é um morcego cego que falhou fruto e mordeu a noite.

À medida que se aproximava da sua vila, Mwadia ansiava recuperar o sentido de pertença a um lugar. Ela estava, a um tempo, receosa e ansiosa. As vozes e os olhares lhe iriam certamente devolver a perdida familiaridade. Nem ela adivinhava quanto os rostos de Vila Longe estavam vazios e inexpressivos, como se ela, mesmo regressando, se mantivesse ausente.

Quando entrou em Vila Longe era noite madura, nessa hora tão tardia que até o mocho pestaneja para não adormecer.

A vila era de bom tamanho, suficiente para merecer igreja e praça. Mwadia podia caminhar de olhos fechados, guiada pelo sentimento de estar vagueando por dentro do seu próprio corpo. Constrangida, foi atravessando as ruelas. O ruído dos cascos do burro era a sua única defesa contra o medo. Perfilou-se perante a velha casa e um arrepio a fez estancar. A casa da infância é como um rosto de mãe: contemplamo-lo como se já existisse antes de haver o Tempo.

— *Espera, burrinho, espera...*

Bateu uma palmada no flanco do Mbongolo e encostou-se ao muro. Passou as mãos pela cal, demorou-se nas fracturas do cimento como se fossem humanas rugas: a casa envelhecera, minguara de tamanho. Lembrou-se das vezes em que, chegados ao pátio, a sua mãe avançava o braço como se agarrasse um fumo e anunciava, com voz sumida:

— *Parem todos! A nossa casa não está no sítio.*

Antes que os restantes reagissem, Dona Constança, de mãos estendidas à frente do corpo, rondava pelo quintal e gemia:

— *Já foi, a casa já foi!*

Incerto e sabido: após uns instantes de penar em redor do tamarindeiro, a mãe Constança convocava os familiares para que dessem as mãos e formassem um anel à volta da grande árvore.

— *Agora, fiquem calados e crentes que ela já volta.*

Era esse ritual que permitia a casa retornar e, de novo, refazer a sua milenar raiz. Acreditaria Dona Constança nas suas aflitas miragens ou inventaria aqueles sustos para que os filhos nunca esquecessem os sagrados atributos do lar? Nunca se soube. Para Mwadia, restara a lição: as pessoas é que abrigam a casa, a ternura é que sustenta o tecto.

Pudesse a sua casa ser, como as demais, uma simples palhota de pau-a-pique, dessas que se desfazem sem ruído nem ruína. Mas a vida de Mwadia fez-se de contra-sensos: ela era do mato e nascera em casa de cimento; era preta e tinha um padrasto indiano; era bela e casara com um marido tonto; era mulher e secava sem descendência.

Não precisou anunciar-se. A porta foi-se abrindo devagar, como se ela estivesse sendo esperada. Reconheceu, no escuro, a magra silhueta do padrasto. Ou como ela lhe chamava: o seu último pai. Aquele que sucedeu a Edmundo Capitani, seu primeiro pai. A voz do padrasto não era um cumprimento. Antes, roçava a reprimenda:

— *Você, Mwadia?! Chega assim pela escalada da noite...*

No lusco-fusco, o homem parecia negro. Passada a nuvem, o luar revelou a sua verdadeira pele acastanhada, de indiano. O padrasto ainda fez menção de a saudar com um beijo, mas Mwadia esquivou-se com decisão. O padrasto deu uns passos perscrutando a escuridão:

— *Quem vem montado no burro? É o Zero Madzero?*

— *Não. Madzero ficou. O senhor bem sabe: ele nunca mais volta aqui.*

— *Então, quem é?*

— *É Nossa Senhora.*

— *Nossa Sen...*

O goês Rodrigues benzeu-se, antes de se aproximar do jumento. Quando reparou na estátua, voltou a benzer-se:

— *Deus misericordioso, onde é que arranjou esta imagem?*

Mwadia fez um sinal com o braço a sugerir que as explicações viriam mais tarde. Entrou na cozinha e anunciou:

— *Vou preparar um chá mbalakate [11]. Também quer?*

O chá dele, desde há muito, que é outro. O uísque, com pouco rótulo e muito álcool. Desta vez, porém, ele se abstém da bebida. Sentado, olhos espantados, cativos na enteada.

Nada se alterara na arrumação da cozinha. Os gestos de Mwadia eram certos como se ela nunca tivesse saído. Notou que o padraço a olhava fixamente enquanto ela rodopiava pelo recinto. Apressadamente se sentou, usando a mesa como escudo.

— *Poça, Muadinha: você me pregou um susto, quase eu tinha um ataque cardíaco no coração.*

Mwadia serviu-se de restos de comida. Enquanto mastigava reparou no rosto atento do padraço.

— *O que se passa?*

— *Nada*, respondeu o homem.

A regra mantinha-se: ele não falaria enquanto ela estivesse comendo. Quem come sozinho, não se distrai com palavra.

— *O padraço quer-me dizer alguma coisa, eu sei.*

— *Eu espero.*

Ela apressou o mastigar, forçou o deglutir, movida pela curiosidade.

— *Passou-se alguma coisa com a mãe?*

— *Não, é comigo.*

— *E o que se passa consigo?*

— *Sabe como eu me chamo nestes ultimamente?*

Mwadia negou com a cabeça, enquanto sorvia o chá. Estranhou a cor deslavada dos olhos do padraço. Talvez fosse da luz. Ou da excitação com que animava as suas palavras:

— *Jesustino! Agora, chamo-me Jesustino.*

No ano passado, ele tinha sido Ildefonso. Já fora Agnelo, Ambrósio, Epifânio, Cesaltino, Ascolino, Salvador. E muitos, muitos outros. Desde que casara, mudava de nome em cada aniversário. O argumento era que, assim, em trânsito nominal, acabaria vivendo mais tempo.

— *Ter um só nome: é isso que apressa a morte. Você, Mwadia, devia também mudar...*

— *Mas o padrasto já não foi Jesustino?*

— *Quando?*

— *Não sei, tenho a certeza que já usou esse nome.*

Usara, sim. Ele fora Jesustino da Anunciação Rodrigues até, há cerca de uma dúzia de anos, contrair matrimónio com Constança Malunga. Agora, reincidia, esquecido do seu passado.

— *Devia mudar de nome, minha filha, esse seu nome já é tão antigo.*

O sorriso dela era triste. O que ela queria, na verdade, era nunca ter recebido nome. A casa tem nome? E que nome tem a pedra? Admitia, contrafeita, que o padrasto tinha a sua razão: deram-nos nome como um modo de nos dizerem que não temos eternidade. E sentiu saudade do seu oculto lugar, além do rio. Ao menos lá, em Antigamente, ela se esquecia de ter nome, ter rosto, ter idade.

Vila Longe, porém, também não era lugar onde houvesse sobressalto. Ali nunca nada acontecia. Mwadia apostava que a alfaiataria do padrasto continuava às moscas, agulhas e tesouras acumulando ferrugem. Jesustino pareceu adivinhar os pensamentos da enteada. Balançando-se na cadeira, ele disse:

— *Para a semana, chegam os americanos.*

As sobrancelhas de Mwadia se circunflexiram. O padrasto brincava, certamente. Americanos? Em Vila Longe? Jesustino confirmava, com displicência, como se a chegada de estrangeiros fosse o mais corriqueiro dos assuntos. Tratava-se de um casal que vinha estudar antigas histórias de escravos.

— *De escravos? Que escravos?*

— *Também não percebo. Mas deixe isso, vá dormir, você está cheia de sono.*

— *Não, não estou.*

— *Está. Eu conheço-a como a palma da minha mãe.*

— *Mas quase já é manhã...*

— *Nesta hora é que chega o melhor sono. Escute, Mwadia: você não se importa de dormir no quarto de sua Tia?*

— *Da Tia Luzmina?*

O antigo quarto de Mwadia tinha sido preparado para receber os hóspedes que chegavam da América. Os aposentos da Tia eram os únicos disponíveis. A enteada se ergueu para ajeitar as loiças na banca. Foi então que o padraсто se chegou, roçando-lhe o corpo. A moça reagiu, esquiva.

— *Não tenha medo, minha filha.*

— *É tarde, eu já vou deitar-me.*

— *Tenha medo só dos que não viveram. Eu já vivi, já vivi de mais...*

O alfaiate Jesustino Rodrigues virou costas, anunciando que ia tratar de descarregar o burro. A porta de rede bateu com estrondo atrás de si.

Mwadia seguiu pelo corredor, guiada pela penumbra que escoava pelas janelas. A luz do dia não tardaria a encorpar. Empurrando o saco de viagem pelo chão, Mwadia avançava a custo. De súbito, embateu num vulto escuro.

— *Mãe?*

Disforme e envelhecida, Dona Constança estava irreconhecível. Desde que a sua última filha se retirara, ela duplicara de volume. É sabido: a tristeza engorda mais que o caril de mandioca. Constança se arrastava, como se um pó lhe fosse tombando dos pés e ela, em cada passo, perdesse a sua própria substância.

— *Então, mãe, o que tem feito?*

— *O que eu faço? Nestes dias, eu só adoço.*

As doenças são a sua única companhia agora que as suas filhas se foram e o marido Jesustino Rodrigues transitara de companheiro para companhia.

— *Por que é que a mãe nunca me visitou?*

— *Não fui eu que saí de casa.*

Mwadia não respondeu. Durante um tempo fixou o rosto da mãe, procurando vestígios da sua antiga formosura. Dona Constança evitou cruzar o olhar. A filha decidiu mudar de assunto.

— *A Tia Luzmina está acordada?*

— *Não.*

— *Posso bater na porta dela?*

— *Não, não faça isso.*

— *Mas ela iria gostar de saber que cheguei, vou acordá-la.*

— *Espera filha, é que Luzmina... sua Tia vai demorar a acordar, no sono que ela está...*

A mãe anunciava o irreparável? A voz de Mwadia lhe escapou por uma fresta no peito:

— *A Tia?*

— *Sim, a Tia ausentou-se.*

No lar dos Rodrigues não se pronunciava o verbo *morrer*. Dizia-se: *ausentar*. Mwadia sentiu que desabava no abismo do soluço. A mãe, autoritária, advertiu:

— *Nesta casa não se chora!*

Sempre fora essa a interdição: chorar era um malfazejo hábito que se espalhara como doença. Eles, os Rodrigues, não choravam. Podiam beber sem medida, rir alto, descomportar-se com pompa e sem circunstância. Mas chorar não. O pranto convoca os espíritos da desgraça.

A fotografia estendida na mão de Dona Constança era um modo de deitar leveza no momento.

— *Veja, é a última foto da sua Tia.*

Luzmina posava, magra, os olhos acrescidos no rosto escaveirado. Mwadia revirou a foto para olhar a data. Era recente e tinha sido enviada da capital.

— *Ela, aí, já estava muito doente.*

A mãe não disse mais, apenas soergueu o queixo a apontar o corredor. Mwadia sabia do seu dever. Pegou na imagem e conduziu-a à chamada «parede dos ausentes». No corredor exibiam-se as fotos dos familiares defuntos. No chão, um balde recolhia as lágrimas dos falecidos.

No alto da parede dos ausentes figurava a velha agogodela, uma espingarda de carregar pela boca que tinha sido propriedade do bisavô Rodrigues. Por baixo da arma, a moldura já estava preparada. Faltava só ajustar a fotografia e Mwadia, quando completou a tarefa, espreitou o seu próprio reflexo no vidro.

— *Agora, venha, disse a mãe. Venha que eu vou lavá-la.*

— *Lavar-me?*

— *Quero que seja você, sozinha com seu corpo, a entrar nesta casa.*

As mãos da mãe fizeram escorrer a água pelo corpo nu de Mwadia. A moça sorriu da situação: durante anos fora ela que dera banho. Mais propriamente, dera banho a Zero Madzero. Agora, ela era a lavada. Fechou os olhos, embriagada, como se a alma estivesse sendo dissolvida.

— *Fosse no meu tempo não era com estas águas que você era banhada.*

— *Eu sei, mãe.*

— *Não sabe, não. Você era banhada com sangue de galinha. Para a lavar do sangue desse homem que se passeou pelo seu corpo.*

— *Mas isso não é só água, mãe. O que é que deitou nesse balde?*

— *Nada, filha, apenas uns cheiros.*

A vida são golpes, costuras e pontes. Afinal, quando Mwadia dava banho a Zero ela apenas estava costurando os tempos, dando seguimento a uma tradição antiga.

— *Diga-me uma coisa, mãe, com sinceridade: a senhora acredita nisto?*

— *Nisto, o quê?*

— *Nas lavagens para afastar os maus espíritos...*

— *Eu tenho saudade daquele tempo, é isso que eu sei...*

A mãe suspendeu o gesto e apontou para a cozinha exterior. E confessou que, às vezes, ela ia para ali sentar-se só para reviver os tempos em que a família se arredondava, no grávido círculo da felicidade.

— *Vou para ali só para sentir saudade.*

— *E gosta?*

— *A saudade é a única dor que me faz esquecer as outras dores.*

Deixou-se levar para o quarto e a mãe esfregou-a numa toalha velha. Tudo parecia perfeito, Mwadia era de novo menina e os beirais se enchiam de asas e cantos.

— *Como aconteceu, mãe? Como é que a Tia se ausentou?*

— *Nem quero falar disso, Mwadia, respondeu Constança. É melhor você só lembrar aquela Luzmina que você conheceu quando era criança...*

Nos últimos tempos, ela se revelou outra, contrariando o seu imaculado comportamento. Tudo começou quando uma noite, à mesa de jantar, perante visitas cerimoniosas, ela fingiu limpar os lábios e, ainda de guardanapo na mão, disse:

— *Não é para me gabar, mas tenho muito jeito para puta!*

Enfrentando angelicamente os olhares reprovadores, Luzmina argumentou:

— *Falei torto? Está na Bíblia, tudo está na Bíblia.*

— *Luzmina, por favor...*

— *Luzmina, não. Sou Santa Luzmina, mãe dos pecadores, padroeira das prostitutas.*

Nos dias seguintes, a família fez todo o possível para recuperar Luzmina para o seu privado juízo. Contudo, era tarde: a moça se agravava irreversivelmente. E já reclamava que Eva era indiana, da casta brãmãne, e que ela própria, Luzmina Rodrigues, era Nossa Senhora. Estava ali, na recatada Vila Longe, à espera do Espírito Santo que deveria certamente ser um goês de casta elevada. Como o tempo passasse e o seu bem-amado tardasse, ela iria tomar o caminho da cidade e apressaria o ansiado encontro.

— *Mana, não diga isso. Deus castiga...*

— *Já me castigou. E você sabe muito bem como, meu irmão.*

Jesustino recuou, cabisbaixo, envergonhado com o comportamento de sua irmã mais velha. A quem não chegava o pudor era a Luzmina que prosseguiu com as inesperadas heresias:

— *Deus, Deus, Deus... Pois se eu fosse Deus, Jesus Cristo não tinha morrido.*

Não havia tempo a perder: pediram ao padre que viesse da cidade para a benzer, conduziram-na ao curandeiro Lázaro Vivo que deitou as hakata [12] para decifrar os presságios. Cortaram-lhe o sal na dieta para que o sangue corresse menos espesso, untaram-na de barro retirado da margem do rio e colocaram-lhe uma vara de muveva [13] por baixo do travesseiro. Tudo isso foi em vão. A goesa teimava em seus delírios. E repetia, em queixosa ladainha: *subi à cruz para descrucificar Cristo, dediquei toda a vida à devoção e Deus o que me deu em troca? Pois agora, sigo os conselhos do Diabo.* A partir desse momento, Luzmina passou a dormir no sofá da sala, com uma mala de roupa a seu lado. Quando lhe pediram explicação, ela respondeu:

— *Estou à espera de ser levada, daqui para muito distante.*

Mas nunca ninguém passou, ninguém visitava tão distante paradeiro. Foi ela que partiu, de madrugada, aproveitando boleia da carrinha do Tio Casuarino. Luzmina foi para a cidade, perdeu-se entre brumas e fumos. Jesustino ainda se deslocou para a procurar na cidade. Nem sinal dela. O alfaiate regressou, inconformado, culpando Casuarino por não ter impedido aquela intempestiva e irresponsável viagem de sua irmã. Ele era o único irmão, cabia-lhe tomar conta dela, tão só, outrora tão crente em Deus, agora tão tresmalhada da razão. Por diversas vezes, Jesustino ainda foi à decadente estação dos correios e inquiriu Matambira, o último funcionário sobrevivente, se havia carta da cidade.

Não veio carta, nem antes, nem depois. Foi Luzmina Rodrigues quem trouxe pessoalmente a notícia da sua própria morte. O corpo dela chegou numa carrinha de um anónimo mineiro. O homem estacionou junto à entrada da Vila, anichou o veículo à sombra de um portentoso embondeiro. Chamaram Jesustino para tomar conta da desocorrência. Só ele ficou sabendo do finar de sua mana Luzmina. O magaiça [14] depôs o caixão na areia, enrolou o dinheiro que o goês lhe passou e partiu numa nuvem de poeira.

Era noite quando Jesustino entrou em casa e se aproximou de Dona Constança. Havia uma cansada lamparina que fantasmaava o quarto. A esposa adivinhou-lhe o amargo no rosto:

— *Tem uma notícia triste, marido?*

— *Muito triste.*

— *Então, já sabe como me vai contar.*

Ela deitou-se, despiu-se e esperou que o marido se enroscasse a seu lado. Depois beijou-o e abraçou-o com força. Enquanto faziam amor ele lhe foi contando a novidade da morte de Luzmina, desfiando a tristeza que a mulher ia sufocando a golpes de ternura, corpo diluindo-se em outro corpo.

No fim do namoro, lágrimas já secas, Constança ainda espreitou o rosto do marido. Queria certificar-se de que não era uma mentira que ele inventara só para fazer amor. Mas o cansaço de Jesustino era genuíno. Ninguém pode estar assim fatigado se não estiver sofrendo de verdadeira melancolia.

Luzmina, de facto, falecera. Todavia, em Vila Longe a morte não é exactamente um facto. A tia falecera como é devido naquele lugar: sem nunca chegar a morrer. Quer dizer: a sua alma ficara acesa, brilhando entre sombras, suspiros e silêncios.

No dia seguinte, dilacerado pela dor de perder a sua única irmã, Jesustino tentou o suicídio. A receita era fatal: o venenoso tubérculo da gloriosa, essa florinha vermelha que espontaneja na areia das dunas. O goês esteve sete dias de coma, caíram-lhe os cabelos, dissolveram-se-lhe as unhas, azularam-se-lhe as babas. No oitavo dia, soergueu-se na cama, olhos piscos, mastigando palavras:

— *Nem morrer sei.*

— *Você me matou foi a mim, meu caro Jesustino Rodrigues,* murmurou Constança. O tom acusatório era tão sincero que o marido se interrogou sobre que segredos saberia a sua companheira.

De tudo isso estava distante Mwadia. Tudo aquilo ocorrera durante a sua longa ausência em Antigamente. A moça até se assustou quando a mão gorda de Dona Constança recobriu os seus dedos magros para a reconduzir ao presente.

— *Essa é a última fotografia de sua Tia...*

Mão na mão, as duas mulheres percorreram as linhas do rosto da falecida Luzmina, como se lhe corrigissem o destino. Alinhavam a moldura na parede como quem ajeita flores sobre uma campa.

— *Que idade ela tinha nesta foto?*

— *Tinha, não. Tem.*

— *Não entendo.*

— *Essa foto ela tirou-a com trinta e cinco anos. Mas a sua Tia continua a envelhecer na imagem.*

— *Ora, mãe...*

— *A última vez que peguei nessa foto ela nem tinha estes cabelos brancos...*

Regressaram à mesa da cozinha para terminarem o chá. A mãe demorou a ajeitar o corpo na cadeira. Depois, puxou de uma cesta e dela retirou peças de vestuário. E fez aquilo que sempre fazia para ganhar sono: dobrou as peúgas coloridas de suas meninas. Os dedos gordos convocavam, uma por uma, as filhas que há muito saíram de casa. A voz já se inundava de sono quando Constança insistiu:

— *Lembra-se do tempo em que eu passava tardes e tardes costurando?*

— *Lembro-me, mãe. Eram tantas filhas, tantas roupas!*

— *A maior parte das vezes, eu só fingia que costurava.*

— *Fingia? Fingia para quê?*

Os homens não gostam que as mulheres pensem em silêncio. Nasceram-lhes nervosas suspeitas.

— *Enquanto ia costurando, o seu pai não imaginava que eu estava pensando. Minha cabeça viajava por todo lado.*

Nesses escassos momentos, Constança era mulher sem ter que pedir licença, existindo sem ter que pedir perdão.

Capítulo cinco

Viagens, infinitos retornos

Tempo indeterminado na actualidade

Não há pior cegueira que a de não ver o tempo. E nós já não temos lembrança senão daquilo que os outros nos fazem recordar. Quem hoje passeia a nossa memória pela mão são exactamente aqueles que, ontem, nos conduziram à cegueira.

(O Barbeiro de Vila Longe)

Pela fechadura, Mwadia espreitou. A voz da freira zimbabweana chegou-lhe em sussurro. Falava-lhe em si-shona [15]:

— *Uma visita para si...*

— *Para mim?*

— *Alguém que vem de Moçambique.*

Compôs o cabelo, desenrugou a roupa e o rosto e, só depois, abriu a porta. Era a Tia Luzmina. Trazia uma mão cheia de postais de santos e padroeiras. Mwadia recebeu o beijo e o maço de postais e fez um sinal para que a visitante ocupasse a cabeceira da cama. Luzmina não se sentou logo. Em silêncio, ela demorou na inspecção do quarto.

Mwadia tinha sido enviada para o Seminário de Darwin, incrustado nas nortenhãs montanhas do Zimbabwe. A Tia Luzmina pagara a viagem e agora subsidiava os estudos da sobrinha. O Zimbabwe podia dar-lhe um futuro incerto. Mas era um futuro.

— *Não quero que acabe como nós: sem tamanho, sem destino.*

A esperança de Luzmina não era apenas que a sobrinha ganhasse educação. Era que ganhasse vocação. E que fosse para freira que era um modo de sair não apenas daquele lugar, mas de fugir da sua própria fatalidade.

— *Veio-me visitar, Tia Luz?*

— *Venho para lhe dizer o seguinte: nestas férias não vá para Vila Longe.*

— *E porquê?*

— *Querem que você interrompa os estudos...*

— *Quem?*

— *Todos.*

A razão era simples: desde que Mwadia saíra de casa desgraças sucessivas tinham tomado conta do lar dos Rodrigues. Convocado o cushe-cusheiro [16] Lázaro Vivo, o diagnóstico fora sumário: na casa estavam morando sete demónios.

— *Sete?*

A meia voz, o compadre Lázaro confirmara. Parecia mais grave o número do que a natureza dos intrusos. Não havia dia que os maus espíritos não se manifestassem, reclamando favor atrás de favor. As pessoas tombavam doentes, caso os pedidos não fossem prontamente atendidos. No lar dos Rodrigues vivia-se apenas para sustentar a avidez dos diabos.

Luzmina esperava que a sobrinha reagisse com estrépito. Contudo, a moça exibia um sorriso doce quando indagou:

— *Querem que eu seja curandeira? Outra vez?*

— *Como outra vez?*

A sua Tia não podia saber: acontecera antes de as suas vidas se cruzarem. No dia em que Mwadia nasceu, o rio começou a inchar. As campanhas de aviso sobre a enchente eram, afinal, verdadeiras. O Zambeze fechara o seu ventre em Cahora Bassa, a albufeira começou a tomar forma, as águas atropelando paisagens, galgando horizontes, velozes como o escuro após o poente. Os habitantes foram evacuados para zonas altas. Vila Longe fora poupada: o rio Sarazi não constituiria ameaça.

Nesses dias, logo após o parto, Constança era assaltada por um constante pesadelo. Ela sonhava que tinha havido um engano nos cálculos. Afinal, o Sarazi inundava e as águas, enlouquecidas, começavam a cobrir Vila Longe. A recém-nascida Mwadia estava na igreja, no fundo do vale. Transtornada, Constança acorria para saber da sua menina. No caminho, ia cruzando com todos os habitantes que viajavam em sentido contrário, tentando atingir a parte alta da Vila. Só ela progredia em direcção ao rio. Quando chegava à igreja, o nível do rio quase atingira o telhado. Contrariando a corrente, a mãe avançava pelos

aposentos onde flutuavam imagens e os panos que cobriam o altar. Gritava por Mwadia, gritava até perder a voz. Depois, saía em prantos, na certeza de que perdera a filha. Sentava-se na margem e ali se abandonava, observando as águas serenarem.

Permanecia assim dias e dias, cada dia o rio regredindo um pouco mais, como que arrependido dos recentes excessos. Edmundo, seu marido de então, em vão a tentava demover. Ela que regressasse a casa e retomasse a vida. Constança teimou: perdera o motivo para recomeçar. Semanas tinham decorrido quando ela foi surpreendida pela inesperada visão: Mwadia emergia, aflorando viva à superfície das águas. Quando a tomou nos braços, Constança não nutria dúvida: a menina tinha sido tomada por uma divindade das águas. Mwadia passara a ter duas mães, uma da terra, outra das águas.

Não valia a pena tentarem convencê-la de que toda aquela história apenas ocorrera em fantasia. Ela é que sabia, ela que tinha sido visitada pelo sonho. Aliás, pelo rio. Cabia-lhe retirar a devida lição: a sua filha recebera o sinal da sua verdadeira vocação. Ela estava sendo convocada para lidar com os espíritos que moram no rio.

Era essa proposta que agora se renovava. Luzmina não podia decifrar o enigmático sorriso no rosto da sobrinha que seguia perguntando:

— *Curandeira, então?*

— *Foi o que mandou Lázaro, foi o que ele disse: só você pode tomar conta daqueles maus espíritos.*

Se ela regressasse naquelas férias, não teria maneira de recusar: seria enviada para a lagoa de Mbenga e se converteria numa nzuzu [17], um espírito das águas. Submergiria para o fundo do lago e ali viveria meses consecutivos sem aflorar à superfície. A declaração de Mwadia estarreceu a sua delicada Tia:

— *Era isso que, agora, eu mais queria ser: um espírito do rio.*

Ser água na água, ficar longe do mundo, mantendo-se no seu centro. E ter poderes que nasciam de nenhum confronto, coroada pela simples aceitação de um mando sem voz. Era isso o tudo que ela queria.

O desespero sobrava em Tia Luzmina. O que se passava na cabeça de Mwadia? Tantos meses num lugar de culto, e ela se apaixonava pela ideia pagã de se converter numa nzuzu? A goesa levantou-se e sacudiu a sobrinha. Ela que entendesse o verdadeiro motivo daquela congeminação: queriam afastá-la do burriqueiro Zero Madzero.

— *Tia Luzmina, regressa a Vila Longe e diga à minha mãe que eu nunca mais volto.*

Voltara, afinal. Dois anos depois, não para serviço dos espíritos mas porque a escola do Zimbabwe tinha encerrado. Regressava a tempo de reencontrar Zero Madzero e se perder em desobediente paixão de adolescente. E foram meses de entrega romântica, suores trocados nos capinzais, gemidos cruzados no silêncio da noite.

Para Constança, a sofrida mãe, o namoro nem era mal vindo. Mwadia sempre dissera que não queria ficar na Vila, recusava sujeitar-se aos poderosos locais, ao chefe do posto, ao chefe do Partido, ceder-lhes favores, deitar-se com eles. Namorar com Zero, mesmo ele sendo um imbecil, impedia que a filha escapasse para longínquas paragens. Para o padrasto era bem diferente. Jesustino simplesmente não aceitava. Nem lhe falassem de tal namoro.

Certo dia, Mwadia anunciou que estava grávida. O silêncio que se seguiu lembrava os momentos em que parecia que a casa tinha voado, perdida em nuvem incerta. Ninguém levantou o rosto para enfrentar a moça que, mais que um estado, confessava um mortal pecado.

— *Mãe?*

Dona Constança agia como se não tivesse escutado: continuou impavidamente passajando a roupa. Foi o alfaiate quem reagiu, passados os primeiros instantes de consternada apatia. Desamparado, Jesustino tinha-se afundado na cadeira, fulminado pela notícia. Ficou um momento sem se erguer, o peito brigando com o respirar e, só depois, deu ordem a

Mwadia para que se retirasse e o aguardasse fora de casa. Ele queria ter uma palavra em privado com a enteada.

Na varanda, o alfaiate espreitou a confirmar que, àquela distância, Constança nada poderia escutar. De seguida, o homem falou atabalhoadamente:

— *Devia ter-me dito primeiro, Mwadia.*

— *E porquê?*

— *Porquê? Ora, minha filha, você está grávida de mim.*

Os olhos de Mwadia abriram-se sem acerto. Ela não cabia em si e o único modo de se reencontrar foi soltar uma estrondosa gargalhada. O alfaiate, porém, permaneceu impassível. Concedeu um tempo para que a enteada acalmasse e voltou à carga:

— *Esse filho é meu. Só pode ser meu.*

— *Seu? Como é possível?*

Incrédula, Mwadia hesitava entre falar em português ou si-nyungwé. Para ela, naquele momento, toda a língua era estrangeira. A própria fala lhe era estranha e o padrasto tinha emigrado da razão.

— *Padrasto, meu padrastinho. Por favor, não fale assim comigo.*

— *Esse filho é meu.*

— *Mas nós nunca estivemos juntos.*

— *Como nunca?*

— *Pois eu vou dizer: esse filho é de Zero Madzero.*

Sombras se adensam no olhar de Jesustino. Falou entredentes, a raiva atropelando as palavras:

— *Vou matar esse filho da puta, juro por Deus que lhe vou matar.*

Fosse por ter recebido a ameaça do seu patrão, fosse pelo facto de Mwadia ter sido excomungada da família, a verdade é que Zero Madzero tomou, pela primeira vez, as rédeas de sua vida. Ele e a sua namorada saíram nesse mesmo dia de Vila Longe. O pastor já tinha escolhido destino: para lá do rio, onde nenhum lugar é de viver.

Afinal, Mwadia se enganara. Ela não chegara a engravidar. Nem daquela vez nem nunca mais. O que começou por ser um engano se

converteu numa condenação. Vezes sem conta, na sua solidão, ela lembrava as palavras de sua mãe:

— *Sem roupa, teu corpo está nu. Sem filhos, tua vida está despida.*

Na tarde em que a sua última filha partiu, Constança Rodrigues sentou-se na mesa velha da cozinha, colocou à sua frente a panela de mandioca com caril de peixe seco e comeu, comeu, comeu. Ela queria afogar a tristeza com comida, sepultar o peito no ventre, emparedar a dor em sua própria carne.

Quando o marido chegou, Constança estava tombada sobre a mesa, a boca semiaberta, incapaz de deglutir sequer um gole de saliva. Jesustino pegou nela — nessa altura, ainda era capaz de a erguer em peso — e conduziu-a para o quarto.

— *Porquê, Constancinha?*

— *Você afoga a dor no amor, eu afogo no corpo.*

A partir daí, foi no atafalhado prato que ela sufocou a atabalhoada lágrima. No princípio, até que o engordar lhe emprestara formosura. Em Vila Longe, todas as mulheres sabem: o lume vem do volume. Não há graça em pessoa magra, cheia de costela e cotovelo. Por isso, ela não reagiu mal quando as polpas lhe começaram a arredondar. Mas depois, foi acumulando gorduras que não eram dela, eram adiposidades estranhas, encomendadas. O marido desvalorizava o assunto e até fazia graça: a zebra, quando engorda, ganha mais risca?

Agora, tantos anos depois, a mãe voltava a raspar a ferida dessa ausência. À porta do quarto, enquanto se despedia, Dona Constança meneava a cabeça, regressando ao seu papel de mãe.

— *Culpa sua, fiquei assim...*

— *Mãe, por favor, estou acabando de chegar.*

Constança prosseguiu. Precisava nomear culpas e não seria o cansaço da filha que a dissuadiria.

— *Culpa sua, minha filha: com este peso como vou subir aos céus, quando morrer?*

— *Ora, a senhora vai viver muitos anos. Além disso, a mamã nem está assim tão gorda.*

— *Não é o corpo que me pesa: é a alma. A velhice é uma gordura na alma,* acrescentou Constança alisando o ventre como quem desenruga o vestido.

— *Diga-me, mamã: a senhora não é feliz?*

— *Como posso saber?*

— *A senhora é triste só por mentira, eu já a conheço muito bem.*

— *A tristeza é uma doença, a alegria é um veneno. Como escolher?*

— *Pois eu vou escolher uma coisa para si.*

Mwadia abriu o baú onde ela sabia que a mãe guardava os panos. Escolheu uma capulana laranja e um lenço vermelho e colocou-os frente ao corpo de Constança. Deu um passo atrás para estudar a beleza do conjunto. Uma ténue fulguração espreitou nos olhos de Constança. A matriarca levantou-se e correspondeu ao jogo iniciado por Mwadia. Desfilou pelo quarto, balanceando os quadris, provocante.

Mãe e filha entreolharam-se por um instante para, depois, desabarem num desamparado riso. As duas gargalharam até se cansarem. Mwadia encostou-se à mesa para recuperar fôlego: tinha descoberto uma semelhança com a sua progenitora: ambas se riam da mesma maneira, as mesmas compassadas, quase tristes, gargalhadas.

Constança mudou subitamente de semblante e, derrotada, deixou-se tombar no velho sofá.

— *Mas eu não consigo deixar de me preocupar com este meu corpo,* disse ela.

— *Ora, mãe, o padrasto gosta delas gordinhas.*

— *Não é com Jesustino que me preocupo...*

— *Preocupa-se com quem, então?*

— *Com o seu falecido pai, Edmundo Marcial Capitani.*

— *Com meu pai?*

— *Se Edmundo me visse agora, acha que ele me iria desejar?*

— *Nem respondo, mãe. Já viu se Jesustino a escutasse dizer estas coisas?*

— *Ele não tem direito de dizer nada.*

— *Como não tem?*

— *Não tem. Eu sei o que estou a dizer...*

Calaram-se, mãe e filha, alarmadas com ruídos vindos do pátio. Era o padraсто Jesustino que descarregava o jumento Mbongolo. À entrada da porta, o homem anunciou:

— *Vou carregar a Santa para dormir dentro!*

Quando segurou a estátua, o alfaiate Rodrigues cambaleou, como se uma tontura o tivesse subitamente enfraquecido.

— *Quer ajuda, padraсто?*

Não era o peso da carga que o fazia vacilar. Era um vácuo que se declarara na sua cabeça e que lhe embaciava o olhar. O goês lá se endireitou e, sempre agarrado à estátua, foi bamboleando pelo corredor até entrar no quarto de Luzmina. Regressou momentos depois para ir buscar a caixa dos manuscritos que permanecia amarrada no dorso do velho burro. O passo era ainda trôpego fazendo com que o goês parecesse mais magro do que realmente era.

— *E a sala dos livros, mãe?*

— *Nem me fale, filha. O seu padraсто está vender aquilo às folhas.*

Jesustino herdara de seu avô, Inácio da Anunciação Rodrigues, uma infindável colecção de livros. O velho Inácio tinha sido o mais zeloso e educado funcionário colonial no interior de Moçambique. Ninguém, agora, usufruía daquele tesouro. O padraсто visitava regularmente a biblioteca mas apenas para combater térmites, traças e o tempo. O que ele sentia era que os livros escondiam pegadas do passado, e que a tinta das páginas era saliva dos já extintos. Mesmo assim, apesar desse respeito

quase sagrado, forçado pelas agruras da vida, Jesustino se desfizera do compêndio de gramática de José Relvas e vendia as folhas, avulsas, uma por uma.

— *Não tenho onde cair torto*, o alfaiate dizia, para justificar os seus actos sacrílegos. E concluía: *É que isto, em Vila Longe, vai de animal a pior.*

As mulheres calaram-se quando Jesustino se encostou na parede da sala sobraçando a caixa dos manuscritos de D. Gonçalo da Silveira. Depois de limpar o rosto com um lenço, o goês inspirou fundo e anunciou:

— *Bom, com licença, vou colocar a caixa na biblioteca.*

Afastou-se, como um fantasma se extinguindo no corredor. Passado um tempo, o ruído dos passos cessou. Na cozinha, as mulheres sentiram o cheiro de incenso e escutaram uma porta fechando.

— *Jesustino já se deitou. Continua sempre assim: nunca se despede, nunca dá as boas-noites.*

As queixas de Constança não eram novas. Jesustino Rodrigues mantinha aquele ar de ter sido feliz apenas antes de nascer. Mwadia recorda-se da lamentação da mãe, tão antiga quanto o tempo:

— *Este meu homem sempre teve pouca natureza.*

Quando a irmã Luzmina faleceu, o goês tentara o suicídio. Depois, fechou a alfaiataria e dedicou-se à bebida. Era um outro modo, mais lento, de morrer. Durante anos, diariamente se embriagou. E foi assim até o fígado não mais lhe caber no ventre. Acabou deixando o álcool como quem é abandonado por uma amante: magoado por uma ferida que só cicatriza por fora.

— *Deixemos isso, mãe, falemos de coisas novas. Ouvi dizer que vão chegar uns americanos...*

— *Não se fala de outra coisa. Até o Tio Casuarino saiu lá da cidade e esteve aqui a semana passada. É ele que está a organizar a viagem desses estrangeiros...*

Ambas sacudiram a cabeça: vindo de Chico Casuarino, o assunto trazia água no bico. Empresário duvidoso de ainda mais duvidoso sucesso, o tio escrevia torto onde não havia linhas. Mwadia relevou: ao menos, algo iria acontecer em Vila Longe. Constança cortou-lhe o entusiasmo.

— *É estranho, mas não vejo com bom pensamento a chegada desses estrangeiros.*

— *Porquê, mãe?*

— *Não sei, filha, mas tenho tão maus pressentimentos!*

E fez-se silêncio. Constança ficou olhando Mwadia, exercendo esse poder que as mães possuem de adivinhar o coração dos seus filhos.

— *Quando saiu daqui estava grávida. Esse bebé, eu já sei, nunca lhe chegou a sair da barriga...*

— *Na verdade, nunca chegou sequer a entrar.*

A filha inventara estar grávida? Ou o seu ventre negara morada para um novo habitante? Nunca a mãe viria a saber a verdade. Esgravatar nesse assunto era raspar uma ferida: aquela criança que não nascera tinha a idade dos mortos.

— *Me diga, você, minha filha, vai continuar nesse lugar que não existe?*

— *Antigamente é o meu lugar.*

— *O seu lugar é este.*

— *Não quero discutir, acabei de chegar.*

— *Sabe o que eu ouvi dizer? Jura que não se vai zangar...*

— *Fale, mamã. Não me zango.*

— *Pois escutei que o seu marido já tinha morrido.*

Mwadia estreitou os olhos como se espreitasse o infinito. Era o seu modo de evitar resposta. Dona Constança insistiu:

— *Morreu ou não?*

— *É tudo mentira.*

A mãe não era a única pessoa que insistia que Zero já se havia retirado da Vida. A versão era a seguinte: o burriqueiro morrera há uns dois anos quando pisou uma mina. Era noite e ele pastava os burros junto ao rio Nkadzi. O eco da explosão chegou a Vila Longe. Quando acorreram não restava nada que desse conta da identidade da vítima. Havia uma bota que se sabia pertencer ao burriqueiro. E mais nada. Ninguém teve coragem para dar a notícia a Mwadia. A verdade é que ninguém possuía a certeza de que se tratava de Zero Madzero. Ou mesmo se houvera vítima alguma. Na Vila, porém, os rumores já tinham emitido a confirmação do óbito.

— *É o que eu digo, filha, você está casada com um fantasma.*

— *E a mãe? Por acaso, o seu homem é menos fantasma que o meu Zero?*

— *Você prometeu que não se ia zangar.*

— *Eu já não me zango, só fico triste.*

— *Eu conheço-lhe bem, minha filha, quando você começa agredindo os outros...*

— *Mãe, pense o seguinte: Zero trata de mim como nunca ninguém cuidou. Que importa se ele está vivo ou morto?*

Dona Constança não respondeu. Parecia que se ia levantar mas apenas mudava de posição, para não cansar a cadeira. Depois, num tom doce, voltou à carga:

— *Esse Zero Madzero está fugir de alguma coisa?*

— *Deixe-me, mãe. Não quero falar disso, não vê?*

— *Pode-me contar, filha, eu sou o fundo do poço. Diga-me: por que motivo esse burriqueiro saiu daqui, sem explicar nada?*

— *A mãe já amou alguém?*

— *Que pergunta é essa?*

— *Eu estou aqui, em Vila Longe, por amor de Zero. Para o salvar.*

— *Salvar é uma grande palavra. E amor é uma palavra ainda maior.*

Grandes palavras escondem grandes enganar.

— *Zero está ameaçado por um ngozi, mãe.*

— *Ameaçado? E a velha mãe não foi capaz de esconder o riso. Como pode Zero estar ameaçado, se ele próprio é um ngozi?!*

— *Se eu não encontrar um lugar sagrado para guardar a Santa, o meu marido morre. Amanhã mesmo vou à igreja.*

Constança espreitou o rosto da filha. Não havia reacção, um sinal mínimo que ela pudesse captar. A mão de Constança ainda esboçou a carícia. Mas logo se arrependeu, fingindo estar apenas colectando uma poeira na capulana de Mwadia.

— *Lembra, filha, que eu lhe dizia que a igreja é onde nós guardamos um sossego? Você era menina, não lembra?*

— *Assim que acordar, a primeira coisa que tenho a fazer é ir à igreja para guardar lá a Santa.*

— *À igreja? Você, no caminho, não passou por lá?*

— *O que é que tem?*

— *Você verá com seus olhos.*

Sem peso se sentiu Mwadia quando desabou na cama de sua Tia e chorou em flagrante violação do prescrito no antigo lar. Chorou, como se fosse um modo de cantar. Até que, já cansada, chegou-se ao espelho e passou os dedos pelo rosto. Sentia-se leve como se a desobediência lhe tivesse roubado peso. Dizia a Tia Luzmina: as pálpebras são o pano do esquecimento.

No espelho, à luz da lamparina, viu duas silhuetas como garças negras lhe pousarem nos ombros. Foram ganhando forma e Mwadia sussurrou:

— *Zero, meu marido, suas mãos ainda estão tão quentes!*

Todas as noites o seu homem a ajudava a despir-se. Houvesse ou não namoro, ela não adormecia sem esse ritual. Como se as mãos dele, mais do que se tocassem em roupa, lhe abrissem a porta do sono.

Desta vez, porém, não eram as mãos de Zero Madzero. Estreitou os olhos para fixar o vulto que dançava ao sabor das chamas do xipefo [18].

De repente, faltou-lhe a alma e gritou:

— *Tia Luzmina?*

Não são os mortos que ressuscitam, são os vivos. De todo o modo, não podia ser a Tia, ausente em parte mais que certa. Em Vila Longe, todavia, só o impossível é natural, só o sobrenatural é credível. Por isso, Mwadia ganhou coragem e falou:

— *Tia, voltou? Pensei que tinha morrido.*

— *As duas coisas são verdade: eu voltei para morrer. Para morrer junto com vocês.*

Mwadia estranhou: a Tia não dizia que vinha morrer junto deles. Ela repetia, sim: que morreria junto com eles. O mau agoiro a fez estremecer. Quando, de novo, contemplou Luzmina ela entendeu: a Tia estava doente, muito doente. Sofria da doença da magreza, toda a carne dela emigrara. Emagrecera tanto que os olhos eram o rosto inteiro, sem mais moldura. A caveira viva.

Acendeu a lamparina. Não havia ninguém no quarto. Nem alma viva nem morta. Voltou a recostar-se, recordando-se menina escutando as palavras de sua mãe: *à noite, quando fechamos os olhos, a casa nos devora*. Mwadia deixou-se devorar, vencida. Lá fora tinha começado a chover.

Na manhã seguinte, Mwadia foi a última a levantar-se. Espreitou o quintal: a chuva não tinha abrandado. O burro Mbongolo se abrigara por baixo da mangueira. A moça sabia que não podia perder tempo: cruzou o pátio para ir tratar do animal. Não demorou que Jesustino Rodrigues acesse para ajudar a enteada.

— *Onde está a mamã?*

— *Sua mãe foi passear as fotos. Já me culpou, esta manhã...*

— *Culpou-o de quê?*

— *De estar chovendo, de não ter fechado as janelas, disse o alfaiate, olhando para alto a catar apoio nos céus. Mas já estou habituado a ser o bode respiratório...*

Estivesse ou não estivesse chovendo, todos os domingos Constança retirava as molduras da parede e conduzia as imagens dos falecidos a passear pela vila. Se alguém a questionasse sobre a inusitada procissão, ela ripostava:

— *Não é de flores que os mortos necessitam. Carecem é de companhia.*

O costume, pelos vistos, se mantinha. Mwadia sorriu como se fosse um caso perdido e o padraço partilhou do sentimento, encolhendo os ombros. Ambos escorriam, encharcados, as vestes coladas ao corpo. Foi o alfaiate quem, solícito, se ofereceu:

— *Eu vou consigo à igreja.*

— *Não. Eu vou só.*

Mwadia fez tenção de se afastar, mas os pés não se chegaram a mover. Uma impressão primeira lhe tinha ficado quando, na noite anterior, enfrentou o olhar do padraço. Agora, essa sensação se confirmava. Jesustino Rodrigues tinha os olhos claros, deslavados, quase azuis.

— *Seus olhos, padraço...*

— *Estou mudando de raça, estou cansado de ser caneco [\[19\]](#)...*

— *Diga a verdade, o senhor está doente?*

— *Os olhos são o espelho da alma, não é o que dizem? Pois eu já quase não tenho alma.*

Qualquer coisa desmoronou na alma de Mwadia quando entrou no recinto da igreja. O edifício estava em ruínas. Não havia telhado, janelas, portas. Restavam paredes sujas. Todos necessitamos certezas que não se esbatem, lugares incólumes à voragem do tempo. Mwadia perdia agora um desses pilares sagrados. Quando tivera o templo, ela não rezara.

Agora que queria rezar, lhe faltava o templo. Não, não seria na igreja de Vila Longe que a imagem de Nossa Senhora podia ganhar um nicho seguro.

Mwadia afastou-se das ruínas e dirigiu-se para o cemitério, bem ao lado da igrejinha. Mal entrou no recinto, a moça se arrependeu. A destruição do cemitério começara ainda no tempo em que ela vivia na Vila. Agora, porém, o lugar estava um completo destroço, as sepulturas tinham sido assaltadas, porcos selvagens chafurdavam entre as campas e corvos catavam por entre a areia revolvida.

Mwadia foi primeiro à campa de Luzmina. Restava uma simples cruz e o nome gravado mal se lia. Ali ela se ajoelhou, mas, quando pretendeu rezar, percebeu que não o sabia fazer. E lhe veio uma saudade de Deus. Saudade de entrar num domingo e acreditar que ninguém morria porque era dia santo. Pudesse ela reentrar nesse encantamento que experimentara na inauguração da primeira capela.

Fez o sinal da cruz, reergueu-se e dirigiu-se à campa de seu pai, Edmundo Capitani. Já não voltou a ajoelhar-se. Sentou-se. Um corvo volteou sobre a sua cabeça. Sentiu uma culpa pesando-lhe no peito. Todos aqueles anos e ela não mais recordara o seu progenitor, esse que ela chamava o «primeiro pai».

— *Como podemos tanto esquecer?*

Fechou os olhos, deitou-se no chão, os dedos penetraram na areia solta. Depois, entreabriu os olhos, enfrentou o céu. A luminosidade lhe dava conforto: era tanta a luz, que ela deixava de ver. Assim ofuscada, Mwadia viu o seu velho pai desembarcar num cais enevoado, os pés molhados escorregando sobre as tábuas de madeira. Vinha todo fardado e, por um instante, o brilho das medalhas a fez ficar cega.

Se alguém foi soldado neste mundo, esse alguém foi Edmundo Esplendor Marcial Capitani. Servira no exército colonial, com a devoção

de um bicho domesticado. Depois da Independência, manteve intacta essa lealdade à causa antinacionalista. Vieram os dos comités revolucionários e ameaçaram-no de prisão. Mas Edmundo recusava mudar: a mesma farda, a mesma postura do passado. O barbeiro Arcanjo, revolucionário de gema, usou até de intimidação pessoal. Tudo em vão.

Constança resignou-se ante a evidência: o marido enlouquecera, os comandos coloniais de Nampula tinham varrido o miolo do seu Edmundo. Repetidamente, o homem insistia:

— *Você nunca vai entender, mulher: eu venho dos Achikundas, o meu sangue está sujo de pólvora.*

Era nestes momentos que Constança recordava com amargura os conselhos dos seus mais-velhos. A família a instruíra: ela deveria desposar um funcionário dos caminhos-de-ferro. Marido seguro, com futuro estável como um carril, só poderia ser um ferroviário.

— *Case com um deles e você passeará aos domingos pela praça como fazem os brancos.*

Constança pagara caro essa desobediência. Primeiro, durante a guerra colonial, aguardando que seu homem chegasse vivo dos campos de batalha. Depois, já com ele em casa, esperando que o marido se desembrulhasse do nevoeiro em que se perdera.

Todo aquele tormento parecia terminar, no dia da comemoração do quinto aniversário da independência nacional. Como sempre, Edmundo Esplendor recusara aderir aos festejos, cobrindo a janela com cortinados escuros. Dessa vez, porém, Vila Longe seria surpreendida por um inusitado facto: a chegada de um grupo de ex-soldados portugueses que haviam combatido no mesmo pelotão de Edmundo. Vinham cumprimentá-lo. Capitani ergueu-se e desenhou uma saudação militar, corpo ríspido, braço em arco, olhar preso no infinito. Os portugueses riram-se e abraçaram-no, estragando-lhe a pose. Edmundo Esplendor aguardava a celebração dos seus feitos heróicos, mas os portugueses apenas recordavam os detalhes risíveis, as pequenas anedotas sem garbo nem glória.

Constança admirou-se quando, no final, o marido se deixou abraçar por cada um dos visitantes, sem resistir nem esboçar uma continência. O ex-soldado Capitani ficou na varanda contemplando os portugueses afastarem-se para depois, comovido, lhes gritar:

— *Agora podem ir. A partir de hoje, esta é a minha terra.*

Constança suspirou de alívio. Durou pouco, todavia, a aparente lucidez. Logo a seguir, o homem voltou a sofrer de uma recaída, retornando às suas paranóicas fixações. Nos últimos tempos, ele deixara de sair de casa. Ouvira dizer que o general Kaúlza de Arriaga mandara um mensageiro e, quem sabe, este seria portador de uma promoção extemporânea, uma tardia medalha. Bem tardia, de facto: o colonialismo morreria pouco tempo depois de nascer a sua filha Mwadia.

A menina cresceu estranhando o facto de o pai não arredar o pé de casa. Pensou que fosse de ser velho, muito velho. Aflita, lhe perguntava repetidamente a idade. E lhe pedia sucessivas contabilidades: quando ela tivesse a actual idade dele, que idade teria ele então? Edmundo contava pelos dedos e, após intrincados cálculos, respondia:

— *Nesse dia teremos a mesma idade.*

Aquela filha era, para ele, um ser estranho. Nascera e crescera enquanto ele estava na guerra. Depois de regressar, era demasiado tarde para se parentear. Agora, a sua única intenção era a medalha de gloriosos serviços. As poucas vezes que chamou por Mwadia foi para a incumbir de uma missão:

— *Vá aos correios e pergunte a Zeca Matambira. Estou à espera de encomenda.*

Morreu enquanto aguardava essa promoção, sentado na varanda cercada de buganvílias. Cabeceou pela última vez, impecavelmente fardado, a boina descaída sobre a testa. Terminara a longa espera de Edmundo Esplendor Marcial Capitani, fiel capitão do exército português. Nunca ele viria a ter a mesma idade de sua filha Mwadia.

Cada mulher sente o sofrimento de todas as mulheres. No momento em que descobriu o corpo sem vida do marido, Dona Constança quis sentir essa carga infinita de tristeza. Mas não foi capaz. O que ela sentiu, em vez disso, foi um fundo alívio. Edmundo Capitani, pai de todas suas filhas, recebera a sua última medalha. Chovia intensamente, as tábuas da varanda respingavam e soavam como teclas de marimba. Constança arrastou o cadáver pelos pés até ao interior de sua residência. Morre-se em casa, é o que mandam as regras. Na cozinha, deitou o marido sobre a mesa, despiu-lhe a velha farda e limpou-lhe o corpo. Aos poucos se deixou tomar pelo sentimento, quase cedendo à vontade de o beijar. Mas emendou-se. Valesse o passado, feridas mais antigas que a sua nascença. Se em vida nunca trocaram carinho por que o fazia agora? Foi ao quarto buscar um perfume antigo para espalhar sobre o inanimado Edmundo Esplendor.

Quando regressou, notou que não lhe limpara bem o rosto. Gotas — pareciam de chuva — escorriam em sua pele. Limpou-as com um pano novo. Mas logo, segundos depois, novas gotas escorriam. Mão trémula, voltou a enxugar aquela aguinha teimosa. E eis que, uma vez mais, retornava a extemporânea transpiração. Foi então que lhe veio o baque: aquelas gotículas eram lágrimas. O morto chorava lágrimas de viva tristeza. Constança foi sacudida por tremores. O que sucedia? O marido sofria de culpas póstumas, arrependido de suas maldades? Se convertia, depois de morto, naquele que ela sempre sonhara?

A lembrança do funeral de seu pai nunca abandonou Mwadia. Era uma tarde cor de chumbo e o peso das nuvens cinzentas asfixiava o peito das dezenas de familiares. A mãe Constança preservava o seu ar de quem não será nunca surpreendida pela tristeza. Rapidamente, a casa se encheu de choros, murmúrios e cheiros de comidas. As irmãs mais velhas ajudaram a organizar o velório, preparando as chamuças e as badjias [20], servindo

o doce de coco e o xarope de rosas. Só no final da cerimónia Mwadia foi autorizada a entrar na grande sala.

Quando viu o caixão jazendo sobre a mesa de jantar, a pequena Mwadia imaginou como se estenderia o seu pai no leito definitivo. Envergaria, por certo, a sua mais imaculada farda militar, juntamente com as medalhas verdadeiras e falsas que acumulara em vida. As botas impecavelmente engraxadas apontariam o tecto em acusação silenciosa de um militar contra as maneiras efeminadas do mundo civil.

Mwadia era de tenra idade, a última dos parentes a prestar homenagem perante o caixão descoberto. Fez-se silêncio na sala e todos os presentes seguiram os seus pequeninos passos rumo à última visão de seu pai. E era como se ela, irreversível, se encaminhasse para um abismo.

Em bicos de pés a moça espreitou o féretro. E logo deu dois passos atrás, como se uma invisível mão a tivesse violentamente empurrado. Mwadia não cabia em si: seu pai, o garboso capitão colonial, jazia trajando um vestido de mulher, lábios pintados, um lenço lhe ajeitando a cabeça. Que brincadeira era aquela, que desrespeito conduzira àquela mascarada? A mãe entendeu as dilacerantes dúvidas de sua filha e se ajoelhou à sua frente para a fitar, olhos nos olhos, enquanto lhe falava:

— *Esta era a vontade de seu pai, ele deixou tudo escrito!*

No testamento, Edmundo Marcial Capitani dera as claras instruções, indicando mesmo o exacto vestido de flores estampadas que queria exhibir, os sapatos vermelhos, o lenço a condizer.

Mwadia nunca tinha visto um cadáver. Sentou-se e ficou a contemplar o rosto do falecido. O seu espanto detinha-se em tudo: unhas, cabelos, as proeminências dos ossos, tudo isso de que, afinal, são feitos os mortos. Só depois notou. O pai desbotara, estava quase branco. E se admirou: afinal, morto transita de raça?

— *Mamã: o pai já não é preto?*

Dona Constança nem se dignou responder. Instalou-se na cadeira em frente e puxou a filha pelo braço, em silenciosa mas vigorosa reprimenda.

— *Você não tem idade, Mwadia. Você não tem idade...*

Tinha a idade para ser órfã. Mas não para chorar o pai. A mãe arrastou-a pelo corredor e ordenou que se retirasse das restantes cerimónias. Pela primeira vez, Mwadia sentiu o peso de ter alma. Custava-lhe andar. Pesava-lhe tudo, unhas, cabelos, ossos. Não os dela. Mas os do morto. Desse falecido que nascera como homem e se despedia como mulher. Uma mulher quase branca.

Na altura do funeral, Dona Constança possuía ainda a altivez da idade. À saída da missa, naquela mesma igreja que Mwadia agora revisitava, a viúva olhou em redor como se tudo fosse chão, esse mesmo chão que engolia o corpo do seu marido.

Ao regressar do funeral, porém, Constança tomou a inesperada decisão. Ela decidira ficar instantaneamente velha. Com força de um desejo vital, a recém-viúva convocou a imediata ruga, o pronto branquear do cabelo. Não há como a velhice para espantar o rodopio de pretendentes. E ela queria um ponto mais que final no capítulo de homens partilhando o seu leito.

— *Não quero esperar pelo tempo. Quero envelhecer agora.*

E foi assim que Dona Constança se pôs a adquirir idades como quem, para espantar o ócio, faz colecção de ninharias. O vizinho, o caneco Jesustino Rodrigues, foi então que ele compareceu na vida de Constança Malunga. Trazia-lhe todas as tardes uma chávena de chá mbalakate.

— *Eis o seu remédio*, sussurrava com gentileza de um empregado de hotel.

— *Não vale a pena, vizinho. Não se gaste comigo.*

— *Este remédio é para o senhora ter uma vida melhor.*

Constança não sabia dizer, mas o que ela queria não era um remédio. Era uma pausa na existência. Afinal, ela se sentia bem naquela doença: no fundo da sua alma, voltava a sentir-se como uma criança que escuta

passos no corredor. A viúva voltava a sentir a espera, esse desejo tão amortecido pelo findo casamento.

— *Mas a senhora*, dizia Jesustino, com rompantes de poeta, *a senhora pode desfrutar de uma outra vida.*

Uma vida onde a morte estivesse imóvel, apagada. Uma vida para sempre. Um advérbio sem tempo, um verbo inconjugável. Riso tímido, Constança se sentia lisonjeada:

— *Não o sabia tão palavroso, vizinho.*

— *Eu estou é como o javali: ajoelho, mas não rezo...*

Um mês depois do funeral, Jesustino Rodrigues convocou a vizinha enviando-lhe um envelope perfumado contendo um convite para comparecer em sua residência e degustar um café vindo de Goa. Dona Constança optou pela cautela: ordenou que Mwadia a acompanhasse. Ela era viúva, não visitava homens. E sendo mulher, não bebia café.

Quedou-se pela varanda, recusando entrar e apressando-se a anunciar que se ficaria por um chá. Ocupou a cadeira que o goês lhe ofereceu. Ordenou a sua filha Mwadia que permanecesse pelo jardim e se entretencesse com flores e sombras. E sobraram os dois, em silêncio, olhando o rio.

— *Não deixe o chá adormecer, Dona Constança.*

Com mão tremente ela fez subir a chávena e aspirou os fumos antes de bebericar. O perfume que lhe chegava era o da taça de café de que se servia o alfaiate. Inspirou o aroma interdito e fechou os olhos para suportar a vergonha daquela transgressão.

— *A senhora sabe, cara vizinha, que eu também estou bastante viúvo*, começou Jesustino, preservando o tom fleumático. *Aliás, não é só a nós que falta companhia. Aqui até a vida é viúva...*

Também ele, em tempos, perdera a vontade de recomeçar. E pensara que a sua sombra já andava pelo chão a farejar caminhos para ser terra. A

vizinha começava a deixar-se inebriar pelas palavras do vizinho, palavras que ela jamais suspeitara existirem. Perturbavam como se fossem aroma de um outro café, uma interdita bebida de que apenas suspeitava a existência.

— *Lhe digo, Dona Constança, a viuvez é um território ocupado por abutres...*

Constança franziu a testa. Receava estar a entender. O goês falava do assalto aos bens por parte da família do falecido. A viúva sabia quanto isso custava. Na verdade, sofrera tanto com o assalto dos Capitanis que lhe passara pela cabeça sair dali. Sair de Longe para muito longe.

O caneco percebeu que a mente da visitante escapava por desconhecidos devaneios e resolveu intervir: tossiu e ergueu um braço, deixando um gesto suspenso:

— *Tem que ter cuidado. É que há aí uns brancos...*

— *Uns brancos?*

— *Falo dos cabelos, Constança.*

— *Ah...*

Com um borboletear de dedos, ele garimpeirou a cabeleira de Constança. Era como se catasse umas folhinhas de acácia pousadas na cabeça dela.

— *Devia, cara vizinha, devia passar uma pintura nesses cabelos.*

Sob o manto da tristeza, surgiu um breve sorriso no rosto de Constança. Prontamente, ela encobriu a boca com a mão. Timidez de viúva ou razão de uma falha nos dentes frontais?

— *Viu, a senhora até sorriu?!*

E foi o que sucedeu: ambos sorriram, primeiro disfarçadamente e, depois, já em riso aberto. Ela ganhou coragem e perguntou:

— *E o senhor, vizinho, tem vontade de viver?*

— *Viver? Não me interessa viver, vizinha. Só quero é amar.*

Pelo modo como Constança pousou a chávena, o goês percebeu que tinha ido longe de mais. A palavra «amar» tinha escapado no calor da retórica. Era tarde para emendar: a vizinha espreitava para além do muro

do quintal e apressadamente chamava pela filha Mwadia. A moça, contudo, não se encontrava nas redondezas. Jesustino ergueu-se e prontificou-se a procurar a moça. Gritou pelo empregado doméstico. Chamava-se Zero Madzero e era quem cuidava dos cabritos. O jovem, de pronto, se apresentou. Mwadia surgiu por detrás do pastor. Vinham do poço, onde fazia sempre sombra.

As despedidas foram sumárias. No caminho para casa, Constança seguia à frente e, pelo passo célere, Mwadia sentiu a contida fúria de sua mãe.

— *O que fazia com esse muana [21].?*

— *Conversava. Ele me contou boas histórias.*

— *Pois não irá conversar mais. Aprenda a desconfiar de homens que contam boas histórias.*

Mwadia era a mais acatadora das filhas. Aquela ordem da mãe, porém, lhe trouxe o primeiro gosto da desobediência. Ela voltaria a visitar Zero Madzero. E lhe pediria que ele desfiasse mais relatos do seu povo, os Achikundas, esses que falam com os elefantes antes de os matarem e que se ajoelham junto ao rio para receberem notícias das tempestades. E que faziam Zero estremecer de orgulho porque descendia de guerreiros que lançavam azagaias contra os céus sempre que não chovesse.

Capítulo seis

Baptismos e amputações

Oceano Índico, Janeiro de 1560

«Baptizar» vem da palavra grega imergir, submergir ou afundar. Por exemplo, quando os gregos tingiam um tecido com uma coloração diferente, eles «baptizavam» o tecido com um corante. Isto quer dizer que Deus nos submerge pelo Espírito Santo — ficamos plenos do Santo Espírito, completamente saturados por Ele de modo a podermos começar a ser conformados à imagem de Jesus Cristo. O simbolismo do batismo da água é o da morte (sepultada na água) e da ressurreição (emergidos da água); Cristo cobre e lava pelo seu sacrifício todos os pecados do crente.»

(James Henderson, Le Baptême par Le Saint-Esprit)

Que importa hoje o antigo costume de decorar a proa dos navios com estátuas de deusas e que importa a mágica ligação dos marinheiros com os seus barcos com frequência comparados a uma esposa, a uma mãe, a uma amante?»

(Dany-Robert Dufour, A Arte de Reduzir Cabeças)

— *Nem pensar!*

Nsundi reiterava, enfático, a negação. Dia Kumari pedia-lhe fogo, um lumezito que lhe abrisse caminho por entre os meandros do convés. Todavia, a guarda do fogão — assim chamavam à fogueira acesa junto ao mastro — era tarefa de máxima segurança. O simples facto de a indiana se aproximar do fogareiro colocava em risco a confiança que Nimi Nsundi conquistara ao longo de anos.

— *Uma simples vela*, suplicava a indiana.

— *Nem pensar...*

A mulher enroscou-se como um pangolim [22] e permaneceu calada, coberta pelo sari vermelho. O estremecer da curva dos ombros denunciou-a: ela chorava. O ativo ajudante de meirinho, perturbado, quis saber da razão de tal tristeza. A indiana, subitamente, confessou:

— *Eu não tenho corpo.*

Nsundi estremeceu. Aprendera desde menino que o mundo é uma termiteira: o que está oculto, entre as demais construções, é sempre a casa da rainha. A indiana voltou a falar:

— *Sou feita de chamas.*

Dia Kumari revelou: há dois anos atrás ela enviudara. Como de todas as viúvas na Índia esperava-se dela um luto breve: atirada às chamas, como recurso último para se purificar. Ao contrário das outras condenadas, Dia não contrariou a sentença: voluntariosa, ela acendeu a fogueira por sua própria mão e se ofereceu ao abraço das chamas. O que a seguir ocorreu não apenas a salvou da morte como lhe abriu uma vida nova: as labaredas não a consumiram e, incólume, ela atravessou o fogo. Familiares e vizinhos acreditaram que estivesse tomada pelos espíritos e

afastaram-na de casa e do convívio da aldeia. A exclusão conduziu-a, depois, à escravatura. Nem notou demasiada diferença. No mundo a que pertencia, ser esposa é um outro modo de ser escrava. As viúvas apenas acrescentam solidão à servidão.

— *Sou feita de chamas, entende?*

— *Você é que tem que entender: eu não posso dar-lhe lume.*

A indiana, resignada, fez menção de se retirar. Nsundi reparou na leveza do seu gesto, no ondear gracioso do seu passo. A mulher podia não ser feita de fogo, mas movia-se como uma labareda por entre o breu.

— *Espere, espere! Quero dar-lhe uma coisa.*

Nimi Nsundi passou para as mãos de Dia um pequeno saco cheio de terra. A mulher não sabia se devia agradecer. Sem saber o que fazer, ela foi desfolhando nos dedos um torrão de areia. Depois, quase sorriu:

— *Essa areiazinha é para apagar o meu fogo?*

— *Sabe de onde é essa areia?*, perguntou o mainato.

— *De onde é?*

— *Do lugar onde você nasceu. Apanhei essa areia na praia de Goa.*

Fique com isso...

— *Para quê?*

Apoiado na base do mastro, o escravo retirou do saco uma mão cheia de terra. Levantou os braços e cobriu-os de areia branca, em contraste com a pele negra. Era como se uma outra pele, mais branca que a dos brancos, cobrisse não apenas o seu corpo, mas toda a sua alma.

— *Faça isso, também você, Dia...*

— *Aqui? Tenho vergonha.*

— *Ninguém a vê.*

— *Vejo-me eu.*

— *De qualquer modo, disse o escravo, esse saco é seu, essa areia guarda pegadas antigas dos seus mais-velhos...*

Essa era a tradição dos escravos: dava sorte navegar levando sacos com terra. Os que embarcavam nas naus — os anamadzi, os da água, como lhe chamavam — obedeciam a esse preceito. Quem não levasse

consigo, numa bolsa de couro, uns torrões da sua terra natal corria o risco de se perder para sempre entre as névoas do mar.

Nimi Nsundi ia espalhando o pó baldio, esfregando a areia sobre os ombros. Era assim que se lavava: com terra, em pleno mar.

— *Um dia, disse o escravo, voltarei a lavar-me com as areias brancas do rio Congo.*

Dia Kumari despediu-se. Era a hora de acompanhar a patroa, Dona Filipa, na mais estranha visitação: a portuguesa ia acariciar o elefante.



No cais de Goa, entre caixotes, barris e contentores figurava uma jaula com um elefante. Era um jovem exemplar que, juntamente com o tratador indiano, seguia como presente para a corte de Lisboa. Logo que viu o animal, Dona Filipa avançou entre o burburinho do porto e demorou-se junto à grade de ferro a contemplar o paquiderme. Foi preciso que o capitão da nau a chamasse à realidade e a instasse a embarcar.

Dona Filipa Caiado ficou alojada no camarote da proa, protegida dos olhares indiscretos dos marinheiros. Ela encerrou-se no quarto e dali não saiu senão no sexto dia quando anunciou à aia Dia Kumari:

— *Quero ir ver o elefante!*

Sem que pudesse ser detida, a fidalga tomou caminho entre o emaranhado das bagagens, rodopiou em redor da gaiola do mamífero e perguntou ao tratador:

— *Posso tocar nele?*

O indiano não entendeu. Antes que Dia traduzisse, a pálida dama intrometeu o braço por entre as grades e acariciou o lombo do bicho. E assim ficou, por um tempo, tocando a grosseira pele do inusitado prisioneiro. Ao lado de Filipa, a aia não arredava pé. A voz tremia-lhe quando apressou a patroa a regressar ao camarote:

— *Agora vamos, senhora. O animal já está sossegado.*

— *Você não entende, Dia. O bicho é que me está a sossegar a mim.*

Aquela não seria a última vez que Dona Filipa Caiado se dirigiria à jaula do monstro e permaneceria horas sentada com o braço estendido, sendo ela mesmo afagada pelo carinho que destinava. Certa vez, confessou:

— *Neste barco, não encontro alma mais humana que eu possa tocar.*



Na noite seguinte, Nsundi estranhou a presença da escrava indiana. A mulher estava irreconhecível: acabrunhada, rondando o mastro da mezena com passos de velha. A graciosidade tinha dado lugar a um pesado arrastar de corpo. *Estou doente*, anunciou. Não sofria de febres. Ao contrário, ela sentia frio, confirmando a urgente carência de seu corpo se alimentar de fogo.

— *Dona Filipa não a levou ao boticário Fernandes?*

Sim, ela tinha sido conduzida ao físico de bordo, o goês Acácio Fernandes, para que lhe fossem aplicadas ventosas e ela fosse devidamente sangrada. No camarote do boticário, aguardara que Fernandes saísse de uma estranha sonolência. O goês era um homem multiplamente consumido: pelo álcool, pela tristeza, pelo passado que demorava a passar. E sofria de tiques: cheirava constantemente os seus próprios dedos. Ao princípio, poder-se-ia pensar que a razão desse ritual fosse uma preocupação de asseio. Mas não. O médico cheirava-se para confirmar se ele mesmo não estaria apodrecendo, atacado pela silenciosa peste que contaminava não apenas o navio mas toda a viagem. Nos barcos surgiam enfermidades que nunca ninguém antes sofrera. Doenças que pediam remédios que nem Deus nunca havia pensado. Como dizia Fernandes: sofria-se de castigos pela ousadia de navegar para além do horizonte, fazendo destino onde os céus se separam da terra.

Na meia hora seguinte, a indiana ficou escutando os amargos lamentos do indo-português. Queixava-se ele que proliferavam falsos barbeiros na nau, sanguessugando tripulantes em troca de dinheiro. Bastava uns dias

de mar para que a procura de sangria eclodisse como doença contagiosa. Os únicos que não recorriam ao barbeiro cirurgião eram os escravos. Eles sangravam o bastante quando, na paragem nas docas dos portos, limpavam o casco do navio, libertando-o das lapas e das cracas.

†

— *Ao fim ao cabo: foi sangrada ou não?*, voltou a perguntar Nimi Nsundi.

— *Não, não fui. Não esqueça que também sou uma escrava.*

— *Deixe estar: rezarei por si à Virgem.*

O rosto da indiana tornou-se subitamente severo. Parecia que a moléstia já não a quebrantava, tal era o vigor da palavra:

— *É isso que não posso aceitar em si: você se ajoelha como um cachorro perante os deuses dos brancos.*

— *Cuidado, Dia Kumari. Para a gente do porão, você também é branca.*

— *Ao menos eu não me esqueci dos meus deuses...*

Não era a primeira vez que a aia o atacava por causa da devoção que ele demonstrava pelas imagens dos portugueses. Para Dia essa promiscuidade religiosa era intolerável. Desta vez, porém, os argumentos da indiana roçavam o furor.

— *Porquê tanta raiva, ainda por cima estando doente?*, inquiriu Nimi.

— *Você sabe muito pouco, sabe de cordas, sabe de português. Mas de resto não sabe...*

— *Diga-me, então. O que não sei que lhe causa tanta raiva?*

— *Pois eu lhe digo: o meu marido foi assassinado pelos portugueses. Quem o matou benzeu-se e ajoelhou-se perante a Virgem.*

Quando terminou a revelação, Dia tinha a garganta afogada de tristeza. Sobrou-lhe fôlego para vociferar:

— *Você não passa de um firngi!*

— *Não entendi?!*

— *Da próxima vez, não aprenda só a língua dos brancos.*

O escravo Nsundi permaneceu calado. Com a pá de metal revirou o fogo vezes seguidas. De debaixo do assento retirou uma vela e acendeu-a na fogueira. Depois, meteu a vela numa lata cravejada de pequenos buracos e, antes de a entregar nas mãos de Dia, fechou a lanterna com um cadeado.

— *Este fogo será o seu remédio,* disse.

Ela limpou os olhos e olhou-o surpresa. A lanterna esburacada conferia ao escravo um picotado luminoso, roubando-lhe contorno humano.

— *Não posso aceitar,* disse Dia.

— *Aceite. Entrego esta luz como um pedido de desculpa.*

— *Não posso, você pode ser castigado.*

— *Prefiro o castigo do capitão a este que me está infligindo agora.*

Dia Kumari estendeu os braços e fez pender a lanterna frente ao rosto. Parecia que um outro céu estrelado se inventava por baixo do firmamento.

— *O que é que me chamou há pouco?*, perguntou o escravo.

— *Chamei-lhe de firngi. E é o que você é...*

— *Explique-se.*

— *Um português, um firngi, é assim que se diz na minha língua.*

O ajudante de meirinho encostou-se ao mastro, largou a pá e procurou algo entre os largos bolsos.

— *Dou-lhe esta luz para que possa ler uma carta. Você lê, não lê?*

— *Antes de Dona Filipa me ensinar português eu já lia os nossos livros, na nossa língua, esse livros que os portugueses queimaram...*

— *Isso não é verdade.*

— *Esses seus amigos queimaram os nossos livros, eles queriam queimar era a nossa língua.*

— *Não é verdade, o próprio padre Belchior, no Colégio de São Paulo, anda a produzir um dicionário de concanin.*

— *Não quero discutir. Dê-me a carta que eu preciso ir embora, não quero que me vejam com a lanterna.*

— *Se a surpreenderem, diga que a lanterna é da sua patroa.*

A indiana enroscou o papel no decote e, apressada e furtivamente, regressou ao camarote. Dona Filipa dormia. Dia Kumari encostou a lanterna à carta de Nimi Nsundi e leu em silêncio:

«*Cara Dia Kumari:*

Condena-me por me ter convertido aos deuses dos brancos? Saiba, porém, que nós, os cafres, nunca nos convertemos. Uns dizem que nos dividimos entre religiões. Não nos dividimos: repartimo-nos. A alma é um vento. Pode cobrir mar e terra. Mas não é da terra nem do mar. A alma é um vento. E nós somos um agitar de folha, nos braços da ventania.

Não, minha amiga Dia, eu não traí as minhas crenças. Nem, como você diz, virei costas à minha religião. A verdade é esta: os meus deuses não me pedem nenhuma religião. Pedem que eu esteja com eles. E depois de morrer que seja um deles. Os portugueses dizem que não temos alma. Temos, eles é que não vêem. O coração dos portugueses está cego. A nossa luz, a luz dos negros, é, para eles, um lugar escuro. Por isso, eles têm medo. Têm medo que a nossa alma seja um vento, e que espalhem cores da terra e cheiros do pecado. É essa a razão por que D. Gonçalo da Silveira quer embranquecer a minha alma. Não é a nossa raça que os atrapalha: é a cor da nossa alma que eles não conseguem enxergar.

Critica-me porque aceitei lavar-me dos meus pecados. Os portugueses chamam isso de baptismo. Eu chamo de outra maneira. Eu digo que estou entrando em casa de Kianda. A sereia, deusa das águas. É essa deusa que me escuta quando me ajoelho perante o altar da Virgem.

De todas as vezes que rezei não foi por devoção. Foi para me lembrar. Porque só rezando me chegavam as lembranças de quem fui. Acontecia-me a mim o inverso do que lhe sucedeu a si, Dia Kumari. As minhas mãos se juntavam e pegavam fogo. Em lugar de dedos me ardiam dez pequenas labaredas. Era então que outras mãos, feitas de água, se

aconchegavam nas minhas e aplacavam aquela fogueira. Essas mãos eram as da Santa. E ela me segredava:

— Este é o tempo da água.

Era a voz da Santa que me percorria por dentro. A voz tomava posse de mim. E agora que lhe escrevi esta carta, vejo que esta letra não me pertence, é letra de mulher. Meus pulsos delgados se recolhem ao peso de um cansaço de séculos. Meus dedos não têm gesto, meus dedos são o próprio gesto. Eu sou a Santa.»



Dia Kumari não alcançava o sono. A carta de Nsundi a havia profundamente perturbado. Por isso, ela regressou ao convés para reencontrar o escravo negro. O homem ainda estava no final do seu turno quando a aia declarou:

— Venho lhe pedir desculpa.

— Não é preciso, já há muito que estava perdoada.

— Posso entrar no seu quarto da prima?

— Você pode ser a própria prima.

Nimi surpreendeu-se com a facilidade da resposta. Talvez fosse efeito do sono, mas o escravo sentia-se mais ousado e não tardou a convidar Dia Kumari a partilhar da manta. A indiana se ajeitou a seu lado e ele sentiu os seus flancos, a um tempo suaves e firmes.

— Não posso fazer amor consigo, disse ela, num rompante.

— E porquê?

— Porque eu aqueço demasiado os homens.

— Eu quero é ser aquecido.

— Você não entende, disse ela, sorrindo. É que os homens, comigo, pegam fogo. Eu os incendeio.

Quando Nimi se debruçou sobre ela, a aia, resoluta, se esquivou:

— Falo a sério, não me toque!

Como ele estranhasse, Dia lembrou o que, certa vez, ocorrera em Goa, junto ao cais. Um português das alfândegas a tomara à força e lhe roubara um beijo. De imediato, o homem eclodiu em chamas. Quando se lançou, enlouquecido, sobre as águas do mar, já ele era uma bola de fogo.

Mais resignado do que crédulo, o escravo afastou-se para ganhar assento sobre um emaranhado de cordas e, após hesitação, balbuciou:

— *Vou-lhe confessar uma coisa: eu não sei falar nenhuma língua destes cafres de Moçambique.*

— *Você não fala?*

— *Sou da outra costa.*

— *Mas você vai aprender com os outros, os do porão.*

— *Já me avisaram que, com eles, não aprenderei palavra nenhuma.*

— *Quem o avisou?*

— *Eles mesmos. Eles me odeiam, chamam-me de mwana-muzungo.*

— *E isso o que é?*

— *Quer dizer filho dos brancos.*

— *Se eles se recusarem a ensiná-lo serão punidos pelos portugueses.*

— *Mas eles não se irão recusar.*

— *Então?*

— *Vão-me ensinar uma língua só feita de mentira...*

— *Não podem, os portugueses iriam dar conta...*

— *Os portugueses não sabem. Para eles, as línguas nossas são todas iguais... Todos falamos etíope.*

— *Ainda se recorda da língua do Congo?*

— *Alguma coisa, sim.*

— *Gostava que me ensinasse umas palavras na sua língua.*

— *Quer saber o quê?*

— *Sei lá, por exemplo, amor.*

— *Amor, não. Todas menos essa.*

— *Ora e porquê?*

— *Essa palavra enfeitiça os homens. É pior que a religião dos brancos...*



A noite seguinte estava calma, sem vento. O barco estava no «pairo», como diziam os marinheiros. A nau tinha sido posta em «árvore seca», queixavam-se eles, olhando as velas murchas.

A mão de Dia puxou pelo braço do escravo. Não era um convite: era uma ordem para que descessem, juntos, pela escada de corda.

— *Para ir onde, Dia?*

— *Para nos banharmos nas águas do mar.*

— *Tomar banho, agora?*

— *Você não entende, só na água é que nos podemos amar.*

Amparando-se mutuamente, desceram até ao mar e saíram junto ao leme. A água estava morna, os dois se libertaram das roupas, que flutuaram como imensas medusas. Os súbitos amantes se enlaçaram e os seus corpos empreenderam a mais estranha dança. Ele se sentiu peixevoador, ela se converteu em chama de água.

Depois de se amarem, ela se conservou encaixada entre as pernas dele, fechou os olhos e disse:

— *O nosso filho vai sair um peixe!*

A reacção inesperada e violenta de Nimi Nsundi a espantou:

— *Não diga isso, nem a brincar!*

Capítulo sete

Os temperos da mentira

Moçambique, Dezembro de 2002

Triste é viver num lugar Onde dormir não difere de morrer.

(O Alfaite de Vila Longe)

No dia seguinte, Mwadia acordou cedo: iria à alfaiataria averiguar as condições para ali guardar a Santa. A loja estava encerrada desde que o fantasma da morte desalojara os clientes e paralisara as máquinas de costura. Jesustino nunca mais frequentara o estabelecimento. Era Singério — o ajudante de costureiro que adoptou o nome inspirado na máquina a pedais — que agora fazia de guarda ao estabelecimento. Constança perguntava-se: ele guardava a alfaiataria dos perigos da Vila ou, ao inverso, protegia a Vila da maldição da alfaiataria? Porque, segundo dizia Singério, nas noites enluaradas se escutavam as máquinas de costura laborando até de madrugada.

Mwadia não se dirigiu logo ao estabelecimento do padraço. Primeiro, passou pela barbearia, na esperança de rever a praça onde habitavam tantas das suas memórias de infância. No caminho, algo de estranho a alertou: à sua passagem, os cães se assustavam como se há muito se tivessem desabitado do convívio humano.

No centro da única praça, Arcanjo Mistura há tempos que se exerce como barbeiro. De tanto tesourar, já tem o polegar calejado. O polegar e a alma. Arcanjo Mistura — Mestre Arcanjo, como lhe chamam — é um homem desiludido, amargado com o rumo político do país, inconformado com aquilo que chama o «prateleirar» da Revolução.

Quem chega logo se pergunta: o que faz ali uma pessoa de tanta cultura? E como é que alguém de tanto saber se pode ocupar como barbeiro? De facto, Arcanjo Mistura foi deportado pela polícia colonial

portuguesa para aquela região, há mais de quarenta anos. O barbeiro assegura que já não se lembra de onde veio. *Acabei ficando natural de Longe*, admite Arcanjo. Mentira. Como todos os outros da vila, o homem esquece para ter passado e mente para ter futuro.

Durante tempos, passou noites inteiras na biblioteca de Jesustino Rodrigues e, iluminado por um petromax, devorou livros como um cachorro esfaimado abocanha a própria saliva. Recentemente, o goês vedou-lhe o acesso a sua casa, depois de ter dado conta do desaparecimento de preciosos documentos.

Agora, Mestre Arcanjo Mistura sofre de uma tremenda desocupação. Os clientes, mesmos os mais fiéis, deixaram de usar os seus serviços.

— *É uma maldição: aqui, já a ninguém cresce o cabelo. Filhos de uma puta careca!*

O barbeiro suspira, crente nesse porvir que ele inventou para seu consolo: abriria um novo estabelecimento numa praça do Inferno.

— *Cabelo de morto continua a crescer*, dizia ele, apontando para as alturas, *aquilo lá é um negócio interminável.*

A verdade é que, mesmo que houvesse cliente, o barbeiro seria incapaz de exercer a sua antiga mestria. Atacados pela artrite, os dedos se tinham tornado num estorvo, com mais nós que falanges.

Não era apenas o cortador de cabelo que nostalgia. Toda a Vila sentia saudade dos tempos em que a barbearia era um centro de encontro. Nesse tempo, Mestre Arcanjo tesourava consoante as posses. Não por bondade, mas por fidelidade às suas convicções políticas. Se o dinheiro era pouco, ele apenas aparava as poupas. Se o dinheiro era farto então o corte descia mais fundo, rente ao couro-cabeludo. A cada um segundo as suas capilaridades, defendia o Mestre.

Ao chegar à praça, Mwadia se espantou: o que restava da barbearia não era mais que uma parede arruinada, localizada ao fundo, nas traseiras

do que já havia sido um edifício. Não havia mais nenhuma outra parede. Nem tecto existia. Tudo se tinha desmoronado durante a guerra. O espaço era aberto, devassado. Mesmo assim, o velho barbeiro continuava fechando à chave, com rigor religioso, a única porta da única parede. A ironia do destino ali se espelhava: sendo ele o guardião do espírito revolucionário, Arcanjo Mistura vigiava agora uma fortaleza sem muros.

Desse forte arruinado se aproximou Mwadia Malunga e, sem se anunciar, sentou-se na poeirenta sala de espera. O barbeiro dormia na própria cadeira de trabalho, a mão tombada ainda segurando uma tesoura e uma toalha branca cobrindo-lhe o rosto. A intrusa deixou-se ficar em silêncio, com receio de despertar tão compenetrado sono.

De súbito, Zeca Matambira irrompeu pelo salão e, sem reparar que Mwadia estava presente, sacudiu o barbeiro e agitou um papel perante os seus olhos turvos. O Mestre Arcanjo endireitou-se na cadeira e foi lendo devagar a folha que permanecia nas mãos do mensageiro. Passou a mão pelo rosto e declarou com solenidade:

— *Não vou!*

Apesar da convicção do barbeiro, Matambira não esmoreceu. Voltou a agitar o papel e solicitou em educada paciência:

— *Leia outra vez a convocatória, Mestre Arcanjo.*

— *Já li. E não vou. O que é isso agora de sessão de auscultação pública? Onde é que já se viu?*

— *Não vai, mas tem que assinar, Mestre. São ordens que recebi do compadre Casuarino.*

— *Quero lá saber. E eu lhe pergunto uma coisa, meu caro Matambira, você vai à sessão?*

— *Bom, eu vou, mas também não sei bem o que é se trata...*

— *Pois eu lhe explico. A última vez que me fizeram ir a uma auscultação, fui parar ao serviço militar.*

— *Eh pá! Não diga uma coisa dessas.*

E o barbeiro anunciou, enfático: auscultação é uma desculpa que os médicos usam para declarar todos válidos para morrer. Avançam com o

estetoscópio, encostam uma extremidade ao peito da vítima e vão ordenando ao infeliz que inspire umas trinta vezes. No final, quando o desgraçado está sem fôlego, a condenação é pronunciada sem apelo: apto para todo o serviço!

O alfaiate conseguira impressionar Zeca Matambira que, hesitante, fazia dançar a convocatória de uma mão para a outra. O barbeiro rematou:

— *E agora, meu amigo, imagine submeter-se a tudo isso, todo nu, e, ainda por cima, em público. É isso que chamam auscultação pública.*

Matambira guardou o papel, amarrotando-o no bolso enquanto repetia para si mesmo: *então, também não vou.* E saiu, sem dar conta da presença de Mwadia.

Só então o barbeiro reparou que estava recebendo uma visita feminina. O homem compôs-se, levantando-se precipitadamente para assumir uma postura profissional. A visitante ergueu-se, surpresa por não ser reconhecida.

— *Sou Mwadia, filha de Edmundo, enteada de Jesustino.*

— *Vem cortar o cabelo?*

— *Não, não venho,* disse Mwadia e demorou-se, olhando em redor, a procurar pretexto para recomeçar: *Ficou sem paredes, Mestre Arcanjo?*

— *É melhor assim. Filhos da...*

Travou o impropério, emendou a alma: afinal, era melhor assim. Desde que fora preso pela PIDE, ele nunca se afeiçoara muito a paredes. E depois, os miúdos sempre se encostavam ao muro para as desnecessidades.

— *Agora, é mais limpo, não cheira a nada, só cheira a cabelo.*

O barbeiro ia tinindo a tesoura como se produzisse um compasso musical. De vez em quando, os olhos piscos patrulhavam as redondezas à cata de um inexistente cliente.

— *E Zero?*

— *Lá está.*

— *Tenho saudade do moço, nunca dizia nada e, assim, tinha sempre razão.*

— *Ficou lá, em Antigamente.*

— *Em quê?*

— *Em Antigamente.*

— *Morreu?*

— *Não. Antigamente é o nome do lugar onde vivemos.*

— *Nunca ouvi falar.*

— *Fica do lado de lá do rio, do lado de lá da montanha.*

— *A propósito de lado de lá: os meus irmãos também faleceram, você sabe?*

Sim, Mwadia já sabia. A mãe lhe dissera na noite anterior, quando fazia contas aos sobreviventes da vila. Os dois manos Misturas tinham morrido pouco tempo depois de ela ter saído de Vila Longe. Antes, os três irmãos se revezavam em redor do mesmo cliente. Cada um cortava uma porção: o primeiro tosquiava a nuca, o segundo aparava na testa, o terceiro acertava à volta das orelhas.

— *Mestre Arcanjo, explico-lhe para o que venho: ando à procura de um lugar para guardar uma estátua de Nossa Senhora.*

— *Aqui, na minha barbearia, é que nunca.*

— *O senhor tem razão, eu é que não pensei bem: se não tem paredes, como seria possível?*

— *Mesmo que tivesse todas as paredes. Aqui é que não entrava!*

Ela que não o interpretasse mal. Ele era um descrente. Contudo, a ninguém doía tanto o abandono a que estavam votados a igreja e o cemitério. *Uma terra que não cuida dos seus mortos é porque está sendo governada pela própria Morte*, vaticinava o barbeiro.

— *Respeito Deus e os templos, prosseguia ele. Por causa desse respeito eu até já fui preso, acrescentou.*

— *Preso? E por quem?*

Magoado pelo estado decrépito da construção, Arcanjo Mistura tinha tentado sepultar o edifício. Afinal, as pinturas já se haviam esboroadado,

tinham roubado o altar, tinham retirado as portas e as madeiras. A igreja morrera. Por respeito ao sagrado, havia que a enterrar. E foi o que ele fez, munido de pá, areia e paciência. Começou cedo os preparativos do empreendimento. Durante toda a manhã, com a ajuda de uma carroça, amontoou saibro e areia. Ao fim da tarde, na hora do fresco, começou a cobrir as ruínas. Não chegou a terminar a tarefa: detiveram-no e, amarrado, conduziram-no à cidade para prestar contas às autoridades policiais.

— *E é como pode ver: sou um ateu não praticante.*

— *São horas, Mestre. Devo andar...*

— *Mas espere, eu estava a brincar. Pode deixar aqui a Santa...*

— *Aqui, sem paredes?*

— *Ninguém rouba, eu só finjo fechar aquela porta lá. Ninguém rouba porque sabem que este material todo foi tirado por mim no tempo dos colonos. Esta malta tem medo, sacanas...*

— *Roubou estas coisas, Mestre Arcanjo?*

— *Roubei, não. Recuperarei-as.*

— *São suas, portanto.*

— *O que não é nosso num mundo em que tudo nos roubam?*

Sacudido por um ataque de tosse, Arcanjo Mistura enroscou-se na bata branca. Mwadia desviou o rosto, fitou o espelho e, de repente, estranhou: não se vislumbrava o reflexo do homem no grande espelho. Ela apenas se via a si mesma. E pensou que talvez fosse por causa das teias de aranha que cobriam quase tudo. Colocou as mãos nos joelhos como se brigasse com alguma indecisão e voltou a declarar:

— *Já vou, Mestre. Vou à alfaiataria. Acho que deixarei lá a Santa.*

— *Esse é outro edifício que devia ser sepultado. Tudo isto devia ser sepultado, todos nós devíamos ser sepultados...*

— *Não fale uma coisa dessas, Mestre. Bom, me desculpe, mas...*

— *Espere. Fique um pouco que tenho um assunto da maior gravidade...*

— *Diga, então.*

— *Quero que me fale dessa coisa que caiu dos céus lá em Antigamente.*

— *Como sabe isso?*

— *Foi você mesma que relatou hoje de manhã ao seu padrasto. Sente-se e conte-me tudo, que eu tenho cá as minhas desconfianças.*

Mwadia iniciou o relato. O barbeiro muniu-se de caneta e foi escrevendo com letra miudinha. As letras foram tombando no papel como fios de cabelo já haviam tombado no chão da velha barbearia.

Mwadia retornou a casa, esperou que o calor amainasse e, a meio da tarde, aproximou-se do sonolento padrasto que, da varanda, contemplava o horizonte.

— *Estou a vislumbrar o sol a pôr-se, faz-me lembrar a mim mesmo,* disse Jesustino Rodrigues.

— *Vou à alfaiataria, padrasto.*

— *Esse poente, esse poente! Você usava aquela outra palavra que eu gostava tanto, como era?*

— *Crepúsculo.*

— *Era isso mesmo, cresp... diga lá outra vez!*

— *Crepúsculo.*

— *Maravilha,* disse Rodrigues, soletrando repetidamente a palavra. E suspirou: *Estou para aqui todo crepuscalado.*

Mwadia insistiu no seu propósito de se deslocar à alfaiataria. O padrasto foi peremptório: não acompanharia a enteada. Cumpria uma jura que fizera há anos: nunca mais entraria no estabelecimento.

— *Seria como visitar a minha própria tumba.*

— *Por amor de Deus, padrasto.*

— *Foi lá que eu, um dia, morri. É por isso que não vou lá, nem vivo. Vá você, Singério lhe abrirá a porta. Depois, eu vou lá ter, fico à sua espera no passeio.*

Quando entrou na alfaiataria, Mwadia sentia o escuro do aposento entrando no escuro dos seus olhos. Seus dedos roçaram a poeira dos móveis como que pedindo socorro. Os panos intactos pareciam adormecidos. Se Mwadia lhes tocava, porém, eles se esfumavam, vertidos em poalha. Ali estava a máquina de costura, a régua, o giz, a enorme tesoura. Mais além, teimava o velho busto de madeira, com sua eterna elegância.

Tudo pousado, parado, em pasmo sobre o passado. Apeteceu-lhe arregaçar as mangas e limpar os móveis, lavar as paredes, sacudir os cortinados. Conteve-se. Recordou a obsessão de sua mãe pela limpeza. E pensou: *Esta poeira não vem da terra mas dos anos. Temos medo do pó porque é uma prova de que o Tempo existe e nos vai tornando obsoletos, quase minerais.*

Apoiada sobre o balcão, Mwadia fechou os olhos e inspirou fundo como se convidasse o passado a entrar dentro de si.

Naquela antiga tarde, Jesustino Rodrigues arrumou seus haveres, dobrou os fardos de tecidos, enrolou a fita métrica em volta do pescoço. Depois, descalçou-se e alinhou os sapatos, um junto ao outro, de modo a que não estorvassem. Se Mwadia ali estivesse, haveria de estranhar. O padrao sempre proibia a família de andar sem sapatos. *Não somos pretos, não andamos de pés descalços*, insistia o segundo pai.

Por que razão, daquela vez, ele enfrentava a rua descalço? Pelo mesmo motivo que o fazia, mesmo estando sozinho, proclamar com a serenidade dos obstinados:

— *Na morte, como na vida, entra-se descalço.*

Jesustino saiu à rua para regressar, pouco depois, carregando um ramo de gloriosas. À entrada da alfaiataria, limpou a sola dos pés no tapete de

juta e ainda escutou vozes irónicas que se cruzavam na rua:

— *Lindas flores, alfaiate Rodrigues, há romance à vista?*

Na bancada onde desenhava as roupas, o alfaiate decepou as flores e limpou de terra o bolbo subterrâneo. Com a tesoura raspou o tubérculo carnudo e, sem hesitar, levou à boca aquela massa esponjosa. Não tardava a tombar, envenenado. E logo lhe começaram a cair, desfiados como molhos de capim, os negros e fartos cabelos. Um cheiro ácido se espalhou pela loja. O mesmo cheiro parecia agora sufocar Mwadia.

A enteada correu a abrir as portas. Lá fora a luz reverberava, intemporal. Em contraluz, Mwadia viu a silhueta do padrasto que esperava no passeio. Estreitou os olhos para enfrentar a luminosidade. E se assustou: de repente, ela teve a mesma sensação de irrealidade de quando contemplava Zero Madzero, na casa de Antigamente.

— *Padrasto Jesustino?*

— *Sim?*

— *É que não o estava a ver bem.*

— *Estou aqui, completo. Bem, quase completo,* ironizou o alfaiate.

— *Posso perguntar-lhe uma coisa? Por que motivo o senhor se tentou suicidar?*

— *Não sei, não me lembro.*

— *Responda, eu preciso saber.*

— *Para uma outra vez. Agora temos de ir andando, estamos convocados para uma reunião na estação dos correios. Seu Tio Casuarino quer-nos todos lá.*

— *Eu também?*

— *Especialmente você.*

Os preparativos para a chegada dos estrangeiros foram concebidos como se um crime estivesse sendo congeminado. E de um crime, na realidade, se tratava. Mwadia foi uma das primeiras a chegar ao edifício dos correios. À entrada, anfitriando, estava Zeca Matambira, com porte profissional, como se tivesse reassumido o seu posto de chefe da estação. Ao ver Mwadia, o elegante funcionário vergou-se numa vénia e inquiriu:

— *Então, por cá?*

— *Sai há uns anos.*

— *Não brinque comigo, minha filha. Ainda a semana passada você esteve aqui nos correios.*

— *Nos correios?*

— *Sim, veio perguntar se não chegara carta de Zero Madzero.*

Mwadia engoliu em seco, no entendimento do irreparável: Zeca Matambira perdera o juízo. Seria, por certo, consequência dos sucessivos golpes que sofrera no ringue de boxe. Durante anos, ele fora o desportista mais destacado, a ilustre bandeira de Vila Longe. Por isso, Mwadia não insistiu. Quem cortou o silêncio foi Matambira:

— *E já sabe dele?*

— *Dele quem?*

— *De Zero, seu marido.*

— *Não, não sei,* respondeu a mulher, em resignada mentira.

— *Dizem que Zero morreu, mas isso é coisa que se fala por boca alheia.*

— *Eu sei. Também já ouvi.*

— *Vou-lhe dizer um segredo: esta gente aqui, em Vila Longe, é que está morta. Nós somos almas depenadas.*

— *Penadas,* corrigiu Mwadia, sem convicção.

— *Ou isso, ou isso. Você, com a sua idade, sabe o que deveria fazer? Devia aproveitar a chegada desses americanos e ir-se embora com eles.*

— *Para onde?*

— *Ora, para um lugar onde haja correios, um lugar onde se escrevam cartas, com selos postais e tudo isso...*

A reunião estava aberta, faziam-se os rodeios e as demoras protocolares como manda a boa tradição. Não se entrou directamente no assunto, vagueando-se sobre o vento, o calor e outras ninharias. Todos se serviram de cerveja, patrocinada pelo Tio Casuarino. Não havia copo para Mwadia, ela era mulher. Os homens bebiam devagar por respeito à bebida. Fazendo de conta que ninguém no mundo nunca antes tivesse bebido.

Casuarino limpava continuamente o rosto com um lenço branco. Suor é coisa de pobre e ele, empresário de sucesso, não podia dar azo a transpirações. Passado um tempo, passou a mão pela barriga com a ternura de mãe grávida, arrotou ruidosamente e disse:

— *Os americanos chegam daqui a uma semana.*

— *Estou ansioso, nunca vi nenhum em carne e osso,* comentou Matambira.

— *Cá eu, não os quero nem ver,* rosou o barbeiro. *Suspeito muito de estrangeiros, principalmente dos que saem das suas terras...*

— *Eles são livres de vir cá, para a nossa terra,* argumentou Matambira, suavizando a conversa.

— *Essa terra já não é nossa,* ripostou Arcanjo. *Talvez seja ali do Casuarino, mas nossa não é.*

É como os burros: a teimosia não se mede pela testa. Foi isso que Mwadia pensou fitando o perfil do barbeiro. Havia qualquer coisa no homem que lhe fazia lembrar o jumento Mbongolo. E foi certamente a sua teimosia de asno que levou Arcanjo Mistura a questionar o empresário da capital:

— *Para mim tudo isto é muito estranho: como é que esta gente vem para este fim do mundo?*

O ambiente tornara-se tenso. Com cordialidade conciliadora, Casuarino explicou que fora um compadre dele, que era chefe de departamento de um ministério, que o alertara da chegada da missão

norte-americana. O casal representava uma Organização Não Governamental de apoio ao continente africano. Tinha fundos para gastar em campanhas de redução da pobreza.

— *Pois, meus amigos*, inquiriu Casuarino, *quem é mais pobre do que nós?*

— *Do que nós?*

— *Quer dizer: nós, Vila Longe.*

Casuarino considerava-se não apenas explicado, mas vencedor, homem arguto como a águia que espreita a oportunidade. Estava tão cheio de si mesmo que, por um momento, se esqueceu de enxugar o suor no rosto. Apontando para Mwadia, inquiriu:

— *Você é capaz de falar inglês, você estudou no Zimbabwe, não foi?*

— *Vou ser tradutora?*

— *Nem tanto, nem tanto. Os tipos desenrascam bem português, a esposa até é brasileira.*

— *Mas você não disse que eram americanos?*, perguntou Matambira.

— *E o Brasil fica onde?*

— *É tudo uma pontuação de vista*, defendeu Jesustino.

Entreolharam-se os presentes à procura de um sentido para a fala do alfaiate. Pobre homem, sempre manejava o português como quem costura trapos. O próprio cunhado, Casuarino, sacudiu a cabeça em reprovação e levantou-se para tomar posse das suas naturais autoridades. Pensa-se com números, raciocina-se com palavras: sempre fora o seu lema e, de imediato, ele colocou a máxima em prática. E foi assim que Casuarino falou:

— *Pois, vamos à questão que se coloca: os americanos vêm à busca dessa história dos escravos.*

— *Não diga que vêm buscar escravos, numa altura destas?*, questionou o barbeiro.

— *Qual buscar escravos! Francamente, Mestre Arcanjo, escravos no tempo de hoje?*

— *Pois nunca houve tanto escravo no mundo.*

Casuarino se intemperou, gasto pela contrariação de Arcanjo Mistura. Vá pentear macacos, seria o impropério apropriado. Não é, porém, coisa que se diga a um barbeiro. Casuarino conteve-se, inchou o peito, a conter mil raivas, e confessou:

— *Mestre Arcanjo: o senhor não quer participar, é livre de ir embora.*

— *Está certo, eu fico calado, anuiu Arcanjo. Depois, não chorem...*

Casuarino voltou a sentar-se, inclinou-se para se descalçar, gemendo com o esforço de contornar a própria barriga. Esticou os dedos dos pés e levantou as pernas. Só depois deste ritual, a mostrar que era ele o dono do tempo, Casuarino retomou o fio da conversa:

— *Quem nos vem visitar é um casal de historiadores, cientistas, andam a estudar o passado...*

— *Estou de acordo com o barbeiro, ripostou Matambira. Isso não é boa ideia, o passado é coisa mal morta, o melhor é não mexer nele...*

Foi a vez de Jesustino se erguer, contrafeito. Estava cansado de devaneios:

— *Calem-se lá! O nosso irmão Casuarino chegou ontem da cidade. Deixem o homem explicar-se.*

Casuarino agradeceu a intervenção e avançou para o centro do recinto. Inspirou fundo e falou como se discursasse num parlamento. Na realidade, esse era o seu ganha-pão: redigir discursos para os políticos em aflição de retórica. Daí a sua eloquência, agora em pleno exercício:

— *Muito obrigado, camaradas, isto é, caros vizinhos e familiares. A nossa agenda é composta apenas de um aitem.*

— *De quê?*

— *De um tópico. Meus senhores, em poucas palavras vos digo: há aqui um modo de comermos qualquer coisinha...*

— *Comermos?*

— *É que esses estrangeiros estão cheios da mola.*

— *Eu nunca roubei ninguém, se alvoroçou Matambira, também não será agora...*

— *Mas quem falou em roubar? Por amor de Deus, eu peço a esta magna assembleia...*

— *Se não roubarmos como é que a mola deles salta para o nosso bolso?*

— *Transacções. Transacções monetárias.*

— *Explique-se, compadre.*

— *É simples: os tipos vão pagar. Vão pagar para ficar numa casa, pagam pela comida, pagam pela estadia, pela informação... todos vamos ganhar o taco respectivo...*

— *O mano Casuarino me desculpe, corrigiu Matambira, mas a nossa tradição de receber bem as pessoas?!*

— *Eles gostam de pagar.*

— *Ninguém gosta de pagar.*

— *Estes gostam porque sentem-se culpados, está perceber? Saíram daqui, deixaram a malta a sofrer com o colonialismo e, agora, regressam engravatados, cheios de inglesuras, e a gente ainda passando fome.*

— *Não sei, eu não me sinto bem,* reafirmou Matambira.

Mwadia pensou: as cautelas de Matambira confirmavam a fama de seu temperamento recto. Com um coração tão tamanho, ele só podia exercer uma profissão nos correios, praticando a generosidade de trazer o longe para perto. Mas Chico Casuarino, em contraste, não amolecia perante bondades. A pose do empresário, naquele momento, não deixava dúvida: ele era o rei e a respectiva barriga. Fez estalar a unha máxima do dedo mínimo e deixou um sorriso lhe iluminar o rosto:

— *Tire a mão da consciência, meu velho boxeur. E me diga uma coisa: você não queria que reabilitassem a estação dos correios?*

— *Você sabe que esse era o meu grande sonho...*

— *Pois eu vou redigir um projecto, você apresenta aos americanos e consegue um bom patrocínio. E vai ver aqui surgir não um edifício, mas um building de todo o tamanho.*

— *Quanto a mim,* confessou Matambira, *não sei se queria o apoio aos correios ou se preferia que eles trouxessem o Myke Tyson.*

— *Sim, e você, meu caro barbeiro, Casuarino passou a dirigir-se a Mestre Arcanjo, apontando-lhe o dedo mais a respectiva unha, você podia criar uma ONG para apoio às comunidades, isso é coisa que está a dar.*

Jesustino Rodrigues levantou o braço, solicitando ordeiramente o momento de falar. Casuarino cedeu-lhe a palavra. O alfaiate meneou um agradecimento e falou:

— *Não quero ser um mancha-prazeres, mas vocês já viram a inveja que essa visita vai provocar nas outras povoações?*

— *Que se lixem as outras povoações, protestou Casuarino. Quem teve a iniciativa privada fui eu.*

— *Não sei, cunhado Casuarino, eu tenho muito medo da inveja. Não é o que dizem: que a inveja é a mãe de todos os vícios?*

Matambira levantou-se e serviu uma rodada de cerveja pelos presentes, contornando a cadeira de Mwadia. Parou em frente de Casuarino e voltou à carga:

— *Mas explique bem o que é essa história de escravatura...*

— *Não sabe? Não lembra que, nos tempos, nos prendiam, vendiam...*

— *Ah, isso eram os vanguni [23], adiantou o barbeiro.*

Casuarino levantou-se, irritado. Ouvia-se a impaciência ranger nos dentes quando clamou:

— *Eh pá, malta, este homem está proibido de falar com os americanos.*

— *E porquê?*

— *Você é um confusionista, Arcanjo Mistura. Essa escravatura era outra coisa e não tem que vir agora ao caso. Está perceber?*

— *Não, não entendo. Para mim, escravatura é escravatura...*

— *Mas essa escravatura era entre pretos. Está perceber? Os afro-americanos querem saber só dos brancos que nos levaram a nós para a América.*

— *Mas nós nunca fomos para a América...*

— *Não nós, aqui. Mas nós, e faz um gesto largo com as mãos, os pretos, sim.*

Cauteloso, Zeca Matambira ainda ousou a dúvida:

— *Mas aqui, em Vila Longe, houve quem fosse levado nos navios? Eu acho que não...*

— *Acha? Pois vai passar a achar o contrário. Nós vamos contar uma história aos americanos. Vamos vender-lhes uma grande história.*

E Casuarino mandou o seguinte: eles que se preparassem para escavar nos antigamentos e retirar de lá um antepassado agrilhado, um tetravô arrancado da terra e embarcado para além do Atlântico. O vizinho Matambira, inocente, ainda resistiu: burlar alguém com os vivos ainda ia que não ia. Mas fazer uso dos falecidos?

— *Ora, tudo isto é uma mentira sem consequência,* ripostou Casuarino. *Os enterrados até vão sorrir. Coitados, eles ultimamente têm rido tão pouco.*

Com exceção de Arcanjo Mistura, todos se riram, em fartas gargalhadas. Foi quando o silêncio regressou que deram conta de que Mwadia estava ali, arredada, mas presente. Melhor assim, adivinhava-se o pensamento dos compadres. Como ali se dizia: o homem engana-se, a mulher engana. Por isso, era melhor que Mwadia se deixasse quieta, remota, calada. Uma vez mais, foi a Casuarino que coube retomar a conversa:

— *E você, minha querida sobrinha, não está beber nada?*

— *Estou bem assim.*

— *Pois pensei que, em termos de género, você deveria ter um papel central nesta operação. Você sabe, os americanos são muito sensíveis a estas coisas de mulheres.*

— *Um papel central? Eu?*

Na cabeça do empresário estava tudo congeminado: haveria noites que Mwadia fingiria ser visitada pelos espíritos. E que espíritos a visitariam? Exactamente, os anamadzi, as almas dos escravos antigos que partiram nas naus para além dos mares. As vozes desses falecidos falaria pela boca da sobrinha.

Mwadia sacudiu a cabeça, avaliando o quanto a sua vida mudara, desde que saíra de Antigamente. Ironia do destino: pediam-lhe que se fingisse visitada por espíritos, a ela que, todas as noites, era realmente transitada por almas desencarnadas.

Vendo a sobrinha tão absorta, Casuarino resolveu instigar a moça:

— *O melhor seria você conquistar o brother americano, pode ser que ele a carregue lá para a América.*

— *Ora, Tio, o homem já está bem servido com a brasileira.*

— *O seu feitiço é muito mais forte que esses candomblés lá deles.*

— *Candomblés, rectificou o barbeiro.*

Capítulo oito

Os afro-americanos

Moçambique, Dezembro de 2002

*O serviço dos dias é apenas este: trazer dias, levar dias. O
Tempo existe para apagar o Tempo.*

(Lázaro Vivo, o Adivinho)

Benjamin Southman espreitou pela janelinha do avião e fixou o olhar nas nuvens que se desfiavam, sem resistência, à passagem da aeronave. Na noite anterior, saíra de Nova Iorque e, em menos de treze horas, estava sobrevoando Moçambique. O americano pensou: o mundo está apartado por vias curiosas. De um lado, do lado de onde ele vinha, morava a velocidade. Do outro lado, do lado do seu destino, era o lugar dos vagares.

O avião fazia-se à pista e o americano agitava-se na cadeira: aquele era o momento há muito esperado. África, a sua África, ia ganhando desenho, um contorno próximo e real. Por fim, ele chegava à terra de onde há séculos os seus antepassados tinham sido arrancados pela violência da escravatura. Era preciso esse regresso para que Benjamin Southman, historiador afro-americano, se reconstituísse, ele que se sentia como um rio a quem houvessem arrancado a outra margem.

A esposa que viaja a seu lado é uma socióloga trabalhando como assistente social em prisões americanas. Rosie Southman nasceu e viveu no Brasil. Há quinze anos que mora nos Estados Unidos onde casou e adquiriu nacionalidade norte-americana.

Com seu vasto volume, Rosie preenchia todo o assento. Benjamin contemplou-a e sentiu: quem dera ela fosse uma nuvem, desfazendo-se ao mais leve toque. Mas a brasileira, no momento, parecia mais concreta do que nunca. Estava pálida, com receio da aterragem. Os dedos gordinhos procuraram a mão de Benjamin e a envolveram com afínco: cinco pequenas anacondas lhe fizeram estancar o sangue.

— *O piloto será moçambicano?*

A voz dela era contida, envergonhada com a natureza da sua dúvida. A hospedeira ordenou que recolhessem os tabuleiros e Benjamin apressou-se a guardar o caderno de viagem onde estivera relembrando nomes, anotações e mapas. Os solavancos do avião na velha pista de aterragem fizeram emergir, também nele, a inconfessável pergunta: de que raça seria o piloto? Seria negro aquele que conduzia o seu destino? Sem dar conta, Benjamin fez o sinal da cruz.

Casuarino Malunga abriu os braços, com a imponência de um Cristo, e a sua voz sobressaiu no ruidoso ambiente do aeroporto:

— *Benjamin, my brother! Welcome to Mother Africa!*

Antes de se recolher no abraço do moçambicano, Benjamin tombou inesperadamente de joelhos. O anfitrião correu a erguê-lo do chão. Teria sido um baque, o americano tombara sucumbido pela emoção? Com vigor, Casuarino puxou-o pelos sovacos enquanto balbuciava, atrapalhado:

— *What is happening?*

— *Em português, por favor, eu falo português*, avisou o recém-chegado.

— *O que se passa, mano, uma tontura?*

— *Eu só queria beijar a nossa mãe...*

— *Qual mãe?*

— *Querida beijar o chão de África...*

— *Ora o chão, pois o chão de África, mas veja, meu brada, o melhor chão para ser beijado é noutra local que lhe vou indicar, este chão, aqui, é melhor não...*

Esfregou as mãos como se atixasse uma fogueira: o que interessava era que os americanos tinham chegado e uma parceria inteligente os iria conduzir às suas ancestrais origens.

— *Agora, venham que temos ali a viatura four-by-four que alugámos em seu nome. É só o brother assinar estes papéis... Não se atrapalhem, estamos em Moçambique, aqui tudo é maningue nice...*

— *Desculpe, meu irmão, mas a minha esposa Rosie gostaria de visitar o resting room!*

— *Quer descansar?*

— *Não é isso, explica Rosie, meio esverdeada. Eu queria saber onde eram os lavabos.*

— *Lavabos?*

— *Desculpa, meu irmão, mas a Rosie pretende vomitar.*

— *Bom, vomitar é por aqui, temos ótimas e bem apetrechadas casas de banho para vomitar.*

À saída da sala de espera, Casuarino enxotou os miúdos que se aproximavam para pedinchar e sorriu embaraçado para os visitantes como se pedisse complacência.

— *Meu afro-brada me desculpe, mas agora já começo a precisar daquela coisa...*

Casuarino falava, mas era o gesto dos dedos que sugeria mais alto. O americano entendeu de imediato e, lançando um enfático «*of course*», retirou do bolso um envelope que passou para as mãos do moçambicano. Ocultando-se num vão de escadas, Casuarino foi conferindo os dólares, somando os valores às quantias. Deteve-se mais tempo do que seria seguro. Mas ele deleitava-se em manusear notas que permaneciam lisas, intactas e cheirosas. O empresário não pôde deixar de comparar o estado daquelas notas com o dos meticais que circulavam sujos, rasgados e amassados.

— *Os pobres, concluiu ele, são quem mais maltrata o dinheiro.*

Espalhou gorjetas pelos funcionários, polícias, lavadores de viaturas e carregadores de malas. Cada desembolso era cuidadosamente anotado numa pequena agenda em cuja capa se grafava a letra de imprensa: «Project budget». Por fim, entraram nos carros e desapareceram envoltos na poeira da savana.

A estrada de areia é um rio seco: perdeu as margens e desagua no seu próprio leito. No primeiro trecho da estrada, os americanos se espantaram: em lugar da extensão solitária e abandonada, reinava ali um formigar de gente, um fervilhar de vendedores ambulantes, de carrinhas apinhadas de passageiros, de camiões carregando troncos de árvores milenares. Todos os veículos seguiam a estonteante velocidade, desafiando as mais elementares regras de segurança. Benjamin sorriu: ainda há pouco, do alto do avião, ele antecipava estar visitando o lugar do sossego e dos vagares. Enganara-se. Não era senão o primeiro de uma longa série de equívocos.

Três horas depois, a caravana parou em frente de um largo rio. Aflitos com o calor, os americanos resguardaram-se à sombra de uma ponte destruída. A guerra tinha feito explodir o tabuleiro. Restavam os pilares como pernas de uma girafa desprovida de corpo.

Perante os olhares expectantes, Rosie foi ao fundo de um saco, abriu um boião e esfregou o rosto e os braços com uma pomada esbranquiçada. O que fazia ela, tão em público?

— *É um protector solar, não quero queimar-me.*

Os olhos gulosos de Casuarino inspiraram a mal avisada simpatia de Rosie:

— *Quer experimentar?*

Num ápice, o frasco ficou vazio. Os ávidos dedos de Casuarino raspavam o fundo e, com um riso nos lábios, o homem atirou o recipiente para a corrente do rio.

Os visitantes subiram para um velho batelão que os levaria à outra margem, onde já se podia ver, perfilada, uma pequena multidão. Benjamin não ousou perguntar sobre a lotação e a segurança da barcaça.

No percurso, Rosie espreitou as águas escuras, lentas e cansadas. Esconder-se-iam por ali traiçoeiros crocodilos, perigosos hipopótamos, insondáveis monstros?

— *Há espíritos, sim,* respondeu Casuarino quando a brasileira o abordou. *Há uma deusa que mora nas águas.*

— *Eu sei,* interrompeu excitadamente a brasileira. *Eu li sobre essa crença. Na África Ocidental, chamam essa deusa de Mama Wati.*

— *Aqui chamamos-lhe Nzuzu.*

E o anfitrião discorreu sobre o mito: no leito do rio havia um lugar sem fundo, onde a própria água se afundava, afogada nos abismos. Nessas profundezas morava Nzuzu, a divindade do rio. De quando em vez, uma moça desaparecia nas águas. Não morria. Apenas permanecia residindo nos fundos lodosos, aprendendo a arte de ser peixe e os sortilégios da adivinhação. Ficava anos nessa submersa moradia até que, um dia, reemergia e se apresentava às famílias para exercer, então, a profissão de curandeira.

Rosie voltou a inclinar-se sobre a correnteza e estremeceu quando viu, imerso nas águas, um vulto branco, ondulando junto ao batelão. Sorriu, aliviada, ao perceber que não era mais que o seu próprio reflexo. Baixou-se para molhar os braços quando alguém gritou:

— *Senhora, não faça isso...*

— *E porquê?*

Não houve tempo para escutar a resposta. A barcaça já tocava a outra margem e, apressados, dezenas de passageiros saltaram para terra, carregando cestos, caixas, galinhas e cabritos. Eufórico, Casuarino ajudou os convidados a saírem da barcaça.

— *Venham que lhes apresento a minha gente...*

Ali estava a comissão de recepção, vinda directamente de Vila Longe: o alfaiate Jesustino Rodrigues, a sua enteada Mwadia Malunga, o vizinho Zeca Matambira, o barbeiro Arcanjo Mistura. Trocaram-se floreios apertados de mão, abraços ruidosos e a calmaria ribeirinha foi abalada por uma cacofonia de saudações em inglês e português.

Apenas o barbeiro se continha, reservado e afastado. Ele estava presente somente para avaliar até que ponto os seus compatriotas estariam respeitando aquilo que ele apelidava de «dignidade nacional».

— *Este é o tesoureiro do projecto*, anunciou Casuarino ao apresentar Matambira. *É que o nome dele significa isso mesmo: dinheiro.*

Zeca Matambira apontou para os americanos, mas dirigiu-se aos moçambicanos, afirmando com a maior das convicções:

— *Cá por mim, eles ainda são parentes dos Mapandzes!*

Os olhos de Matambira incidiam sobre a recém-chegada numa insistência tão acalorada que ela, recatadamente, baixou o rosto.

— *Principalmente a senhora*, disse, inclinando-se perante a brasileira.

E riu-se, divertido com a descoberta. Virando-se para a comissão de recepção, perguntou:

— *Não vos faz lembrar o falecido mais-velho dos Mapandzes?*

Os outros sorriram, com um ar aparvalhado. Não havia a mínima semelhança, mas Casuarino agarrou a deixa e celebrou as sugeridas afinidades físicas.

— *É a cara às chapadas do falecido Mapandze. Vai ver que partilham dos mesmos vadzimus...*

— *Vadzimus?*, inquiriu Rosie.

— *Sim, os espíritos dos antepassados.*

Um sorriso doce brilhou no rosto largo de Rosie, um meneio de vaidade lhe sacudiu as ancas enquanto subia a ladeira. No topo da colina, Casuarino reassumiu a liderança.

— *Agora, vamos continuar até Vila Longe. Vamos sair desta aldeia cheia de poeira.*

Mwadia Malunga ainda ficou para trás um momento. Aquela era a aldeia onde o seu Zero Madzero nascera. Chamava-se Passagem porque, durante o tempo colonial, se pensou construir uma passagem de nível. A linha férrea ficou pela intenção. Mas talvez a razão do nome fosse mais corriqueira: quem viesse, nunca seria para ficar. Ali só se estava de passagem.

No percurso até Vila Longe, as viaturas foram mandadas parar uma meia dúzia de vezes. De todas elas foi preciso dar dinheiro aos polícias. Matambira prosseguia o preenchimento das colunas, os haveres e os deveres. De um lado, em meticais, do outro, naquilo que ele chamava de «dinheiro verdadeiro». Os americanos a tudo iam achando graça, tudo para eles era motivo de interesse antropológico. Benjamin limpou os olhos como se invisíveis poeiras atrapalhassem o foco da sua máquina fotográfica. Incessantemente, repetia:

— *Oh, Africa, tão interessante!*

À entrada de Vila Longe, os americanos estranharam o estado de destruição dos edifícios, como que mastigados por uma apocalíptica voragem.

— *Tudo isto foi destruído pela guerra?*, inquiriu Rosie.

— *Foi a guerra, sim, mas foram também outras guerras*, disse Mwadia.

— *Estas casas não foram destruídas. Estas casas morreram.*

Todos olharam para o assento traseiro: era a primeira vez que Arcanjo Mistura abria a boca. Casuarino até estremeceu receando o que poderia seguir-se no discurso do barbeiro. Uma pausa trouxe a ilusão de que o Mestre Arcanjo tinha esgotado a sua intervenção. Mas, logo a seguir, o homem prosseguiu:

— *Uma casa morre, se não é habitada com amor.*

Casuarino apressou-se a prevenir qualquer tensão e desatou a dissertar sobre os amores e as casas, que o amor era uma casa, aliás como lembravam as letras românticas da cantora Roberta Miranda. Ele queria espicaçar a brasileira, mas ninguém no carro reagiu à menção ao cancionero do Brasil. A voz de Arcanjo voltou a ser escutada:

— *O mal é que nós não habitamos essas casas: apenas as ocupamos.*

— *O nosso barbeiro é um filósofo*, sorriu, nervoso, Casuarino, como se pedisse desculpa.

— *Ocupámo-las como intrusos, como se elas fossem definitivamente propriedade dos outros*, prosseguiu Arcanjo. *Queremos ter o gosto de*

usufruir sem a responsabilidade de possuir.

O olhar fingido posto no horizonte, o barbeiro já estava dono da palavra. Após uma breve pausa, acrescentou:

— *É assim que estamos na Vida, como se ela fosse um território arrendado.*

Na viatura impôs-se silêncio. E ninguém mais voltou a falar.

Chegaram, por fim, à vila. Assim que as portas do carro se abriram, uma multidão se cogumelou em redor do casal Southman. Os olhos das crianças luziam e um coro crescia em uníssono:

— *Americanos, americanos!*

O cortejo atrás da delegação aumentava constantemente. Benjamin e Rosie, no início, reagiram com um receio nervoso. Depois, foram ganhando tranquilidade e passaram a responder com acenos e risos.

— *Oh, Africa! My forgotten land!*, balbuciou Benjamin, com a voz prisioneira da emoção.

Casuarino avançou para o meio da praça, subiu a uma grade de coca-cola e, em tom solene e eufórico, proclamou:

— *Isto é a globalização, my friends! A globalização mundial! Vila Longe é a capital da aldeia global!*

Rosie Southman olhou os meninos que se apinhavam em redor e um aperto lhe reduziu o peito. Aqueles meninos eram diferentes dos que vira na cidade. Eles não se engalfinhavam a mendigar uma esmola. Quem não os tivesse visto correr para se pendurarem nos carros acreditaria que não lhes restava força. Porque, no momento, eles se congelavam numa roda silenciosa, formando um mosaico de rostos curiosos e ranhosos. De quando em quando, uma gargalhada deflagrava a corrigir um espanto.

— *Veja, Ben. Essa criançada toda sujinha de terra...*

Sujos de terra? A brasileira pensou na expressão e deu-se conta das diferenças. Para a gente da terra, os materiais do chão eram limpos, mais

limpos que o ar da cidade. Ou talvez fosse o cheiro que os distinguiu: os pobres não sentem o seu próprio cheiro. Não é a magreza mas o olfacto que distingue os miseráveis dos mais ricos. Foi isso que Rosie concluiu.

Como se faz com cachorros vadios, Casuarino enxotou a criançada. Os meninos esvaneceram-se com farrapos esvoaçantes. O empresário reparou na expressão reprovadora da brasileira e se apressou a explicar:

— *É que não gosto da pobreza. Por isso é que nós, todos juntos, temos que combater a pobreza.*

Já estava delineado: os estrangeiros ficariam hospedados em casa da família Rodrigues. Quando ajudava a transportar as malas pelo corredor, Mwadia Malunga sentiu que a visita dos americanos não era fruto do acaso. Diversas viagens se cruzavam, a um só tempo, na velha casa. Os americanos atravessavam os séculos e os mares onde se esbatera a sua identidade. E ela viajava no território em que o tempo nega converter-se em memória.

No escuro, a brasileira tropeçou na bacia posta junto à parede. Jesustino, a medo, forneceu explicação enquanto apontava para as fotografias na parede.

— *É para as lágrimas. Esses aí não param de chorar...*

A brasileira estacou e percorreu atentamente a galeria dos ausentes, mantendo a solenidade de quem entra num cemitério. Depois, ela se concentrou na fotografia desbotada de um casal de goeses, vestidos a rigor, em pose de gente abastada: ele, apoiado numa bengala, e ela empunhando um guarda-sol de linho branco.

— *Esses são Agripino e Rosária, os avós maternos de Jesustino.*

O alfaiate apontou a imagem e explicou: a avó tinha uma saia tão grande, tão rodada, porque ela, assim, acreditava pisar menos terra e se poupava nas fadigas. Avó Rosária era magra, quase sem peso. Como atravessara o oceano Índico, chamavam-lhe a «avó migratória».

— *Engraçado, a sombrinha tão grande, aberta no salão, comentou a brasileira.*

— *É para mostrar, afirmou Constança.*

— *Para mostrar o quê?*

— *Que naquela altura nós já não éramos pretos.*

O ambiente quase gelou. A palavra «preto» actuara como um relâmpago agitando a casa. Benjamin Southman avançou, a boca torcida em meio sorriso:

— *Não se diz preto, minha irmã. Diz-se «negro». É assim que é correcto.*

— *Correcto, como?*

— *Correcto.*

— *Mas, para nós, aqui, «negro» é que é insultuoso.*

Casuarino acorreu a aliviar a tensão. O americano que compreendesse: a foto é muda. A imagem pode escurecer os tons, já de si sombrios, e confundir as autênticas colorações dos fotografados. Pudessem escutar as suas vozes e todos entenderiam que bastava o português deles, muzungos [24], para os diferenciar dos demais, os indígenas.

A dona de casa interrompeu o irmão e, sem cerimónia, sentenciou:

— *Endireite o balde das lágrimas bentas.*

— *Desculpe, Dona Constança, perguntou Benjamin, mas esses, os da fotografias, não estão mortos?*

— *A gente nunca sabe quando está morta, retorquiui a matriarca.*

Mwadia ajudou Rosie a instalar-se no quarto de Luzmina. De imediato se tornou conspícua a presença da estátua da Virgem.

— *Não se importa que esta imagem fique aqui?*

— *Importar? Pelo contrário, nos sentimos melhor assim. Nós somos católicos, eu e Benjamin. O nosso quarto fica abençoado.*

— *Qualquer problema, estou no quarto ao lado.*

A brasileira, grata, segurou na mão da anfitriã para sublinhar as palavras de gratidão. Mwadia estranhou o frio no corpo da estrangeira. Frio igual ela só tinha sentido quando tocou o cadáver do seu pai.

— *Está tão fria, Rosie.*

— *Ai, minha irmã, se soubesse como estou nervosa...*

Estava nervosa pelo marido, Benjamin. Aquela viagem era a realização de um sonho maior. África, para ele, não era um lugar. Mas um ventre. O seu primeiro e derradeiro lugar. Mãe e terra. Sangue e pó. Uns baptizam-se na água. Benjamin baptizava-se nesta viagem, pronto a renascer, mais puro, mais vivo.

Não tardou a que o afro-americano entrasse em acção. Ele queria tirar proveito do tempo escasso que tinha pela frente. Por isso, enquanto Rosie repousava no quarto onde se instalara, Benjamin Southman sentou-se na varanda rodeado pelos homens da comissão de recepção. Primeiro, retirou da bolsa uns cartões-de-visita e distribuiu-os pelos presentes.

— *A organização a que pertença chama-se Save Africa Fund. Estamos combatendo o chamado afropessimismo. Ouviram falar?*

— *Confesso que não, disse Matambira, por causa dessas montanhas aqui nem a voz de Deus nos chega.*

— *Mas o sinal de telemóvel já chega aqui perto, disse Casuarino.*

O americano foi breve: ele queria revelar casos de sucesso para fazer crescer a esperança no continente. E trazia fundos para reduzir a pobreza em comunidades rurais, distantes, invisíveis aos olhos dos poderes do mundo.

— *Nós somos muitos invisíveis por culpa dessas montanhas, repetiu o ex-pugilista.*

— *Por favor, Matambira, corrigiu Casuarino, deixe o camarada... perdão, o mano Benjamin prosseguir.*

Southman explicou sobre os métodos, a abordagem, a estratégia. Que ele precisava, antes de mais, de fazer um «survey» da comunidade. Foi Jesustino que estranhou:

— *Desculpe, vai fazer um «salvei»?*

O americano já tinha encontrado o adequado termo: um levantamento preliminar. E ele, por vício de formação, começaria nas traseiras do tempo, nas origens de todos os males: o passado colonial, a escravatura. Era esse estigma que explicava a condição de miséria do continente.

— *Isso que o nosso irmão chamou de «salvei», nós aqui chamamos de um patrocínio.*

Riram-se todos, sobretudo Matambira, que fora quem produzira a piada. Southman esperou, impaciente, que os risos serenassem e anunciou a intenção de realizar aquilo que chamou de primeira «entrevista estruturada». O entrevistado eleito seria o empresário Casuarino Malunga. O Tio inchou o peito, tossicou de importância e comentou:

— *Está certo, uma entrevista estruturada, eu também não sou um qualquer, sou uma estrutura...*

— *Peço desculpa se lhe vamos tomar tempo, começou por dizer o americano.*

— *Não tem problema. Para nós, africanos, o Tempo é todo nosso. O branco tem o relógio, nós temos o Tempo.*

Os amigos arregalaram-se: Casuarino era um homem palavroso, mas não se lhe conheciam tão apurados dotes de eloquência. Ele próprio, o fogo empresário, estava extasiado com a sua palavreação:

— *Penso em mim, sendo eu tão bom, como é que não sou estrangeiro?*

Southman pediu licença antes de carregar no botão do gravador e, depois, lançou a questão:

— *Pois queria saber se ainda existem memórias da escravatura neste lugar.*

— *Está cheio, meu amigo. É tudo memórias por aí afora, levanta-se uma pedra e sai uma memória de escravos.*

— *Eu não percebi muito bem qual o seu objectivo, intrometeu-se o barbeiro.*

O empresário fez questão em sugerir que intrusões não eram bem-vindas. Ele era o inquirido, aquela era uma «*entrevista estruturada*». Mas o americano não achou inconveniente em abrir o diálogo. E foi ele que incentivou a participação de todos.

— *Queríamos que nos dissessem tudo sobre a escravatura, desses tempos de sofrimento...*

— *Ah, sim, sofremos muito com esses vangunis*, disse Matambira.

Os olhos do americano brilharam enquanto procurava uma caneta para anotar no seu caderno de pesquisa.

— *Como lhes chamou, vagumis?*

— *Vanguni*, rectificou o pugilista.

— *Deixe-me anotar. Portanto, era esse o nome que davam aos traficantes de escravos?*

— *Exacto.*

— *E diga-me: há lembrança do nome dos barcos que eles usavam?*

— *Barcos? Eles não vinham de barco, vinham a pé.*

— *Como a pé? Como é que transportavam a carga humana lá para a terra deles?*

— *A terra deles era aqui, eles nunca saíram daqui. Nós somos filhos deles.*

Incrédulo, Benjamin Southman deixou cair o caderno. Casuarino tentou corrigir mas o americano não permitiu. Aproximou-se de Zeca Matambira e, com tom paternal, quase doce, lhe inquiriu:

— *Diga-me, meu amigo, você está a falar dos portugueses?*

— *Portugueses? Naquele tempo, nós éramos todos portugueses...*

— *Está a falar dos brancos?*

— *Estou a falar de pretos. Desculpe, de negros.*

— *Mas fale desses negros, desses vangunis ...*

— *Esses negros vieram do Sul e nos escravizaram, nos capturaram e venderam e mataram. Os portugueses, numa certa altura, até nos*

ajudaram a lutar contra eles...

Com um gesto mecânico, o visitante desligou o gravador. O seu semblante estava deformado pela estupefacção. Duvidaria da sanidade do interlocutor?

O tempo é dos africanos, mas em demasia só atrapalha. Por isso, Casuarino levantou-se intempestivo. Pediu que se mantivessem desligadas as máquinas de gravação e olhou furiosamente para o vizinho Matambira. Depois, amarelou um sorriso e solicitou com mal disfarçada cortesia:

— *Dá licença, brother Benjamin, que falemos um pouco em si-hungwé entre nós? É só para esclarecer um pequeno detalhe...*

Sorriso mal dissimulando a fúria, o empresário Casuarino dirigiu-se a Zeca Matambira falando na língua local:

— *Vangunis? Foi isso que você disse, vangunis?*

Olhos baixos, carregados de culpa, o vizinho anuiu. Casuarino segurou a cabeça com ambas mãos como se receasse perdê-la.

— *Você é burro, vizinho. Desculpa, mas você é mesmo muitíssimo burro. Quem lhe mandou falar dessa porcaria dos vangunis, ainda por cima com os portugueses a salvar-nos?*

— *Você não disse que eles vinham à procura das memórias da escravatura?*

— *Mas não é isso, não é nada disso, você não percebe nada. É um colonizado mental, aliás, é só um colonizado, porque nem chega a ser mental...*

E apontou para Mwadia. Havia que corrigir rapidamente os desvarios do vizinho.

— *Isto está a começar muito mal. Vamos adoptar uma abordagem científica. Você, sobrinha, vai começar já a espiar os papéis dos americanos.*

— *Quais papéis?*

— *Espreita tudo, esse americano é historiador, eu carreguei um saco que estava cheio de livros, relatórios e papeladas.*

Estava dada a incumbência: ao estudar os papéis de Benjamin Southman descobririam aquilo que ele aspirava encontrar em África. Depois, encenariam em Vila Longe a África com que o estrangeiro sempre havia sonhado. Mentir não passa de uma benevolência: revelar aquilo que os outros querem acreditar.

— *E você, caro Matambira, não esqueça que você foi nomeado responsável financeiro do projecto. Era isso que devia fazer e não pôr-se para aí a falar de vangunis e trapalhadas.*

— *É o que tenho feito, compadre: contas e mais contas.*

— *Não são contas que espero de si. São cálculos. Está a entender a diferença?*

— *Já apresentei ao americano as despesas do aeroporto. Com taxa de encargos, conforme você disse.*

— *E o tipo já adiantou algum pagamento?*

— *Ele está dizer que não nos pode pagar.*

— *Como não pode pagar?*

— *Ele diz que só pode pagar a uma comunidade local.*

— *E você o que é que respondeu?*

— *Bom, o problema é eu não sei bem o que é uma comunidade local...*

— *Você me desculpe, mano, mas o seu problema é que pensa tão devagar que as ideias só lhe chegam quando você está a dormir...*

— *Mas vocês sabem o que é uma comunidade local?*, defendeu-se Matambira dirigindo-se a todos os presentes.

O empresário Casuarino abriu os braços a mostrar que ele, e apenas ele, responderia à dúvida do improvisado contabilista. Falou lentamente como se se dirigisse a uma criança retardada.

— *Olhe bem para nós, mano: nós somos uma comunidade local, nós é que somos uma comunidade autêntica e autenticada, nem você encontra aqui mais nenhuma. É isso que você vai explicar aos afro-americanos, está claro?*

A conversa na língua local já ia longa e Casuarino não queria criar suspeitas no estrangeiro. Voltando a sentar-se, o empresário riu, bateu as

palmas com aparato, e concedeu a educada explicação:

— *Estávamos aqui a combinar uma coisa: amanhã vamos visitar um curandeiro. O brother vai ver: uma experiência autenticamente africana.*

O empresário Casuarino rogou pragas a Matambira quando escutou a pergunta do americano:

— *Esse curandeiro é um desses tais vangunis?*

Capítulo nove

Sobras, sombras, assombrações

Oceano Índico, Janeiro de 1560

*Vê do Benomotapa o grande império
Da selvática gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vitupério
Padecerá pela Fé santa sua:
Nasce por este incógnito hemispherio
O metal, porque mais a gente sua
Vê que do lado, d'onde se derrama
O Nilo, também vindo até Cuama*

(Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, Canto X, Estância 93)

*Assim como a morte não a pinta senão quem morre,
nem pode ser pintada senão vendo quem está morrendo, assim
o trago que passam os que navegam de Portugal para a Índia,
não o pode contar senão quem o passa nem o pode entender
senão quem o vê passar.*

(D. Gonçalo da Silveira, 1557)

D. Gonçalo foi convocado pelo padre Antunes num alvoroço. Era urgente preparar a extrema-unção para um grupo de escravos que estava morrendo.

— *Quem disse que estão morrendo?*

— *Bom... eles, aqui, simplesmente morrem.*

— *Alguém já chamou o médico de bordo?*

Antunes correu ao agasalho do médico goês. Não o encontrou. E logo o informaram: não era que ele se tivesse momentaneamente retirado. O boticário Fernandes vendera o seu camarote, trocara-o por um barril de vinho. D. Gonçalo não se contentou com o atabalhado relatório do padre. Sereno, mas convicto, ele sentenciou:

— *Pois encontre-me esse Fernandes, num abrir e fechar de olhos.*

Manuel Antunes subiu ao castelo da popa, desceu às cobertas, espreitou pelas escotilhas, revistou o paiol das drogas. Não havia vestígio do goês. Por fim, encontrou Acácio Fernandes num improvisado recanto entre os caixotes de mercadorias. O médico se isolara, fixando panos e lençóis a fazerem de paredes.

— *Sente-se e baixe esses cortinados, ordenou.*

— *O que está a fazer aqui, neste cubículo, quando todos o procuram no convés?*

Olhar matreiro, o luso-indiano acenou com um baralho de cartas. Os jogos eram proibidos a bordo, sob pena de pesados castigos. Jogava sozinho? Um novo acenar do baralho e Antunes revirou os olhos, angustiado. Então era isso que o boticário queria dele: um parceiro para uma partida?

— *Não posso, doutor. Além disso, não é o momento.*

— *Eu é que digo quando é o momento.*

Discutir com um bêbado é como correr atrás de uma sombra. O padre optou por ceder. Sentou-se, gesto gago, e disse:

— *Jogamos rapidamente e depois você vem comigo...*

— *Combinado.*

— *Só há um problema, meu caro Fernandes: é que eu não sei jogar...*

O indo-português suspirou, triste. Atirou as costas para trás, a aplacar o desconsolo.

— *Só preciso que faça de conta.*

— *Como fazer de conta?*

— *Finja que está a jogar... Depois, mudou de tom, quase em súplica: Finja, meu amigo, lhe peço. É que tenho tanta saudade de uma partidita...*

Sem convicção, Antunes apanhou as cartas e inventou que as ordenava com paixão e critério.

†

Quando, por fim, o médico compareceu perante os negros moribundos ele prontamente concluiu:

— *Os desgraçados se envenenaram.*

— *Rituais pagãos?*, perguntou Silveira.

— *Há quem lhes chame assim. Eu chamo simplesmente fome.*

Que uns ali sucumbiam por não comer e os outros morriam do que comiam. Na noite anterior, alguns escravos tinham assaltado a cabina do piloto e roubado mapas.

— *Roubaram mapas. E para quê?*

Fernandes apontou para a barriga. Os escravos tinham comido os mapas. Amoleceram as cartas em água e devoraram-nas. O que eles não sabiam era que as tintas eram venenosas. O médico ironizou, em provocação:

— *Se ainda tivessem comido a Europa... Mas os tipos foram logo comer África. Esse é o continente mais venenoso.*

†

Há vinte dias que as naus haviam saído de Goa. A viagem demorava mais do que o esperado por acumulação de períodos de acalmia, com caladas [25] consecutivas e um permanente murchar de velas.

No vigésimo primeiro dia, os marinheiros, sem aviso nem explicação, agitaram-se e os gritos no convés ecoavam:

— *O Corpo Santo! Apareceu o Corpo Santo!*

— *O que se passa?*, inquiriu, assombrado, o missionário Silveira.

— *As exalações! Surgiram as exalações!*

Chamas de luz branca refulgiam na extremidade dos mastros e das vergas. Eram sinais de uma luz feminina, quase lunar. O céu estava escuro, carregado: as exalações eram, para os marujos, o anúncio de uma terrível tormenta. Era preciso um cerimonial para aplacar os maus espíritos. O jesuíta opôs-se à realização dos rituais.

— *Os estrangeiros chamam a isto fogo-de-santelmo. Tudo isso são coisas naturais*, observou D. Gonçalo da Silveira.

— *Se estes rumores corressem entre os negros nós os acharíamos demoníacos!*, comentou, com acidez, o padre Antunes.

— *Não os contrarie, padre*, pediu o contramestre. *Da última vez que o tentámos fazer, os marinheiros revoltaram-se de armas contra nós.*

Enquanto se discutia, um grumete subiu ao cesto da gávea e testemunhou a existência de pingos de cera verde. Era a prova que o navio tinha sido visitado. Em estado de alucinação, os mareantes se concentraram por debaixo da vela grande e em coro saudaram os espíritos: *Salve, Salve!*

Contrariando o aviso do contramestre, Antunes avançou entre a multidão para fazer recuar a manifestação herética. Num instante, foi rodeado por um grupo mais exaltado. Seria agredido se não fosse o

escravo Nsundi ter-se interposto e defendido o sacerdote. O negro puxou o português para perto da tolda do capitão e ali se protegeram dos energúmenos. Manuel Antunes contemplou com gratidão o escravo e perguntou:

— *O que lhe aconteceu? Tem as pernas cheias de areia branca...*

A aflição estampou-se no rosto do escravo: o saco de terra que trazia à cintura tinha-se rompido. Não mais ele se lavaria de saudade, não estaria resguardado contra a visita dos monstros.

†

Os religiosos não queriam aceitar o facto, mas nessa noite mesmo eclodiu a mais grave das tempestades. Os mares cruzavam-se que pareciam altíssimos montes, os violentos balanços tinham quebrado traves e torcido cavilhas. Durante a noite inteira todos, incluindo D. Gonçalo, acudiram às bombas para retirar água que teimava em entrar na nau por variadíssimas frestas. Seriam duas da manhã, o escravo viu reunir-se em redor do fogão o mestre, o capitão, o jesuíta e o boticário.

— *A situação é gravíssima! Este navio é um monte de remendos...*

A queixa do capitão era tardia e impotente. Naquele tempo, a ganância dos construtores de navios era tal que os faziam sem cuidado, mal acabados, mal calafetados, deixando entrar água pelas costuras.

— *Temos que deitar fora carga!*

Antunes quase sorriu. Não era apenas de um peso que se aliviariam. Mas de uma manifestação do pecado. Foi isso que sentiu quando viu deitarem ao mar fazendas de mercadores, baús de casados [26], fardos de canela e pimenta e caixas de seda. Quando atiraram pela borda a carga de benjoim o mar todo se encheu de perfumes. Por fim, quando vazaram os fardos de anil as ondas se tingiram de um azul intenso. Um azul flutuando sobre azuis.

Como tudo isso não bastasse, o mestre ordenou que se deitasse ao mar o elefante enjaulado. Os grumetes, de imediato, empurraram a jaula e a

custo de muitos braços a fizeram transpor a amurada. A gaiola de ferro tombou com estrondo sobre as vagas, mas não se afundou logo como seria de esperar. Ficou vogando entre as altas ondas. Em vez de se alarmar, o elefante parecia rejubilar em se ver mergulhado nas águas. Quando, por fim, a grade se afundou, o bicho exibia ainda tal felicidade que era difícil sentir compaixão pelo seu destino. O tratador ficou um tempo espreitando as funduras, mas puxaram-no para o tombadilho antes que a tempestade o levasse também a ele.

O oceano Índico recebia os fardos e exalava perfumes e colorações novas: aos poucos, como se fosse em troca desse sacrifício, as ondas amainaram e a tempestade serenou. Como diziam os marinheiros: voltaram os tempos galernos e brandos. Para os grumetes e marinheiros era o Corpo Santo que se aquietava. Para os do porão eram os espíritos dos antepassados que se reconciliavam com os viventes. A imagem de Nossa Senhora cobria os receios de uns e de outros.



A tempestade tinha alterado profundamente o estado de alma de Manuel Antunes. Quando ele se sentou junto do provincial jesuíta, podia-se ler o desassossego no rosto queimado pelo sol.

— *Tenho algo muito grave a partilhar consigo, D. Gonçalo.*

— *Fale, meu filho. O que o transtorna tanto?*

Transtornar era o termo certo. Porque o que Manuel Antunes iria confessar era realmente penoso: ele acabara de deitar para o fogareiro o caderno de viagem. As anotações da travessia, o registo diário dos acontecimentos e descobertas, e mesmo os testamentos dos falecidos, tudo isso se consumia entre labaredas. Incrédulo, Silveira nem chegou à palavra: sobre o peito fez e refez o sinal da cruz.

— *O capitão sabe dessa loucura?*, perguntou o missionário.

— *Não sabe, nem pode saber.*

— *E por que o fez? Por que queimou o caderno de bordo?*

Antunes não ganhava clareza na resposta. Escrever para ele se tornara num fardo. O grão de areia, a gota do mar, o elefante compacto e a lágrima leve, tudo se convertia em sua posse desde que fixado em letra. O caderno de viagens, explicou Antunes, ganhara um peso insuportável. Quando o lançou no fogo foi para se aliviar desse peso. Afinal, as palavras não enchiam apenas as folhas. Preenchiam-no a ele, proprietário de cada coisa descrita.

— *E eu não era capaz de ter tanta coisa, entende, D. Gonçalo?*

— *Você, meu caro, está perdendo o tento. Mais grave ainda, você está perdendo o temor a Deus.*

— *Não diga isso, Vossa Reverência.*

— *Tem rezado, meu filho?*

— *Vou-lhe confessar uma coisa: este barco está-me conduzindo para longe da fé.*

— *Estamos levando a palavra cristã a terras onde ela falta. Como pode vossemecê estar tão carente dessa mesma fé?*

Gonçalo conhecia a história do jovem sacerdote. Não se podia dizer que Antunes tivesse ido para padre por vocação. Adolescente, por desgosto de amor ele se tentara suicidar. Os pais enviaram-no para um seminário. Mas o moço não corrigia a sua paixão por uma menina de famílias, um caso de amores insolúveis. Os Antunes optaram por medidas radicais: meteram-no numa nau e enviaram-no em missão. Ir para África é longe. Para o Japão, mais longe ainda. Mas ir para padre, isso é seguir para além do mundo.

— *Você, caro Manuel, põe na sua ideia a relevância da nossa missão no Monomotapa?*

— *É exactamente isso que eu me pergunto, D. Gonçalo: tem sentido tudo isto, D. Gonçalo?*

— *Que pergunta é essa?*

— *Tem sentido irmos evangelizar um império de que não conhecemos absolutamente nada?*

— *Você está cansado e o cansaço é inimigo do bem pensar.*

— *Pois eu nunca estive mais lúcido. Já pensou bem? Estamos descobrindo terras que nunca conheceremos, estamos mandando em gente que nunca governaremos.*

— *Cale-se, peço-lhe que não blasfeme.*

— *Como iremos governar de modo cristão continentes inteiros se nem neste pequeno barco mandam as regras de Cristo?*

O provincial jesuíta não estava habituado a ser confrontado. Por isso, ele demorou a impor-se perante um Antunes que começou a desfiar um rol de acusações contra os abusos e imoralidades vividos na nau *Nossa Senhora da Ajuda*. D. Gonçalo suspirou, desvalorizando:

— *Você anda a escutar demasiado o médico goês...*

Mas a revolta de Antunes vinha de mais longe, nascera da devassidão que ele encontrara em Goa. O próprio poeta, Luís Vaz de Camões, criticara a corrupção na sátira *Os Disparates da Índia*. O jesuíta que se recordasse do que acontecera ao poeta. Contrariado, D. Gonçalo admitiu: sim, havia certamente uma degradação dos valores cristãos. Por isso mesmo, a Santa Inquisição acabara de se instalar na Índia Portuguesa.

— *Não precisa lembrar-me, eu recordo as nossas conversas em Goa.*

— *Há remédios que magoam, disse Silveira.*

Ainda na Índia, Antunes tinha questionado a condenação de Jerónimo Dias, um médico e cristão-novo, queimado publicamente numa praça de Goa. O evento era apenas o prenúncio de um período negro que se abateria sobre os territórios da Índia. Males necessários, diria D. Gonçalo, linhas tortas em que a escrita divina se endireitava.

O padre Antunes sentia medo em regressar ao velho assunto. Agora, a meio caminho entre Índia e África, ele perdia certezas como um corpo perde o pé nas fundas águas. O sacerdote espreitou por entre as colunas do chapitéu, perscrutou o horizonte e perguntou:

— *Sabe, D. Gonçalo, o que levamos no porão das naus?*

— *Sei, são mercadorias.*

— *Nada disso, D. Gonçalo. Nós carregamos é o Diabo.*

— *Cruz credo, padre Antunes. Tenha tento nas palavras.*

— *É isso mesmo. É assim que fazemos nas conquistas: primeiro, segue o Diabo; só mais tarde é que enviamos Deus.*

— *As suas palavras são pecaminosas, meu filho.*

— *Desça lá baixo e veja com seus olhos, proferiu em desafio.*

Apostava que se Silveira fosse contar os barris com água confirmaria, com certeza, que tinham embarcado menos unidades que o número previsto. A carga havia sido trocada por mercadorias mais rentáveis. No cais de Goa ficara água, entrara algodão. Ficara a água destinada aos escravos, entrara a riqueza destinada aos comerciantes. Muitos dos viajantes do porão não chegariam ao destino, mortos de sede e fome.

— *Vossa Reverência não quer ir lá ao porão, confirmar o que lhe estou dizendo?*

— *Não.*

— *Não quer ir?*

— *Não preciso ir.*

— *É que se descesse veria o escândalo das quintaladas.*

O padre referia-se aos fardos que cada elemento da tripulação tinha o direito de transportar. Na verdade, o porão não era suficiente para albergar tanta carga. As caixas tinham sido amontoadas no convés, de tal modo que era quase impossível circular entre o emaranhado de volumes. Tudo no navio era um negócio: o espaço, a comida, a água. Tudo se vendia, tudo se pagava.

— *Este mesmo navio é uma prova do pecado, veja como está construído.*

Padre Manuel se entusiasmou: se retomasse a função de escrivão ele haveria de denunciar, fazendo chegar ao Rei o relato do que se passava.

— *O Rei D. Carlos V de Espanha, sabe o que fez? Ele deu ordem que parassem com a venda de escravos, lá na outra costa...*

— *A escravatura, como você lhe chama, é um meio dos gentios se disciplinarem...*

— *Esses escravos que morreram envenenados eram cristãos!*

— *Tenho rezado por eles com fervor.*

— *Rezar já não basta. Tenho pensado, D. Gonçalo: eu sou o escrivão deste barco, aproveitemos este momento...*

— *Você não aproveita coisa nenhuma. Além disso, eu me pergunto, que escrivão é esse que deita ao fogo o diário de bordo?*

D. Gonçalo olhou o sacerdote com um misto de piedade e intolerância. Os dois religiosos possuíam histórias diametralmente opostas. Ao contrário de Antunes, que descendia de gente humilde, Silveira era filho de nobres, tinha prescindido de riqueza e prestígio, tinha contrariado família e amigos para seguir a vocação interior. Vindos de tão distantes origens e tendo calcorreado tão inversos percursos não podiam senão divergir.

D. Gonçalo estava na véspera do maior desafio de toda a sua existência. Não podia deitar a perder essa oportunidade por causa de um jovem noviço, de alma propensa a heresias. Por essa razão, o jesuíta decidiu pelo tom mais ríspido possível:

— *Digo-lhe mais, padre Manuel: ou você se emenda ou eu digo ao capitão que destino você deu ao diário de bordo.*

O argumento foi fatal. Antunes se acabrunhou, anichando-se num canto, amarfanhado como um pano velho. Em tom de súplica, ripostou:

— *O que lhe queria pedir, D. Gonçalo, é que proteja o meu sono. Sinto que estou ficando louco.*

— *Rezarei por si todas as noites.*

— *O senhor não entende. Eu quero que vigie o sono, me proteja. Eu estou sendo visitado por maléficos sonhos.*

— *Por mulheres?*

— *Não apenas mulheres. São mulheres que amei de coração.*

— *Tudo isso tem cura, basta que você o deseje.*

— *Já não sou dono da minha vontade. Sabe o que senti, D. Gonçalo, quando desabou sobre nós a tempestade?*

Quando o poder dos elementos se desfechou sobre a nau, Antunes se encheu de satisfação. Aquele vento, pensou ele, iria varrer a terra por inteiro, atingir por igual os fracos e os poderosos. E os grandes

aprenderiam que há um poder bem maior que o deles. O vento os ensinaria a saberem ser pequenos.

— *Mas há sonhos piores, D. Gonçalo...*

— *Não sei se quero ouvir.*

— *Acho que estou ficando negro, padre.*

— *Negro?*

— *Sim, um cafre.*

— *Agora, começo a achar que você devia falar com o médico.*

— *Falo sério, Vossa Reverência, sinto que estou mudando de raça.*

Até dia 4 de Janeiro, data do embarque em Goa, ele era branco, filho e neto de portugueses. No dia 5 de Janeiro, começara a ficar negro. Depois de apagar um pequeno incêndio no seu camarote, contemplou as suas mãos obscurecendo. Mas agora era a pele inteira que lhe escurecia, os seus cabelos se encrespavam. Não lhe restava dúvida: ele se convertia num negro.

— *Estou transitando de raça, D. Gonçalo. E o pior é que estou gostando mais dessa travessia do que de toda a restante viagem.*

Capítulo dez

Uma mulher a céu aberto

Moçambique, Dezembro de 2002

*Primeiro, desejamos uma mulher que nos faça sentir a Vida.
Depois, queremos uma mulher que nos faça esquecer a Vida.
Por fim, queremos apenas estar vivos.*

(Desabafo do Alfaiate de Vila Longe)

No dia seguinte, o casal de visitantes dividiu-se. Benjamin Southman foi com Casuarino e Matambira fotografar as redondezas da Vila. Rosie ficou em casa, preparando-se para entrevistar Constança, em conversa de mulher para mulher.

O encontro teria lugar ao fim da manhã e decorreu na cozinha do pátio, isolada do resto da casa, oculta entre as ramagens da frondosa mangueira. Constança insistiu que a conversa só poderia suceder no luande [27], no recinto onde mais ela se sentia dona da sua palavra.

— *Lá dentro de casa fica a cozinha de Jesustino. A minha é aqui fora, como sempre foi na nossa terra.*

Cercada por um muro redondo, fechada em cima por uma cobertura de colmo, a pequena casota apenas recebia mulheres. Constança explicou: a cozinha é um ventre, é ali que se aquecem os materiais da Vida. Os homens ficam fora. Eles que nem chegassem perto: alguém traz cinza para dentro da fogueira?

— *Foi aqui, neste chão, que nasceram as minhas filhas.*

— *Não nasceram no hospital?*, admirou-se Rosie.

— *Nunca. Como é que alguém pode ser feliz se nasce no lugar dos doentes?*

Mwadia sorriu, fingindo que acreditava. Constança mentia para não ter que reconhecer que sempre teve que esperar que Edmundo Capitani lhe concedesse autorização para frequentar o hospital. E como o marido estivesse sempre em missão de serviço, a esposa acabou seguindo o conselho do medo, fiel aos mandos da tradição. Só por essa razão ela parira em casa.

A mãe pedira a Mwadia que estivesse presente e a ajudasse no decurso da entrevista. Que ela, Constança Malunga, não via sentido naquele gastar de tempo. Isso ela já dissera aos visitantes: em toda a sua vida nunca ninguém lhe perguntara nada. Porquê agora, que ela já não sabia responder?

A brasileira mediu os seus volumes traseiros enquanto se acorava sobre um pequeno banco de madeira. Observou o modo como a anfitriã se derramara numa esteira de palha: as pernas dobradas, os pés descalços, juntos como irmãos siameses. Os dedos da mão direita ancinhavam a terra, enquanto repetia:

— *Foi aqui que elas nasceram. Foi aqui que deram o primeiro suspiro...*

A brasileira perguntou se podia gravar a entrevista e, antes de conhecer a resposta, retirou a maquinaria de dentro da mochila. Enquanto desenrolava fios e afinava os níveis sonoros, ela apontou para Mwadia e perguntou:

— *Essa é sua filha mais nova, não é?*

— *Minha, quer dizer...*

Só temos como nossos os filhos que são infelizes. Os outros, os que gozam de felicidade, acabam se afastando, em suave dança com a Vida. Era isso que Constança queria dizer, mas desistiu antes de começar a falar. A brasileira não entenderia. Ela nem filhos deveria ter.

Rosie tinha agora auscultadores colocados e o seu rosto ganhara uma expressão grave, quase solene, quando se explicou:

— *Sou psicóloga.*

O rosto impassível de Constança encorajou a brasileira a prosseguir na justificação dos seus intentos. Nos estabelecimentos prisionais dos Estados Unidos da América ela tinha recolhido, durante anos, relatos de negros encarcerados, verdadeiros testemunhos do inferno. Criminosos

abriam-se com ela e contavam-lhe a intimidade dos sonhos. A prisão é um lugar onde se dorme muito e o sonho substitui o viver. É a única coisa que o sistema não pode encarcerar: os sonhos. Rosie registou as representações mentais de negros na América e queria compará-las com o imaginário africano. Ela achava que havia ligações misteriosas entre as duas margens do Atlântico, sobretudo nos mitos religiosos.

— *Os sonhos deles evocam espíritos que só podem vir daqui, de África.*

— *Os espíritos não vêm de nenhum lugar. São como a água: estão dentro de nós.*

— *Esses espíritos moram aqui, nos rios africanos,* insistiu Rosie. *Os presos dizem que são filhos dos espíritos das águas.*

— *Como é que eles sabem?*

— *Sabem tudo isso pelos sonhos.*

— *Alguma vez pediu a esses presos que dançassem?*

— *Não entendo, Dona Constança.*

Sabe-se mais dos sonhos dançando. Os pés do dançarino martelando a areia entendem mais do idioma dos sonhos. Foi isso que disse a matriarca.

A brasileira parecia desconcertada, com dificuldade de retomar o fio do discurso que preparara. Contudo, e após uma pausa, ela regressou ao assunto:

— *Gostaria que me falasse nos seus sonhos, nos sonhos da gente de Vila Longe.*

Constança encolheu um só ombro, assimétrica. Meneou a cabeça para reforçar as palavras.

— *Nada.*

— *Desculpe, nada o quê?*

— *Nós aqui já não sonhamos.*

— *Isso é impossível, toda a gente que vive sonha. O que pode acontecer é que vocês já não se recordam.*

— *Recordamos de quê? De viver?*

A brasileira desligou o gravador. Recuava na abordagem para sossegar a entrevistada. Deixou pairar um silêncio e voltou à carga, usando de um tom melífluo:

— *Não preciso que me conte o lado íntimo dos sonhos, queria apenas...*

Constança esbracejou, parecia um caranguejo em apelação. A filha entendeu e correu a ajudá-la a reerguer-se. Já de pé, a dona de casa foi ríspida:

— *Chega, Dona Rosie! Não traga para aqui essa conversa de sonhos, não-sonhos.*

— *Pronto, pronto!*

— *Os sonhos são como doenças.*

— *Não quis ofender, Dona Constança.*

— *Foi por causa de sonhar que as minhas filhas saíram por esse mundo afora. E esta aqui, disse Constança, apontando para Mwadia, vive num sonho sem fim.*

A entrevista tinha sido abruptamente interrompida. Rosie fora deixada só no terreiro. Mwadia voltara atrás e desculpara os modos de sua mãe:

— *Ela está cansada.*

— *Sou eu que estou arrependida. Fui grosseira na minha insistência.*

A voz de Constança fez-se escutar. Convocava as duas mulheres para que entrassem no quarto onde se recolhera. A brasileira não esperou que os olhos se habituassem à penumbra e, ansiosa, desabafou:

— *Venho-lhe pedir desculpa, Dona Constança.*

Só então a brasileira descortinou o corpo da matriarca estendido no leito, o leque em sua mão fabricando um fresco.

— *Você tem razão: há um sonho que me persegue.*

— *Se não quiser, não precisa me contar.*

— *Pois este vou contar, talvez eu fique mais leve. Vai é pesar no seu ombro. A senhora sabe, eu sou uma mulher a céu aberto.*

E explicou-se: quando lhe surgiu a menopausa ela passou a ser visitada sempre pelo mesmo sonho. E sonhava que tinha convocado familiares e amigos para uma festa de arromba. O pretexto era o de que estava celebrando os calores. Os convivas se interrogavam: que calores seriam esses? Congregados em silêncio ao redor da velha mesa, todos ansiavam pelo desvendar da razão do evento. Constança levantou-se e imitou os homens: falou empoleirada numa cadeira. *Meus senhores e minhas senhoras, pais e mães de Vila Longe*, declarou em tom portentoso que ninguém reconheceu.

— *Parece o Casuarino!*, cortou alguém.

Copo na mão, Constança fez pesar uma pausa e, por fim, anunciou:

— *Esta festa é para dar Graça a Deus. Porque, a partir de hoje, eu sequei.*

Os olhos de Jesustino simulavam duas tesouras golpeando os ares. De soslaio, Constança espreitou o rosto do marido e prosseguiu:

— *É verdade, meus amigos, em mim já mirrou todo o pólen. Sou uma mulher seca. Se alguma vez mais eu sangrar não será por motivos de mulher.*

Reinava a estupefacção entre os convidados. Aquela era uma heresia, uma inaceitável ofensa contra a primeira vocação da mulher. Que outra função mais nobre se espera das descendentes de Eva? Adivinhando o pensar geral, Dona Constança mais se agravou:

— *Pois vos confesso: eu invejo a mulher que nunca sangrou.*

O pasmo geral ia-se convertendo em incontida indignação. A mais velha das filhas, assombrada, ainda inquiriu:

— *Mas a mãe não gostou de nos ter?*

— *Nunca vos tive. Vocês é que me tiveram a mim, me sugaram não só os peitos, mas chuparam-me o alento de viver.*

Constança benzeu-se quando fez referência ao pai de suas filhas, o falecido Edmundo. Verdade fosse dita: a ele nunca nenhuma filha tinha

pesado. Nem na barriga, nem na vida. Nela, e só nela, pesaram os vivos, pesaram os falecidos. Esse é o destino da mulher pobre: ser a última a deitar-se e não dormir com medo de não ser a primeira a despertar.

As demais mulheres choram quando se lhes mirra o ventre. Dizem que o céu se fecha para a mulher menopausada. Para ela era o oposto.

— *Agora é que eu sou mulher a céu aberto!*

Constança olhou o marido: estava enrugado de vergonha, humilhado perante a revelação de uma esposa doce mas espinhosa como o fruto do ananás.

— *Não fique assim, Jesustino. Eu já não ardo, meu marido, mas me estrelo toda para si.*

O marido sacudiu a mão da esposa que ousava consolar o seu derreado ombro. Constança ainda sorriu e fechou o discurso:

— *E agora, meus amigos, podemos comer.*

Ninguém pegou nos talheres. Paralisados, ficaram a observá-la levando a comida à boca. Enquanto mastigava, em seu rosto se adivinhava a ilegível lágrima. Perante o silêncio e a apatia geral, Constança chorou enquanto comia. O haver alimento, assim disposto para todos: era esse o verdadeiro milagre, apenas em sonho acontecido.

Nascemos e choramos. A nossa língua materna não é a palavra. O choro é o nosso primeiro idioma. O único de que, naquele instante, Constança era capaz.

Quando terminou a invocação do sonho, Constança quase quebrava a interdição de se chorar dentro de casa. Mas era Mwadia quem mais se havia perturbado:

— *Que horror, mãe: a senhora sonhava que não nos queria? A nós, suas filhas?*

A mãe não foi capaz de responder, ocupada em enxugar o nariz. O que Constança sentia era raiva dessa lonjura a que as filhas a condenaram,

mas ela, natural de Vila Longe, o que poderia fazer? Mwadia não sabia mas não havia noite em que a saudade não tocasse nas filhas ausentes e, de novo, as fazia recém-nascer. Mal recomposta da sua briga com o sentimento, Constança ainda balbuciou:

— *Vocês, minhas filhas, me deram a única vida que tive.*

A matriarca sacudiu a cabeça, endireitou o peito a corrigir os excessos. Depois, ergueu-se e foi à porta, desiluminando o recinto. Parecia animada de um secreto ânimo quando se dirigiu à brasileira:

— *Você alguma vez pilou o milho?*

— *Nunca.*

— *Vamos para o pátio. Tendene kusinja.*

Constança correu, pés descalços, pela areia do pátio, deixando Rosie embasbacada. Mwadia não esperou pela pergunta e adiantou-se na tradução:

— *A mãe disse: vamos pilar!*

Reuniram-se as três mulheres em redor do almofariz, cada uma delas munida de um pau de pilão. Foi Mwadia quem começou a socar o milho. Depois, foi a vez de Constança levantar o msundi [28] e deixá-lo tombar provocando um som cavo no ventre da madeira. A brasileira esperou pelo seu turno, como num jogo de infância. Demoraram a acertar até descobrirem o compasso e a alternância das batidas. A vida é assim: à vez, ora Deus, ora o Homem. A brasileira sorriu e o riso a foi tomando: há muito que a sua alma não era contagiada por um fazer tão simples, o moer do pão, o ir e vir de um coração que ela desconhecía.

Depois de um tempo, Rosie entendeu: aquele era um modo de dançar. A brasileira afastou-se das outras e, conservando o mesmo ritmo, foi rodopiando pelo pátio, ao compasso das batidas no almofariz. Foi acelerando o passo, deixando-se possuir pela dança. Sambava? Os pés ligeiros desconheciam o vultear do corpo. Aos poucos ela estava penetrando no território dos sonhos. Foi então que começou a escutar as vozes dos presos. Vinham não das celas americanas, mas das sombras de Vila Longe.

Quando deu por si, Rosie estava deitada sob o telheiro do luande, exausta de felicidade, as pernas e os seios descobertos como que em flagrante acto de amor.

— *Por favor, não digam nada a Benjamin.*

Sacudindo as saias, alisando a blusa, a visitante retirou-se. No seu íntimo, ela aprendera: pela dança voltamos ao ventre materno. Foi lá, nesse oculto abrigo, que escutámos o primeiro tambor, executámos os primeiros movimentos de embalo. Foi lá que fomos peixes, fomos água, adormecida onda, incessante maré.

Pela tarde, Rosie regressou. Trazia um caderno do marido que antes já havia mostrado a Constança. Benjamin tinha vasculhado no passado do clã dos Malungas, antepassados de Constança. Sabia das guerras de famílias, dos conflitos entre os poderes, da revolta dos escravos no Zumbo. Estava ali a biografia do pai, do avô e do bisavô. Estava ali tudo, convertido em papéis avulso, guardados na sua mochila.

A brasileira não se demorou em pequena conversa. Estendeu umas folhas na direcção de Constança e disse:

— *São estes os documentos de que lhe falei.*

Mwadia sentiu a crisão dos músculos no rosto de sua mãe. Um menear de cabeça deu ênfase às suas palavras:

— *Eu já ontem disse: não quero lembrar esse assunto.*

A visitante esperava a reacção de Constança. E insistiu: apenas queria que ela confirmasse, com lacónico «sim», a veracidade daqueles papéis. Curiosa, Mwadia espreitou o título. Estava escrito: «Relatório da revolta de Ashi-kunda contra os senhores de escravos no Zumbo.»

— *Passe, por favor, estes papéis à sua mãe.*

Mwadia Malunga esticou o braço e agitou as folhas junto ao rosto da sua progenitora. Nenhuma reacção. A mulher recusava prestar a mínima atenção. A filha acabou por deixar tombar o relatório no largo colo de Constança. Num relâmpago lhe veio à lembrança quando ela, ainda menina, entregava à sua mãe o caderno escolar com letrinhas de sua autoria.

— *Veja, mãezita, escrevi esta cartinha para Deus.*

— *Não se escreve para Deus, minha filha.*

— *E porquê?*

O pobre Deus, explicava Dona Constança, sofria de vista cansada, exaurido pelos peditórios infinitos.

— *A mãe pode ler?*

— *Não quero.*

— *Posso ler em voz alta?*

Também não. Os pedidos verbais, fora da oficial oração, não têm validade legal. Ela que rezasse, como mandavam as escrituras.

E tudo se repetia, sempre igual, até que, certa vez, Constança puxou a menina pelos braços, convidando-a com gentileza a sentar-se no chão. Partiu um galho de arbusto e solicitou, apontando a areia:

— *Escreva aí!*

— *Escrever o quê?*

— *Qualquer coisa, um nome, o seu, o meu, qualquer...*

A moça hesitou. Escrever no chão? A mãe, por fim, se explanou:

— *É que eu só sei ler na areia.*

Tinha sido ali, no pátio da velha casa, que ela havia recebido lições do abêcê. A terra tinha sido o seu quadro negro, o quintal tinha sido a sua escola. Mwadia sorriu, fingindo acreditar. A mãe insistiu.

— *Escreva na terra, filha. A terra é a página onde Deus lê.*

Uma vez mais, tantos anos passados, os olhos de Constança não desceram sobre os papéis. Desta vez, porém, ela não podia recorrer ao estratagema da areia, nem ordenar que a visitante escrevesse no chão.

Os dedos gordos de Constança Malunga ficaram roçando o papel. Cansada com a demora, Mwadia se adiantou, tranquilizando a mãe: ela

leria em voz alta, resumindo as passagens mais significativas. Os olhos da moça esvoaçaram sobre as páginas, viajando pelos séculos. Falava-se da morte de um tal Muacanha Malunga, um escravo revoltoso que ousara erguer-se contra o comerciante de escravos, um goês de nome Agostinho Rodrigues.

— *Esse Agostinho Rodrigues era bisavô do seu marido Jesustino e esse Malunga era avô de seu pai...*

Antes que Mwadia pudesse concluir, a mãe afirmou, sem erguer o rosto:

— *Casar com um muzungo sempre foi o destino nosso, as Donas do Zambeze.*

No caso dela, porém, esse homem era escolha interdita: entre as duas famílias corriam ódios antigos.

— *E casou porquê?*

— *Porque eu queria soltar-me, sair das cadeias que me prendiam.*

Constança ergueu o rosto, olhou de frente a visitante, e disse:

— *Você quer aproximar-se de África, eu queria afastar África de mim...*

— *Não diga isso.*

Constança argumentou com firme doçura: a brasileira não sabia o que era ser mulher naquele tempo, naquele lugar. O casamento era, para ela, um passaporte para outra vida. Essa outra vida seria mais leve, menos controlada. Jesustino era uma mistura de português, africano e asiático. O homem aprendera respeitos que ela tanto apreciava. Uns usam o casamento para fazer família. Ela usara o matrimônio para desfazer a anterior família.

— *E foi feliz?*

— *Já me arrependi muitas vezes.*

— *E porquê?, quis saber a filha.*

— *Durante todos estes anos o meu Jesustino nunca me proibiu de coisa alguma, queixou-se Constança.*

— *O seu marido lhe deu liberdade e a mãe ainda chora?*

— *Liberdade, liberdade... Você acha que isso dá felicidade a alguma mulher?*

Sucedera o inverso: essa tal liberdade só a tinha atirado para as bocas do mundo. Não havia em Vila Longe conversa em que a fraqueza de Jesustino não viesse à baila. Naquele lugar tudo se sabia por vias e travesseiros.

— *Não conhece a história do pássaro que chorou para que lhe nascessem raízes?*

— *Eu nem comento, mãe. Faço de conta que não estou ouvindo.*

Pagara muito caro a ousadia de ser diferente. As suas filhas nunca mais a visitaram, os irmãos não lhe escreviam e o único cunhado com quem, desgraçadamente, mantinha ligação era Casuarino, mas esse...

— *É muito bom sonhar com África, assim de longe,* disse Constança dirigindo-se à estrangeira. *Você, minha irmã, não aguentaria viver aqui...*

As cautelas de Dona Constança tinham fundamento: há conversas que só se podem desfiar entre mães. Ali estava Mwadia, sua filha, que nunca tivera descendência. E ali estava a estrangeira que ela desconfiava não ter filhos. Precisava confirmar esse dado na identidade da visitante. Se fosse num outro tempo, ela teria escolhido um atalho para evitar o tom directo. Agora, já não tinha idade para cortesias. À queima-roupa, ela perguntou:

— *A senhora tem filhos?*

— *Tenho não.*

— *Desculpe?! Tem ou não?*

— *Não tenho. Não posso ter.*

Deus não é alto, mas vê tudo de cima. Desse modo se garantiu Constança: não era preciso ter poderes nem altura para adivinhar a solidão daquela mulher.

— *É assim tão importante uma mulher ter filhos?*, inquiriu a brasileira.

— *Não sei, minha irmã. Conte-lhe o sonho da festa dos calores. Mas a verdade é que eu só tenho uma saudade: estar grávida.*

— *E porquê, Dona Constança?*

— *Uma mulher grávida está sempre certa.*

Naqueles tempos de gravidez, sempre que chovesse, Constança corria para o quintal e levantava o vestido. No ventre, o bebé sentia a chuva, aprendia o valor de ter um abrigo.

— *Há lições que começam antes do nascer. Foi assim que ensinei as minhas filhas a terem casa.*

E quando todos dormiam, a grávida Constança deitava-se de costas sobre a areia. Estava tão prenhe, que parecia deitar-se por baixo da barriga. De olhos fechados, ela escutava o bebé dançando dentro do ventre. Os pequenos pés pilavam em seu ventre, moendo o tempo que restava para virem à luz. Constança tocou o ombro da filha:

— *Esta era a que mais dançava.*

— *A mãe nunca me disse isso. Então, eu dançava?*

— *Você era um peixe, minha filha, e nadava dentro de mim. Já nessa altura a sua vocação era viver na água.*

— *Pronto, lá vem a mesma história...*

O braço erguido de Constança era um pedido de paz. Voltou a tocar o ombro da filha, demorou-se assim um tempo sacudindo o corpo de Mwadia como se fosse um pêndulo nas mãos do tempo. Depois, suspirou:

— *A única coisa que lamento: é que me tornei demasiado esposa para ser mulher.*

— *Isso quer dizer o quê, mãe?*

Constança, primeiro, sacudiu a resposta. As outras insistiram. A matriarca acabou confessando: os homens de Vila Longe acreditavam-se todos muito machos.

— *Agora, que estou no fim da minha vida, posso confessar: as vezes que fiz amor com mais paixão foi com mulheres.*

— *A mãe fez amor com mulheres?*

Mwadia estava aterrada. Uma mãe não fala de assuntos destes. Muito menos confessa algo tão íntimo, tão chocante.

— *Você tem que saber isto, minha filha.*

Vila Longe era uma terra de homens ausentes. Saíam dali adolescentes, sem idade para serem homens. Regressavam doentes, demasiado tarde para serem maridos. Por fim, tornavam-se pais quando as esposas ficavam viúvas.

— *Fomos ensinadas a esperar pelos homens. Mas essa espera demora mais que uma vida. Ninguém espera tanto assim por ninguém.*

— *Estou espantada, admitiu a brasileira.*

— *É o que lhe digo: os homens daqui são péssimos amantes.*

— *Não é isso que consta lá no Brasil.*

— *Isso é porque não pedem a opinião das mulheres.*

Os homens de Vila Longe, disse ela, não queriam saber do prazer das suas companheiras. Serviam-se delas. E elas não esperavam da Vida mais do que isso. Por isso, não se queixavam. As mulheres de Longe são sempre as últimas a falar, as últimas a comer, as últimas a adormecer...

— *Não é tanto assim, protestou a filha.*

— *É isso que se passa com Zero?, perguntou a brasileira.*

— *Zero não é para aqui chamado, resmungou Mwadia.*

O tom era seco, a sugerir que a conversa estava derrapando em territórios interditos. Mas a velha mãe não havia ainda terminado:

— *Você não sabe nada, filha. Eu nunca lhe falei sobre certas coisas...*

— *Que certas coisas?*

— *Sabe, por exemplo, o que é o mutendo wegudu?*

— *O umu... quê?*

— *Mutendo wegudu: é a areia onde o macaco urinou.*

— *A mãe está a delirar, o melhor é ficarmos por aqui.*

— *Espere, espere. Me responda só a mais o seguinte: você sabe o que é o mugugudu?*

A areia com urina era misturada com a casca da árvore mugugudu e aquela mistela servia para encher uma peúga que era introduzida na

vagina. Durante anos, Constança sujeitou-se a essa prática para secar a vagina e eliminar os fluidos que os homens dali acham poluídos.

— *Que horror!*, exclamou Rosie. *E você era obrigada a fazer amor assim?*

— *Amor?! Chama a isso amor?*

— *Mas com Jesustino também era assim?*

— *Homem é homem.*

Capítulo onze

Um fio de cabelo
atrapalhando a poesia

Moçambique, Dezembro de 2002

*Os ricos enriquecem, os pobres empobrecem.
E os outros, os remediados, vão ficando sem remédio.*

(O Barbeiro de Vila Longe)

Quando, há trinta anos atrás, Arcanjo Mistura desceu à praça e proclamou: «*Vou fazer um poema!*», todos fugiram e se trancaram dentro de casa.

«Poema» era palavra cheirosa, causadora de temores e suspeitas. Na boca de Arcanjo podia mesmo ser o anúncio de catástrofe. Se alguma vez ele chegou a compor um poema, isso nunca se soube. Quando lhe perguntavam pelo cumprimento da ameaça, ele respondia: «*Vila Longe não merece nem um epitáfio.*» Os lugares morrem como os frutos: quando já não dão semente. Vila Longe se extinguiu seca, murcha, indeiscente.

Na altura, Arcanjo Mistura era jovem, quase um estranho para os de Vila Longe. Passara a adolescência estudando no vizinho Malawi. Abandonara os estudos para se dedicar à política, nos meandros da capital. Fora preso e muitos acreditaram que tivesse morrido nas masmorras da PIDE. De regresso à Vila, abriu a barbearia. Todos se espantaram: como é que um homem tão letrado aceitava uma ocupação tão modesta? Só depois se soube: a barbearia é um lugar em que se reduz o cabelo e crescem as línguas. É um bazar de conversas, um mercado de mexericos.

— *Sou barbeiro não por profissão, mas por missão.*

No escondido da sua loja, Arcanjo se actualizava sobre as realidades políticas e vontades das gentes. Todas as semanas enviava relatórios sobre a situação naquele fim do mundo. O confidencial destinatário tomava o nebuloso nome de «comité». O barbeiro revolucionário bem podia estar seguro: ninguém na aldeia ouvira nunca tal palavra. E se

alguém, alguma vez, leu esses relatórios, essa era uma outra questão, tão enigmática quanto o prometido poema.

Do Malawi, Arcanjo trouxera uma máquina fotográfica. Era ele que fixava os retratos dos locais e conduzia os rolos à cidade para revelação e impressão em papel. Quando regressava era uma festa, dezenas de mulheres e crianças apinhadas para espreitar as imagens. O que restava desse tempo glorioso era um velho e desbotado álbum de fotografias que jazia entre as cadeiras da barbearia.

Depois da Independência, Arcanjo tentou voltar à cidade grande. Levou com ele uma agenda de moradas e telefones. Começou visitando a casa do primeiro companheiro, o primeiro na lista. Tinha morrido. O segundo, igualmente morto. E o terceiro, idem. E Arcanjo ia riscando na sua agenda de bolso, um por um, os nomes dos antigos companheiros. Aos poucos, a agenda exibia mais riscos que nomes. Descobriu, então, que era ele mesmo que se estava apagando em cada risco. No final, a sua memória não era mais do que uma agenda inútil. Desistiu da cidade e regressou a Vila Longe. E fez-se barbeiro. Não tinham sido apenas os amigos que morreram. Falecera um tempo em que ele podia fazer amigos.

— *É por isso que gosto da minha profissão. A gente corta o cabelo e ele volta a crescer.*

Havia mais poesia num fio de cabelo que em toda a multidão de imbecis de Vila Longe. Era esse o costumeiro desabafo de Arcanjo Mistura.

Manhã cedo, Jesustino Rodrigues foi surpreendido por ruídos estranhos. Ele era sempre o último a levantar-se, desde que a alfaiataria fechara. Todos saíam de casa e ele ficava transpirando sobre os lençóis. Desta vez, estava certo de que era o último resistente na modorra matinal. Tinha visto a mulher e a enteada saírem com o casal visitante.

Levantou-se da cama e foi pelo corredor, em bicos de pés, um chamboco [29] preparado para intervir. Foi nesse momento que flagranteou o barbeiro a revistar o quarto dos americanos.

— *Isto é um crime, Mestre Arcanjo!*, gritou o alfaiate.

— *Crime? Crime é o que esses americanos estão a fazer connosco!*

— *Estou cansado das suas loucuras, Mestre Arcanjo.*

— *Ai, sim?! Pois veja estes papéis, veja...*

Não chegou a mostrar papelada nenhuma. Naquele preciso momento, Mwadia entrou no quarto. Eram horas do encontro na barbearia. O americano já esperava e há mais de uma hora que ela procurava por Arcanjo. Alguém a alertara que ele tinha sido visto, ar furtivo, entrando em casa dos Rodrigues.

O barbeiro arrumou apressadamente os papéis no bolso da sua bata branca antes que Mwadia o interpelasse:

— *Mestre Arcanjo, o que faz aqui? Todos estão à sua procura, Mestre. O americano quer entrevistá-lo.*

— *Eu já disse o que tinha a dizer sobre isso.*

Todos sabiam da sua irredutível recusa. Na noite anterior, o empresário Casuarino tinha, por todos os meios, tentado que o barbeiro acedesse a colaborar com os americanos.

— *Aceite, Ba Arcanjo. Eles são nossos irmãos*, insistia o empresário.

— *Quero lá saber que sejam pretos. Que pretos são estes que até têm medo da palavra «preto»?*

Arcanjo Mistura permanecia inflexível. Ele vivera o colonialismo e aprendera que os portugueses mais pobres eram, afinal, os mais racistas. O mesmo estava sucedendo nos EUA: aqueles pretos que tiverem sucesso converter-se-ão nos mais fervorosos defensores do mesmo sistema que, antes, os discriminou.

Casuarino esgotara as razões. Não lhe apetecia prolongar uma conversa que ele já sabia como iria terminar: o barbeiro insinuaria que haveria traidores que estavam desvirtuando o legado dos libertadores da Pátria. Gente que erguera o braço para os «vivas» da Revolução e agora

estendia a mão para os peditórios de ganho mesquinho. Quando o empresário já se retirava, o barbeiro clamou:

— *Está bem, eu vou lá ao seu americano.*

— *Agradeço-lhe, nem sabe como isso é importante para mim, isto é, para Vila Longe.*

— *Mas você ainda vai ver.*

— *Vou ver o quê?*

— *No dia que houver uma guerra contra África, quem pensa que nos virá matar? Serão estes mesmos, os brothers, esses que você chama de «nossos» irmãos.*

Agora, em pleno corredor onde fora surpreendido em flagrante invasão, era Mwadia quem deitava água em suas fervuras. O seu argumento dispensava palavra: eram os seus olhos, cheios, redondos, que pediam. O barbeiro, porém, evitava enfrentar o rosto da jovem mulher. Por isso, ela falou:

— *Mas o senhor aceitou, ainda ontem aceitou.*

— *Isso foi ontem, muito ontem.*

— *Mestre Arcanjo, venha que ele está à espera.*

— *Mas o que é que ele quer?*

— *É uma entrevista. É só isso que ele quer.*

— *Ai quer? Pois diga-lhe que eu é que o vou entrevistar.*

— *Por amor de Deus, Mestre, não é a mesma coisa?*

— *Não, não é. Eu é que determino as condições.*

— *E quais são as condições?*

— *O local é na barbearia, e a hora é esta manhã.*

Mwadia sorriu: nada havia mudado nas circunstâncias. Apesar disso, ela recebeu as instruções do barbeiro como se fossem importantes inovações e repetiu-as para que ele as confirmasse.

— *É isso, minha filha. Agora, vá lá e diga que estou atrasado.*

— *Atrasado? Mas ainda pode chegar a tempo.*
— *Convém que ele espere.*

Esperar foi realmente o que Benjamin Southman fez durante horas na eternamente vazia cadeira da barbearia. O americano quase se arrependera de ter inventado que queria cortar o cabelo, apenas para ter pretexto para conversar com o misterioso Arcanjo Mistura.

O barbeiro chegou, sem pressa nem desculpa, e demorou-se ainda mais nos preparativos, com o argumento de que «*estava afiando as lâminas*». Já pronto para ser barbeado, o americano passava em revista a colecção de fotografias.

— *Conhece esse aí? É Eduardo Mondlane, nosso primeiro presidente.*

Benjamin contemplou o retrato procurando retirar ilações. Tratava-se de um homem calvo, olhar sereno de quem se antecipa ao destino. Ao seu lado, figurava uma mulher branca, rosto redondo, de óculos de armação de tartaruga.

— *Vê esta senhora?*

— *Esta mulher branca?*

— *Chama-se Janet, é viúva de Eduardo Mondlane. Ela era americana, como você. Agora, ela é moçambicana. Agora, é africana.*

Benjamin não entendeu a insinuação, entretido a investigar os detalhes. Vícios de historiador: ele não via fotos, ele lia imagens.

Enquanto ajeitava uma toalha em redor do pescoço do freguês, o barbeiro voltou à carga:

— *Esta senhora, esta Janet, ela é que é nossa sister. A ela é que eu chamo verdadeiramente de «afro-americana».*

— *Bom, meu caro, você pode encarar isso como a nossa contribuição para a vossa luta. Uma contribuição americana.*

— *É o contrário, senhor Benjamin: essa é uma nossa contribuição para a vossa luta.*

O americano encaixou o golpe. Pretendia conquistar a simpatia do amargo barbeiro e necessitava avançar com cautela. Por isso, lembrou os tempos em que fora militante no apoio à luta nacionalista em África.

— *Acho que ainda tenho uma fotografia de uma reunião...*

Da pasta que conservava no colo retirou uma fotografia. Não era a que ele pretendia. Mesmo assim exibiu-a perante o olhar displicente do barbeiro. Na imagem, figuravam Benjamin e Rosie à entrada de uma igreja. Arcanjo comentou:

— *Foi nesse momento que vocês saíram de África.*

— *Desculpe?*

— *Vocês não saíram de África quando vos levaram nos barcos como escravos. Vocês saíram quando entraram na igreja e se ajoelharam perante Jesus.*

O americano não pôde deixar de pensar. Há muito que ele sustentava a tese inversa: tinham sido as igrejas que haviam preservado muito da africanidade dos descendentes de escravos. Naquele momento, contudo, evitou a retórica e sorriu com benevolência enquanto voltava a guardar a fotografia na sua pasta.

— *Uma coisa é certa, disse Southman, vocês, daquele lado, e nós, deste lado, temos uma única luta, a afirmação dos negros...*

Foi lenha atirada à fogueira. O barbeiro, navalha em riste, argumentou:

— *Irrita-me, senhor Benjamin, esse discurso da afirmação dos negros.*

— *Irrita-o porquê?*

— *O que diria você se encontrasse uns brancos proclamando o orgulho de serem brancos: não diria que eram nazis, racistas?*

— *Não pode comparar, meu amigo. São percursos diferentes...*

— *Ora, diferentes, diferentes... Por que somos tão complacentes connosco próprios?*

— *A verdade é só uma, afirmou Benjamin, nós, os negros, temos que nos unir...*

— *É o contrário.*

— *O contrário, como? Sugere que nos devemos desunir?*

— *Nós temos que lutar para deixarmos de ser pretos, para sermos simplesmente pessoas. E agora baixe a cabeça.*

— *De cabeça baixa ando eu há muito tempo.*

— *É para eu cortar-lhe atrás.*

Benjamin inclinou o queixo sobre o peito. Escutou o tinir furioso da tesoura em redor das orelhas e fechou os olhos como um condenado esperando o desabar da guilhotina.

Arcanjo segurou-lhe o corpo e varreu-lhe o pescoço com uma escova de pêlo fino. Uma nuvem de pó soltou-se da escova e o barbeiro tossiu, não escutando a pergunta que o estrangeiro lhe acabava de fazer. Benjamin repetiu apressado em mudar de assunto:

— *Pois eu pergunto uma outra vez: vocês aqui acreditam na reencarnação?*

— *Acreditamos na reencarnação*, ripostou prontamente o barbeiro.

— *Em quê?*, inquiriu Benjamin.

— *Reencornado é um homem que foi traído duas vezes pela mulher.*

O afro-americano entendeu a mensagem: ele não iria conseguir amaciar o barbeiro. Pior que isso: há muito que Arcanjo aguardava o prazer de se confrontar com aquilo que entendia ser um «adversário à altura».

— *Não corte mais, por favor...*

Quando a toalha se soltou, Benjamin reparou que o barbeiro não lhe tinha cortado um único fio de cabelo. Arcanjo, mesmo assim, sacudiu com vigor o pano e, de novo, uma nuvem de poeira se espalhou no estabelecimento.

— *Sabe uma coisa, senhor Southman? No fundo, eu tenho pena dos pretos.*

— *Pena? Ninguém precisa que tenha pena...*

— *A verdade é que tenho mais pena dos brancos.*

— *Isso é que já não entendo.*

— *Para muitos brancos será impossível deixar de ter raça. Porque há muito que eles aprenderam a gostar de ser brancos.*

Acabando de arrumar os instrumentos de trabalho, o barbeiro fechava a conversa.

— *E eu me pergunto, por que tanto falamos dos brancos?*

— *Foi você que veio com essa conversa, retorqui o americano.*

— *Tenho a certeza que os brancos não perdem tanto tempo falando de nós.*

Mistura justificou-se: se ele puxara o tema foi porque o americano exibira a raça como uma doença para que o mundo sentisse comiseração. E usava a cor da pele como empréstimo de identidade. E que não houvesse equívoco: ele ali, sentado na barbearia, não era afro-americano, não era negro, nem brother.

— *Você aqui, em Vila Longe, é só você: Benjamin Southman. E eu tenho pena de si, meu caro senhor.*

— *Dispenso esse sentimento.*

— *O que me faz sentir pena não é o que você procura em África, mas o que perdeu lá de onde vem.*

— *O que é que perdi?*

— *Voltem para a América, lá é que é a vossa casa. E vocês têm que lutar não é para serem africanos. Têm que lutar para serem americanos. Não afro-americanos. Americanos por inteiro.*

— *Americanos? Me diga: de que América seremos nós cidadãos? Agora, até bombas estão caindo do céu da América...*

— *Também aqui estão tombando coisas.*

— *Coisas? Que coisas?*

— *Disse-me Mwadia que caiu uma estrela perto de casa dela, lá em Antigamente.*

— *Uma estrela?*

— *Pensam que somos ingênuos, primitivos? Sei muito bem o que são essas estrelas.*

— *E o que são?*

— *Você é que me deve explicar a mim, senhor Benjamin.*

Sobre o balcão da estação de correios amanheceu um enigmático pedaço de papel. Matambira deu conta da sua presença e estranhou. Ergueu a folha a suficiente distância para que as letras fossem legíveis. A sua voz ecoou no vazio do estabelecimento:

Comunicado Secreto

Dois agentes dos nossos serviços encontram-se já no terreno onde se suspeita ter-se despenhado a nave de espionagem misteriosamente desaparecida numa região interior de Moçambique, a sul do rio Zambeze. Apesar da dificuldade de comunicação, sabe-se que os agentes se encontram bem, efectuando notáveis progressos na recolha de informação qualificada. Oficiais estacionados nas bases de apoio no oceano Índico aguardam resultados conclusivos para iniciar uma adequada acção de resposta. A hipótese de um bombardeamento está ganhando terreno dado o facto de a região ser quase despovoada e os danos colaterais poderem ser mínimos.

Zeca Matambira, alarmado, fechou os correios e cruzou a praça, de papel hasteado na mão trémula, rumo à casa onde se hospedava Casuarino. Entrou sem bater. Na sala estava também Jesustino Rodrigues. O primeiro a ler foi exactamente o alfaiate que, depois, soprou, estarrecido:

— *Um bombardeamento? Mãe Santíssima, e acham que será um bombardeamento aéreo?*

— *Todos os bombardeamentos são aéreos, as bombas caem sempre do céu.*

— *Deixem-me ler essa merda desse papel,* reclamou Casuarino.

— *Não é um papel, é um comunicado.*

O empresário espreitou o bilhete, leu e releu o que nele estava escrito, e inclinou a cabeça para enfatizar o que ia dizer:

— *Eh pá, mas vocês não reconhecem esta letra?*

— *Como se pode reconhecer se é letra impressa?*, perguntou o alfaiate.

— *Letra de imprensa*, corrigiu Matambira.

— *Ora, meus amigos*, atenuou Casuarino, *esta é caligrafia do nosso malfadado barbeiro, esta porcaria nem é um papel timbrado, isso é tudo uma aldrabice...*

— *Bom, naturalmente o barbeiro Arcanjo Mistura não inventou, ele apenas reproduziu os verdadeiros documentos.*

— *Mas quais documentos, Santo Deus!?*

As dúvidas não metódicas de Matambira e Jesustino irritavam o empresário. Como poderiam eles ser tão crédulos? Mais grave ainda: passar-lhes-ia despercebido que poderiam, com tais desconfianças, deitar a perder o negócio da visita? O americano estava ou não a pagar? Matambira, com um gesto da cabeça, admitiu que sim. Os lucros estavam ou não na margem prevista? Outro aceno afirmativo. Então, eles que dessem meia volta e lançassem o papelinho no latão do lixo.

— *Aqui não há latões de lixo, Casuarino.*

— *É pena, pois, se houvesse, deitávamo-lo fora a si, meu caro Jesustino.*

Na penumbra do quarto de hóspedes, Mwadia Malunga descobriu Benjamin Southman orando perante a estátua da Virgem. Quando terminou, ele corrigiu o vinco das calças e aproximou-se de olhar vago:

— *Vou-lhe confessar uma coisa, minha irmã.*

— *Fale, Benjamin.*

Por um instante, Mwadia receou que o estrangeiro estivesse ensaiando uma aproximação mais íntima. Por isso, quase respirou de alívio quando

o outro murmurou:

— *Às vezes, sinto saudade da América.*

Mwadia sabia de saudade. Todos aqueles anos em Antigamente tinham sido uma escola no assunto. A saudade é uma tatuagem na alma: só nos livramos dela perdendo um pedaço de nós.

— *É natural que sinta saudade, aquela é a sua terra.*

— *Não, a minha terra é esta. Foi aqui que nasci antes mesmo de começar a viver.*

— *Pois ainda bem que deixei aqui a estátua de Nossa Senhora.*

— *Só sei que venho aqui, me ajoelho perante a Virgem e reencontro sossego.*

— *É natural, o senhor é religioso.*

— *Não é só isso. O mais surpreendente, Mwadia, é que é nesses momentos de reza que mais encontro essa África que sempre sonhei.*

O afro-americano pediu um momento, afastou-se com passo decidido e regressou pouco depois com um pesado livro que abriu para mostrar uma estampa colorida.

— *Sabe quem é esta?*

— *Parece Nossa Senhora.*

— *Essa é Mama Wati, the Mother of Water. É assim que lhe chamam os negros da costa atlântica.*

Southman falava dessa sereia que os africanos fantasiaram a partir da imagem de Nossa Senhora. Essa sereia viajara com os escravos e ajudara-os a sonhar e a suportar as sevícias da servidão. Essa sereia deixara de ter chão, depois de não mais ter mar. O canto que embriagara os navegantes já há muito que havia emudecido.

— *Tenho saudade e nem sei bem de quê.*

Historiador e caçador de passados, Benjamin sentia falta de um tempo em que ele mesmo teria acreditado que as águas seriam moradia de deuses.

— *Mama Wati, mãe das águas...*

A Mwadia comovia-a que Benjamin a escolhesse como companheira de conversa, mesmo que entendesse pouco do que ele dizia.

— *E onde encontrou esta imagem?*, inquiriu o afro-americano.

Mwadia não teve despacho para inventar uma mentira. Ficou calada, ciente de que não devia revelar a origem daquela Nossa Senhora. O americano aliviou-a de produzir uma falsidade quando, cheio de certeza, afirmou:

— *Esta estátua devia ter vindo na proa de algum navio.*

Segundo ele, era usual ornamentarem com figuras religiosas os barcos que transportavam escravos. Era um modo de santificar o crime, mas também uma maneira de se acrescentar um valor simbólico à viagem. Uma nau já não era apenas uma embarcação. Era um altar flutuante.

— *Casuarino sabe bem da minha devoção por esta estátua. Sabe o que ele me propôs?*

Mwadia adivinhava mas fez-se de ingênua.

— *Pois ele quis vender-me a estátua.*

Benjamin Southman saiu sem reparar como o rosto de Mwadia se crispara. Nem escutou as ameaças que ela, entredentes, dedicava a seu Tio, o empresário Chico Casuarino.

Sozinha no quarto dos americanos, Mwadia pensou no tempo que estava perdendo em Vila Longe. Ou será que se esquecera do propósito que a levava à sua Vila Natal? Cada dia que passava sem encontrar refúgio para a Santa era um acumular perigos para Zero Madzero.

A Santa podia estar consolando saudades do americano. Mas a missão de Mwadia era encontrar um lugar sagrado para que a Virgem ganhasse novas eternidades. Em Vila Longe, que sítio poderia haver?

— *Ai santinha, triste ideia essa de Zero a tirar do rio...*

Um raio de luz incidia sobre a estátua e emprestava um estranho fulgor a uma réstia de tinta azul da túnica da Virgem.

— *Vou colocá-la na sombra!*

Abraçou a imagem e apertou-a de encontro ao peito. Por que é que ela era a única que pegava na Santa sem lhe virem tonturas? E demorou aquele abraço como se não soubesse de chão para pousar a estátua. Como se a única morada para a Santa fosse em coração de mulher.

Capítulo doze

A dança do peixe-voador

Oceano Índico, Janeiro de 1560

*Ó cafres, de pretos que sois,
quão brancas espero em Deus serão vossas almas!*

(D. Gonçalo da Silveira)

*O mais grave nos negros não-cristãos não é serem selvagens.
Mas é estarem convertendo em selvagens os portugueses que
são brancos e cristãos.*

(Confissão de D. Gonçalo da Silveira segundo Manuel Antunes)

*«[...] nós lhe outorgamos pelos presentes documentos, com a
nossa autoridade apostólica, pela livre permissão de invadir,
capturar e subjugar os sarracenos e pagãos e qualquer outro
incrédulo ou inimigo de Cristo, onde quer que seja, como
também reduzir essas pessoas à escravidão perpétua».*

(Carta do Papa Nicolau V ao Rei de Portugal, 1452)

Manuel Antunes nunca mais dormiu com sossego. Na nau *Nossa Senhora da Ajuda* ele tinha testemunhado crueldades que remoíam a sua alma caridosa. Foi numa dessas noites revoltadas que Antunes deu conta de que um vulto vagueava no seu agasalho. O intruso espiolhou cautelosamente o armário e, depois, abriu, com imenso vagar, a porta do camarote e escapou pela noite. O padre ergueu-se, sorrateiro, e seguiu o homem. Viu que ele se anichava junto ao amontoado da cordoaria. Antunes ocultou-se para descobrir os motivos do desconhecido. Esperou. A lua revelava-se em intervalos breves. Depois, o breu se reinstalava. O português escutou um ruído mecânico, entrecortado, como o respirar de uma fera. Os movimentos confirmavam: o intruso estava serrando madeira. As nuvens entreabriram-se e o padre, perante a terrível visão que lhe surgiu, lançou-se contra o vulto.

— *O que fazes, maldito?*

O escravo Nimi Nsundi desequilibrou-se e tombou, desamparado, no convés. Das suas mãos escapou um pedaço de madeira. Com o olhar tresloucado, o padre inspeccionou a Virgem apenas para se certificar do que ele mais receava: à estátua faltava-lhe um pé. Era essa extremidade do corpo da Santa que jazia, avulsa, no convés da nau.

O alvoroço se espalhou, célere, entre a tripulação. Desabrido e desgrenhado, abrindo alas entre os marinheiros, surgiu D. Gonçalo da Silveira. Fez-se silêncio. Durante segundos, apenas se escutava o mar e o crepitar das velas.

— *Matem-no!*, ordenou o sacerdote.

Quando puxaram o negro pelas axilas, notaram que o pé da Virgem havia desaparecido. Sacudiram o escravo, passaram a pente fino as

redondezas: não havia sinal do mutilado apêndice da estátua. Os gritos, as ordens e os vitupérios se atropelavam.

— *Onde está o pé? Onde o escondeste, maldito?*

Levaram-no para o porão e ali o colocaram sob vigilância. Nem que fosse à pancada o homem haveria de confessar a razão do crime e o paradeiro da amputada parte. Caso não confessasse durante a noite, na manhã seguinte ele seria pingado: verteriam óleo fervente sobre a pele nua para que revelasse os motivos do seu infame acto. Depois, seria enforcado no mastro para servir de exemplo.

†

— *Não entendo*, confessou Silveira.

O jesuíta bebericava água de seu púcaro e, abatido, ruminava as mais profundas dúvidas. Afinal, o mesmo cafre que salvara a Santa, esse que, todos os dias, se ajoelhava perante o relicário, esse homem surgia agora desfigurando a imagem de Nossa Senhora? Aquele negro que falava melhor português que muitos dos marinheiros, que vestia de modo mais cuidado que qualquer dos grumetes, mais devoto que muitos dos portugueses, cometia um acto de tal barbaridade? Aquela ambivalência não cabia na razão do missionário. Era essa dúvida que mantinha o escravo vivo. Caso contrário, ele tinha sido executado de imediato. O capitão, mais pragmático, declarou:

— *Cá por mim, matamo-lo já. E em frente da restante cafralhada.*

Silveira suspirou, com mal escondido enfado. O assunto era da área religiosa, competia-lhe a ele definir a sentença. Estava tentado a dar razão ao padre Antunes. Na verdade, o jovem sacerdote não gostava do capitão, homem rude, sem escola nem berço. No navio todos sabiam: o comandante fora nomeado pelo Rei como recompensa de favores.

— *Deixe o assunto comigo, capitão*, insistiu o missionário.

— *Vossa Reverência me permita: se não matar esse cafre e já, deixarei eu de ter autoridade neste navio.*

D. Gonçalves fitou de alto a baixo o capitão e uma nuvem escura lhe toldou o olhar. Aquele branco mal trajado, de pele mais tisonada que um mouro, de modos mais grosseiros que um cafre, e de linguarejar mais tosco que Nsundi, aquele homem não merecia a cruz de Cristo que refulgia, gravada no seu imundo colete. E lhe pareceu que toda a nau se transfigurava num continente negro, naufragando num turbilhão de pecados. Olhou o sol como se imputasse ao astro os breves delírios e colocou ordem no pensamento e mando na conversa:

— *Esperemos. Já aí vem Antunes, que foi lá baixo, falar com o desgraçado.*

O padre Manuel Antunes emergiu no convés, piscando os olhos, feridos pela súbita luminosidade. E parecia realmente ofuscado porque, em vez de se aproximar do jesuíta, ele se encostou à amurada como se estivesse nauseado. Ficou assim um tempo: pálido, fatigado, ausente. Foi preciso Silveira recordar-lhe que aguardavam dele alguma informação.

— *O homem já confessou?*

— *Permanece calado como uma pedra. Os outros cafres, esses é que começam a ficar inquietos.*

Do fundo do porão chegavam vozes dos escravos. Cantavam. E faziam-no certamente com vigor para que o coro fosse audível dois pavimentos acima do porão.

— *Está a ver?*, perguntou o capitão. *Esta coisa está ficar perigosa. Não tarda esteja aí um motim dos selvagens. Enforquemos já o mafarrico...*

— *Eu vou lá*, decidiu-se D. Gonçalves.

— *Lá onde?*

— *Vou descer ao porão.*

— *Mas para fazer o quê, D. Gonçalves? Há lá mais gente, há soldados...*

— *É exactamente isso que eu não quero. Capitão, por favor: mande retirar esses soldados do porão. Eu vou descer. Vou ficar a sós com aquela gente...*

— *Eu acompanho-o, D. Gonçalves*, disse o jovem padre.

O jesuíta hesitou em aceder: Antunes andava diluído em conflitos de consciência, esquecido do sentido da missão que os conduzira para além dos oceanos.

— *Pode vir, Antunes. Mas não o quero fraco, compreendedor das fragilidades alheias.*

— *Fique tranquilo, eu entendo a gravidade do momento.*

— *Não esqueça: o nosso fito é botar fora a peçonha que o diabo quer introduzir no barco para perdição dos navegantes.*

Os cânticos dos escravos apareciam agora mais nítidos. De repente, pareceu ao jesuíta que não havia mão pousada sobre o leme. Sob o intermitente luar, o navio era conduzido pelo embalo triste dos negros.



Quando o padre Manuel disse que o diabo viajava no porão da nau *Nossa Senhora da Ajuda*, o missionário Silveira não compreendera. Perturbava-o esse contra-senso: um navio com nome santo encerrar no seu ventre tal carga demoníaca. Contudo, agora que descia ao porão, as palavras de Manuel Antunes ganhavam sentido. Não era apenas o diabo, era o inferno que viajava dentro da nau.

Uma crescente inquietação efervescia no missionário: a vozearia dos cafres roubava-lhe a razão. Daí a pressa alvoroçada com que descia à terceira coberta: era urgente mandar calar os cânticos pagãos.

Os padres passavam agora à segunda coberta. Era ali que se encontravam os seus camarotes. Aquela era a fronteira do seu território seguro, a última das realidades visíveis. Seguiram descendo para a terceira e última cobertura onde se localizava o paiol das drogas e o paiol da pimenta. *Nossa Senhora da Ajuda* não era um navio negreiro. Os poucos escravos viajavam no porão onde se acumulavam as bagagens dos tripulantes. Os barcos especializados em carregar mercadoria humana chegariam depois e infestariam de maldição os mares do Índico.

A algazarra do porão tornara-se mais intensa como se brotasse não do ventre do navio, mas das profundezas do oceano. Era algo que, desde sempre, alvoroçara Gonçalo da Silveira: o modo como os negros gargalhavam, a facilidade da felicidade, a disponibilidade para a lascívia. Faltava aos selvagens não apenas um credo. Faltava-lhes moderação na alegria, tento no riso, parcimónia na paixão. A gargalhada é mulher, o riso é masculino. A primeira é própria dos bichos, a segunda é humana. Havia que humanizar os escravos. Afinal, para corrigir a gargalhada bem podia servir a gargalheira, essa coleira de ferro que prendia os escravos pelo pescoço. Era isso: a gargalhada pedia a gargalheira.

Finalmente, Gonçalo da Silveira venceu os últimos degraus que o conduziam ao ventre do navio. Uns lances acima, o padre Antunes lutava para acompanhar o seu mestre espiritual.

Foi então que Gonçalo sentiu os cheiros. Esperava que no ventre do navio se concentrassem os perfumes da canela e das especiarias. Mas os aromas eram outros. Bem mais azedos. Quando, por fim, avançou entre o escuro do paiol, D. Gonçalo gritou:

— *Não quero barulho!*

O sacerdote estranhou a sua própria voz distorcida. Olhou em volta, perscrutando na penumbra: ali se agrupavam os escravos. Antes Silveira se arredava da sua companhia. Em Goa nunca fizera amizade com um africano. A pele escura não ajudava a ver neles uma alma. E no entanto, era essa mesma alma opaca que era o destino da sua viagem. A brancura daqueles espíritos, mais do que o Monomotapa, esse era o propósito daquela travessia.

— *Senhor padre, isto não é barulho*, afirmou um dos escravos.

— *Então o que é?*

— *Estamos só cantando, chamando os bons espíritos.*

— *E que raio de espíritos são esses que não conhecem a língua de Cristo?*

O silêncio foi a resposta. Silveira percorreu os homens perfilados. Os escravos não somariam uns trinta. Estavam de pé, juntos, quase

indistintos.

— *Rezem comigo. Sobretudo, tu, Nsundi, reza comigo.*

Nsundi deu um passo em frente e imitou D. Gonçalo que se postara de joelhos. Manuel Antunes ainda acompanhou as primeiras preces. Mas, depois, fatigado, acabou deitando-se no chão, a exemplo dos negros que, entretanto, tinham adormecido.

O português ajeitou o caneco de água a seu lado e esperou que o sono lhe viesse. Um escravo de nome Xilundo apontou para o recipiente e avisou:

— *No chão, não!*

Era sobre o peito que a ração de água deveria repousar. Para que não fosse roubada. Era essa a lei entre os escravos, amontoados no porão.

— *A mim, acha que me roubarão?*

Sem que escutasse a resposta, Manuel Antunes foi amolecendo, solto e leve. E se foi entornando no sono, deslizando nos seus labirintos interiores. D. Gonçalo falava nas almas dos negros que ele tanto queria brancas. Pois, naquela noite, o padre Antunes, branco e filho de brancos, duvidou da cor da sua alma. E sonhou que seguia numa nau luminosa, feita mais de exalações do que de madeira. Nessa embarcação não havia cobertura, não havia porão. Tudo era convés, aberto ao sol. Não havia escravos, não havia grumetes famintos. Todos partilhavam do pão e da água. E a água era tanta que parecia jorrar de dentro dele, como se se houvesse convertido em fonte e nele bebessem os sedentos todos do mundo.

Acordou com água escorrendo-lhe pelo peito. Sobressaltou-se: o que sonhava era, afinal, realidade? Ter-se-ia ele liquefeito? Tacteu no escuro e certificou-se: a chávena que segurava entre as mãos tinha bamboleado ao sabor das ondas. A água tombara no seu peito. Era essa água que o fizera sonhar.

Passaram-se horas, D. Gonçalo da Silveira foi surpreendido por uma doce melodia. Era Nimi Nsundi que tocava mbira. O negro violava, de novo, a interdição de cantar, dançar, tocar. O som ampliado pela pequena cabaça ecoava no porão para, depois, ser engolido pelo barulho das vagas de encontro ao casco do navio.

O padre Antunes também fora acordado pelo instrumento. Estremunhado, esfregou os olhos e perguntou:

— *Mando-o calar?*

— *E é para já.*

— *Espere, D. Gonçalo, deixe-o tocar. Deus me perdoe, mas essa melodia é tão bonita...*

A harmonia da mbira semeava uma estranha tranquilidade. À medida que tocava, porém, Nimi Nsundi ia ficando tenso, quase possuído. Depois, olhando melhor, os portugueses repararam: em redor da cabaça se espalhava um líquido. Primeiro, pareciam gotas de suor. Não eram. Era sangue que lhe escorria dos dedos.

— *Pára de tocar, Nimi Nsundi!*, ordenou D. Gonçalo.

— *Os seus dedos já estão em carne viva*, avisou Antunes.

O homem, em transe, não escutava. Os portugueses pediram aos outros escravos que os ajudassem a imobilizar o mainato. Ninguém lhes deu ouvidos.

— *Não é ele que está a tocar*, disse o escravo Xilundo.

— *Como não é ele?*

— *Há alguém tocando através do seu corpo.*

— *Por Nossa Senhora, pára de tocar!*, insistiu Silveira.

Só então ele parou. O suor gotejava-lhe na testa, os dedos pingavam sangue. Ficou olhando aquela goteira enquanto balbuciava uma quase inaudível ladainha.

— *O que é que ele está dizer?*

— *Ele fala uma língua que não entendemos*, respondeu Xilundo.

Apenas percebiam palavras soltas, vocábulos como «música» e «pássaros», que eram comuns nas duas línguas.

— *Parece que ele diz que vai voar.*

Silveira fez menção de se retirar. O escravo nunca se arrependeria. Era verdade que, mesmo que se declarasse arrependido, o veredicto se manteria inalterado. Mas o pecador sempre seria enforcado sob a graça divina.

†

Quando amanheceu, Nimi Nsundi não estava no porão. A aia Dia Kumari procurou-o, em vão, entre os caixotes do convés. Acabou convencendo-se que ele se havia atirado ao mar e desaparecera nas águas revoltas. Era o que faziam muitos escravos em desespero: suicidavam-se, dissolvidos no infinito.

A visão da mbira, balouçando sobre as ondas, confirmou o pior. Dia sentiu que voltara a enfiar. Desta vez, porém, ela foi assaltada por uma indescritível sensação: sentiu que a cabeça estava a mudar de formato. A testa e o rosto se alargavam como a cobra naja antes de cuspir. Ela queria cuspir raiva. Em vez de matar, porém, ela queria extinguir-se. Morrer sem doença, sem golpe, sem sangue.

Perante o olhar vazio da aia, dois grumetes arrastaram pelos braços o corpo nu de Nsundi. Depositaram-no aos pés do boticário Fernandes. Teclas de mbira estavam cravadas uma em cada pulso, semelhando um Cristo sem cruz. A indiana acorreu, coração em disparada:

— *Está vivo?*

O médico negou com a cabeça. Nimi Nsundi já chegara à sua terra, estava-se lavando nas areias brancas do rio Congo. Levantara voo de madrugada, quando as aves estão roçando o sol.

— *O que se passa aqui?*

Era a voz de D. Gonçalo da Silveira. Dia estava prostrada rente ao chão e, por isso, daquele ângulo, o missionário português se afigurou como um gigante albatroz encobrindo a luz.

— *O que fazes, mulher: estás a calçar o morto?*, perguntou Silveira à goesa.

— *É o que faço, sim, senhor padre.*

— *E estás a dar-lhe os teus próprios sapatos? Por que calças o morto, rapariga?*

— *O meu nome é Dia.*

A indiana tinha reparado nos pés devorados pelos ratos daqueles que, já sem vida, eram lançados ao mar. Aquele homem, agora falecido, percorrera a vida descalço. Mas pisaria a morte calçado. O missionário refez a sua curiosidade:

— *Gostavas muito desse homem?*

— *Ele era meu... ele era meu irmão.*

— *Irmão? Muito estranho. Não seria, vá lá, um meio-irmão?*

— *Para nós não existem meios-irmãos, senhor padre. Irmão é sempre inteiro.*

Gonçalo da Silveira retirou-se. O padre Manuel, então, se ajoelhou e benzeu o morto.



Antunes já tinha completado as orações, mas, para os habitantes do porão, o falecimento de Nsundi pedia uma outra cerimónia. Os escravos queriam tocar tambores, cantar e dançar. Purificar o navio. Enviaram um representante ao convés para que levantasse a interdição. Faziam-no sem qualquer esperança. Silveira já se manifestara sobre o assunto. E nenhum dos brancos na nau *Nossa Senhora da Ajuda* teria paciência para conviver com uma ruidosa cerimónia pagã. Com excepção, diga-se, de Manuel Antunes. A noite que passara no porão tinha-o mudado, e ele até sorriu com benevolência quando escutou o pedido do mensageiro dos cafres. Como seria de esperar, a missa pagã foi negada pelo capitão e por Silveira.

Passado um tempo, um soldado avisou: o ambiente no convés se tornara tenso, os escravos conspiravam entre si. O capitão receou um motim. Os notáveis da embarcação reuniram-se. Ninguém estava disposto a autorizar a solicitação dos cafres. D. Gonçalo da Silveira era o mais peremptório: os escravos que rezassem do único modo que Deus poderia entender. Um alvoroçado marinheiro interrompeu o encontro:

— *Meus senhores, me desculpem, mas é preciso que acorram ao convés.*

— *Agora?*

— *Agora mesmo.*

Saíram o capitão e seus conselheiros e depararam com um inusitado espectáculo: a aia Dia Kumari, seminua, empoleirada nas cordas da enxárcia, ameaçava desembaraçar-se das restantes roupas. Um alvoroço de machos exaltados percorria os mirones que se juntaram. O médico explicou:

— *A moça diz que, se não autorizarmos a missa pagã, ela se atira para as brasas do fogão.*

— *Ela que se atire e se queime toda,* disse o capitão.

A indiana, já completamente despida, desceu ao pavimento e aproximou-se das labaredas. Foi então que se escutou um vigoroso grito:

— *Deixem-na, ninguém toca nessa mulher!*

Todos se viraram, surpresos pela inesperada sentença, para depararem com Dona Filipa, despenteada e pálida, segurando o xaile como se nele se apoiasse. A dama portuguesa quase nunca saía do seu quarto no castelo da popa. Sabiam-na doente e que, de quando em quando, recebia visitas do médico de bordo. Filipa Caiado voltou a erguer a voz:

— *Ai de quem molestar essa mulher!*

Quem mais se espantou foi a própria Dia Kumari. Sem desviar os olhos da sua patroa, a indiana recolheu, uma a uma, as vestes dispersas pelo pavimento. Depois, já meio coberta pelos panos, ela se encostou à paliçada, encoberta pela saia rodada da fidalga. Dona Filipa encarou D. Gonçalo da Silveira, pegou nas suas mãos e suplicou:

— *Autorize o batuque, D. Gonçalo.*

— *Mas, Dona Filipa, eu não posso...*

— *Pode, sim. Eu mesma há muito que escuto batuques dos cafres. São ritmos tão belos, que Deus vai gostar de os escutar.*

O jesuíta baixou o rosto e libertou-se das mãos da senhora para se abeirar do capitão com quem dialogou em surdina. Não tardou que viesse a resposta: as danças estavam autorizadas. E poderiam ser executadas no convés, com a necessária moderação, sob o tecto das estrelas. Os escravos improvisaram tambores a partir de barris vazios e, num ápice, fizeram crepitar os seus corpos como repentinas fogueiras.

†

O médico goês tinha um riso matreiro no rosto quando abordou o padre Antunes. Falou alto para que a sua voz sobressaísse no barulho da festa:

— *Onde anda esse seu olhar tão distraído?*

— *De facto, meu caro Fernandes, eu estava bem longe daqui.*

— *E tem razão, essa indiana é bem bonita!*

— *Qual indiana?*

— *Ora, padre Manuel, essa que, antes, estava pendurada nas cordas e agora ficou pendurada nos seus olhos.*

— *Essa rapariga não vem ao assunto.*

Foram forçados a interromper a conversa, porque a aia Dia Kumari se aproximou e se inclinou perante o boticário:

— *Não me sinto bem.*

— *São nervos, minha filha. Respire fundo, vai ver que tudo passa.*

Olhando a indiana ofegante, o padre Antunes não pôde deixar de recordar o seu corpo sedutor, os seios balançando no alto da enxárcia. Esfregou o rosto para afastar a tentadora lembrança. Depois, retirou do bolso um manuscrito que, na véspera, Nimi Nsundi lhe havia entregado e passou-o para as mãos da indiana.

— *O que é isto?*, perguntou Dia.

— *É uma carta que Nimi lhe deixou.*

Ela reteve o papel preso junto ao peito, como se receasse a leitura.

— *Peço-lhe, padre Manuel: o senhor pode ler-me em voz alta? Meus olhos já não têm força.*

O sacerdote olhou em redor com receio. Segurou no papel e soletrou com voz tão sumida que a aia se viu obrigada a encostar-se à batina do lusitano. Mais trémula se tornou a voz do padre:

«*Minha cara Dia*

Escrevo na penumbra quase total do porão onde me aprisionaram. O escuro até me ajuda: afinal, esta carta é um adeus. Ou, quem sabe, um agradecer aos deuses? Navegamos entre perigos e incertezas. Salvámo-nos de fogos e tempestades. Contudo, esta viagem não se está fazendo entre a Índia e Moçambique. É sempre assim: a verdadeira viagem é a que fazemos dentro de nós. Há ondas movidas por anjos, outras empurradas por demónios. Quem conduz o barco, porém, não é o timoneiro. Quem guia o leme é a Kianda, a deusa das águas. É ela que viaja no quarto do padre. É ela que está dentro da escultura da Virgem. Eu notei logo à saída de Goa, quando a estátua resvalou e tombou nas águas. Quando a olhei de frente confirmei que era ela, a Kianda: os cabelos, a pele clara, a túnica azul. O que sucedeu é que a nossa deusa ficou prisioneira na estátua de madeira dos portugueses. Libertar a sereia divina: essa passou a ser a minha constante obsessão.

Eu lhe mostrei na noite em que fizemos amor: na popa da nossa nau está esculpida uma outra Nossa Senhora. Deixo essa para os brancos. A minha Kianda, essa é que não pode ficar assim, amarrada aos próprios pés, tão fora do seu mundo, tão longe de sua gente.

A viagem está quase terminada. Daqui a dias chegaremos a Moçambique, os barcos tombarão na praia como baleias mortas. Não tenho mais tempo. Vão-me acusar dos mais terríveis crimes. Mas o que

eu fiz foi apenas libertar a deusa, afeiçoar o corpo dela à sua forma original. O meu pecado, aquele que me fará morrer, foi retirar o pé que desfigurava a Kianda. Só tive tempo de corrigir uma dessas anormais extremidades. Só peço que alguém mais, com a mesma coragem que me animou, decida decapitar o outro pé da sereia.

Agora já não tenho medo nem de morrer nem de ficar morto. Foi você que me ensinou: a melhor maneira de não morrer queimado é viver dentro do fogo.

Adeus.»

A voz de Antunes esmoreceu como vela perante inesperada brisa. A moça recolheu o papel e retirou-se. A festa pagã chegara ao auge. Dia Kumari passou por entre os dançarinos até se extinguir na noite. O boticário sacudiu o braço de Manuel Antunes e incitou:

— Vá dançar, homem, vai ver que lhe faz bem!

A recusa foi imediata e absoluta. Primeiro, era pecado. Depois, ele não sabia dançar. O boticário encostou o hálito empestado de álcool ao rosto do sacerdote e disse:

— Diga uma coisa: não há uns sonhos que o andam a perturbar?

— Como é que sabe?

— Quer apagar esses sonhos? Então, vá para um canto escuro, onde ninguém o veja, e comece por dançar esses batuques.

O padre sacudiu a cabeça com veemência. O médico retirou-se e ele ficou só, no varandim. Olhou a carranca da nau, onde se esculpira a figura de Nossa Senhora. Viu o mastro da proa subir e descer, ora afundado ora emergido. As pernas lhe fugiram quando lhe chegou a aterradora visão: a Virgem da proa perdera as vestes e ressurgia das ondas despida como nos sonhos que tanto o afligiam. Esfregou o rosto, fez o sinal da cruz. Mas a visão permanecia. Cuidadosamente, ele se aproximou do mastro do gurupés, mas o balanço da caravela o fez tontear, pés tropeçando nas pernas. Quando deu conta, estava cedendo mais aos tambores do que à sua vontade. Lentamente, sem tino nem

destino, foi ensaiando uns passos. Os pés lhe pesavam, pesava-lhe no corpo a Europa inteira. Os tambores pareciam soar mais e mais alto e, a um dado momento, havia um tambor que ecoava dentro do seu peito. Uma embriaguez o foi soltando, deixando-o mais e mais leve. Manuel Antunes começou a rodar. O rodar se fez pular, o pular se fez voar. Ele era o peixe-voador emergindo das águas. Ele era a vela da nau esvoaçando pelos céus. E como vela tombou no pavimento, tão emaranhado nas voltas do pano que perdeu a visão e o sentido do mundo.

Quando deu por si, o padre viu-se derramado de costas, rodeado de olhares inquisitivos que, do alto da curiosidade, aguardavam que ele regressasse à consciência. O mais intrigado desses olhares era o do provincial jesuíta, D. Gonçalo da Silveira. As palavras ébrias de Manuel Antunes foram escassas:

— *D. Gonçalo, eu preciso me confessar.*

Capítulo treze

Cartas, luvas e suspiros

Moçambique, Dezembro de 2002

*«Sem esquecer
não podemos ser humanos.»*

(Nietzsche, citado por Afshin Ellian)

Zeca Matambira, nessa noite, cumpriu o ritual: mãos e cabelo, reza e pente. Antes de adormecer fez as orações. Em seguida, penteou-se. Depois, ficou contemplando o pente na concha das mãos. Era uma cerimónia que repetia religiosamente desde a infância. Era no pente, como num espelho, que ele contemplava a sua raça. Tempos sem fim, estudava cada fio de cabelo que ficava prisioneiro nos dentes do pente. Tocava neles para os sentir crespos, enroscados como gavinhas de trepadeira. Aqueles fiozinhos, tão singelos, o empurravam para a certeza: ele era um preto, tão irreversivelmente negro como todos os de Vila Longe. Depois, limpava o pente como se a si mesmo se lavasse. Como se o cabelo fosse uma sujidade na alma, a irrefutável prova de um crime sem perfeição.

A presença dos estrangeiros renovara esse combate contra si próprio, o silencioso pugilato contra a criatura que se escondia sob a sua pele. E que, afinal, teimava em se apropriar de toda a sua vida.

Começara logo à chegada, no aeroporto: a brasileira-americana Rosie Southman sentiu a sombra de uma labareda no olhar de Zeca Matambira. Apesar de reformado, Zeca era ainda o mais belo homem de Vila Longe. Adivinhava-se nele um passado de desportista que o protegia contra os estragos do tempo. O homem exercia sobre a recém-chegada os seus dotes sedutores.

Nos dias seguintes, a visitante ainda duvidava: a idade já lhe começava a descair, que homem ainda lhe destinava cumprimentos? Mas a

impressão primeira venceu e deu-lhe leveza ao adormecer: há muito que ela não sonhava em português. Sonhar na língua materna lhe devolveu, por sua vez, um sentimento de tranquilidade que fazia tempo deixara de experimentar. Inexplicavelmente, ela nunca mais voltaria a apresentar-se como americana:

— *Sou de Minas Gerais*, passou a anunciar.

Decorreram dias, porém, sem que a água fosse nem viesse. Matambira lançara a escada, mas não se fazia à abordagem. Ele era um homem cercado por receios ou como dizia Jesustino: um pirata com duas pernas de pau. Nada aconteceria nunca: essa era a convicção de Rosie quando, inesperadamente, Zeca Matambira a convidou para passar por sua casa. Matambira era um homem tímido de mais para fazer convites, inseguro de mais para receber uma recusa. Por isso, fez uso de intermediário: o alfaiate goês.

Nessa manhã, Jesustino Rodrigues esfregou os pés no chão, para esquentar coragem e chegar às falas:

— *O vizinho queria que a senhora fosse esta tarde lá a casa. Ele quer-lhe emprestar homenagem...*

— *Demorou...*

— *É como se diz: antes à tarde do que nunca.*

Já era poente, quando, da janela da cozinha, Rosie espreitou para se certificar de que podia atravessar com segurança o pátio que a separava da casa de Zeca Matambira. Uma excitação adolescente roubava-lhe a razão. Ela tinha viajado por oceanos e continentes para saber que seu corpo ainda suscitava desejo, o suficiente para que um homem arriscasse convidá-la, mesmo sabendo-a casada.

A brasileira espargiu perfume sobre o volumoso corpo, adelgaçou a cintura à custa de um largo cinto de cabedal vermelho, subiu a saia bem acima dos redondos joelhos e, com escova de metal, corrigiu a crespa

ondulação dos cabelos. Bateu a porta com delicadeza e esgueirou-se, furtiva, entre as mangueiras do quintal. A meio do caminho parou fascinada pela exuberância das árvores. Apanhou um fruto do chão e conservou-o na concha das mãos pesando o perfume e cor.

O diabo usou a maçã para fazer Adão e Eva saírem dos jardins do Éden. Pois, manga é o que teria Deus que usar para fazer o casal entrar de novo no Paraíso.

Quando chegou às traseiras da casa de Zeca Matambira, a estrangeira reparou que uma cortina se movia. O vizinho vigiava, certamente com a mesma ansiedade que sobressaltava, em compasso de samba, o seu coração brasileiro.

À porta, um embrulhado sorriso lhe anunciou as boas-vindas. Pouco à vontade, a primeira reacção de Rosie, depois de pisar os envelhecidos tapetes indianos, foi espreitar pela janela. Queria comprovar se o seu vulto era visível a partir do exterior. Matambira a contemplava tão embevecido que nem percebeu o receio da convidada.

— *Vou explicar uma coisa, Dona Rosa*, disse o anfitrião.

— *Rosie*, corrigiu ela, com a maior doçura.

— *A senhora me dá licença, não leve a mal... mas eu tenho que lhe tocar...*

Mais dissolvida que açúcar no quente abraço do chá, Rosie Southman ficou sem palavra. Matambira colocou-se por detrás dela e, com prolongados e repetidos pedidos de desculpa, se foi colando ao seu corpo. Meteu um braço por baixo da axila dela e forçou a que a mulher erguesse o antebraço esquerdo à altura do ombro. Depois, ajeitou a mão dela, fechando-lhe os dedos com delicadeza. Rosie acreditou que era a posição inicial de uma dança e esperou, de olhos cerrados, que os primeiros acordes comesçassem a soar. Em vez disso, porém, foi a voz rouca de Zeca que ela escutou.

— *«Uppercut»*.

— *Isto é uma dança africana, Zeca?*

— *«Uppercut»*. *A senhora está executando um «uppercut»*.

— *Não sei o que é.*

— *Venha, Dona Rosa, sente-se aqui que lhe mostro...*

— *Rosie, corrigiu.*

Sentaram-se os dois num velho sofá de napa verde, ele abriu um álbum com recortes de jornal.

— *Veja aqui, sabe quem é este?*

Ela espreitou a desbotada fotografia de jornal. Era um homem negro, ajoelhado e de tronco nu, a mão enluvada no chão, o rosto retorcido num esgar.

— *É Joe Louis, no tapete. Caiu, redondo, exactamente no dia 19 de Junho do ano de 1936.*

A foto tinha saído nos jornais do mundo inteiro. Um pugilista negro batido por Max Schmeling, embaixador do desporto nazi. Até na América os brancos tinham rejubilado com a vitória do alemão.

— *Mas a história não acaba assim, minha Dona. Dois anos depois, veja aqui, o nosso irmão vingou-se.*

— *Vejo onde? Qual foto?*

— *Exactamente. Não há foto nenhuma. O alemão caiu KO, no primeiro assalto, mas não há foto da vitória do nosso irmão.*

Rosie suspirou fundo, deixando que a desilusão lhe escapasse do peito. Tanto perfume, tanto empenho ela colocara no encontro. Matambira acreditou que o suspiro da visitante se devia à injustiça da história que acabara de relatar.

— *É triste, não é, minha Dona?*

— *Muito.*

— *«Uppercut» é um golpe de boxe. Foi com um «upppercut» que nos começámos a libertar.*

— *Eu não sei se gosto muito de boxe...*

— *O boxe, minha vizinha, foi a arma maior da nossa afirmação.*

Rosie sucumbia perante a evidência: o seu ansiado galã não a procurara por sedutoras motivações. A gordura somou-se à idade e ela se sentiu pesada, mais tombada que Joe Louis depois do soco do alemão. De

repente, porém, a sua alma brasileira ascendeu. A mulher adormecida em Rosie ganhou fôlego e colocou-se ao ataque, retomando iniciativa.

— *Dê-me as suas mãos*, sussurrou ela, estendendo, desajeitadamente, os braços em direcção a Zeca.

A expressão do homem revelou uma mistura de receio e ansiedade. Ele estava no ringue, cercado de encontro às cordas.

— *Você tem mãos fortes*, murmurou ela.

— *As mãos não são nada sem o coração*.

A menção ao coração devolveu ímpeto à brasileira que se levantou e, de um prego espetado na parede, retirou um par de luvas de boxe. Ajoelhou-se aos pés do homem e murmurou:

— *Posso?*

— *Pode o quê?*, inquiriu ele, num esgar de aflição.

— *Calçar as luvas em suas mãos*.

O cabelo dela roçou-lhe o rosto, o decote deixou espriar encostas de perdição e desfiladeiros de prazer. Um silêncio tenso se insinuou como um perfume pela casa. Rosie continuava de joelhos à espera que Matambira lhe estendesse as mãos.

— *Posso-lhe perguntar uma coisa, Dona Rosinha?*

— *Rosie, Zeca, me chame de Rosie*.

— *Sabe quem foi Molineaux?*

Rosie revirou os olhos, buscando apoio na intervenção divina. Desistiria do empreendimento sedutor? O anfitrião, reabrindo o álbum de recortes, disparou a inesperada pergunta:

— *Vocês não estão à procura de escravos? Pois este Molineaux foi um escravo americano negro. Quer ver? Tenho aqui um retrato dele*.

Suspirando ruidosamente, a brasileira debruçou-se sobre uma pintura a óleo de um negro combatendo um branco, rodeado por uma multidão de espectadores que pareciam mais excitados que os próprios lutadores. Zeca contou toda a história: o amo de Molineaux, um latifundiário de Virgínia, era, nas horas vagas, um empresário de boxe. Usava os escravos que ele próprio escolhia e treinava. Desde que se estreara como pugilista

que o escravo Molineaux sabia: o alvo dos seus murros não era os seus adversários. Era a escravatura. Molineaux esmurrava o seu passado, esmagava de encontro às cordas o sofrimento dos seus irmãos de raça. Acabou vencendo o seu estatuto de prisioneiro e, graças ao pugilismo, tornou-se um homem livre. Foi para Inglaterra onde derrotou o campeão inglês Tom Cribb. Mas a vitória foi anulada invocando-se uma inventada infracção do pugilista negro. Molineaux teria, segundo os juízes, pedras escondidas por dentro das luvas.

— *Pedras nas luvas, você pode imaginar, Dona Rosie!*

Ao relatar o episódio, Zeca Matambira se excitara a ponto de se erguer, arquear os braços e saltitar de joelhos flectidos, ora num pé ora no outro, como se pulasse num verdadeiro ringue. A respiração era ofegante, lembrando o esforço de um acto amoroso, quando ele se voltou a sentar junto à brasileira.

— *Fale-me da sua vida de pugilista*, pediu Rosie, munindo-se de uma última reserva de paciência.

— *Eu?*

— *Foi essa a sua maior paixão, ser boxeur?*

— *Eu nunca passei de um simples funcionário dos correios.*

Mentira. Antes de se empregar na estação de correios de Vila Longe, Matambira tinha sido uma figura lendária do pugilismo do então chamado «ultramar». Começara por defrontar vitoriosamente todos os adversários nos campeonatos locais. Um empresário descobriu o seu admirável talento e levou o jovem para a cidade. Ali, a sua carreira prosseguiu cada vez mais promissora. Até que Matambira defrontou Julito Menha-Menha, um mulato cuja fama atravessava fronteiras. Matambira não passou do primeiro assalto. Seguiram-se combates diversos que ele voltou a vencer com facilidade.

A má fortuna regressou quando ele defrontou Márto Futseka, aliás Mário Fonseca, um branco das pedras que emigrara do submundo do crime para o pugilato profissional. Foi uma derrota sensacional: o combate demorou segundos. Desde o início Matambira permaneceu imóvel, braços descaídos, sem reacção nem defesa, à mercê dos socos do outro. Tombou desamparado, o rosto sangrando, olhos revirados sobre o oleado. Foi a sua derradeira queda sobre a lona.

Nem todos entenderam, mas Zeca Matambira ganhara uma dolorosa certeza: ele só era capaz de bater num negro, num homem de igual raça. A sua cabeça tinha sido ensinada a não se defender de um branco. Nem de um mulato. Matambira, o promissor pugilista de Tete, tinha sido derrotado no palco da vida antes de subir para o ringue do boxe.

— *Não tenho história, Rosie. Um simples funcionário dos correios, foi isso que eu sempre fui.*

A melancolia na voz de Matambira era tanta, que a brasileira ganhou coragem e encostou a mão do pugilista ao seu vasto colo.

— *Você não disse que a mão é escrava do coração?*, perguntou ela.

O reformado olhou a sua mão, prisioneira do braço da mulher, e sentiu que aquela parte do seu corpo não lhe pertencia quando os seus dedos deslizaram pelo peito da visitante.

— *Pois eu posso fazer o seu coração pulsar.*

Era o que a brasileira queria ter dito. Não foi capaz. Sorriso tímido, ela soltou a mão do pugilista como quem se rende e entrega as armas a um vencedor. Era a despedida sem palavras, o final de um encontro com muita expectativa e pouco enredo.

Quando atravessou o pátio, de regresso a casa, os morcegos riscavam o escuro à procura de insectos voadores. Felizmente para ela, Rosie não os podia ver. Só enxugou os olhos quando entrou em casa dos Rodrigues.

Jesustino era o único ocupante da moradia quando a visitante foi à cozinha para aquecer água. O goês parecia esperá-la, sentado junto ao fogão, como se ansiasse por novidades do encontro que ele mesmo propiciara.

— *Está triste, Rosie?*

A mão gorda da brasileira ficou parada sobre a torneira, a água correndo, esquecida, no lavatório de pedra.

— *Odeio boxe, Jesustino. Como eu odeio esses Mike Tyson, esses selvagens...*

Jesustino confirmava os seus receios. O vizinho não tivera coragem para sair do seu pequeno pátio de lembranças. E deixara a estrangeira naquele estado de alma, uma rodilha de desespero, balbuciando um rosário de lamentos.

— *Diga-se de paisagem, minha Dona: não entendo absolutamente nada do que está dizendo.*

— *Bata em mim, Zeca.*

— *Como diz, Dona Rosie?*, inquiriu o alfaiate, entre susto e espanto.

— *Me bata, Zeca.*

— *Eu sou Jesustino, Dona Rosie. Jesustino Rodrigues, o alfaiate.*

Que ele, Zeca Matambira, lhe batesse: era isso que lhe tinha ocorrido dizer meia hora atrás, sentada no sofá do vizinho. Queria ter tido coragem de lhe pedir que batesse nela, ela que era mulata, uma muzunga, quase branca. Talvez assim cicatrizasse a ferida antiga na alma do pugilista. O alfaiate sentiu-se comovido pela declaração de impotência de Rosie:

— *A senhora tocou nas mãos dele; é no coração dele que tem que tocar.*

— *Não quero mais tocar. Não quero tocar nem ser tocada...*

— *Eu vou-lhe contar um segredo sobre esse Matambira. Antes, porém, feche a torneira, em Vila Longe poupamos água.*

A brasileira permaneceu de pé observando o alfaiate remexer-se na cadeira como se procurasse espaço para sentar as lembranças.

— *Naquela altura, não desconfiei,* começou ele.

Talvez Jesustino tivesse desconfiado, na altura. Mas ninguém mais ousava imaginar que, em pleno tempo colonial, Luzmina Rodrigues se apaixonaria por um homem local, negro e remediado. Uma única coisa ela guardara da Índia antiga e atávica: a lealdade à casta. Não havia nas redondezas, contudo, um goês que fosse de adequada casta, estrato e geração. Condenada estava Luzmina a sobrar como tia, seca como ramo quebrado.

Constança insistia com a cunhada: o tempo urge, o corpo tem prazos, a vida tem pressa. Ela que não demorasse na escolha de um pretendente. Luzmina respondia, com sorriso tímido:

— *Tenho medo que me abracem com força, é assim que fazem os namorados...*

— *E porquê esse medo?*

— *Ainda me partem as asas.*

Todos se riam: asas? Acreditavam tratar-se de uma alusão aos braços magros, aos ombros frágeis. Mas não. A goesa acreditava realmente que sobre as costas lhe estava despontando um par de asas. *Serei santa, a Santa Luzmina do Longe*, dizia. E acrescentava:

— *Tão longe de tudo, tão longe até do céu, só me salvarei se, até lá, as asas me crescerem.*

— *Se lhe nascer uma crista, atiro-a é para a panela*, comentava Jesustino que há muito tinha pedido paciência para os delírios da irmã beata.

Constança admoestava o esposo Jesustino: afinal era sua irmã que estava em causa, ele devia munir-se de paciência e ajudar a desamparada criatura. Numa tarde mais longa, o alfaiate convocou a irmã e a intimou a responder:

— *Mina: porque não escolhe entre os homens daqui?*

— *Meu coração ainda não viu nenhum.*

— *Mas há tanto homem casadouro. Veja, por exemplo, o caso de Matambira.*

— *Você sabe que não posso, mano...*

— *Nós somos canecos, mas somos iguais aos outros, mana.*

— *Os outros é que não são iguais a nós.*

A verdade era apenas uma: nem sequer os irresistíveis encantos de Zeca Matambira demoviam a goesa dos seus intentos celibatários. O funcionário dos correios passava e os corações femininos de Vila Longe saltitavam. Todos menos o de Luzmina Rodrigues que aguardava que, do outro lado do Índico, chegasse um príncipe que poderia não ser encantado, mas seria de equivalente casta, um brâmane de convicção e nascença.

O alfaiate debatia-se com uma ambivalente vontade: por um lado, ansiava que Luzmina encontrasse parceiro; por outro, um ciúme antecipado o corroía quando pensava que alguém roubaria a presença da irmã. De repente, por sinais imperceptíveis, Jesustino começou a nutrir suspeitas em relação aos propósitos de Matambira. Teria ele notado uma subtil trocar de olhares, uma palavra adocicada, um suspiro mais fundo?

Enquanto as suspeitas remoíam o alfaiate, as meninas da Vila suspiravam em vão: o jovem Zeca não dava troco aos oferecimentos das dezenas de belas pretendentes. Ele era o correcto e indefectível funcionário dos correios. A sua vida decorria entre o zelo e o selo. O seu inabalável e exclusivo apego às obrigações profissionais deixava tranquilos os homens casados de Vila Longe. Todos, excepto o alfaiate Jesustino Rodrigues. Apesar das declarações de celibatarismo de sua irmã, apesar do comportamento recto do ex-pugilista, ele mantinha as suas desconfianças:

— *Tenho a pulga atrasada na orelha...*

Sempre que, no começo do dia, Zeca Matambira com ele cruzava, o goês rosnava entredentes:

— *Esse homem é levado da broca, mas eu o apanho...*

Talvez ele suspeitasse de coisas que mais ninguém sabia. Talvez ele soubesse, por exemplo, que sua irmã Luzmina iria naquela manhã, como em todas manhãs, à estação dos correios e, com passo cuidadoso como se pisasse junto a um precipício, se dirigiria ao balcão e interpelasse Zeca Matambira, o único funcionário negro da repartição. Queria saber dos possíveis destinos de uma missiva que ela havia redigido. O frustrado pugilista, sabedor da rotina, puxaria da lista plastificada onde constavam os países do mundo. O empregado enumeraria as nações, uma por uma, vagaroso, mas sem fastio. Luzmina Rodrigues escutaria atenta e de cabeça no peito. Num dado momento, levantaria a mão a sustentar a ladainha:

— *Quero esse. Tem selos para esse país?*

— *Não, minha dona. Para esse não temos.*

— *Então prossiga, continue lendo mais nomes.*

O paciente Matambira inventava nomes, povoando o mapa-mundo de novas e inesperadas nações. Por fim, a senhora se decidiria pelo destino da sua missiva e as suas mãos magras remexeriam as entranhas da sua imensa bolsa de mão. Estava vazia, não tendo senão um solitário envelope onde ela tinha escrito, com caligrafia miudinha: «para a terra dos milagres».

— *Vai nos deixar, minha Dona Luzmina?*

— *Vou, vou para esse país... como é que disse que se chamava?*

Os dois braços apoiados no balcão, puxava para mais perto o envelope, os selos e o frasco de cola. Quem confeccionava a cola era o próprio Zeca Matambira. Misturava farinha, água e um pouco de seiva de aloé. Este último ingrediente, dizia ele, era o valioso segredo.

— *A cola, hoje, saiu-lhe muito bem, caro Matambira. Está espessa mas conserva uma textura fofo. Há-de-me dar a receita.*

— *Dou-lhe tudo, segredo incluído.*

— *E, diga-me, Matambira: o carteiro lá do outro lado do mundo, ele já está bom?*

— *Pois esse carteiro perdeu-se, há tantos endereços neste grande mundo.*

Matambira respondia enquanto soprava sobre o envelope para confirmar que a cola não trespassaria para outras superfícies. E acrescentava, com ares filosóficos:

— *Como é que se sabe se o caracol anda perdido? Se toda a terra é seu caminho...*

Assim seria naquela manhã, daquele tempo distante. Certamente, os portugueses na estação dos correios deitariam olhares de gozo, satisfeitos com o espectáculo. Luzmina era, como eles diziam, uma «caneca de cu não lavado», ridícula e acatada excepto naquelas breves ocasiões.

Daquela vez, porém, o alfaiate Rodrigues impediria a repetida chacota que tanto preenchia o vazio da Vila. De nada tinha valido ele ter pedido que ignorassem o comportamento de sua irmã. Aquilo eram acessos, febres que lhe torciam a alma cristã. Mas a raiva maior do goês não se dirigia aos trocistas portugueses. Centravam-se no pugilista:

— *Esse Matambira não dá ponte sem nó...*

E foi assim que, naquela manhã, o alfaiate irrompeu pelos correios para interromper abruptamente a lengalenga entre a irmã e o funcionário. De forma contida mas enérgica, empurrou Luzmina para fora do recinto.

— *Mina, vamos embora!*

Nas traseiras do edifício, dobrou-lhe o braço e retirou-lhe o sobrescrito das mãos. Rasgou o envelope e os seus olhos devoraram a carta enquanto a sua voz traduzia uma crescente surpresa: aquela carta era uma declaração de amor a ele próprio, Jesustino Rodrigues.

— *Esta carta está dirigida a mim, mana Mina?*

O ar da irmã roçava a imbecilidade quando acenou afirmativamente. O alfaiate releu as primeiras linhas apenas para confirmar o que já sabia: a escrita da beata Luzmina cruzava não apenas impossíveis geografias, mas atravessava interditas e incestuosas direcções. Talvez por isso o sobrescrito estivesse endereçado assim: *para a terra dos milagres.*

O alfaiate deixou tombar os braços, vencido pela culpa e pela vergonha. Luzmina aguardava, atemorizada, a reacção do irmão. A angústia demorou, até que Jesustino falou:

— *Mana Mina, esta carta está tão cheia de erros...*

— *Erros?*

— *Sim, erros desortográficos.*

— *Não é a carta que tem erros. É a vida, mano. É a vida.*

Quando terminou de desfiar a lembrança, Jesustino estava consumido. A brasileira estranhou a comoção do alfaiate. E sentiu que lhe cabia sossegar o dono da casa.

— *Agora sou eu que lhe pergunto: por que está tão triste, Jesustino?*

— *Não posso falar, a voz colou-se-me.*

Rosie aproximou-se do goês e colocou-lhe a mão sobre o ombro. O ter que consolar alguém ajudava-a a recompor-se.

— *Estamos os dois na maior tristeza, meu camarada. Sabe o que dizemos no Brasil: levanta, sacode a poeira, dá volta por cima.*

— *Eu já não vejo volta nem por cima nem por baixo. E a senhora, desculpe que lhe diga, mas não deve dar tanta atenção a esse Matambira.*

— *Tem razão, tudo isto foi um devaneio...*

— *Esse gajo nem merece devaneios. Com as porradas que apanhou, acabou entrando nevoeiro na cabeça dele...*

— *Neste mundo de hoje não há cabeça que não esteja enevoada.*

Rosie suspirou e arrumou os seus haveres na bolsa. Com um lenço de papel corrigiu a maquilhagem. Voltou a suspirar e perguntou:

— *Diga-me uma coisa: será que o coração desse Matambira ficou preso em Luzmina?*

Jesustino estava exausto. Algo o consumira no relato que acabara de fazer. Rosie que lhe perguntasse por outro assunto. Aquela era cicatriz

que nunca tinha sarado. E quase lhe vinha o sabor do veneno da gloriosa, quem sabe lhe cairiam mais uns tantos penachos de cabelo?

— *Pergunto de outra maneira: acha que eles tiveram um caso, essa Luzmina e esse Matambira?*

— *Não me pergunte mais nada, Dona Rosinha.*

O alfaiate não revelou o seu segredo maior. Não podia. A sua vida estaria destruída no dia que soubessem dessa mancha no seu passado. O que acontecera, há mais de trinta anos, morreria com ele. A verdade é que há três décadas que essa lembrança o impedia de viver.

Quando a brasileira bateu atrás de si a porta da cozinha de Zeca Matambira, o alfaiate Rodrigues foi catapultado para esse interdito passado e sentiu-se nessa mesma longínqua manhã em que a sua irmã Luzmina irrompeu pela alfaitaria. Vinha encomendar um trabalho.

— *Um trabalho para quem?*

— *Para mim.*

— *Como para si? Você sabe muito bem que só faço fatos para homem.*

— *Mas é um fato desses que eu quero.*

— *Vai andar com fato de homem masculino?*

— *Sim, meu irmão. Vá, comece a tirar-me as medidas.*

Jesustino negou-se. Olhou para Singério e mandou que ele esperasse lá fora, no passeio. A irmã insistiu:

— *Nunca lhe pedi nada, Jesustino.*

— *Mas você não me pode pedir essas coisas.*

— *Eu não peço mais que os outros clientes. Vá, venha tirar as minhas medidas.*

O alfaiate entendeu que não valia a pena discutir. Arrastando os pés, fita métrica enrolada no pescoço, Jesustino parecia Jesus sem tino, arrastando-se para o crucifixo.

O que se passou nos instantes seguintes foi uma vertigem e o alfaiate nunca saberia reconstituir os factos. Quando regressou à lucidez, Jesustino tinha a irmã enroscada no pescoço, os braços enredados no seu corpo trémulo. Ofegante, ela suspirou:

— *Rezei tanto por este pecado.*

— *Está maluca, Mina.*

— *Pedi tanto por esta loucura,* sussurrou ela aproximando os lábios do transpirado rosto do irmão.

— *Não podemos, mana, nós não podemos...*

— *Graças a Deus estamos pecando tanto, tanto, tanto.*

— *Deixe-me, mana. Largue-me. Estamos cometendo um pecado mortalíssimo.*

— *Se é para pecar, eu quero o pecado mais que mortal.*

O alfaiate empurrou a irmã até à porta. Quando ela saiu, ele apoiou-se na mesa de trabalho. Uma zonzeira o impediu de regressar ao trabalho.

Na noite seguinte, Luzmina regressou à loja. O irmão começou por lhe impedir a entrada, mas ela declarou pretender apenas saber do andamento da encomenda. Jesustino acabou acedendo e fingiu que procurava entre o amontoado dos panos.

— *Tinha aqui as suas calças, estão ainda só começadas...*

— *Pois eu queria provar essas calças...*

Quando se virou, o alfaiate deu com a irmã semidespida, a saia tombada como folha morta. De pé e imóvel, parecia esperar que um raio de luz a tocasse. O irmão aproximou-se com a intenção de a cobrir com a peça de tecido que tinha nas mãos, mas ela se antecipou e atirou-se-lhe nos braços. Jesustino sentiu-se desfazer. Os seios dela de encontro ao peito dele faziam dissolver a sua resistência. O irmão ia dando lugar ao homem. Como se o gesto não lhe pertencesse, o alfaiate foi-lhe desabotoando a blusa com tal lentidão que parecia querer retardar o sangue, como se o rodar dos dedos sobre os botões fosse a sua única e última intenção. A irmã sussurrou, com a voz inundada pela paixão:

— *Tire-me primeiro o fio de ouro com a medalha da santa.*

— *Porquê?*

— *Não quero que ela me esteja a ver.*

O corpo da goesa arfava de excitação, mas quando a blusa de linho lhe foi retirada pela cabeça ela, subitamente, pareceu desistida:

— *Mano Jesustino, eu não sei fazer isto...*

— *Ninguém sabe, mana, ninguém sabe.*

Ele beijou-lhe lentamente os seios, surpreendendo-se com o perfume familiar de sua irmã. Ela entendeu e disse:

— *Cheiramos igual, temos a mesma pele, mano.*

Depois, eles se enlaçaram desajeitadamente e se deixaram tombar entre os rolos de tecidos. A mão de Jesustino percorreu a costura da roupa interior dela. Desta vez, contrariou as suas artes de tecedor. Com ganas ele rasgou as vestes mais íntimas de sua irmã.

Fizeram amor desesperadamente, como dois náufragos que soubessem que o mundo era todo feito de mar, sem ilha, sem terra, sem barco. Ele escutou o gemido e sentiu o disparo do arco tenso, o deflagrar do gemido nos lábios de Luzmina. Ficaram imóveis, apenas respirando até que ela passou um lenço branco sobre a testa do alfaiate. Com brusquidão, Jesustino se esquivou:

— *Não me limpe o suor, Luz.*

— *Você está a escorrer, mano.*

— *Deixe-me assim transpirado.*

O goês não conseguiria nunca explicar: por baixo da sua pele não havia nada. Se Luzmina lhe tirasse o suor, ele ficava em alma-viva. Por isso, implorou, uma vez mais:

— *Deixe-me assim, Mina. Assim é que estou limpo.*

Quando se faz amor assim, de paixão total, fica-se longe das palavras. O encantamento é uma casa que tem o silêncio por tecto. Por isso, os dois amantes se guardaram calados por um tempo vasto. Depois, Luzmina falou:

— *Mude de nome, Jesustino!*

— *Como?*

Se ele saltitasse de nome, ela se sentiria menos culpada. Mudando de nome ele se afastaria daquele que, em tempos, fora seu irmão.

— *E vou chamar-me como?*

Luzmina não respondeu, os olhos rodopiavam no rosto, em busca de insolúvel saída.

— *Vamos fugir?*

— *Está maluca, mana.*

— *Não podemos casar. Mas as pessoas não sabem: fugir é mais grave que casar.*

— *Não há mais mundo por aí...*

— *Há, você é que tem medo de procurar.*

— *E você sabe o quê da vida?*

— *Primeiro fui sua irmã, depois fui sua mãe. Agora sou sua mulher. Eu sei coisas que você nunca imaginará.*

Ele sorriu e beijou-a.

— *Tenho ciúme dos panos em que você toca*, declarou ela. As palavras acenderam a memória de Jesustino: esse mesmo ciúme ele nutrira perante as roupas que o pai manuseava. A ferida da infância ainda lhe doía.

À saída, Luzmina esgueirava-se pela fresta da porta quando lhe ocorreu perguntar:

— *Diga-me uma coisa. Você faz amor com a sua esposa?*

— *Ora, Constança está quase na menopausa...*

O goês dizia a verdade. Nos últimos meses ele e a esposa já não davam asas aos lençóis. Todas as tardes, o alfaiate se demorava na penumbra da loja, cumprindo horas extraordinárias. Há muito que não havia trabalho. De repente, porém, chegou a inesperada encomenda: fardamento para os régulos.

A esposa fazia de modelo para que o marido confirmasse as medidas. Jesustino metia uma dúzia de alfinetes na boca enquanto, de joelhos,

marcava a dobra das calças. Um dia, receava a mulher, ele acabaria engolindo um alfinete. Na versão dele, isso já tinha acontecido. O malfadado alfinete ainda lhe viajava pelo corpo, pontiagudizando-lhe as entranhas. Sabia-se lá onde, em cada dia, o alfinete lhe ia parar?

Já lá iam os tempos em que Jesustino Rodrigues, inteiramente despido, pedia à esposa que lhe inspecionasse as magras carnes. Ela fazia de conta que acreditava no pretexto e as suas mãos, com competente doçura, lhe percorriam recantos e saliências do corpo. Três vezes por semana, a cuidadosa inspecção ocorria. Há meses que as mãos de Constança se haviam desocupado.

Naquela noite, o alfaiate cheirou os braços e as mãos para confirmar que não estava marcado pelos cheiros de Luzmina. Tranquilizou-se: afinal, a irmã tinha um perfume gémeo, indistinto do dele. Constança não poderia nunca desconfiar. Foi directo à casa de banho e ficou-se olhando no espelho: o remorso lhe escurecia o rosto. Quando se deitou foi surpreendido pela pergunta da esposa:

— *Por que se demorou tanto na casa de banho?*

— *Demorei, eu? Despachei-me enquanto o diabo lhe esfregava o olho!*

— *Esteve a cortar a unhas, eu bem escutei.*

A mandioca azedava. Constança desconfiava do marido sempre que ele se preocupava em cortar as unhas dos pés. A sua lógica era simples: só cuida das partes escondidas quem as vai mostrar a alguém.

— *Diga-se de paisagem, Constança: eu estava me bonitando para si.*

— *Para mim?*

— *É que hoje eu queria que você me procurasse o alfinete!*

Ela se recusou. Há tempos esquecidos que Jesustino não se preocupava com o risco de ser alfinetado. Por que razão ele insistia agora no velho e esquecido pedido?

— *É que tenho receio que o alfinete tenha ido parar lá.*

— *Lá, onde?*, inquiriu a mulher.

— *Lá*, repetia Jesustino e apontou com o queixo o muito baixo-ventre.

Nos dias seguintes, mortificado pela culpa, o goês fechou-se no estabelecimento e não abriu as portas a ninguém. Mesmo Singério, seu adjunto, estava impedido de entrar. O desejo, de quando em quando, ainda o incendiava. E ele se perguntava: o que fazia ele, assim arredado de sua paixão? Guardava a casca e desperdiçava a pérola?

Jesustino ficou nesse retiro dias, à procura de uma resposta. Por fim, abriu as portas da alfaiataria, endireitou a gola do casaco e se apresentou perante a irmã chorosa. O estratagema era primário: fingiu-se amnésico. Nada havia acontecido nunca. Pungente, a irmã cobrava: então, a jura de amor entre o amontoado de tecidos? Por tudo isso ela reclamava em desespero. O alfaiate, impávido, retorquia: Luzmina inventava, doente do pensamento.

— *Você enlouqueceu, mana.*

Sem o saber, Jesustino acertava nos vaticínios. Rasgada por aquele desfecho, a sua irmã mais velha se deixaria tomar pela loucura. Esse delírio se anunciaria, mais tarde, no jantar em que perante as cerimoniosas visitas Luzmina Rodrigues acabaria por anunciar:

— *Não é para me gabar, mas tenho muito jeito para puta!*

Capítulo catorze

Devaneios, farsas e visitasões

Moçambique, Dezembro de 2002

*Os outros passam a escrita a limpo. Eu passo a escrita a sujo.
Como os rios que se lavam em encardidas águas.
Os outros têm caligrafia, eu tenho sotaque. O sotaque da terra.*

(O Barbeiro de Vila Longe)

*As pedras não pediram filhos.
É por isso que as pedras não morrem.*

(Provérbio Nupe, da Nigéria,
citado pelo padre Odilo Gil)

— *Água, vejo água*, exclamou Mwadia, a voz distorcida como se as palavras emergissem líquidas.

— *Está possuída, ela já está possuída*, concluiu Casuarino ordenando silêncio aos restantes ocupantes do pequeno quarto. Mwadia se exibia de meter medo: olhos revirados, cabelos hirsutos, braços ondeando como se vogassem entre águas e nuvens. A transfiguração era tal, que os cúmplices na farsa se interrogaram se os espíritos não estariam realmente tomando conta da moça.

Os americanos estavam paralisados de tanto fascínio. Benjamin Southman estava tão alterado que até falou em inglês:

— *Can I shoot?*

— *O que é ele disse?*

— *Pergunta se pode disparar...*

— *Disparar?*

— *Pergunto se posso filmar?*, corrigiu Benjamin.

E não esperou pela resposta. Um sinal vermelho começou a piscar na câmara de vídeo. A brasileira pediu silêncio e espaço. Ela queria captar tudo, sem falha nem interrupção.

— *Água, é tudo água*, repetia Mwadia. *São ondas e ondas, rios cujas margens são rios, vou num oceano sem fim.*

Ela via um barco, ao longe parecia uma ave com imensas asas brancas. O navio estava ainda encostado a um porto de uma terra longínqua.

— *E quem é você?*, perguntou Casuarino, em tom solene.

— *Eu sou um escravo negro. Estou embarcando de Goa para Moçambique, esta é a viagem de regresso à terra onde nasci.*

— *E essa terra é Vila Longe?*, prosseguiu Casuarino, na senda de um inquérito previamente combinado.

— *Não.*

— *Não? Tem a certeza que não?*, estranhou Casuarino, apercebendo-se de que Mwadia seguia por improvisados caminhos.

— *Eu sou do outro lado de África. Saí em menino, fui levado para a Índia faz tanto, tanto tempo que, agora, quase me sinto natural de Goa...*

A voz de Mwadia tinha-se tornado irreconhecível, máscula, rouca, catarrosa. De repente, ela esbracejou, como se sofresse de convulsões. Fez-se um impenetrável silêncio. Depois de uma pausa, Jesustino comentou, inesperadamente exaltado:

— *Goa? É a minha terra!*

— *Afinal? A sua terra não é Moçambique?*, lembrou, áspero, o barbeiro.

— *Deixem ouvir. Deixem Mwadia falar*, implorou o americano.

— *Não é Mwadia que está falar. Não se esqueça...*

Reinstalou-se a quietude no pequeno quarto. Apenas se escutava a respiração ofegante da possuída. Constança pegou na mão do marido, para ganhar conforto.

— *O livro, tirem-me o livro das mãos*, gritou Mwadia.

A aflição na sua voz era pungente. Constança segredou no ouvido de Casuarino: ele que terminasse com aquela encenação, o seu coração de mãe já entrara em sofrimento. O empresário respondeu em surdina: há muito que a sobrinha estava fugindo dos diálogos previamente acordados. E, de novo, os olhares de todos se centraram em Mwadia.

— *Esse livro me está queimando as mãos, tirem-me o livro...*

— *Qual livro?*, perguntou o americano.

— *Entreguem-lhe o livro a ele...*, disse Mwadia apontando para um lugar vago.

— *Está apontar para mim*, sugeriu Casuarino.

— *Segure o livro, D. Gonçalo*, sussurrou a moça.

Casuarino vacilou. Constança estava certa: a representação estava indo longe de mais. Mwadia actuava de modo tão verosímil, que o atemorizava a ponto de o suor lhe gotejar pelo anafado pescoço.

— *Receba o livro*, insistiu Mwadia.

— *Receba lá*, repetiram os outros, em coro.

— *Mas ela está falar com D. Gonçalo...*

A voz de Mwadia ganhou uma sonoridade ainda mais estranha, um tom cavo que fez gelar os presentes quando ela, cravando o indicador no americano, sentenciou:

— *O senhor vai ser morto!*

— *Quem, eu?*

— *Sim, virão matá-lo pela noite.*

— *Minha nossa, já não estou gostando da brincadeira*, queixou-se a brasileira.

— *Entreguem o livro a D. Gonçalo da Silveira. Digam-lhe que o Imperador o vai matar. Amanhã, ele vai ser assassinado.*

Nova pausa, novo silêncio profundo. O peito da possessa parecia ter estancado. Escutou-se um soluço de Constança. De súbito, Mwadia começou a contorcer-se, assaltada por poderosos demónios.

— *O que está a acontecer, Muadinha?*, perguntou Jesustino, aflito, agarrando os braços da enteada.

— *O que é isso, homem?*, interrompeu Benjamin. *Você não pode falar, ela está sendo visitada.*

A agitação de Mwadia atingia o clímax e a sua voz, cada vez menos reconhecível, voltou a arrepiar os presentes quando ela clamou:

— *Não enterrem a estrela, não façam isso!*

— *Que raio é que ela está dizendo?*, interrogou-se, incomodado, Casuarino.

— *A estrela está caindo, está caindo dentro de nós.*

— *Uma estrela?*

— *Sim, uma estrela. Atravessa o tempo, está cruzando os séculos, agora está caindo. Todos os nossos mortos ganharam luz nessa estrela. E*

vocês deixaram esfriar esse pedaço do céu. Foram vocês...

— *Mas nós fizemos o quê, valha-nos Deus?!*, torturava-se Jesustino.

— *Vocês enterraram a estrela. Aqui, no chão de Vila Longe, essa estrela foi sepultada. E vocês morreram nesse enterro.*

Como Casuarino previra, os americanos ficaram fascinados com a sessão de transe.

— *Eis África autêntica*, repetiam, deleitados.

Os americanos não podiam duvidar de que se tratava de uma encenação. Para eles, o passado estava de visita a Vila Longe por via de nocturnas visitas. Não tardaria que colunas de escravos renascessem e desfilassem pelos transe da filha mais nova de Dona Constança.

A própria Mwadia parecia ter ganhado gosto nesta representação teatral. Ela cumpria a vocação do seu nome: como canoa ela estava ligando os mundos. Após a primeira sessão, a mãe ainda aproveitou para reafirmar a sua antiga aposta:

— *Eu sempre disse que esta menina estava a ser chamada.*

A partir do segundo transe, porém, a mãe não voltou a dizer nada. O medo era a única voz que falava dentro de si.

Nas seguintes noites, Mwadia Malunga voltou a ser possuída pelos espíritos. De sessão para sessão, ela ia aperfeiçoando a exibição, focando as lembranças. O que era intrigante era que as suas revelações sobre o passado se mostravam mais e mais acertadas. Os familiares se interrogavam: como é que Mwadia podia saber tanto de tudo? Será que ela tinha realmente poderes?

As lembranças fabricadas por Mwadia iam apurando tal veracidade, que os velhos choravam ao se confirmarem nelas, as mães acenavam

afirmativamente, os americanos enchiam de anotações os seus cadernos.

Benjamin Southman era categórico: tudo aquilo que, em êxtase, Mwadia ia recordando correspondia, de facto, à realidade histórica. Não havia dúvida: Mwadia estava realmente entrelaçando os tempos com as memórias, restituindo as cascas ao estilhaçado ovo.

As dúvidas no seio da família e dos amigos foram a ponto de se convocar uma reunião de emergência.

— *São sonhos, aquilo?*, começou Jesustino por questionar.

— *Como sabe ela essas todas coisas?*, se interrogavam os demais.

— *Ora, ela inventa*, desvalorizou a mãe, querendo a si mesma se tranquilizar. *Ela sempre foi muito inventadeira.*

— *Eu duvido, é invenção demasiada*, concluiu o empresário Casuarino.

— *Não se esqueçam*, disse o padrasto, *que ela estudou na cidade. Mais que na cidade: ela frequentou o Zimbabwe.*

— *Mas isso não explica. Ela fala de coisas que estão para além da sabedoria.*

O encontro concluiu que a mãe deveria sujeitar a filha a um cerrado interrogatório. O que Constança cumpriu, nessa mesma tarde. Sem intróitos, a matriarca disparou:

— *Minha filha, me responda: você está mesmo sendo visitada?*

— *Por quem?*

— *Ora por quem? Pelos que dormem, pelos espíritos.*

— *Claro que estou, mãe. Não foi isso que combinámos, que eu era visitada pelos muzimos [30]?*

— *Não brinque com coisas sérias. Eu quero a verdade verdadeira.*

— *A mãe não queria, afinal, que eu me entregasse ao chamamento? Não foi isso que sempre quis?*

— *Mwadia, minha filha: o meu coração está apertado por uma grande dúvida. Não me faça sofrer mais...*

— *Não se aflija, que estou a ser visitada de outra maneira.*

— *Que outra maneira?*

Mwadia respondeu vagamente: os livros e os manuscritos eram as suas únicas visitas. De dia, ela abria a caixa de D. Gonçalo da Silveira e perdia-se na leitura dos velhos documentos. De noite, Mwadia ia ao quarto dos americanos e espreitava os papéis do casal. E lia tudo, em inglês, em português. E havia ainda a biblioteca que Jesustino tinha herdado.

Nesses últimos dias, Mwadia fechava-se no sótão e espreitava a velha documentação colonial. Agora, ela sabia: um livro é uma canoa. Esse era o barco que lhe faltava em Antigamente. Tivesse livros e ela faria a travessia para o outro lado do mundo, para o outro lado de si mesma.

No final, Mwadia pediu à mãe que guardasse segredo daquela confissão. A gorda senhora cruzou os dedos sobre os lábios a confirmar que respeitava o pedido da filha.

Na tarde seguinte, Dona Constança sacudiu a filha que repousava na sala para lhe transmitir a seca ordem:

— *Vamos as duas lá em cima.*

— *Agora? Porquê agora?*

— *Eu quero saber o que está escondido nesses papéis. Eu também quero ser visitada.*

Subiram as duas. Em cada degrau, Constança tossia e arfava. As escadas eram altas, o pó era muito. Há anos que a dona de casa não visitava aquele recinto. Espreitou as prateleiras, as estantes e os caixotes. Passou os dedos pela superfície dos livros a avaliar as sujidades. Havia que trazer para ali uns panos e vassouras, resmungou. Depois, apontou o velho sofá coberto por um pano-cru e mandou:

— *Sente-se, filha.*

Mwadia obedeceu, estranhando o ar confiante de sua mãe. Constança Malunga podia ser analfabeta para papéis. Mas ela sabia coisas tão fundas, que nem chegava a entendê-las bem. Sabia, por exemplo, que não há conhecer sem lembrar. Mas o conhecer é um engano. E o lembrar é uma mentira. Disto tudo sabia Constança quando pediu o seguinte a sua filha mais nova:

— *Agora, leia para mim. Eu também quero ir nessa viagem...*

E foi assim que, mãe e filha, passaram a ocultar-se no bafiento sótão por tempos tão compridos que só seriam suportáveis se, naquele obscuro nicho, elas estivessem criando um outro tempo, só delas as duas. Em voz alta, Mwadia lia trechos inteiros sobre a história de Vila Longe, lia relatórios de contas da administração colonial, lia cópias de despachos dos governadores, correspondência oficial e anotações de viagens. A mãe, por vezes, adormecia. Se a filha, contudo, interrompesse a leitura, ela despertava e, com voz arrastada, encorajava:

— *Prossiga. Por que é que parou?*

O interesse de Constança cresceu a tal ponto que começou a aprontar-se de propósito para a ocasião. Benzia-se à entrada das sessões de leitura. E, de cada vez, escolhia um novo e cerimonioso vestido que retirava da velha arca das donas. A filha ajudava-a a subir e descer a escadaria, para que não se enredasse nos folhos das saias. Constança vingava-se do tempo solitário em que costurava à espera que alguém mais chegasse.

— *O problema da solidão é que não temos ninguém a quem mentir.*

De visita em visita ao sótão, Dona Constança se tornava mais e mais ligeira. A felicidade a estava emagrecendo. Já sem apoio, ela vencía os degraus com pressa de criança em véspera do recreio.

— *Nunca eu lhe dei o que você me está dando agora, minha filha.*

— *Ora, mãe, se não fosse a senhora, eu seria como as outras de Vila Longe que vivem de costas para os papéis.*

— *Como eu, afinal.*

— *A senhora não disse que lia na areia?*

— *É verdade, é verdade.*

Nesse outro tempo, o seu livro era o chão imenso, por aí fora. Quem lhe virava as páginas eram as estações do ano. Depois, soltou um suspiro triste:

— *Você há-de ir embora e eu nunca mais subirei aqui.*

Não foi preciso que a filha se fosse embora. Nesse mesmo dia, aos berros, Jesustino Rodrigues proibiu a mulher de ir ao sótão.

— *Nem nunca mais, está ouvir?*

Quando Mwadia lhe pediu explicação, o goês adiantou: a esposa se revelava estranha desde que realizava aquelas excursões. E se esquecia das domésticas obrigações.

— *Mas a mãe está feliz, porque não a deixa?*, interveio Mwadia.

— *Estou cansado de deixar.*

Jesustino Rodrigues, o alfaiate sem alfaiataria, marido sem filhos, indiano sem Índia, atingira o limite: Vila Longe nunca mais se riria do seu carácter permissivo. Doravante, ele seria um homem a tempo inteiro, macho de fachada e conteúdo. A confirmar a reviravolta no seu carácter, ele bateu com o punho na mesa e proclamou:

— *Eu proíbo! Ouviu bem, Dona Constança? Eu proíbo!*

Mwadia não teve coragem de fitar a mãe. Por isso, ela se afastou para a janela e ficou olhando a paisagem exterior. Constança seguiu a filha e soprou no vidro, para, a seguir, lamentar: tudo sujo, tudo cheio de poeira. E a mãe se encostou à filha para lhe segredar:

— *Estou tão feliz!*

— *Feliz?*

— *Finalmente, Jesustino me proibiu de alguma coisa.*

Era, contudo, tarde de mais para que Jesustino Rodrigues se exercesse como um proibidor competente. Porque as duas mulheres deram, de imediato, a volta à interdição. Mwadia subia e trazia uma carrada de livros. Na cozinha, enquanto fingia ocupar-se de afazeres culinários, Constança continuou escutando e inventando fantasias. De vez em quando, ela imitava os novos modos autoritários do marido e, depois, suspirava:

— *Coitado do Jesustino. Quando ganhou a manteiga, faltou-lhe o pão. O homem anda a embandeirar sem arco.*

Nessa mesma cozinha, mãe e filha foram mais longe na sua transgressão. Passaram a ensaiar sessões de transe e adivinhação. As leituras sugeriam temas e assuntos. Mwadia encenava e a mãe fazia as vezes dos afro-americanos. As duas se divertiam tanto, que, por vezes, as risadas ecoavam pela casa inteira.

— *Sabe o que podemos inventar?*

— *Diga, mãe.*

— *Inventamos uma história para Rosie. Todas as histórias, até agora, são sempre para o Benjamin, sempre só para ele.*

— *E inventamos o quê para Rosie?*

— *Você ontem não leu aquilo sobre o brasileiro de Quelimane?*

No dia anterior, Mwadia desencantara referência da presença, em meados do século XIX, de um baiano de nome Félix Baptista que se instalara em Moçambique como traficante de escravos. As plantações de açúcar no Brasil tinham-se convertido num enorme sugadouro de mão-de-obra e Quelimane passou a fornecer homens para o amargo corte do doce cultivo. A ideia de Constança era de inventar uma relação de parentesco entre Rosie e o extinto Baptista. Depois, avaliando melhor, ela desistiu do plano. Afinal, a novidade iria entristecer Rosie.

A pergunta de Mwadia interrompeu os devaneios de Constança e trouxe um gelo súbito à conversa:

— *A senhora não tem medo, mãe?*

— *Medo de quê?*

— *Disto que estamos a fazer. Nós estamos a brincar com os espíritos.*

Constança ficou um tempo em silêncio. Não era assunto que ela não tivesse pensado. O seu coração se pequeninava sempre que assistia às falsas visitas protagonizadas por sua filha. E por ter matutado nos perigos e riscos, Constança estava segura quando tomou a palavra:

— *Pois lhe digo, minha filha, não é só Jesustino que não sabe dar ordens. Há tanta interdição que está falhando no mundo de hoje...*

— *Não entendo onde a senhora quer chegar.*

— *Não se proíbe uma criança de ver os mortos? Pois eu era uma criança e deixaram-me ver o mundo inteiro morrer.*

Se obedecesse aos mandos da tradição ela nunca mais teria feito amor com Jesustino. Nem com ele, nem com ninguém. Depois da menopausa a mulher fica contaminada com as cinzas. É esse o nome que se dá ao sémen: cinzas. E só o sangue menstrual limpa a mulher da contaminação das cinzas.

— *Isto que lhe falo não vem nos livros.*

— *Mas eu gosto de aprender, mãe.*

— *Por exemplo, agora, com esta Nossa Senhora aqui em casa ninguém pode fazer amor na Vila.*

Por mais cristãos que fossem, os de Vila Longe olhavam a estátua e viam o espírito nzuzu, a deusa que mora em águas limpas. Ela vive com a nyoka, a serpente. Quando a água fica suja, a serpente sai a espalhar maldades e feitiços.

— *Entende, filha? O rio fica sujo quando as cinzas vêm presas às bilhas de água.*

Talvez Constança estivesse enganada sobre a natureza dócil do marido. A verdade é que Jesustino ia apurando dotes de mandador. Ao escutar, repetidas vezes, o alegre gargalhar na cozinha, ele despachou a segunda interdição: que livro nenhum circulasse pela casa.

Afinal, o alfaiate revelava aptidões desconhecidas para o exercício da macheza. Acontecia como previa o ditado de Vila Longe: é a vaca que cria o pasto.

O que Jesustino não contava era com a capacidade infinita de sua mulher dar a volta às contingências. Não passaram dois dias e Constança voltou a instigar a filha:

— *Vá ao sótão e encha este cesto de livros!*

Mwadia obedeceu e regressou com o cesto do bazar abarrotando de papelada. A mãe já tirara a capulana e envergava um vestido de sair.

— *Vamos, disse, conduzindo a filha pelo braço. E traga o cesto.*

Quando Mwadia se apercebeu estava no cemitério da Vila. A mãe apontou uma sombra e sentou-se no chão. A filha imitou-a, entendendo o propósito daquela visita. Do cesto retirou um livro antigo e começou a ler. Mãe e filha cumpriam o velho costume caseiro de respeito pelos ausentes. Como dizia Constança:

— *Os mortos não querem flores, mas companhia.*

A leitura demorou até deixar de haver luz. Nesse momento, Mwadia ergueu-se e esperou, em vão, que a mãe se levantasse por si mesma.

— *Vê como ainda estou colada ao chão? Um dia destes é só juntarem-me os pés e me encaixotarem.*

Nos restantes dias, assim que soprasse a brisa da tarde, mãe e filha continuariam rumando, de cesto bojudado, para as sombras do cemitério. Quem passasse ao largo, escutava trechos de prosa, por vezes poemas rimados, lidos na voz pausada de uma jovem mulher. E acreditaria que as duas mulheres estivessem rezando. E, no fundo, não estaria longe da verdade.

Capítulo quinze

Madeira sangrando

Moçambique, Fevereiro de 1560

«As mulheres d'este reino tambem sam muito devotas e vam muitas vezes à egreja ver as imagens, do que gostam muito, especialmente de Nossa Senhora.»

(Carta do padre André Fernandes, Moçambique,
26 de Junho de 1560, in *Portugueses no Monomotapa*,
ao padre D. Gonçalo da Silveira, Imprensa Nacional, 1892)

Quando D. Gonçalo celebrou missa e colocou sobre o altar a linda imagem de Nossa Senhora da Graça, que ele trouxera de Goa, passando alguns cortezãos do Monomotapa, viram-na. E tanto admiraram o retábulo que logo correram a informar o Rei de que o «padre europeu tinha por sua consorte uma fermosíssima mulher digna de todo o agrado [...]» Arrebatado pela visão de Nossa Senhora, fez o Imperador as maiores reverências a Silveira. Pediu, depois, encarecidamente a D. Gonçalo que, por algum tempo, lhe confiasse aquele tesouro ao que o religioso gostosamente acedeu. Colocou-se a imagem num oratório propositadamente levantado no quarto do Rei, com a obrigação de ser muito respeitada.

(Bertha Leite, in *D. Gonçalo da Silveira*,
citando o padre Francisco de Mattos)

Tinham decorrido trinta e cinco dias de viagem quando o gajeiro avistou pássaros no horizonte. Não tardaria que se descortinasse o contorno de Moçambique e o padre Manuel Antunes tomou a decisão de levar a Santa para a oficina do carpinteiro Mendonça e pedir-lhe que lhe improvisasse um novo pé. Urgia um remendo na estátua para que ela desembarcasse com dignidade. Não era admissível tão tosca deficiência em quem se supõe representar a divina plenitude.

O mestre Mendonça, homem crente e carpinteiro experiente, não ousou esquivar-se. O sacerdote que deixasse a estátua que ele arranjará uma solução. Não passou meia hora e Antunes, afogueado, reapareceu na oficina:

— *Desculpe, mestre, mas tenho que levar a Virgem comigo, agora mesmo.*

— *Mas ainda nem comecei o trabalho.*

— *D. Gonçalo está furioso com a minha iniciativa. A Santa foi benzida pelo Papa. Não pode ter emendas.*

— *Mas a obra ia ficar perfeita, nem se notava, depois de pintadinha...*

Contrafeito, o carpinteiro encheu os braços com a imagem e, com mil cuidados, transferiu-a para o colo do sacerdote. Já se despedia quando foi alertado por uma mancha vermelha no pulso de Manuel Antunes.

— *Cuidado, Vossa Mercê está sangrando...*

Antunes pousou a estátua e inspeccionou as mãos e os braços. Não, não era ele que sangrava. Talvez fosse Mendonça, seria até mais natural devido aos riscos do ofício. O carpinteiro catou o corpo à procura de uma ferida. Nada encontrou. Os dois se entreolharam, pálidos. Foi então que Mendonça fitou intensamente a Santa e balbuciou:

— *Milagre! É um milagre!*



A notícia de que a Santa sangrava espalhou-se num ápice. A ferida sem cicatriz da padroeira era uma anunciação divina, uma espécie de grande exalação sem Corpo Santo. Aquela chaga aberta fazia crescer a fé entre os marinheiros e reforçava neles um sentimento de cruzada.

O golpe na madeira confirmava a mensagem do martírio cristão. A mais sacrificada, porém, era uma mulher não cristã: a escrava Dia Kumari. O sangue da Santa trazia à lembrança o homem que ela tinha amado. Os marinheiros passavam e os seus olhares magoavam-na como um libelo acusatório. Por diferentes motivos, ninguém podia esquecer a sua figura, desnuda, quase oferecida ao demónio, para defender o negro culpado. A escrava indiana não era apenas infiel: ela e o diabo eram cúmplices em tenebrosas artimanhas.



Quando as naus acostaram na Ilha de Moçambique, Dia Kumari ainda cumpria o luto pela morte de Nimi Nsundi. Desta vez, não havia fogueira para engolir a sua viuvez. A escrava olhou a areia branca e lhe apeteceu deitar-se como os barcos que se espreguiçavam na praia à espera que alguém lhes limpasse os cascos. A viagem terminara? Apenas a sua porção marítima. Dali a um tempo se iniciaria o percurso terrestre, da costa até ao interior, rumo às terras que Portugal conhecia por «Mãe do Ouro». O nome tinha as suas conveniências: se o metal tinha mãe é porque merecia, como as demais criaturas paridas, todos os cuidados de Deus.

Por cautela, as naus não chegaram à praia. O mar por ali era límpido, mas o capitão optou por ancorar a uma certa distância. Havia, naquelas

águas, recifes de corais que se viam à transparência. Ao mínimo descuido os cascos poderiam ser rasgados. O capitão alardeou:

— *Traíçoeiro como é, o mar não devia ter nome masculino. Devia era chamar-se «a mara».*

Todos se riram, menos Dona Filipa. A dama olhou com furor o capitão, mas logo baixou o rosto. Pela primeira vez, fingindo amparar-se, ela procurou a mão da sua aia. De mãos dadas, as duas aguardaram na fila de passageiros que, em grupos, iam sendo transferidos para batéis que os conduziriam à Ilha. Chegada a vez, Dia Kumari ajudou Dona Filipa a instalar-se na última das pequenas embarcações. Elas eram as únicas passageiras e o marinheiro foi remando sem dificuldade. Sentaram-se lado a lado, em proximidade jamais experimentada. O batel avançava sobre tapetes de ervas marinhas, já quase acostando na praia, quando a indiana pigarreou a ganhar coragem e se dirigiu à patroa:

— *Por que me ajudou, Dona Filipa?*

— *Não me lembro de o ter feito.*

— *Lá, no barco: por que me socorreu?*

— *É que descobri, entre nós, uma parecença: você é viúva; eu não tenho marido...*

— *Como não tem marido? O senhor António, seu esposo, não está à sua espera, lá em Tete?*

— *Estará?*

Pelos vistos, também a Dona Filipa tinham chegado rumores de que António Caiado se envolvera com negrinhas várias e se desdobrara em diversas proles de mulatos. O português cedia na carne que, como dizia Fernandes, é fraca, mas tem muitíssima força.

O fundo do batel já raspava nos calhaus da praia, o marinheiro pulou para a água e empurrou a braços o barquito. A fidalga segurou um maço de roupas no colo e aguardou que a embarcação se imobilizasse. Parecia contemplar o infinito desdobrar das pequenas ondas. Fitava, em vez disso, um vazio dentro dela. E disse:

— *Nem sei se me apetece desembarcar...*

A escrava permaneceu silenciosa, quieta como lhe competia em assuntos de tal intimidade. De vestido escuro, vergada sob o peso da tristeza, Filipa Caiado confessou:

— *Sabe uma coisa? Não há momento em que não me chegue a imagem do elefante afundando nas águas...*

— *A senhora viu essa cena tão triste?*

— *Não era triste, Dia.*

— *Não era triste? O bicho fechado na jaula, afogando-se no mar?*

— *Para quem vive numa jaula, afogar-se é o melhor que pode suceder.*

A indiana contemplou as costas magras da portuguesa, as omoplatas desenhadas como cotos de asas decepadas. E comoveu-se pela condição comum dela e de sua patroa: nenhuma das duas, afinal, seguia em viagem. Nenhuma das duas vira, à saída de Goa, lenço algum acenando no cais. Só tem viagem quem recebe adeuses.



Na primeira semana de estadia na Ilha de Moçambique, Dia Kumari não estranhou: a ilha era tranquila e as ruas estreitas com as casas caiadas faziam lembrar Pangim. Depois, os dias de espera se foram engrossando e a indiana começou a sentir um estranho enjoo. Era como se, em vez do chão firme, continuasse pisando a coberta da nau onde viajara. As náuseas agravaram-se. Esse e outros sinais lhe diziam apenas uma coisa: ela estava grávida.

Kumari sentiu-se perdida. Quando descobrissem a sua condição, ela seria, certamente, dispensada como criada. O que sucederia a uma mulher, indiana e jovem, num lugar como a Ilha de Moçambique, abarrotando de brancos selvagens e negros sem escrúpulos?

A ideia chegou-lhe como uma súbita fulguração: um aborto! Urgia que ela abortasse para não perder o seu lugar junto de Dona Filipa. A indiana saiu entre os mangais e se confortou em descobrir que aquela vegetação era a mesma que bordejava a costa da sua terra. Deambulou pelos

lamacentos caminhos à procura de um arbusto cujas propriedades abortíferas ela aprendera a conhecer. Já em casa, deixou as folhas numa infusão e, ao fim da tarde, ingeriu o preparado de uma só vez.

Tinha acabado de tomar a mistela quando D. Gonçalo se anunciou: vinha visitar a fidalga e trazia novas: uma comitiva já fora constituída para seguir numa pequena embarcação, subindo o rio Zambeze. Não tardaria que a fidalga pudesse reaver o seu marido. Felizmente para Dia, a conversa foi breve: uma crescente agonia já lhe revolvía as entranhas. A mezinha começava a surtir efeito. Dona Filipa acompanhou o sacerdote à porta e, na despedida, proferiu as enigmáticas palavras:

— *Eu estou contando os dias. Antes que os dias me descontem a mim.*

Silveira não entendeu o tom misterioso, mas ripostou: aguardava-se apenas resposta da mensagem que ele mesmo havia enviado ao Imperador. Afinal, todos já se cansavam da estadia na Ilha.

— *Já esperamos 120 mortos,* disse o missionário.

A Ilha, afinal, não diferia muito do barco. Num e noutro lugar, contavam-se os dias pelos mortos. Até àquele dia, e durante dois meses, a escrava indiana fizera contas ao inverso: dentro de si um fruto de carne se configurava em lua enchente.

Cumpridas as despedidas, a aia retirou-se para ceder às convulsões e aos vômitos. Deitou-se sobre o leito da sua cubata, enroscou-se como o feto que ela queria expulsar do seu ventre e nunca soube se adormecera se desmaiara.

Na manhã seguinte, assim que despertou, ela espreitou por entre as coxas. Nada. Não havia sangue, não havia vestígio de que a infusão tivesse resultado. Ainda zozna e de olhos remelados apresentou-se à patroa e anunciou:

— *Senhora, estou grávida.*

Dia Kumari era jovem, ingénua e crédula. As últimas atitudes de Dona Filipa negavam a ideia de insensibilidade que a portuguesa produzia nos demais. Certamente, a dama reagiria de forma solidária. Dia enganou-se.

Filipa recolheu os folhos da saia para melhor se erguer, deitou-lhe um olhar de desprezo e atirou:

— *Filhos, filhos! É só o que vocês sabem fazer!*

†

Para D. Gonçalo da Silveira, África não era tanto um lugar como um campo de batalha. Esse sentimento quase militar era uma sobrevivência dos relatos que escutara a seu pai, D. Luís da Silveira, lembrando a expedição guerreira que ele protagonizara a terras africanas de Azamor, em 1513. Gonçalo era o último de dez filhos e a mãe falecera no parto. O menino tinha os olhos ávidos de histórias terríficas e, onde o pai pintava mouros e sarracenos, ele redesenhava monstros e assombrações.

Silveira não sabia de temores nem hesitações. Mas aceitava que seria razoável acautelar a expedição ao Monomotapa. Na pacatez da ilha, escutavam-se terríveis rumores sobre a crueldade dos habitantes do reino pagão. Silveira resolveu-se a recolher pessoalmente depoimentos sobre as eventualidades que o aguardavam no desconhecido sertão.

Foi assim que o padre Antunes viu interrompida a sua refeição de peixe frito em óleo de gergelim. D. Gonçalo o mandava chamar para, juntos, inquirirem entre os ilhéus. Antunes ainda convidou o médico Fernandes para se juntar à excursão. Mas o goês ripostou, firme:

— *Quando se inventam assim maldades sobre um povo, é para abençoar as maldades que se vão praticar sobre ele.*

E foi também assim que Manuel Antunes se viu acompanhando Gonçalo da Silveira pelas tortuosas ruelas da Ilha. A marcha apressada do jesuíta trouxe-lhe à lembrança o dia em que ambos desceram ao porão da *Nossa Senhora da Ajuda*. Em redor tudo era diverso: a luz, a brisa, o chão firme. Mas dentro dele se repetia um mesmo pavor de encontrar uma presença demoníaca, emanando das entranhas do desconhecido.

O jovem sacerdote acelerou o passo para se juntar a Silveira que, mais adiante, já abordava dois negros que esculpiam um tronco. O mais jovem

muito se espantou quando soube do destino do missionário:

— *Vão para o interior? Não chegarão lá com vida.*

— *Sei de casos e horrores. Nem vale a pena contar,* acrescentou o mais velho.

— *Mas você viu?*, inquiriu o sacerdote.

— *Sim, eu vi com os meus olhos, e vi com os olhos de todos.*

— *Mas viu o quê?*

— *Esses que vivem lá no interior não são como nós.*

Os guerreiros do Monomotapa tinham combatido, na Ilha, contra os holandeses. Os depoimentos eram aterradores e o missionário nem sequer ergueu a cabeça enquanto durou a evocação do sucedido. Esses etíopes, dizia-se, bebiam o sangue dos holandeses mortos. A uns até cortavam os pescoços e lhes sorviam o sangue quente directamente da jugular.

E diziam mais: que eles, lá nas suas terras do interior, ainda praticavam maiores crueldades. Após as batalhas, cortavam os sexos dos vencidos e colocavam-nos a secar, atados numa corda, na varanda de suas casas. Depois de bem secos, ofereciam-nos às suas esposas que com eles faziam colares e, assim, ostentavam a coragem de seus maridos.

Fez-se pausa no relato. O mais velho dos ilhéus aproximou-se do fogo e deitou água fervente sobre umas ervas.

— *O senhor vai beber isto que é uma bebida da terra...*

— *Agradeço, mas não me apetece.*

— *Não pode recusar, meu Senhor. Este é o nosso modo de receber.*

E o homem colocou na chávena uma pequena pedra e fê-la girar como se esperasse que ela se dissolvesse.

— *O que é que deitou na chávena?*, inquiriu o jesuíta, disfarçando a sua desconfiança.

— *Um dente.*

— *Um dente?!!*

— *Sim, um dente de sereia. É para dar sorte.*

O padre arregalou os olhos, recusando-se a beber. Passou o púcaro para Antunes que, segurando a chávena com ambas as mãos, sorveu, de

um trago, o seu conteúdo fumegante. Gonçalo observou-o com espanto, cuidando que Antunes tivesse engolido o pequeno osso. O sacerdote Manuel Antunes não só estava precavido como sabia o que eram as «sereias». Eram os peixes-mulher que ali abundavam.

Chegados a casa, o missionário juntou os membros da delegação para debater os perigos que pareciam cercar a expedição. Antunes contrariou o crescente alarmismo.

— *Vai ver, D. Gonçalo, que, uma vez em terras do Monomotapa, descobriremos que os cafres não são nada disso, não são esses monstros que aqui nos falam...*

— *Deus o escute.*

— *Eu acho, com todo o respeito, que eles serão ainda piores.*

— *Como piores, padre Antunes?*

— *Vai ver que eles são iguais aos brancos.*

Essa resposta foi fatal para Manuel Antunes. Pois no subsequente momento, o provincial Silveira já havia tomado a decisão: terminada a missão, aquele jovem padre de Bragança seria enviado para Goa, com especial recomendação para a Santa Inquisição. Seria enviado o padre e com ele seguiria também o desbocado do médico goês.

O calor existe mais nos trópicos, porque a quentura é preguiçosa. Era o que dizia o médico Fernandes que, naquele instante, sacudiu as moscas que procuravam a mesma sombra onde ele se instalara. O goês comentou, irónico:

— *Ouvi dizer que Vossa Mercê bebeu um chá que lhe deram por aí.*

— *Quem bebeu não fui eu...*

O goês alertou: ele que não aceitasse essas mixórdias. Não falava como físico. Mas por razões outras, não dizíveis. Os naturais da Ilha, por exemplo, prevaricavam em grave luxúria: faziam amor com o peixe-mulher. D. Gonçalo estranhou:

— *Fazem amor com peixes-mulher? Desculpe, isso só pode ser lenda.*

— *A mim não me contaram, eu vi,* disse o boticário.

— *O que eles chamam de sereias são peixes. Ninguém faz amor com sereias...*

— *Todas as mulheres são sereias*, disse o goês.

†

D. Gonçalo da Silveira e a sua comitiva saíram da Ilha de Moçambique com destino a Sena na manhã de 19 de Agosto de 1560. Subiram o Zambeze numa fusta, uma embarcação ligeira puxada por uma dezena de remadores. Com o jesuíta seguiam o padre Manuel Antunes, o médico goês, Dona Filipa Caiado e ainda o escravo Xilundo que serviria de tradutor e que seria responsável pelo transporte da Virgem.

Na praia da Ilha se acumularam curiosos a espreitar o embarque. Entre eles se podia ver Dia Kumari. A jovem indiana estava certa de que a sua proprietária, Dona Filipa, dispensara definitivamente os seus serviços de criada. No instante do carregamento, porém, Filipa Caiado fez-lhe um sinal para que se aproximasse. A aia tocou os pés descalços na água e a patroa a surpreendeu:

— *O que espera para embarcar?*

†

A estadia na ilha não fora benéfica para D. Gonçalo. Vezes sem conta ele se tinha confrontado com as autoridades portuguesas e as acusara de serem cúmplices da devassidão moral que reinava naquelas paragens. Toda a sua vida imaginara que os demónios moravam no outro lado do mundo: em outra raça, em outra geografia. Durante anos ele se preparara para levar a palavra redentora a essa gente tão diversa. Nos últimos dias Silveira confirmara que o Diabo fazia ninho entre os seus, os da sua origem, raça e condição.

— *Estou muito desiludido*, lamentou-se ele a Antunes. *Disseram-me que esta era uma terra limpa. Esta nação gentílica, afinal, está*

contaminada por mouros e judeus pestilentos.

Aos poucos, o missionário se converteu num homem amargo e exaltado, seu coração indo de extremo à extremidade. Esse sobressalto esteve presente durante todo o percurso pelo sertão. Nas diversas povoações lhe chegavam novas de portugueses que se ocupavam de negócios muito sujos, aproveitando-se do facto de os gentios os tomarem por deuses e lhes pedirem água e sol, chuva e paz.

Não havia paragem em que não erguesse um altar. Nas pausas mais duradouras, depois de acabadas as orações, ele ordenava que o tapassem com uma vela da fusta e permanecia nesse refúgio alimentando-se apenas uma vez por dia com grãos torrados e água. No coberto onde repousava era, por seu mando, resguardada a estátua de Nossa Senhora.

O missionário caminhava muitas vezes descalço e os pés sofriam de queimaduras que se agravavam de dia para dia. O médico sugeriu tratamento, mas Silveira recusou-se. O sofrimento era uma credencial de fé, um atestado de credibilidade para a mensagem que ele trazia. À estátua da Virgem falta-lhe um membro. A ele sobravam-lhe feridas. Em cada pegada se semeava uma gota de sangue no fértil solo de África.



Já se alcançara a enseada do Chinde e, numa pausa na margem do rio, a fogueira crepitava quando Manuel Antunes foi surpreendido por um vulto atrás de si:

— *Tenho isto para lhe entregar.*

O padre reconheceu a voz de Xilundo, o tradutor, esse mesmo que se deitara a seu lado no porão da nau. Desde esse primeiro encontro que Antunes simpatizara com o negro. A ponto de aceder, a seu pedido, a ensinar-lhe as letras em português. A bordo da nau, Antunes abriu a Xilundo os mundos da leitura.

Agora, nas mãos desse mesmo escravo figurava um irreconhecível objecto. Só quando ele se ajoelhou foi possível identificar um caderno

meio chamuscado. Era o diário de bordo. Comovido, Antunes manuseou o caderno. Estava ainda legível, o fogo apenas lambeu os cantos dos manuscritos, como que em respeito dos segredos ali rabiscados.

— *Quem salvou isto do fogo não fui eu. Foi Nimi Nsundi. Ele é que me entregou antes de morrer.*

— *Você leu isto?*

— *Eu só sei as letras muito iniciais, padre.*

Antunes convidou o negro para que o acompanhasse ao seu abrigo. Juntou o diário recuperado aos manuscritos que ele, entretanto, tinha redigido. Num lento ritual, muniu-se da pena, embebeu-a no tinteiro e começou a escrever.

— *Já quase não me resta mais tinta, lastimou-se.*

O escravo lhe disse, então, que sabia onde encontrar um substituto para as tintas. Ele conhecia as plantas e sabia como mungir delas corantes tão poderosos e escuros como os que o escrivão usava.

Xilundo ia falando enquanto espreitava o padre Antunes escrevendo. Era a primeira vez que ele assistia ao acto da escrita. Seguia maravilhado o movimento da mão como se lhe estivesse sendo revelado um mistério divino.

— *O que é que você chegou a aprender durante a viagem?*

O escravo permaneceu calado. Antunes separou uma folha e nela rabiscou qualquer coisa em gordas letras.

— *Vamos lá ver: leia o que escrevi agora, por exemplo...*

— *O que é que está a fazer? Está-me a escrever aí?*

— *Vou fazer não um diário mas um livro inteiro...*

— *Eu não quero... Tire-me, por favor, tire-me desse papel.*

— *E porquê?*

— *Nos livros só cabem os santos e os deuses.*

O único livro de que Xilundo ouvira falar era a Bíblia. Os comuns mortais, pequenos e transitórios como ele, ficavam à porta desse território sagrado.



A viagem decorria há meses, já se atravessara a povoação de Sena quando Xilundo exclamou:

— *Lá, naquela margem, é a minha aldeia. Chama-se Bemba.*

Desembarcaram. Os dois sacerdotes levaram os adornos da missa embrulhados sobre a cabeça. Xilundo carregava Nossa Senhora e seguia à frente abrindo caminho entre capins e arbustos. O escravo perguntava-se: como podiam aqueles homens temer tanto os matos? Ele nunca entenderia: os brancos temem aquilo que não plantam, suspeitam de bicho que não domesticam.

Quando, finalmente, chegaram à aldeia de Bemba, o escravo foi recebido com indiferença. Os portugueses ficaram impressionados com a frieza da recepção: ninguém se aproximava do recém-chegado, não havia as tão habituais manifestações de efusiva alegria. Para os da aldeia, porém, o assunto era simples: Xilundo tinha ido com os anamadzi, os da água. Lá ficara anos seguidos, já se acreditava que, como todos os que partiam, ele também não voltasse. Este que agora regressara seria, certamente, um outro e poderia, mesmo, estar contaminado com as mais graves impurezas.

Xilundo foi ao centro do terreiro e inclinou-se perante o chefe Baba Inhamoyo. Este foi inquirindo, como um lento rosário:

— *Onde está Baraza?*

— *Ficou*, respondeu o Xilundo.

— *Onde está Mwindo?*

— *Ficou.*

— *E Rozivai?*

— *Também ficou.*

— *Os portugueses comeram-nos?*

— *Não, morreram sozinhos.*

O velho baixou a cabeça, suspirou em difícil resignação e depois retirou-se com a restante corte. Xilundo ergueu-se e, enquanto sacudia os

joelhos, revelou:

— *Esse é meu pai. Foi ele que me enviou para os mares.*

— *Rozivai, Mwindo e Mutete eram vossos familiares?*

— *Não.*

— *Como é que o seu pai os conhecia?*

— *Porque eles eram nossos escravos.*

O padre sorriu, incrédulo: escravos? Xilundo explicou-se: ele era escravo, mas a sua família era proprietária de escravos. Viviam disso: da captura e da venda de escravos. O pai enviara-o para Goa, na condição de servo, como punição de graves desobediências. O projecto do pai era simples: preparar o filho para herdar o negócio da venda de pessoas. No processo de ser escravo ele aprenderia a escravizar os outros.

†

Quando D. Gonçalo da Silveira se ajoelhou no centro da povoação para iniciar as orações, o mambo [31] Inhamoyo não pôde deixar de evitar um malicioso sorriso. Para o chefe indígena, o missionário, prostrado daquela maneira, estava, finalmente, reconhecendo a sua submissão. Quem toca assim a terra é porque se sujeita aos poderes das locais autoridades. Mas não era ao chão que Silveira dirigia as suas preces. Estava-se nas vésperas de Natal do ano de 1560. Ao longe, as margens do rio emagreciam em escarpas que semelhavam costelas de um bicho descarnado. As palavras de Gonçalo eram destinadas aos mais altos céus.

Completadas as orações, Silveira era um homem renovado: despachou ordem para que Manuel Antunes e o escravo Xilundo seguissem como mensageiros ao Imperador pedindo licença para a visita. Aproximava-se o momento decisivo de toda a missão.

Enquanto esperava, D. Gonçalo foi confessando canarins e portugueses, convertendo cafres e mouros. Nas tardes, quando o calor

amainava, ele caminhava longamente pelo mato, orando debaixo das árvores e comendo frutos silvestres como se fossem pêssegos de Lisboa.

†

Quando regressou da corte, com resposta favorável do Imperador, o padre Manuel Antunes declarou a Gonçalo da Silveira sentir-se cafrealizado e não mais querer voltar para Lisboa.

— *Recorda-se de lhe ter dito que sonhava que me convertia num negro?*

— *Esse foi um dos muitos disparates que você proferiu...*

— *Agora estou certo: ser negro não é uma raça. É um modo de viver. E esse será, a partir de agora, o meu modo de viver.*

Mais grave ainda: ele abdicava de ser padre. A viagem de Goa para Moçambique fizera-o ver o mundo de outra maneira. As lembranças da nau enchiam a sua alma de poeiras, maldições e amarguras. Ao princípio, acreditara que, lançando o diário de bordo nas chamas, ele se livraria desse passado. Aconteceu o inverso: o peso das vivências tinha-se tornado insuportável. Só há um modo de enfrentar as más lembranças: é mudar radicalmente de viver, decepar raízes e fazer as pontes desabarem.

A mais cruel das memórias de Manuel Antunes era a de um escravo que, desesperado de fome, cortou a língua e a comeu. Mais do que uma recordação era um símbolo da condição da gente negra: exilada do passado, impedida de falar senão na língua dos outros, obrigada a escolher entre a sobrevivência imediata e a morte anunciada.

Antunes confessou ainda a Silveira que, no decurso da estadia na corte, ele conhecera uma mulher que incandescera o seu apagado coração. Embora nada tivesse acontecido, ele queria que acontecesse. Tinha ido para padre por causa de um amor proibido. Deixava a batina por causa de um amor que ele mesmo autorizava.

— *Pois não pense que lhe dou a bênção, disse, amargo, Silveira.*

— *Eu também não lhe venho pedir nada.*

— *Não pense que segue assim ligeiro.*

— *O que quer dizer com isso?*

— *Em primeiro lugar, meu caro Antunes, vai ter que devolver todos os escritos da viagem. Esses papéis não pertencem senão a Deus.*

— *Já deixei os manuscritos nos seus aposentos. Quem é que agora vai prosseguir o diário?*

— *Eu o farei, assegurou Silveira.*

— *E que mais pretende de mim?*

— *Não vai desertar agora. Vai-se manter fiel aos seus deveres pelo menos até terminar a missão.*

— *Isso eu não farei, retorquiu Antunes, peremptório.*

— *Não me pode deixar sozinho perante tão enorme desafio.*

— *Eu já não estava consigo há muito tempo.*

— *Pois saiba que, se me deixar, o seu nome será amaldiçoado e a sua alma ir-se-á juntar à dos gentios com quem tanto simpatiza.*

— *Saiba, D. Gonçalo, que a minha alma já vive entre os gentios. Além disso, Vossa Mercê já não pode tocar no meu nome.*

— *Você enlouqueceu, Manuel, você está possuído pelo Demo.*

— *Fui sujeito à cerimónia do magoneko. Na corte do Imperador, abençoaram-me com um novo nome.*

— *Cruz credo, se arrede daqui, Manuel Antunes.*

— *Chame-me pelo meu novo nome.*

— *Vade retro!*

— *O meu nome é Nimi Nsundi. Sim, Nimi como o escravo--mainato que morreu na nau. Como vê, eu possuo já os antídotos para as suas maldições.*

†

Como um presságio, Silveira entrou na capital do Monomotapa no dia 1 de Janeiro de 1561. Nesse mesmo dia, o português António Caiado foi enviado pelo Muene [\[32\]](#) para dar as boas-vindas ao jesuíta. Caiado era

uma espécie de capitão das portas do reino, digamos que um ministro do Imperador. Logo que se apresentou, o português quis saber de sua esposa Dona Filipa. Gonçalo da Silveira respondeu-lhe que ela mandara dizer que não se apresentaria sem que ele, António Caiado, se confessasse em arrependimento dos pecados cometidos.

— *Confessar-me a quem?*

— *A quem mais houvera de ser?*

Caiado sorriu, em suave recusa. Diplomata, ele argumentou que havia assuntos mais nobres e prioritários a serem resolvidos. E apresentou a oferta do Imperador: ouro, cabeças de gado e sorgo. Era um sinal de simpatia, mas D. Gonçalo recusou tudo, excepto o milho. Esse mesmo cereal, ele o iria distribuir pela gente faminta.

De regresso à corte, Caiado relatou a recusa do missionário e o Imperador questionou-se:

— *Que raio de homem pode recusar tais riquezas? Pois volte lá e pergunte-lhe quantas mulheres eu lhe hei-de mandar...*

Gonçalo recusaria essa nova oferta com uma candura no sorriso. Chamou o mensageiro português e apontou no altar a figura de Nossa Senhora.

— *O senhor, António Caiado, sabe bem que é esta a senhora de que sou devoto.*

D. Gonçalo nunca imaginara que estas palavras originariam grandes alvoroços e maiores mal-entendidos. A informação que chegou ao Imperador foi que o padre branco tinha por esposa uma formosíssima mulher digna de todo o agrado.

Requereu o soberano ao padre que este conduzisse tal mulher aos seus aposentos reais. Para D. Gonçalo, a notícia foi motivo de júbilo. E anunciou, de farto sorriso, à sua gente:

— *O imperador Nogomo está dar sinais de se abrir à nossa fé.*

Silveira abriu os braços, voltou os olhos para o céu e distribuiu ordens:

— *Xilundo, leva a imagem com os maiores cuidados.*

Transportando a imagem até ao real condomínio, o escravo abriu alas para a comitiva cristã. O Imperador quase nem deu atenção aos visitantes e, ansioso, indagou:

— *Onde está essa mulher?*

— *Está por baixo desse pano, Excelência.*

— *E é essa, então, a sua escolhida?*

D. Gonçalo acenou que sim, que aquela que repousava sob os panos era uma obra excelentíssima de Deus, Rainha do Céu e da Terra. E foi elaborando, palavreado brilhoso, sobre as nobres qualidades da Senhora. A corte escutou em silêncio a tradução de António Caiado.

Depois, o padre colocou-se de joelhos para descobrir o painel. Nogomo também se ajoelhou e todos os presentes, de imediato, se prostraram. Quando a alva escultura se expôs na penumbra do quarto, o Imperador imitou as vénias respeitosas do português. Os cortesãos repetiam aquela inexplicável movimentação. Em seguida, o Muene Nogomo segredou qualquer coisa aos ouvidos de António Caiado. O português acenou em silêncio e depois traduziu, alto e bom som:

— *O Imperador pede, encarecidamente, que a Virgem durma com ele no seu quarto.*

— *Dormir?*

— *Nem que seja por uma noite.*

— *Mas ele quer... dormir com a Santa?*

Silveira fez contas em silêncio. Após uma breve hesitação, ordenou a Xilundo que colocasse a imagem num improvisado oratório aos pés da cama do soberano. E a comitiva se retirou, andando ao reverso, para não dar as costas ao soberano.

†

Tinham passado apenas umas horas, quando António Caiado, ofegante, irrompeu pelo quarto de D. Gonçalo.

— *Venha depressa, o Imperador quer falar consigo.*

— *Mas eu devo primeiro proceder às minhas orações.*

— *Tem que vir já, aconteceu algo muito grave.*

— *O que sucedeu, Santíssimo Deus?*

— *Nossa Senhora falou.*

— *Como falou?*

— *Não sei, falou. O Imperador é que lhe vai dizer...*

Chegados à corte, o Imperador não se fez esperar, ao contrário do que era a sua praxe. Caiado quase não tinha tempo para traduzir as atabalhoadas falas do soberano.

— *Falou comigo, ela falou comigo, titubeava o monarca.*

— *Mas disse o quê?,* inquiriu Silveira.

— *Não sei, ela falou nessa sua língua vossa. Ela fala consigo também, padre Silveira?*

D. Gonçalo não respondeu logo. O raciocínio desfilava, felinamente, em seus olhos claros. Tal como sucedia com o rei em Portugal, o Imperador Nogomo era demasiado jovem e quem governava, segundo diziam, era a sua mãe. O silêncio viveu em Silveira uns segundos e, depois, se converteu em voz velada:

— *Sim, ela fala, por vezes.*

E logo o Imperador reclamou um intérprete. Para que dormisse no quarto com ele e mais a estátua. Para poder traduzir tão maviosa e etérea voz.

— *El-Rei para entender não necessita de tradução. Necessita, sim, de conversão,* disse o missionário.

Na manhã seguinte, o Imperador Nogomo Mupunzangatu era baptizado com o nome de D. Sebastião e sua mãe com o nome de D. Maria. Assim se chamavam o rei e a rainha de Portugal. O baptismo ocorreu na povoação de Massapa, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Silveira de tão feliz até se esqueceu da última oração da noite. A noite, porém, não se esqueceu dele. Vultos malignos rondaram a sua cubata.

À meia-noite do dia 16 de Março de 1561, aos trinta e seis anos de idade, o missionário D. Gonçalo era estrangulado, no interior de sua cubata. Os mandantes do crime tinham sido claros: não podia tombar uma gota de sangue. Mas algo correu mal: quando os matadores ergueram o corpo, que jazia abraçado a Nossa Senhora, constataram que havia sangue sobre o soalho da cubata. Os assassinos desapareceram em alvoroço. Nenhum deles sabia que o sangue provinha não do corpo de Silveira, mas do decepado pé da Virgem.

Capítulo dezasseis

Uma mbira triste
no porão da terra

Moçambique, Dezembro de 2002

Eu turvo a água para olhar a transparência da terra.

(Lázaro Vivo, o Adivinho)

*Para muitos ex-militares escravos, a amnésia histórica provou
ser uma estratégia efectiva de sobrevivência.*

(Allen e Barbara Isaacman, *Slavery and beyond,
the making of men and Chikunda ethnic identities*, 2004)

Nessa noite, Mwadia já entrara em transe quando os americanos ocuparam o quarto. Os olhos lhe flutuavam nas órbitas, a espuma escorria num canto da boca. A rouquidão tornava-lhe a fala quase imperceptível. De olhos fechados, esticou o braço na direção do afro-americano e clamou:

— *O senhor, Benjamin Southman, é um mulato.*

— *Mulato, eu?*

O ar ofendido de Benjamin suscitou a intervenção de Casuarino. *Ora, ele não se magoasse.* E acrescentou: *Afinal, desde Caim que somos todos mulatos.* O empresário elaborava com eloquência: havia a globalização. Ao fim ao cabo, vivíamos a era da mulatização global. E, isso, poucos entendiam. Em terra de cegos quem tem um olho vê menos do que os que nada enxergam.

Um estertor no leito voltou a centrar a atenção de todos sobre Mwadia Malunga. Avizinhava-se uma nova profecia. Casuarino rezava para que esta revelação não o obrigasse a nova justificação, um novo pedido de desculpas.

— *É ele, é ele que se aproxima,* murmurou a vidente.

— *Ele quem?,* indagou Benjamin Southman.

— *Estou a ver esse seu último parente de África,* disse Mwadia.

O afro-americano pôs-se de pé, tal era a excitação. Colocou o indicador sobre os lábios a pedir silêncio no recinto. A esposa tocou-lhe no ombro para que ele se voltasse a sentar e deixasse de interferir no campo da filmagem. Passou um tempo, crispado e tenso, até que Mwadia balbuciou:

— *Nimi Nsundi.*

— *Continue, continue*, encorajou o americano.

A possuída ergueu os braços e agitou o corpo, como um pêndulo cego. O americano acompanhava o balanço em patética dança, espreitando o rosto da moça a adivinhar, nos seus esgares, a ansiada revelação. Como Mwadia tardasse em falar, Benjamin Southman insistiu:

— *O primeiro familiar africano que veio para a América foi Nimi Nsundi? Por amor de Deus, eu quero saber!*

— *Você não pode perguntar-lhe a ela*, comentou Jesustino.

— *Deixe, deixe, o nosso brother não é um qualquer. Ele tem os direitos especiais*, afirmou Casuarino.

O empresário reiterou: deixassem a moça concentrar-se em sua viagem pelo passado. Southman debruçou-se sobre o leito onde Mwadia se reviravolteava:

— *Pois diga-me, Mwadia, esse homem africano que saiu para a América...*

— *Não era nem homem nem africano*, cortou a possuída.

— *Como assim?*

— *Era uma mulher e indiana.*

Era como se tivesse anunciado o fim do mundo. Cabisbaixo, Casuarino rezava para que ele mesmo entrasse em transe e fosse levado dali para fora. Ninguém ousava fitar o americano. A voz de Mwadia voltou a fazer-se escutar:

— *Quem veio para América foi a indiana Dia Kumari.*

— *Não é possível...*

— *Trazia com ela o filho que tivera de Nimi Nsundi.*

Mwadia desenrolou o rosário das lembranças: Dia Kumari tinha sido aia de uma dama portuguesa. A fidalga Filipa Caiado trouxera-a para a Ilha da Madeira. Depois que Dona Filipa morreu, a escrava acabou seguindo para o Brasil. O barco em que viajava, porém, naufragou nas Caraíbas. Dali ela fora negociada, comprada por um fazendeiro que a conduziu para plantações na Virgínia. Era essa, em suma, a história da sua diáspora familiar.

Benjamin Southman ficou uns segundos tentando absorver a catadupa de novidades que acabara de receber. Depois, ergueu-se resolutamente e retirou-se do quarto. Acabrunhada, a brasileira disse, quase desculpando o marido:

— *Eu vou ver como ele está.*

Todos saíram quando Rosie abandonou o quarto das visitas. Todos, excepto Mwadia e a sua mãe que permaneceu sentada na cabeceira do leito onde decorreram as convulsões do transe. Dona Constança limpou o rosto transpirado da filha e aguardou que ela regressasse ao mundo. Passado um tempo, Mwadia pediu água e saciou-se. A mãe, voz grave, questionou:

— *Não minta, filha. Você sabia disto tudo porque leu nos livros?*

— *Agora, minha mãe, eu vou lendo livros que nunca ninguém escreveu.*

— *Afinal, desta vez, você foi mesmo visitada. Confesse, filha.*

— *Dê-me água, mãe. Tenho sede.*

Mwadia bebeu de um trago e deixou o copo vazio passeando entre os dedos distraídos. Depois, ela voltou às falas:

— *Mãe, eu nunca mais voltarei a este leito. Nunca mais!*

— *Está certo, filha, aceitou Constança, com voz trémula.*

— *Diga isso ao Tio Casuarino.*

— *Direi, sim. Eu prometo que vou dizer..*

— *Estou cansada, mãe, estou exausta, não aguento mais.*

A mãe olhou a filha intensamente. Ela sabia que Mwadia agora estava, inteira, dentro do corpo. Mas não seria por muito tempo. Daqui a pouco, quando adormecesse, a sua boca iria crescer, enorme como ave escura no meio da noite. A boca sairia de si, afastar-se-ia da casa e percorreria a infinita savana. Só regressaria quando amanhecesse depois de ela ter beijado o chão, os seres e as coisas do mundo. Esta emigração para longe

do corpo era uma arriscada doença: a primeira coisa que fazia ao acordar era cuspir poeiras, babugens e espinhos. Tinha presos aos lábios os detritos todos do planeta. Mas essa sujidade nocturna é que a ensinava: tudo, neste mundo, é humano. O rio tem ancas de mulher, a árvore tem dedos para acariciar o vento, o capim ondeia soprado por antigas vozes. Os escravos de ontem sangram no tempo de hoje, as naus negreiras ainda cruzam os oceanos. Uma mbira triste continua soando no porão da terra.

Para o empresário Casuarino, a estadia dos afro-americanos estava rendendo mais aflições que proveitos. O oráculo de Mwadia tinha feito mais vítimas do que as enchentes dos grandes rios. Era evidente que Southman se encontrava mais confuso do que quando chegara e, cada vez mais, era difícil para Casuarino justificar os pagamentos dos variados serviços que ele empresariava.

Um valoroso trunfo, porém, ainda não tinha sido gasto: o do curandeiro. Uma visita a Lázaro Vivo surtiria efeitos capazes de rectificar todos os erros cometidos.

Na véspera da consulta, Casuarino mandou Singério à frente para instruir o curandeiro sobre a necessidade de manter a aparência primitiva. A comitiva de Vila Longe levava o norte-americano a uma excursão pela África mais profunda. A palavra de ordem era: *Tudo selvagem, nada de modernices*. E as instruções do empresário desciam ao detalhe:

— *O telemóvel, por exemplo, ele que o esconda. Rádio a pilhas, a mesma coisa. Quero tudo arcaico, tudo bem rústico.*

Quando a delegação chegou e deparou com o adivinho sentado por baixo do embondeiro, Casuarino ficou mais cheio do que as medidas: o nyanga trajava a rigor, tronco nu, um bastão de madeira repousado nos braços, uma cabaça amarrada à cintura. Em redor do pescoço, um desses antigos colares de missangas — um «chimpote», assim se chamava o adorno — rematava o exótico quadro.

O empresário espreitou o rosto de Benjamin Southman e confirmou o efeito desejado: o estrangeiro, boquiaberto, se espantava. Tudo corria às maravilhas: o adivinho já tinha acendido a fogueira junto da árvore sagrada, o «mutumbi». Tudo progredia bem, voltou a pensar o empresário, incluindo o facto de o impertinente Arcanjo Mistura se ter recusado a entrar no recinto do adivinho. O barbeiro ficara no cruzamento dos caminhos, aguardando pelo final da visita.

Por esses motivos, Casuarino era todo sorrisos quando se sentou sob a copa da árvore. Para reforçar o clima exótico, dirigiu-se ao curandeiro em si-nhungwé:

— *Makala tani, Ba Lázaro?*

— *Ali kupi nkuku? Ali kupi ntsima?*

O empresário, mãos na cintura, como se tivesse acabado de praticar um feito heróico, traduziu para os americanos. Que ele, primeiro, tinha saudado o adivinho. E que Lázaro queria saber das galinhas brancas, da farinha, da bebida, enfim, dos condimentos para realizar a cerimónia. De um saco de viagem, Jesustino retirou os ingredientes requeridos e espalhou-os no chão.

— *Só falta o tambor. Quer conferir?*

O curandeiro dispensou a verificação. Com um largo sorriso, saudou o americano. E logo a seguir, em inglês e à queima-roupa, despachou a imediata pergunta:

— *How is the dollar, my friend?*

Atrapalhado, Casuarino fez sinais a Lázaro para emendar aqueles modos cosmopolitas. O adivinho acenou imperceptivelmente e regressou ao seu papel de mediador dos deuses. Começou por pedir aos presentes que se descalçassem.

— *Esta é terra dos espíritos, aqui não pisam sapatos.*

Trocaram-se conversas, nos deveres da educação. A comitiva, sentada em esteira, perfazia um círculo mágico em redor da fogueira. Benjamin via-se a si mesmo como que em lenda. Tocou a areia para ganhar realidade antes de perguntar:

— *Desculpe, meu irmão Lázaro: o senhor ficou aqui quando encheram a albufeira? Não sofreu com a inundação?*

— *A minha casa fica acima da chuva, nenhum rio me pode inundar.*

— *E durante a guerra, nunca saiu daqui?*

— *Não sou desses mudançarinos.*

A guerra, disse o adivinho, é uma serpente que matamos sem pisar a cabeça. Um pequeno descuido e eis que ela ressurgue no escondido do capinzal. Desta volta, porém, para nos envenenar a cobra já nem precisa morder. Basta despertar a lembrança dos venenos que nos correm nas veias. O espanto de Casuarino perante a eloquência do adivinho quase roçava a inveja.

— *Mas a guerra chegou aqui a esta região?*, indagou Benjamin.

— *A guerra entra mesmo onde não chega.*

Jesustino interrompeu o filosofar de Lázaro, resolvido a afinar o rumo da conversa:

— *O compadre não parece estar bem. Diga, Lázaro, está mesmo bem de saúde?*

— *Eu tenho pouco corpo, nem me cabem doenças.*

— *Esteja atento, Ba Lázaro, o senhor está muito magro.*

— *Não estou, sou.*

— *Veja lá, anda aí agora essa doença...*

— *Ora, eu sempre fui magro, sempre me amparei no vento.*

Foi a vez de Lázaro perguntar. Começou por querer saber dos ausentes. Constança, Arcanjo: por que não tinham vindo? Explicaram-lhe, ele não aceitou os invocados motivos. Neste mundo, feito de pequenas coisas, tudo tem uma razão que nunca é diminuta.

— *E Mwadia, onde ela está?*, perguntou ainda Lázaro.

— *Nas últimas noites ela tem entrado em trança*, respondeu Jesustino

— *Em transe*, corrigiu Casuarino.

— *E teve visões?*, quis saber Lázaro.

— *Muitas.*

— *Essa menina, sentenciou o adivinho, devia ter seguido a vocação de vidente. E, me digam: ela encontrou lugar para guardar a Virgem?*

— *Ainda não.*

— *Isso é grave, caro Jesustino. Muito grave.*

— *É que a igreja está destruída.*

— *Mas a Santa não pode dormir fora. Aquilo meus amigos não é um dzimunthu [33] qualquer.*

— *A Santa dorme lá em casa. Dorme no quarto do nosso irmão Benjamin.*

— *Menos mal, menos mal. Nós todos temos que proteger essa menina,* disse o adivinho e, virando-se para Jesustino, acrescentou: *Essa sua enteada tem muita história. Eu conto-vos um segredo dessa menina, é desses segredos muito secretos...*

Era a primeira vez que o curandeiro Lázaro narrava o episódio do batismo tradicional de Mwadia. Fora ele que a baptizara, levava-a ao rio Mussenguezi. No momento em que submergiu, a pequena Mwadia começou a entrar em delírio, possuída por um espírito todo-poderoso. De repente, sucedeu o inesperado: as ondas levantaram-se e o rio tornou-se caudaloso a ponto de ele próprio, o cerimoniante Lázaro, fugir e deixar a menina abandonada. Quando voltou, já não a encontrou. Dias depois, Mwadia foi encontrada na margem, envolta em folhagens que a corrente arrastava.

Seguiu-se um silêncio fúnebre, olhares pousados no chão. Todos, excepto Benjamin, sabiam o significado daquele relato: ao evocar o episódio, o adivinho certificava os poderes extraordinários da jovem mulher. De rompante, o afro-americano cortou o silêncio e clamou:

— *Eu também!*

Os presentes olharam, atónitos, o americano. Exaltado, Southman repetiu:

— *Eu também quero ser baptizado!*

Baptizado? Sim, confirmava ele, com convicção. O adivinho, sem falar, pedia com os olhos instruções a Casuarino. O empresário sacudiu a

corrente do relógio de pulso, ajustou no dedo o anel de pedra preciosa e discorreu:

— *Meu querido brother, nosso irmão da América: um batismo tradicional é uma coisa que tem os seus preparativos custosos... está entender?*

— *Eu pago.*

— *Não falo de dinheiro. Falo de custos. Aqui, longe da cidade, a mais pequenita coisa é uma fortuna...*

— *Uma fortuníssima, reforçou o curandeiro.*

— *O melhor é o seguinte: nós voltamos à Vila e deixamos aqui o nosso adivinho fazer uma lista das necessidades. Depois, o Matambira prepara um orçamentozito, tudo claro, tudo transparente.*

O empresário já procurava os sapatos a sugerir que era hora de regressar, mas o americano não se dava por satisfeito. Faltava-lhe recolher informação na sua área de pesquisador.

— *Desculpe a pergunta: o senhor se considera um animista?*

— *Do modo como está o mundo, eu me considero mais um desanimista. Por exemplo, agora eu vejo uma desanimação na sua cara.*

— *E o que está vendo?*

— *Você sofre como uma dessas crianças pequenas. É por causa do seu nome.*

— *Que mal tem o meu nome?*

— *Esse nome não lhe assenta bem... Isso lhe traz dores para a alma. Você é um akayendi.*

— *Sou quem?*

— *Você é uma pessoa sem tribo própria e que espera adoptar um nome.*

— *Eu quero um nome, não me pode dar um nome?*

— *Era preciso organizar um magoneko.*

— *Com essa idade, um magoneko?, intrometeu-se Matambira.*

— *O que é que estão a falar?, perguntou o americano.*

O magoneko era a festa de mudança de nome, ao chegar à puberdade. Benjamin Southman não tinha idade para ser cerimoniado. O estrangeiro parecia desapontado. Nem baptismo, nem magoneko: que vantagem ele retirava da visita? Casuarino notou a desilusão do visitante e segredou a Lázaro que era preciso um urgente consolo. O nyanga entendeu o sinal e tranquilizou Benjamin: durante os próximos dias ele ficaria a preparar a cerimónia do magoneko, a festa de renomeação do estrangeiro. Primeiro, ele teria que pedir aos espíritos para lhe revelarem o seu novo nome. Nessa altura, enviaria uma mensagem a avisar o afro-americano para que comparecesse em sua casa.

Já nas despedidas, o nyanga apertou longamente a mão de Benjamin e declarou:

— *Não fique aflito, meu irmão. Você não é nenhum desbaptizado.*

— *Fui baptizado, sim, na minha igreja, no meu país. Mas é diferente.*

— *É o seu engano, esse. É tudo a mesma água, todos os rios são irmãos, todos correm em nossas veias.*

Era indiferente que o baptismo tivesse ocorrido no outro lado do planeta. E pouca diferença fazia que ele tivesse cumprido os rituais católicos. Jesus Cristo, afinal, não era mais que um espírito das águas. Por isso, o filho de Deus caminhou sobre os mares. Por essa razão, ele transformou a água em vinho. E ainda por causa dessa condição, os apóstolos eram pescadores.

— *Há um último pedido que eu lhe queria fazer, disse o americano.*

— *Seus pedidos são ordens, meu amigo.*

Benjamin Southman informou o nyanga das suas pretensões no que respeitava à memória da escravatura. Ele não podia regressar sem material recolhido. Lázaro ergueu-se, cobriu a cabeça com um largo chapéu de pano e disse para o estrangeiro:

— *Venha. Vou-lhe mostrar uma coisa. Fica no caminho do regresso.*

Benjamin colou-se ao nyanga e os outros fizeram fila, prosseguindo por um atalho no mato. No caminho, Lázaro recordou-se:

— *Para saber sobre escravos você deveria falar com Zero.*

— *Quem é Zero?*

— *Não ligue, interrompeu Casuarino, esse Zero já morreu. Ele era marido de Mwadia, mas já faleceu completamente.*

O curandeiro ainda tentou dizer algo mas desistiu. Optou por um atalho cuidadoso:

— *Mas se ele fosse vivo seria uma boa fonte. Ele era um Chikunda.*

— *Ora, Lázaro, quem de nós não é Chikunda? Você, Casuarino, com esse nome de Malunga o que é mais pode ser?*

— *Bom, eu não sou,* disse Jesustino.

— *Você esqueceu-se, meu irmão. Todos esquecemos.*

Virando-se para o americano, Lázaro Vivo apontou para uma grande árvore junto ao caminho. Os troncos retorcidos subiam alto. O adivinho sentou-se na berma, olhou os ramos e anunciou:

— *Esta é a árvore.*

— *A árvore?*

— *A árvore do esquecimento.*

Não havia em toda a redondeza um exemplar maior de mulambe [34]. A árvore era conhecida, desde há séculos, como «a árvore das voltas»: quem rodasse três vezes em seu redor perdia a memória. Deixaria de saber de onde veio, quem eram os seus antepassados. Tudo para ele se tornaria recente, sem raiz, sem amarras. Quem não tem passado não pode ser responsabilizado. O que se perde em amnésia, ganha-se em amnistia.

Tinham sido os escravos que plantaram a grande árvore, foram eles os primeiros a fazer uso dela. Benjamin pensou: pela dificuldade que tinham de recordar, todos os habitantes de Vila Longe deviam ter rodado em volta do majestoso tronco. As palavras de Jesustino apenas confirmavam a sua suspeita:

— *Eu mesmo já dei voltas e voltas em seu redor.*

— *Porquê, Jesustino?, quis saber o americano.*

— *Para me esquecer de quem fui.*

— *Por que é que quer lavar-se do passado?*

Não era lavagem que o goês ambicionava. Ele queria era sujar o tempo, sujá-lo até ficar turvo e ninguém poder olhar através dele. Mas o caso de Jesustino não era único. Quase todos da Vila faziam uso dos poderes da milenária mulambe. O próprio curandeiro girara em volta do largo tronco, até que a memória se diluísse em tonturas. Lázaro confessou:

— *Quando você sair daqui, meu irmão Benjamin, eu hei-de querer esquecer.*

— *E porquê?*

— *O senhor me está acordando passados muito pesados. Há mãos que estão saindo da terra e que me agarram os pés, me atrapalham os passos. Senti agora mesmo enquanto caminhava.*

Todos olharam para o chão, inquietos com o que nele se pudesse esconder. Casuarino até raspou com o sapato na areia. Inspirando fundo, Lázaro tocou com o bastão de madeira no ombro do estrangeiro e afirmou:

— *Se um familiar seu saiu daqui, Benjamin, não foram só os outros que o levaram. Quem fez esse crime com os seus antepassados foram os nossos antepassados. Entende, agora, a razão desta árvore?*

Lá fora, a umas centenas de metros da casa de Lázaro, o barbeiro começava a exhibir sinais de inquietação. Ele ficara para trás, recusando participar na cerimónia do adivinho.

— *Para sermos africanos não temos que passar por isto,* disse com desdém. *Vivo sem dúvidas nem dívidas,* reiterou à despedida.

Durante as horas que a visita demorou, ele fez de tudo para se distrair. Mas havia qualquer coisa no ar que o perturbava. A certa altura, ele pensou escutar um rugido. Ocultou-se entre os arbustos. Pouco depois, porém, um rastolhar lhe sugeriu que as folhagens em que se abrigava ofereciam outros perigos bem mais prováveis. A certo ponto, um tronco

morto, suspenso entre os ramos, lhe surgiu como uma serpente. Abafou um grito e, depois, sentou-se numa sombra.

Arcanjo Mistura repensou na vida, nas crenças que o sustentavam. Ele fora longe de mais na adoção dos chamados conceitos científicos. Estava agora a ser punido pelo desrespeito. A floresta vingava-se do seu cepticismo, os espíritos o cercavam, os ngozi preparavam-se para o assaltar. A cabeça do barbeiro era um caldeirão de zumbidos quando os seus companheiros o reencontraram a caminho de Vila Longe.

Ao chegar a Vila Longe, o goês Jesustino Rodrigues ruminava mágoas. No regresso do nyanga ele tinha-se aproximado do americano, oferecido o seu depoimento, mas Benjamin Southman não se mostrara interessado.

— *Eu quero testemunhos de africanos.*

— *E eu sou o quê?*

— *Preciso de depoimentos de africanos autênticos.*

— *Eu sou autêntico.*

— *Talvez no final. É isso, no final eu o entrevistarei, caro Jesustino. Até porque a sua família esteve ligada ao tráfico de escravos.*

— *Não sei nada sobre isso.*

— *Eu vou ajudá-lo a recordar. Há uma coisa que não entendo: nós lá, na América, nunca esquecemos. Como é que aqui vocês não se lembram?*

— *A gente não esqueceu. Apenas não lembramos.*

— *Não é falta de respeito, mas eu não acredito nessa história da árvore do esquecimento.*

O ajudante de alfaiate, Singério, pediu licença para se juntar à conversa. Casuarino agitou o lenço com que enxugava o rosto e tentou, em vão, evitar que o pobre homem falasse.

— *Eu acho que o nyanga Lázaro tem razão,* afirmou Singério.

— *Em que aspecto?*, questionou, curioso, o americano.

— *Sabe por que nós aqui não lembramos? É porque sempre estivemos todos juntos, todos misturados: vítimas e culpados.*

Acontecera o mesmo com a recente guerra. Milhares de mortos, uma lista de infindáveis e indizíveis crimes. Alguém assumia esse passado? Alguma vez a culpa se escreveria com nomes, rostos e datas?

— *A árvore do esquecimento está plantada dentro de nós,* afirmou Singério.

O alfaiate acompanhou Singério ao estabelecimento. O empresário Casuarino lhe pedira para admoestar o seu empregado. Impertinências como aquela de falar sem a devida autorização poderiam deitar a perder o projecto dos afro-americanos e agravar aquilo que o empresário já designava de «derrapagem orçamental». Jesustino Rodrigues, porém, nada disse. Despediu-se do velho ajudante e ficou por ali, sentado no passeio, pensando na viagem de regresso do curandeiro. A recusa de Benjamin em o entrevistar magoara-o gravemente. Mais ainda o ofendeu a ideia de que seria ouvido apenas como descendente de escravagistas. Não lhe viessem atihar lembranças antigas, aguçadas como punhais.

— *Não se sobe às árvores pelos ramos,* disse sem se aperceber que estava pensando em voz alta.

— *Patrão, por favor, não fique aqui,* pediu Singério, *as máquinas de costura vão conhecer a sua voz...*

Jesustino Rodrigues sabia: o que o americano pretendia era confissões de culpas. Mas ele não respondia pelo que fizeram os seus antepassados.

Queriam falar com eles, os antigos falecidos? Pois que falassem directo, eles estavam disponíveis, era só mandá-los chamar.

— *Só respondo por mim. Mais nada.*

O goês sabia das suas origens. Era verdade: ele descendia de prazeiros que comerciavam escravos. Mas não tinha que pagar por isso. Já bastara o quanto ele, ainda por nascer, frustrara as expectativas dos seus pais.

Quando nasce um rapaz canta-se. Quando nasce uma menina dança-se. É assim que se faz em Vila Longe. Dançara-se quando Luzmina veio à luz. E era uma nova dança que seus progenitores ansiavam. Pois quando Jesustino nasceu, dois anos depois, não se cantou nem se dançou. A mãe, Esmeralda da Anunciação, morreu durante o parto. Nascimento e morte ocorreram em simultâneo como dois barcos que se cruzam em sentido inverso.

— *A vida são fósforos, acendendo-se uns em outros que se apagam.*

Com estas palavras tentaram consolar o pai, Agnelo Rodrigues, que se mantinha pregado ao banco de madeira do posto de saúde. Ficou horas grudado na tábua como se tivesse perdido toda a vontade. De repente, o alfaiate Agnelo ergueu-se com brusquidão. E determinou: culpado era esse filho que, para sobreviver, acabou afogando quem o salvara.

— *Nem quero ver a criança, levem-na, levem-na para longe.*

O pai não podia perdoar àquele que provocara a morte de quem mais amava. Jesustino não nascera apenas órfão de mãe. Ele estava impedido de ter acesso ao coração de seu pai. E isso era bem pior que não ter progenitor.

Valeu-lhe não ser filho único. Luzmina foi mãe e irmã. Não fosse o seu empenho maternal e Jesustino teria sucumbido perante o desinteresse de um pai solitário e soturno. Em lugar de se entregar às folias da sua tenra idade, o menino se internava na ensombrada alfaiataria. Todos acreditavam que se dedicava a estudar o ofício. Mas não. O que ele fazia era demorar o olhar nas mãos do pai acariciando os tecidos. O alfaiate aflagava os panos como nunca o tinha acarinhado a ele.

Em Vila Longe, o pai alfaiate não gozava de simpatias. Agnelo Rodrigues era um homem medroso, afeiçoado a agradar aos brancos poderosos. Ordenara-lhe a administração colonial que fizesse fardas para os milicianos. Sabia-se que, na Tanzânia, os nacionalistas se organizavam. Era necessário criar nas províncias do Norte um cordão de segurança de gente armada, fardada e autorizada a semear o medo. O alfaiate rejubilou: o negócio não ia bem e a encomenda vinha mesmo a

calhar. Pouco importavam os rumores maledicentes, os olhares incriminadores: Agnelo ignorava a gentalha. Dos fracos não pesa a História.

Certa vez, contrariando o seu eterno alheamento em relação ao filho, Agnelo sentenciou:

— *Venha comigo. Quero-lhe mostrar uma coisa.*

Poucas memórias Jesustino guardava da sua infância. Mas o que ele nunca esqueceu foi essa tarde em que o pai o levou a visitar a fábrica de algodão. Era ali que a sua falecida esposa havia trabalhado durante anos. A pequena unidade fabril encontrava-se encerrada e o edifício estava guardado por um cipaio que impedia a entrada a qualquer estranho. O velho Rodrigues pediu ao filho que se retirasse para ele poder falar com o agente policial.

De longe, Jesustino ficou olhando os gestos do pai: ele estava mendigando. Não queria ser visto naquela humilhação. Naquele tempo, um indiano não pedia a um preto. Agnelo Rodrigues não queria dar um ar da sua desgraça. Jesustino não podia escutar, mas o que seu pai suplicava era autorização para visitar o tear onde operara sua esposa, Esmeraldinha Rodrigues, filha única de Rosária Fernandes e Agripino Colaço. O polícia sacudiu a cabeça, peremptório. Na fábrica ninguém entrava, ordens eram ordens.

Derrotado, voltou até ao filho e conduziu-o pelo pulso a espreitar através das janelas. Era assim que ele o guiava sempre, puxando-o pelo pulso, sem lhe estreitar a mão.

— *Eu queria tocar os fios, sabe?*

O tear em que a mulher trabalhara ainda ali apodrecia, os fios em suspenso como se esperassem o gesto tecedeiro de Esmeraldinha Rodrigues. Pela primeira vez, o pequeno Jesustino viu o seu pai chorar. Ele tinha doze anos, não sabia que fazer para amparar a tristeza de Agnelo Rodrigues. Ainda tentou refrear-se mas as palavras já lhe saíam da boca:

— *Pai, não chore, eu não o vou deixar sozinho.*

Uma semana depois, era o velho Rodrigues que deixava os seus filhos. Tinha sido convocado pelas autoridades na cidade: as colónias de Goa, Damão e Diu tinham sido tomadas pela Índia. O governo português exigia a imediata comparência de indianos residentes em Moçambique. Aqueles que não tivessem nacionalidade portuguesa seriam expulsos. O alfaiate embarcava furibundo na canoa que o levaria à cidade.

— *Com que então agora sou indiano?*

A indignação era tanta, que nem respondeu aos adeuses de sua filha Luzmina que acenava no pequeno cais. Luzmina tinha dezassete anos. O lenço branco de sua filha talvez tenha sido a última visão de Agnelo Rodrigues quando a barça, mais adiante, se virou e os passageiros foram tragados pelas águas escuras do Zambeze. Era o dia de Natal de 1961. Do naufrágio não houve sobreviventes. Nenhum cadáver foi resgatado. Um único objecto reapareceu: o fio de ouro com a medalha de Nossa Senhora que Agnelo guardava de sua falecida esposa. Permanecera submerso no rio durante semanas. Por razões pouco claras, o cordão de ouro foi depois encontrado balanceando brilhante num ramo de árvore. A medalha transitava para o colo da filha, cumprindo o papel de elo entre gerações.

Luzmina tratou de tudo: do funeral sem corpo, da casa sem gente graúda, do irmão sem pai. Jesustino passou a ser enviado para a alfaiataria com vista a aprender artes de costura com Singério, o costureiro ajudante. No primeiro dia de estágio, o jovem foi saudado à entrada com as seguintes palavras:

— *Namaste, duruji. Kem cho?* [35].

Singério dava-lhe as boas-vindas, nas únicas palavras de gujarate que aprendera de seu velho mestre. Jesustino tinha o ar sério, quase desolado, quando pediu:

— *Nunca mais fale isso para mim, Singério!*

— *Só lhe perguntei como estava, senhor alfaiate. Você agora é dujuri, um alfaiate. É língua da Índia, língua de seus avós.*

— *Não quero que me fale nessa língua!*

Em aflição de tristeza ou no calor da zanga seu pai Agnelo falava em gujarate. A primeira vez que o escutou naquela fala incompreensível, Jesustino atirou-se para um canto, em prantos. O seu pai podia ser ausente. Mas essa ausência era inteligível. O que era insuportável era escutar o próprio pai falar em tão estranho idioma. Quando isso sucedia, o velho Agnelo se evaporava num outro mundo, para além de um cortinado translúcido.

Capítulo dezassete

O desaparecimento do americano

Moçambique, Dezembro de 2002

*Não é fácil sair da pobreza.
Mais difícil, porém, é a pobreza sair de nós.*

(O Barbeiro de Vila Longe)

*Primeiro, perdemos lembrança de termos sido do rio.
A seguir, esquecemos a terra que nos pertencera.
Depois da nossa memória ter perdido a geografia, acabou
perdendo a sua própria história.
Agora, não temos sequer ideia de termos perdido alguma coisa.*

(O Barbeiro de Vila Longe)

Benjamin Southman acordou ainda era madrugada e anunciou, em inglês, à ensonada esposa:

— *Vou pelo rio.*

— *Como?*

— *Espera por mim, demorarei uns dias. Vou pelo rio...*

As palavras que ele disse, a seguir, afundaram-se como pedras tombadas no aguado sono da esposa. Ela gemeu um «yes», puxando o lençol sobre a cabeça.

Na noite anterior, o americano recebera a visita de Singério que lhe trazia um recado do curandeiro Lázaro.

— *O nyanga diz que amanhã é a cerimónia do seu novo nome.*

— *Tenho um nome africano? E qual é?*

— *O senhor vai saber na cerimónia.*

— *Mas eu quero, eu preciso saber agora. Por favor, Singério, diga-me...*

— *Não posso.*

— *Eu pago.*

— *Nada. Não posso.*

— *Eu pago muito.*

Benjamin foi aos bolsos e retirou uma nota. O outro sacudiu a cabeça, em negação. Do colete saiu uma mão cheia de dinheiro. O ajudante de alfaiate mediu os medos e pesou as vantagens. Depois, inclinou-se sobre o pescoço do americano e segredou:

— *Dere Makanderi.*

— *Como?*

Benjamin se atabalhoava todo, as mãos atropelando os gestos. Uma caneta, um caderno, os arregalados olhos: o costureiro que repetisse o nome. Havia que o anotar, letra por letra, tão fiel à palavra como a vida lhe havia sido traiçoeira.

— *Primeiro, o dinheiro.*

Southman entregou o molho amarfanhado das notas ao mesmo tempo que insistia: *o nome, depressa, o nome!* Singério transpirava, atrapalhado. O americano estranhou tanta hesitação. Estaria o homem sendo assaltado pela má consciência? Ou, pior ainda, estaria ele mentindo, inventando um qualquer nome apenas para seu pessoal lucro?

— *Dere Makanderi.* E retirou-se, às pressas, sem olhar para trás. Se o tivesse feito veria o americano segurando, em arrebatado êxtase, o caderno de encontro ao peito.

Na manhã seguinte, depois de se despedir de Rosie, Benjamin Southman abriu o bloco de notas na marcada página e leu alto, embevecido:

— *Dere Makanderi.*

Mais leve e mais vivo, o americano foi pelo corredor da casa, parou frente à parede dos ausentes e demorou-se a olhar a velha espingarda, a agogodela. Avaliou os perigos que espreitavam no caminho e sentiu um impulso para tomar a arma e levá-la com ele. E foi o que fez. Ressentiu-se do peso do fuzil sobre o ombro e imaginou a distância que teria que percorrer. Pensou na explicação que seria chamado a fornecer sempre que o interpelassem sobre a razão de andar armado pelo mato. Desistiu da intenção.

Quando recolocava a arma na parede fez tombar umas tantas molduras que se quebraram. Os vidros espalharam-se pelo soalho. Do chão, os rostos dos falecidos contemplaram Benjamin Southman como se o culpassem. Os cacos estavam tingidos de vermelho, o sangue parecia jorrar dos vidros. Benjamin colocou a agogodela no chão e apressadamente abandonou aquela desordem. Disso se viria a arrepender.

Durante todo o percurso, o olhar fixo dos ausentes, recortados por entre os estilhaços, o iria perseguir como uma interminável punição.

Southman tomou o caminho do rio, aventurando-se por anónimos atalhos. Seguia guiado apenas por um vago apelo, uma espécie de memória que ele sabia mais inventada do que real. A sua única referência era, ao fundo do vale, a mancha escura das copas das árvores que marginavam o rio.

Por um acaso, Benjamin Southman deu de caras com a plataforma de madeira onde outrora atracavam as canoas. O cais deixara de servir. Se o estrangeiro soubesse o nome que tinham dado ao local certamente que estranharia: *Magiriri*, ou seja, «remoinho». Na crença local aquele lugar era «quente», evitado por todos os viventes.

O americano não sabia, mas tinha sido naquele mesmo cais que, há mais de um século, o capitão-mor do Zumbo — o português José Pedro — acorrentara dois jovens a uma canoa e os lançara na correnteza. Queria confirmar se o Zambeze era navegável entre Chicoa e Cahora Bassa. Nunca ninguém mais voltou a ver nem os jovens nem a canoa. Conta-se que as mães dos acorrentados, em desespero, dedicaram o resto das suas vidas recolhendo, sem parar, bilhas de água que, a seguir, despejavam na areia. Elas queriam vazar o rio para encontrar os corpos dos seus filhos. Esse era o motivo que fazia de *Magiriri* um lugar eternamente amaldiçoado.

Mas o fito do afro-americano era o oposto do do capitão português: ele queria seguir no sentido contrário à corrente. O seu destino era a nascente, nas rochas montanhosas. Pretendia saber se ele próprio, Benjamin Southman, era navegável até desaguar em *Dere Makanderi*. Amarrava-se a esse desafio como outrora se tinham atado os dois jovens a uma impossível missão.

— *Dere Makanderi*, repetia como se tivesse medo de esquecer a sua nova identidade.

Parou, olhou o céu e riu-se. *Já não sou afro-americano*, pensou. Agora que tinha um nome novo, pouco lhe interessava pertencer a uma

identidade maior. Ao fim ao cabo, o Mestre Arcanjo Mistura estava com a razão. Ter pátria, ter raça, nacionalidade: que importância tinha? Bastava-se assim, Dere Makanderi, criatura muito pessoal e intransmissível. Um homem subindo um rio à procura da nascente. Da sua nascente.

Afinal, fora isso que ele dissera ao despedir-se da brasileira. Que iria pelo rio e se demoraria uns tempos. E foram exactamente essas palavras que, dois dias depois, Rosie viria a repetir perante os atónitos habitantes de Vila Longe. Ninguém podia crer que o visitante desaparecera pelos matos incertos. Procuraram pelas casas, passaram os arredores a pente fino. Enviaram pisteiros para farejar vestígios da presença do americano pela savana. De nada tudo isso serviu. Passaram-se cinco dias sem sinal do estrangeiro.

Casuarino Malunga era o mais preocupado. Tomou ele próprio as rédeas da operação de busca. Quando Rosie declarou a sua intenção de ir à cidade, para comunicar o facto à polícia, ele se opôs com veemência. A brasileira não ficasse angustiada, e concedesse mais dois dias: o seu homem regressaria são e salvo, feliz pelo reencontro com as profundezas do continente.

Uma reunião de emergência foi convocada. Com excepção de Singério, os homens todos compareceram, rodeando a única cadeira ocupada por Casuarino. O empresário perdera a faculdade de discursar. Pela primeira vez, ele demorou a começar, gaguejando e procurando os termos entre as palavras. Estava-se na espera das suas falas quando, de repente, se escutou a fulminante declaração:

— *Fui eu que o matei!*

A multidão abriu alas, como que chicoteada pela voz rouca que repetia:

— *Fui eu que matei o americano!*

Casuarino viu à sua frente o barbeiro, todo desgrenhado, a bata suja, os pés descalços. O silêncio em redor ganhara a espessura de uma intransponível parede.

— *Mestre Arcanjo Mistura, explique-se. Aqui está Vila Longe inteira que o vai escutar.*

— *Não somos Vila Longe. Somos só «Longe». Aqui ninguém chega, daqui ninguém sai. Só a morte, só a morte é que nos visita.*

— *Deixe-se de conversa e explique: o que aconteceu ao nosso irmão Benjamin?*

— *Nosso irmão? Deixe-me rir...*

— *O que aconteceu a Benjamin Southman?*

— *Esse homem era um espião ao serviço do governo americano.*

— *Que história é essa?*

— *Vocês não entendem? Eu tenho aqui os papéis todos.*

Fez o gesto de quem retira algo do bolso. Mas as suas mãos vieram vazias e, assim ocas, se exibiram perante os curiosos.

— *Matei-o!*, repetiu o barbeiro, caindo sobre os próprios pés.

Casuarino pediu que dessem espaço e o deixassem actuar em privacidade. Aproximou-se e sentou-se junto ao derramado Arcanjo Mistura. E, quase com doçura, perguntou:

— *Diga, Arcanjo, o que sucedeu?*

O barbeiro demorou-se na atenta contemplação do interlocutor e, por fim, rematou:

— *Quem lhe cortou o cabelo, caro Malunga, não tinha grande vaidade na espécie humana.*

Casuarino revirou os olhos à cata de paciência. Arcanjo Mistura, então, foi dizendo: acontecera com Benjamin Southman o mesmo que sucedeu com o padre Gonçalo da Silveira, esse que era o dono da estátua da Santa. Fora morto sem sangue e lançado junto ao rio.

— *Nunca mais irão encontrar o corpo desse enviado...*

Foi o transbordar da gota. As veias na garganta do empresário eram inundados rios quando ele gritou:

— *Mentira, mentira, seu velho ranhoso, você só está a dizer mentira!*

A ira de Casuarino surpreendeu a multidão. Pois, a seguir às palavras, o homem saltou sobre Arcanjo e pontapeou-o sem dó, olhar esgazeado, os braços agitando-se sem coordenação. Mestre Arcanjo ergueu-se a

custo, parou a investida e enfrentou a fúria. Rosto colado ao hálito ácido de Casuarino, murmurou baixinho:

— *Se você me bater, eu denuncio o seu plano de roubar dinheiro aos americanos.*

— *Pode falar à vontade. Eu nunca roubei.*

— *Posso falar?*

Casuarino cedeu, ombros vencidos. Não, o outro não podia falar. Rosie estava presente, os habitantes da Vila estavam ali em peso. A sua reputação sairia arruinada, e talvez mesmo se convertesse num suspeito pelo desaparecimento do americano.

— *Vá, venha para minha casa, Mestre Arcanjo. Falamos lá, em privado.*

Com um gesto largo ele enxotou os presentes. O barbeiro e o empresário cruzaram a praça e desapareceram na primeira esquina.

Em casa de Casuarino não houve tempo para intróitos. Assim que fechou a porta de entrada, o empresário atacou:

— *Pois você vai-me dizer que brincadeira é essa de matar o americano!*

— *Pensa que me intimida com modos de polícia?*

— *Quem o vai interrogar não sou eu, não é a polícia. É Lázaro Vivo que está a chegar aqui não tarda.*

— *Já cá faltava, a feitiçaria! Você, caro Casuarino, deu o tiro no pé: essa África que você queria mostrar aos americanos...*

— *Foi você, foi você!, interrompeu o empresário. Foi você que tramou tudo, esses ridículos comunicados forjados pela sua letra...*

— *Por minha letra?*

— *Não me interrompa! Você tramou Vila Longe inteira, até a suspeita de que tínhamos entre nós, africanos, um homossexual, até isso você semeou na cabeça do estrangeiro...*

— *Você quer-nos apresentar como criatura exóticas, vivendo de crenças e tradições. Não era essa a imagem que os colonos faziam de nós?*

— *Não me venha com politiquices, eu quero é explicações concretas.*

O tom de voz do empresário tinha-se tornado tão agudo que parecia que ele estava à beira do pranto. O barbeiro contemporizou e pediu-lhe que não reagisse tão a peito. As coisas eram como eram e Benjamin não diferia dele, Chico Casuarino: ambos feitos de unha e garra, dente e beijo, sonho e mágoa. As leis de Vila Longe e as da América eram areia e vento: às vezes escritas, outras vezes ilegíveis.

— *Somos todos parecidos: santos para viver, demónios para sobreviver.*

A única diferença era a História. Mas essa, a História, era a única coisa que Casuarino queria esconder do afro-americano. A razão dessa ocultação era o medo. Chico Casuarino tinha medo de se lembrar e não se reconhecer no homem que, um dia, já fora.

— *O medo, é isso que nos paralisa. É isso que faz tremer a sua voz quando pergunta pelo americano...*

A voz de Arcanjo Mistura foi-se extinguindo até desaguar no silêncio. Calado, o barbeiro se abateu no seu canto, tateando o tecto com os olhos, parecendo perseguir a sombra de um pensamento. Foi como se tombasse num abismo. Até àquele momento, brilhara em seus olhos a ardência de um sonho. Agora, ele era a imagem de um guerreiro derrotado, sem guerra nem exército.

O empresário espreitou o adversário e apercebeu-se da sua repentina fragilidade. E atacou por essa fresta:

— *Você está doente?*

— *Porquê?*

— *Você nem força tem para se levantar.*

— *Sou magro mas sou dono da minha magreza. Você é gordo mas não manda nas suas banhas.*

— *E o cabelo está-lhe caindo. De tanto cortar o cabelo dos outros, você está ficando mais calvo que um porco.*

— *Deixe-me em paz, Casuarino.*

— *Você está doente, barbeiro. Você está a morrer dessa doença.*

O barbeiro olhou os seus próprios braços e viu como eram compridos, de esbanjar abraços, generosos.

— *Não é magreza, é que eu também já não tenho nada dentro.*

Ele quase a si mesmo não se enxergava. Como diria o alfaiate: ele era um cegocêntrico. O barbeiro parecia vencido, prestes a confessar aquilo que Casuarino esperava poder ouvir. Aos poucos, contudo, ele retomou o fôlego e contra-atacou:

— *Todos estamos vazios, você parece cheio, mas é volume de balão.*

Nessa altura, o adivinho entrou. Vinha fatigado da longa caminhada. Na cintura, pendia uma bolsa com o telemóvel. Após os cumprimentos, Lázaro Vivo caminhou pela sala hasteando o telefone num braço.

— *Estou à procura de sinal, explicou ante a perplexidade dos outros.*

— *Aqui não chega a rede, esclareceu, enfadado, o empresário.*

— *Lá no alto do caminho, subindo à mafurreira, ali já dizem que se apanha...*

— *O senhor veio aqui para um objectivo bem claro e sério, exclamou Casuarino que acrescentou, apontando para o barbeiro: Eu quero que este tipo vomite tudo sobre o desaparecimento do americano.*

— *Esse americano já sei onde ele está, proclamou o curandeiro.*

— *E onde? Onde ele está?*

— *Está na fronteira com o Zimbabwe.*

— *Viu? Viu, seu barbeiro de meia tigela, viu que ele está vivo?*

Arcanjo Mistura avançou pela sala, mãos nas ancas, enfrentando o improvável, medindo-se com o impossível. Parou em frente de Lázaro Vivo e inquiriu:

— *Como é que sabe que o americano está na fronteira? Adivinhou na esteira dos búzios?*

O curandeiro não respondeu logo. Depois de uma pausa, agitou o telemóvel, com sorriso matreiro no canto dos lábios. Ali estava a resposta, na concha da sua mão fulgurava o búzio mágico, o secreto vencedor da distância. Um polícia das alfândegas, seu grande amigo e parceiro de negócios, tinha-lhe telefonado a avisar que Benjamin Southman fora capturado junto ao arame da fronteira.

— *Agora deixem-me descansar só um minuto. Essa caminhada parecia feita só de subidas.*

Sem fôlego, o adivinho despojou-se no sofá e cerrou os olhos. Ficou assim imóvel e nublado, parecendo não dar mais acordo de si.

— *Está a dormir, compadre Lázaro?*, inquiriu o empresário.

Não houve resposta. O esquelético curandeiro deixou tombar a cabeça sobre o peito. Os pobres dormem como o ouriço: enrolados nos seus espinhos. Afastam assim os maus espíritos. Os ricos adormecem escarranchados. Não dizem «cama», dizem «leito». E o leito deles é o mundo inteiro. Lázaro era rico, não por ter posses, mas porque não tinha medos. Por isso, o seu sono se espriava, como se o sofá fosse maior que a savana. Por isso, o sono do outro, escancarado na intimidade de sua sala, levou o empresário ao auge da irritação:

— *Esse gajo recebeu o meu dinheiro para rressonar na minha sala?! Ou será que desmaiou, hein?*

O barbeiro meneou a cabeça, decidido a retirar-se. Na figura do curandeiro, ele confirmava como era triste uma terra em que o dormir não difere do morrer.

Passou pela fogueira, juntou os papéis dos americanos, amarrotou os polémicos comunicados e atirou-os para as labaredas.

Nessa tarde, Zeca Matambira foi visitar Rosie. Dentro dele espreitava um inconfessável sentimento: uma mal disfarçada perturbação pela

extinção do americano. Quando a brasileira abriu a porta, o pugilista lutou contra a sua própria voz:

— *Rosie, venho-lhe...*

— *Sim?*

— *Venho... venho...*

E não sabia dizer ao que vinha. Rosie pediu que entrasse. Quando ele passou a soleira, ela notou que Zeca trazia calçadas as botas de boxe. Os atacadores estavam desapertados. Mal ele se sentou, a mulher se ajoelhou à sua frente e com gestos vigorosos amarrou-lhe os cordões das botas.

— *Agora, nunca mais você tropeça.*

Talvez a brasileira esperasse de Matambira um pequeno gesto, um simples sinal que a encorajasse a prosseguir. Mas ele manteve-se rígido, escudado. Rosie permaneceu genuflectida, os seios roçando as pernas de Zeca. De repente, o seu olhar se prendeu no vazio e ela suspirou:

— *Eu tanto avisei Benjamin!*

Ela sabia, desde o início, que a peregrinação a África iria degenerar em drama. Desde sempre, ela estranhara a obsessão do marido pelo retorno ao continente dos seus antepassados. Quem pode apostar tanto o presente num passado tão longínquo?

Por um tempo até lhe ocorreu que Benjamin tivesse uma doença terminal e quisesse ir morrer em África. O motivo não era esse, mas andava próximo. O marido queria solver-se nesse lugar que era só dele, ele precisava desse espaço de redenção.

— *Ele já só vivia nesse outro mundo que ele tinha inventado.*

— *Essa África ele tem que a procurar na América, ou dentro dele mesmo.*

Matambira surpreendeu-se com o que estava dizendo, quase semelhando o discurso do seu amigo barbeiro. Rosie Southman ripostou: Zeca não fazia ideia de quanto era difícil existir num mundo que exige que se tenha a raça certa e a acertada riqueza.

— *Estou tão cansada de ter pele.*

O pugilista olhou os próprios punhos como um arqueiro contempla o arco quebrado. Depois falou. Não sabia a brasileira o quanto ele, Zeca Matambira, sofrera por ser negro.

— *Você também foi discriminado?*

Não, ele sofrera fora de vergonha. Vergonha dos outros negros, pobres, desgraçados, grosseiros e, afinal, tão parecidos com ele. Fizera tudo para se distinguir. Todavia, aquela aparência não deixava nunca de lhe ser recordada. As ironias que a vida encerra: com um simples soco Matambira derrubava o mais agressivo dos adversários. Mas ele nunca tinha sido capaz de superar o seu acanhamento. E recordou o creme para aclarar a pele, os produtos para desencrespar o cabelo, a ocultação da sua origem humilde. Sim, a sua existência tinha sido um permanente e nunca alcançado disfarce.

— *Por causa desse disfarce eu não a beijei, Rosie.*

Na ombreira da porta, o pugilista não tinha logrado dizer ao que vinha. Mas, agora, mais tranquilo, ele juntou as pontas à meada:

— *Venho pedir desculpa*, disse ele.

— *Desculpa porquê?*

— *Não fomos capazes de vos ajudar. O seu marido meteu-se pelos matos porque não lhe demos respostas. Mas nós não podíamos, não sabíamos...*

— *Deixe isso, agora não interessa mais.*

— *Nós também não sabemos de onde vimos*, argumentou Matambira.

Esse desconhecimento era mais do que uma ignorância: era uma estratégia de sobrevivência antiga, tão antiga que a memória não podia alcançar. Os antepassados de Vila Longe, todos esses que viveram junto ao rio, tinham sofrido da mesma doença. Também eles, perante a pergunta «*quem são vocês*», responderiam: «*nós não somos quem vocês*

procuram». Tinha sido assim desde há séculos: eles eram sempre outros, mas nunca exactamente «aqueles» outros.

Desde tempos imemoriais que o rio servia de refúgio e barreira para assaltos de estranhos e vizinhos, guerreiros ferozes e raptos de escravos. Os forasteiros chegavam e indagavam sobre a identidade dos que encontravam. E eles diziam, «somos dembas», «somos tongas», «somos makarangas», «somos chikundas», conforme a conveniência. E escondiam as canoas, amarrando-as por baixo da água para que ninguém mais soubesse que eles eram os do rio.

Agora, perante a pergunta de Benjamin Southman, poderiam responder que eles, os de Vila Longe, também eram americanos. Quem não o é, neste mundo em que os céus se encheram de antenas e se vazaram de deuses?

— *Cá eu sou brasileira, agora mais do que nunca.*

O pugilista prosseguiu, sem pausa, como se receasse perder fluidez: havia um só motivo que levava os Vila Longenses a tanto se esquecerem de quem foram: para acreditar que não sabiam quem eram. E acabavam dizendo: «nós somos os do rio». Mas esse rio que hoje se chama Zambeze, nem sempre teve nome. Era simplesmente chamado de «o Rio». Os restantes cursos de água careciam de nome. Aquele não, pois não se comparava a nenhum outro no mundo. Nunca secava, nunca se podia atravessar e não tinha lugar onde desaguasse. Os que ali nasceram, juntavam honra e palavra, dizendo:

— *Juro pelo rio!*

Os portugueses deram-lhe nome de Zambeze porque ouviram falar dos kasambabezi, que eram aqueles que conheciam as artes de atravessar o rio e dominavam os segredos da água. Eles eram os descendentes dos atravessadores das águas.

— *Diga-me uma coisa, perguntou a brasileira, há mesmo um deus que mora no rio?*

— *Deus mora nos lábios de quem reza.*

Quanto terminou o seu longo e quase inebriado discurso, Matambira viu-se, de novo, com a anafada brasileira a seus pés desfiando, por seu turno, um longo rosário de evocações sobre Benjamin Southman. Falava do marido como se ela fosse já a mais confirmada e resignada das viúvas.

— *Benjamin sofreu sempre tanto!*

Em toda a sua vida, o afro-americano não tivera outra âncora senão a cor da pele nem outro porto senão a nostalgia de África. Antes de partir nesta viagem, há pouco mais de um mês, o marido se envolvera num aceso debate com Keith Richburg sobre o afropessimismo.

— *Conhece Keith Richburg?*

— *É um pugilista?*

Richburg era um jornalista americano que, depois de muita andança por África, escreveu um livro chamado *Out of Africa*, em que o autor dava graças a Deus por não ser africano.

— *O que esperar desses brancos racistas?*

— *Não, nada disso. Esse Keith Richburg é um negro, tão negro como você.*

Ali estava, mais uma vez, o agulhão cravando-se na alma do pugilista. Rosie dissera «*negro como você*». Não se escolhera a si mesma como comparação. Zeca Matambira deixou escapar um fundo suspiro. Rosie corrigiu a proximidade, endireitou o busto e disse:

— *Já viu que estou aqui consigo e, até agora, só estive a falar do meu marido?*

— *Talvez seja por ele ter desaparecido. É uma maneira de Benjamin voltar a aparecer.*

— *De qualquer modo, estive para aqui revelando segredos do meu marido.*

— *E eu já sabia tudo o que me disse.*

— *Sabia? Como?*

— *Foi Benjamin que me contou.*

— *Benjamin contou-lhe tudo isso?*

A brasileira retraiu-se, surpresa. Aqueles eram segredos de marido e esposa. Em que circunstâncias esse seu Benjamin partilhara tais intimidades com um estranho? O pugilista pareceu não entender o súbito recato da mulher. E perguntou-lhe:

— *E o que vai fazer, Rosie? Quero dizer, em relação a esta situação do desaparecimento do Benjamin...*

— *Espero até amanhã. Depois vou à cidade.*

— *Eu vou consigo.*

— *Mas você disse que nunca mais iria a nenhuma cidade.*

— *Consigno, vou.*

Ela tocou-lhe na cabeça, acariciando-lhe o cabelo. Ele ainda se desviou com um ágil golpe de boxeur. Mas ela insistiu:

— *Deixe-me tocar. É tão bonito, o seu cabelo.*

Não, o cabelo, não. Mas era tarde. As mãos dela avançaram sobre ele, envolveram-lhe a testa e desceram pelos ombros. O pugilista foi atacado de tonturas e sentiu o quarto girando como uma barcaça em mar revolteado. Olhar esgazeado, em lugar das mãos de Rosie, o que Matambira viu foram duas luvas esgrimindo à sua frente. Dançavam com afinco e tentavam tocar-lhe o seu ponto sensível, a cabeça. Ele usou toda a força do seu apetrechado ombro para se desviar dos golpes do adversário. De repente, uma voz soou dentro de si: desta vez, ele venceria se aceitasse ser derrubado. Tombado no tapete é que ele começaria um novo combate. Sentiu que se derramava no ringue e, tonto, fez menção de se reerguer antes que a contagem decrescente o eliminasse por KO.

— *Não se levante, Matambira.*

Não era o árbitro, não era o treinador. Quem lhe falava era Rosie, deitada a seu lado, a mão estendida sob a sua cabeça, fazendo de almofada. Ele notou então que uma lágrima escorria no rosto da brasileira. Com o dedo recolheu a gota antes que tombasse.

— *Eu só quero chorar, deixe-me chorar. Chorar junto pode ser melhor do que fazer amor...*

Ficaram assim deitados. Quem os surpreendesse acreditaria que estariam praticando sexo. O corpo dela agitava-se em compassados espasmos como num demorado orgasmo.

Capítulo dezoito

A casa da eternidade

Margem do rio Zambeze, Março de 1561

Em verdade vos digo que mais aparelhado estou para receber a morte do que meus inimigos estão para me dar.

(Gonçalo da Silveira, citado pelo padre António Franco in *Imagem da Virtude no Noviciado de Coimbra*)

Este meu corpo há-de ser lançado onde não o acharão.

(D. Gonçalo da Silveira, carta a padre Leão Henrique)

Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento, e tantas terras para a sepultura. Para nascer, pouca terra, Para morrer, toda a terra: Para nascer, Portugal, Para morrer, o mundo.

(Padre António Vieira, *Sermão de Santo António*, 1670)

D'esta maneira acharam D. Gonçalo com um crucifixo à cabeceira, o qual houve com um braço quebrado e os cravos e a cabeça cada um para sua banda e assim o levam Balthazar Gramaxo e Jeronymo Martins. Disseram a el-rei que tanto o mandasse matar, que não estivesse ao sol pelos não empeçonhentar, que o botasse no rio. E tanto o mataram levaram'o logo e o botaram no rio Mosengense de noite e o levaram às costas e a rasto.

Depois da sua morte alevantaram que alguns dias andava despido da cinta para cima e se vinha à estacada d'el-rei e tomava das cascas dos páus e os atava na camisa. E que viera um infise a chorar á estacada com gente e que mandou el-rei apoz elle.

Emfim que foram os engangas e tomaram ao padre. Que veio um corisco e quebrou da porta d'el-rei um páu. Até lhe disseram que a chave da caixa estava cheia de mezinhas e que tinha outras muitas cousas que lhe dizem agora que é já morto

(Carta de António Caiado sobre a morte de D. Gonçalo, incluída na obra *Os Portugueses no Monomotapa*, D. Gonçalo da Silveira, pp. 72 e 73, edição da Imprensa Nacional, 1892)

Março é o tempo em que, cansada, a chuva se volta a abrigar. O mês decorria há quinze dias, quando o escravo Xilundo Inhamoyo lavou as mãos no rio Muzenguezi e um fio de sangue avermelhou as águas. Com a ajuda dos soldados portugueses Jerónimo e Baltazar, ele tinha acabado de arrastar o corpo de Gonçalo da Silveira para as terras lodosas da margem. Os portugueses retiraram-se, apressados. Cabia a Xilundo terminar a tarefa de ocultar os restos do jesuíta e enterrar os seus pertences. Furtivo como um bicho, Xilundo olhou em volta: uma névoa se adensara a cobrir o leito do rio.

Voltou atrás para ir buscar a imagem da Santa e um baú de madeira que continha as magras posses do português. Depois, depositou tudo aquilo junto ao cadáver do sacerdote. Por um tempo hesitou, mas foi vencido pela curiosidade. Abriu a caixa, retirou os pertences que estavam envoltos num pano encerado. Não havia senão uma bíblia, um rolo de pergaminhos atado por um cordel, um caderno chamuscado e uns tantos papéis avulso. Retirou a folha que estava no topo dos restantes papéis e espreitou o manuscrito cuja tinta era tão recente que parecia ceder ao toque dos dedos. A caligrafia do missionário Silveira era cuidada, quase feminina. Com dificuldade, o escravo leu em voz alta:

«Em verdade vos digo que mais aparelhado estou para receber a morte, do que meus inimigos estão para ma dar.»

Xilundo estremeceu: as palavras de Silveira eram certas, confirmando os poderes premonitórios de feiticeiro. Um medo avassalador roubou o discernimento do escravo. Às pressas, como se receasse ser surpreendido, Xilundo Inhamoyo ainda procurou uma outra folha. Estava escrito:

«Este meu corpo há-de ser lançado onde nunca o acharão.»

O calor era intenso e o pavor era uma fogueira na alma do escravo. Espessas gotas de suor tombaram sobre o papel esborratando a caligrafia. De repente, as letras se converteram em dedos escuros que emergiam do papel e lhe enlaçaram as mãos.

Ergueu-se, alvoroçado, ao escutar um borbulhar nas águas. Foi quando reparou que os peixes do rio se agitavam à superfície e faziam saltar os olhos, estourando como rolhas de garrafa. Desorbitavam com a facilidade da flor largando as velhas pétalas. Não tardou que o leito ficasse coberto de pequenos globos, como berlindes brancos flutuando na corrente.

Não era apenas aquela visão que o arrepiava. Mas o facto de ter sido exactamente aquele o pesadelo que o havia assaltado na noite anterior. O que mais o afligia, contudo, era a angústia dos peixes deambulando no escuro da corrente. Por um instante, ele era cada um desses peixes cegos, aos tropeções entre as raízes imersas das árvores. Afastou-se o mais que pôde, correndo sob as copas dos matumis [36].

Por fim, já exausto, Xilundo abrigou-se numa sombra, junto ao rio. O peito arfava perante a evidência: ele enfrentava espíritos de mundos longínquos. Os eventos recentes desfilaram, de forma atabalhoada, perante a sua memória.

†

Na noite anterior, Xilundo Inhamoyo fazia guarda à cubata de D. Gonçalo. Ensonado, viu entrar António Caiado. Já meio adormecido, mais tarde, viu chegarem os soldados Baltazar e Jerónimo. A mando de Caiado, eles vinham reforçar a guarda ao casebre. Traziam num cantil uma bebida que lhe deram a provar. Xilundo não bebeu senão uns golos. Pesadelos agitaram-lhe o sono e despertou entre muito alvoroço e a escassa luz da madrugada. Custou-lhe apurar a visão e sintonizar as vozes.

Foi então que viu o corpo sem vida do missionário. A seu lado, figurava um crucifixo quebrado, alguns papéis espalhados no chão. No momento, já os dois portugueses puxavam o cadáver e o conduziam ao rio.

— *Onde levam o morto?*

Levavam o missionário para a margem do Muzenguezi. Essa era a ordem do Imperador Nogomo Mupunzangatu para que o cadáver não azedasse a terra.

†

O cadáver de Silveira podia não estar azedando a terra. Mas envenenava o sono do escravo Xilundo. Noites e noites, olhos desorbitados, ele saltava da esteira, ofegante e clamando: *não fui eu, não fui eu!*

O facto é que ele não tinha a certeza de não ter cometido o crime. Fosse da bebida que lhe ofereceram os portugueses, fosse por ter servido de corpo a um espírito nocturno, a verdade é que Xilundo não podia garantir que, em acto sonâmbulo, ele não tinha roubado a vida de Silveira.

Passaram-se duas noites e Xilundo foi acordado, desta vez não por um sonho maléfico, mas pela mão do soldado Baltazar que o sacudia com insistência:

— *Você viu o padre morto?*

A pergunta não fazia sentido. Baltazar entregara-lhe o corpo do jesuíta já sem vida. O soldado refez a pergunta:

— *Certificou-se que o homem estava mesmo morto?*

Antes que o negro afinasse o raciocínio, o branco foi adiantando que um burburinho agitava a povoação e fazia efervescer a corte do Imperador. Gonçalo da Silveira tinha sido visto, despido da cintura para cima, retirando cordas da paliçada que rodeava o palácio. Logo de

seguida, e mal o missionário se afastou, um fulminante raio tombou sobre os aposentos reais.

O soldado Baltazar estava em pânico, aterrado perante a possibilidade de ser atacado por espíritos vingativos. O próprio Nogomo convocara os nyangas para que confirmassem o estado derradeiro e irreversível do infeliz jesuíta.

Baltazar trazia agora ordens de António Caiado: Xilundo deveria regressar ao rio Muzenguezi e, depois de garantir que o cadáver continuava morrendo no mesmo local, teria que desaparecer para nunca mais ser visto.

O soldado lusitano afastou-se, os pés tacteando o chão como um cego. Xilundo até lhe viu as escamas. O branco parecia um peixe pernudo, arrastando-se penosamente pela lama da margem.



O escravo Xilundo estava treinado para enfrentar o medo. Mas ele não sabia lidar com os estranhos eventos que, desde há horas, desarrumaram toda a sua vida. O que ele pressentia era que, a partir de agora, a sua vida seria uma contínua fuga do medo e dos fantasmas.

Quando olhou o leito do rio e o viu tão cheio e sereno, ele recordou-se de seu pai, o mambo Inhamoyo, junto ao Muzenguezi, enchendo o peito para proclamar:

— *Esta água não servirá nunca nenhum porto!*

O velho chefe falhara nas suas previsões. Nenhuma força tinha travado os intentos dos brancos. Os portugueses já tinham erguido um porto na margem do rio dos Bons Sinais. Outros portos foram construídos em Sena e em Tete.

E os barcos passaram a frequentar esses ancoradouros, ganhando fôlego antes de penetrarem no interior da Zambézia. Afinal, essa era a vontade de muitos: que o rio Muzenguezi se abrisse como uma estrada por onde o mundo chegasse e partisse. Deixassem os brancos navegar,

como já haviam deixado os árabes. Permittedem o Muzenguezi juntar-se ao Cuama, aos Bons Sinais, a todos os rios que, como generosas veias, cruzavam o corpo da terra. O mambo Inhamoyo, porém, não se conformava:

— *Eu conheço os brancos: eles não navegam, eles pisam a água.*

O homem sabia do que falava. Afinal, seria por aqueles rios que D. Gonçalo da Silveira se intrometeria nas Terras dos Rios de Sena, rumo ao Monomotapa. Com o missionário chegariam padres, soldados, fidalgos e escravos. Todos pisando a água. Todos turvando a terra.



Na sombra do rio, Xilundo fazia contas mais à morte do que à vida. Ele sabia que haveria suspeitos variados para aquele assassinato. Os portugueses escolheriam Mingane, o mouro mais influente na região. Iriam dizer que o muçulmano nascido em Moçambique conspirara com a Rainha-Mãe, agora designada de Dona Maria, e convencera o jovem monarca a consultar um poderoso adivinho árabe, de grande influência em toda a região.

Mandado comparecer perante o Imperador, o adivinho agitou, na concha fechada das mãos, os quatro ossos divinatórios, os hakata. Lançou-os com vigor sobre a esteira e, depois, espreitou cada um deles com demorada atenção. Leu o osso Tokwadzima, aquele que nos torna cegos. Estava virado para cima. Leu o osso chamado Kwami que evoca a solidariedade e cuja figura estava oculta. O ossículo Nhokwara, com a sua inscrição de uma mulher-cobra, estava virado para cima. E a última peça da adivinhação, o osso Chirume, estava adormecida, de barriga para baixo.

— *Sabe quem é esta mulher cobra?*, perguntou o adivinho apontado para o terceiro osso mágico.

Nogomo Mpunzangatu espreitou a figura gravada e respondeu afirmativamente com um meneio da cabeça.

O adivinho não tinha dúvida: havia um mau-olhado sobre as terras do Monomotapa. Os camponeses estavam deixando as suas culturas apenas para se dedicarem à extracção do ouro. Já não semeavam, apenas mineiravam e peneiravam. Tudo isso era uma estratégia dos portugueses para enfraquecer o reino. E aquele era apenas um princípio: seguir-se-iam séculos em que os africanos raspariam os ossos da terra para entregarem riquezas aos europeus.

E o adivinho mouro diria mais ainda. Diria que esse Gonçalo vinha por mando do governador da Índia para derrubar o império. Os naturais da terra que se faziam cristãos contraíam debilidades nunca vistas ao serem baptizados. Essa fraqueza não provinha apenas da água que lhes derramavam sobre a cabeça, mas das palavras com que acompanhavam o acto. E avisaram o Imperador de que Silveira era um poderoso feiticeiro e que trazia o sol e a fome atados num osso humano. Havia, pois, que tomar urgentes medidas.

As principais suspeitas recaíam, enfim, sobre o poderio mouro, adversário e concorrente dos portugueses no domínio das rotas de ouro e escravos. O Zambeze era uma estrada por onde circulavam lustrosas riquezas. Deus chegava depois dos barcos.

Mas haveria, por certo, outros suspeitos. E um deles agravava ainda mais os receios de Xilundo. Era o caso do seu próprio pai, o mambo Inhamoyo, que, meses antes, em acesso de fúria, prometera fazer pagar a desfeita que o missionário jesuíta contra si cometera.

Essa desconsideração acontecera em Bemba, no dia de Natal, quando o chefe Inhamoyo pediu para ser baptizado. Se o missionário português já tinha baptizado Xilundo, seu filho mais velho, fazia todo o sentido que o convertesse a ele e aos outros sete filhos. O padre Manuel Antunes foi quem recebeu o pedido. Logo ali, ele aceitou de bom agrado e sugeriu que a cerimónia tivesse lugar nessa mesma tarde. O padre não podia imaginar que D. Gonçalo se negaria a prestar o baptismo ao chefe daquelas terras.

— *Não podemos baptizá-lo.*

— *Mas baptizámos tantos, D. Gonçalo!*

— *Nenhum deles era um chefe como este mambo.*

O missionário era peremptório. Que havia regras e prudências. A missão que os norteava era o Monomotapa. O Imperador deveria saber que seria ele o primeiro a deixar-se converter. O padre Manuel ainda protestou:

— *Essa é a lógica do Rei de Portugal. As razões de Deus são outras...*

— *Não são, não. São as mesmas...*

O padre Manuel, cabisbaixo, voltou à aldeia para anunciar a Inhamoyo a recusa de Silveira.

— *O seu baptismo, afinal, não vai poder acontecer.*

O mambo não entendeu. O intérprete voltou a traduzir e, de imediato, Inhamoyo fez eclodir a sua revolta. O tradutor não teve coragem de converter para português a promessa de vingança proferida pelo ofendido. Mas Xilundo escutara a jura de seu pai:

— *Vou matar esse muzungu, ninguém ficará a rir dos meus poderes.*

Nessa noite, Xilundo visitou o luande de seu pai e pediu-lhe que ponderasse sobre a sentença. Nervoso, Inhamoyo rodopiou pelo terreiro e ordenou que fosse escutado sem interrupção:

— *D. Gonçalo me acusou de vícios e vergonhas. A mim e à minha gente.*

— *Essa acusação ele faz a todos, até aos da sua própria raça.*

— *Nos acusou de vivermos no caos. E sabe o que lhe respondi?*

— *Não imagino.*

— *Disse-lhe que sim, que vivemos no caos, mas este caos é nosso...*

— *Fez bem, meu pai.*

— *Disse-lhe que não me interrompesse.*

— *Prossiga, meu pai. Peço desculpa.*

— *No nosso caos estamos de pé. Na ordem deles, estaremos de joelhos.*

A raiva do mambo era tanta que quem o visse falar não hesitaria em testemunhar contra ele, depois que se consumara o assassinato. O que

tranquilizava Xilundo era que ninguém, excepto ele próprio, poderia lançar suspeitas sobre seu pai. Nem o Imperador, que tinha olhos espalhados em todos os cantos, possuía provas para incriminar o velho mambo.

Um outro suspeito, de que ninguém nunca faria menção, era o próprio António Caiado, o mais proeminente português do Monomotapa. Desde a primeira hora que Caiado e Gonçalo entraram em colisão. Silveira tomara partido no diferendo entre o comerciante e sua esposa, Dona Filipa. E impusera condições que diziam respeito à sua vida privada.

Quando chegara à corte do Monomotapa, Gonçalo da Silveira tinha empreendido uma viravolta profunda nas suas prioridades espirituais. O maior inimigo já não eram os gentios. Nem eram os mouros. A mais grave ameaça resultava da conduta indecorosa dos portugueses em terras tropicais. Aqueles que deviam ser a prova viva da superioridade moral dos cristãos, acabavam deslustrando a tão árdua obra missionária. Razão tinha Manuel Antunes que avisara, logo no início, que o Diabo viajava no porão das naus.

Xilundo recordava com nitidez uma alteração que testemunhara entre o capitão Caiado e Silveira. Quando o escravo entrou na capela de Massapa já a discussão se tinha encrespado. O jesuíta dizia, então:

— *Vejo que estes matos ocultam covis de fugitivos...*

— *Está falar dos indígenas que fogem da escravatura?*

— *Falo de outros, bem mais maléficos.*

— *Dos mouros da costa?*

— *Estou a falar de gente lusitana que, mesmo depois de convertida, permanece muito longe da fé cristã.*

Durante anos, D. Gonçalo anteviu o longo desfile de monstros que iria encontrar em África. Havia um imenso catálogo de criaturas diabólicas. Havia os ciápodas, com seu único pé gigante, os ciclopes, as galinhas lanosas, as plantas-bichos cujos frutos eram carneiros, os cinocéfalos, os dragões, os antípodas, as bestas de cabeça humana que encarnavam Satanás. Nenhum desses seres prodigiosos ele encontrara em meses de

andanças pelos sertões africanos. As mais maléficas criaturas com quem cruzava eram-lhe, afinal, bem familiares e tinham, como ele, embarcado nas naus portuguesas.

— *Não são os etíopes, dóceis e submissos que, agora, mais me preocupam.*

O que mais temia eram os hereges que infestavam o solo europeu e que escaparam das terras cristãs para proliferarem pelos trópicos, mancomunados com o diabo.

— *Está a falar de quem?*, perguntou Caiado.

— *O senhor bem sabe de quem falo.*

— *Está falar dos judeus, eu sei.*

— *Só sei que, depois desta missão, recomendarei a El-Rei que esta terra seja purificada, varrida com uma imensa campanha de limpeza.*

Caiado bateu a porta da igreja e retirou-se. Quem o visse regressando à corte diria que o português fazia justiça ao nome: o seu rosto parecia pintado de impassibilidade. O olhar inquieto, contudo, traía essa fleumática máscara.



Tinham decorrido duas semanas sobre o assassinato do jesuíta, quando as mais preocupantes novidades chegaram à aldeia de Bemba. Dizia-se que o Imperador Nogomo Mupunzangatu mandara matar os conspiradores muçulmanos, decapitara os soldados portugueses Baltazar e Jerónimo que, na fatídica noite, fizeram guarda ao missionário e, num acesso de loucura, ordenara a morte de sua própria mãe, enquanto cúmplice no assassinato de Silveira.

Dizia-se ainda que Nogomo não repousaria enquanto não extirpasse dos seus domínios os restantes matadores, mandantes e coniventes. O cadáver de missionário mártir estava empeçonhando o império. Havia que limpar o maculado reino, devolver a harmonia entre a terra e os homens.

Xilundo sentiu que o cerco se apertava em seu redor e decidiu regressar a casa de seu pai, Baba Inhamoyo. O velho homem sofria de febres malignas e foi preciso que Xilundo repetisse várias vezes o relato do sucedido.

— *Estou com medo, pai. Vão-me culpar, vão-me perseguir.*

— *Esse padre, esse Gonçalo, não morreu, meu filho.*

— *Morreu, pai. E vão dizer que fui eu que o matei...*

— *Você não percebe nada.*

Baba Inhamoyo revirou os olhos, enfadado. O filho nunca entendera as mais elementares verdades. Não apenas tinha viajado para além do oceano como, mais grave, tinha vivido tempo de mais com os brancos. Agora, as coisas mais simples fugiam do seu entendimento.

Xilundo não compreendia, por exemplo, que por baixo de toda a imensidão da terra repousava um mar oculto. As ondas que infinitamente se espalhavam, lá para as bandas de Sofala, eram apenas a face visível desse outro mar subterrâneo. Os brancos que chegavam em grandes barcos eram habitantes dessas águas profundas. Não vinham do longe, chegavam das profundezas.

— *São peixes, meu filho. Peixes dos fundos.*

Um arrepio sacudiu o escravo. Peixes? E a imagem dos peixes cegos borbulhando no rio lhe regressou ao pensamento. Sacudiu a cabeça para afastar a lembrança. O pai insistia no assunto:

— *Se, um dia, esse Gonçalo sair das águas, então esta terra vai ser castigada.*

Não era, certamente, o que Xilundo desejava ouvir. O escravo enterrou a cabeça nos braços. O que ele disse, então, estava aquém da voz. O pai esticou-se para escutar melhor. Só então entendeu: o filho anunciava que se ia retirar definitivamente. Partia outra vez como escravo para longe daquela terra, longe daquela lembrança. Viajaria no barco dos portugueses, na protecção dos feitiços dos brancos. Afinal, feridas da boca curam-se com a própria saliva.

— *Não diga asneiras. Sente-se e fale comigo. Diga-me uma coisa, meu filho, você conheceu esse missionário onde?*

— *Em Goa, viemos no mesmo barco para Moçambique.*

— *Esse é o seu engano. Esse homem não chegou, ele já aqui estava.*

— *Isso não pode ser; eu viajei com ele...*

— *Pois eu reparei bem quando o padre aqui passou, há uns meses atrás...*

— *E reparou em quê?*

— *Esse Gonçalo trazia um penembe à perna.*

Falava dos grandes lagartos que vivem nos rios e apenas emergem quando se sentem na companhia dos respectivos donos. Desses que mergulham nas águas e se tornam água, e só regressam ao seu original formato quando recebem ordens.

— *Você não o matou, meu filho. É que esse homem não é pessoa. É como a água, não nasce nem morre.*

Acontecera a D. Gonçalo da Silveira o que sucede aos lagartos penembes, às cobras e aos crocodilos: voltara ao rio, à casa da eternidade. E não o fazia sozinho. Com ele viajava a mulher de olhar parado, essa que fazia ajoelhar os cristãos.

— *Está a falar da Santa?*

— *Para mim, ela tem outro nome.*

— *Não entendo, pai.*

— *Pois diga-me uma última coisa: esse branco alguma vez abandonou essa estátua da Virgem?*

— *Apenas por uma noite, quando ela dormiu com o Imperador.*

— *Não vê que esse Silveira é filho de Nzuzu, a deusa das águas?*



Na madrugada seguinte, com uma trouxa de roupa e uma bolsa de mantimentos, Xilundo penetrou pelos matos como uma gazela espantada. Deambulou pelos atalhos que iam dar ao rio mas, antes de chegar à

margem, fez um desvio para uma clareira acabada de abrir. Bateu as palmas para se anunciar e aguardou que o dono de um casebre se chegasse à porta. Um vulto assomou cauteloso e Xilundo chamou, de longe:

— *Manu Antu!*

O padre Manuel Antunes emergiu, então, da palhota e veio receber o escravo. O português estava descalço e trajava apenas uma capulana, enrolada à cintura. Do pescoço, pendia-lhe um colar de sementes e búzios.

— *Não sou Manu Antu!*, diss ele. *Sou Nimi Nsundi.*

O escravo Xilundo permitiu-se sorrir. O nome «Nimi Nsundi» só existia na cabeça do sacerdote. Na verdade, as pessoas da aldeia chamavam-no de Muzungu Manu Antu e estavam lidando com ele como um nyanga branco. Manuel Antunes, ou seja, Manu Antu, aceitara tacitamente ser considerado feiticeiro, rezador de bíblia e visitador de almas.

Aprendera a lançar os búzios e ler os desígnios dos antepassados. No terreiro, frente à casa, o português misturava rituais pagãos e cristãos. E procedia como nunca nenhum adivinho antes fizera: em cima de uma esteira colocava a pedra de ara que havia pertencido a Silveira. A seu lado se conservava um pedaço de madeira que, à primeira vista, surgia informe mas, depois, se configurava como um pé. Aquele era o tão falado membro que Nimi Nsundi havia decepado à Virgem Santíssima? Era o que constava no império: que o branco mantinha essa madeira porque ela estava benzida por Deus. Ou talvez fosse, simplesmente, o toco de pau que o carpinteiro Mendonça preparara como remendo para a estátua original.

Xilundo pediu a bênção para o destino cego que o aguardava, para além do oceano. Não tardaria a embarcar na mesma nau que iria levar de volta Dona Filipa Caiado e sua aia grávida, Dia Kumari. A fidalga tinha saído de África doente, incapaz de ser esposa do homem com quem casara. Regressava agora em condição ainda mais doentia: esposa de um

marido que deixara de lhe pertencer. Só mais tarde Filipa confessou à indiana: a gente ama alguém que desconhecemos, casa com quem conhece e vive com uma pessoa irreconhecível. Às vezes, temos luas-de-mel, outras vezes, luas melosas. A maior parte do tempo, porém, são noites sem luar nenhum.

Pela derradeira vez, o escravo olhou o Muzenguezi e recordou as palavras do seu pai: «*rasteiro é o rio; e chega ao céu*». Sentiu que era a sua vida e não a correnteza que desaguava entre as dunas e os caniços. E deixou-se ficar, em despedida silenciosa, até que anoitecesse. Ele queria ser abraçado pelo escuro.

Aos poucos lhe chegaram sons de batuque. Em algum lugar distante se festejava. Lhe veio à memória o escravo Nimi Nsundi percutindo as teclas da mbira, como se abrisse caminho para seu próprio desfecho. Só então lhe ocorreu que o que ele escutara, no porão escuro, não eram notas musicais mas espessas gotas de sangue pingando no pavimento da nau. E esse sangue não era de um homem mas de todo um continente escravo.

Ao longe, uma estrela-cadente tombou. O escravo recordou-se do que lhe diziam na infância: que os anjos nos céus lançavam pedras incandescentes aos demónios. Talvez aquele fosse um sinal que o seu destino estava sendo protegido. Xilundo ergueu-se e caminhou. Lá no fim do horizonte jazia enterrada, nas tenras margens do rio, a pedra ardente que tombara do firmamento.

Capítulo dezanove

As revelações

Moçambique, Dezembro de 2002

*Olhos,
vale tê-los,
se, de quando em quando,
somo cegos
e o que vemos
não é o que olhamos,
mas o que o nosso olhar semeia no mais denso escuro.*

*Vida
vale vivê-la
se de quando em quando
morremos
e o que vivemos
não é o que a Vida nos dá
nem o que dela colhemos
mas o que semeamos em pleno deserto*

(Poema encontrado entre os papéis de Luzmina Rodrigues)

Este mundo não é falso. Este mundo é um erro.

(Último desabafo de Arcanjo Mistura)

Na sua última noite em Vila Longe, Mwadia foi ter com Arcanjo Mistura. Estava preocupada com o estado do barbeiro depois da cena de pancadaria na praça pública. Ela apostava na inocência de Arcanjo. Era de todo impossível que ele tivesse assassinado o estrangeiro.

A moça foi à barbearia e surpreendeu-se com Mestre Arcanjo envergando fato e gravata, ocupando a cadeira no centro da loja. Ela esperava vê-lo derramado, transtornado, cabelos e roupas desalinhados. Ao contrário, a aparência do barbeiro era a de um solene cavalheiro.

— *Está tão elegante, Mestre!*

— *Eles virão buscar-me hoje à noite.*

— *Eles quem?*

— *Virão matar-me esta noite. Eu sei.*

— *Ora, Mestre Arcanjo, tanto drama!*

— *Estou eu mais preparado para morrer do que eles para me matarem.*

Mwadia estranhou: aquelas tinham sido as palavras que, cinco séculos antes, o missionário Gonçalo da Silveira havia pronunciado na noite em que viria a ser assassinado. Arcanjo Mistura tinha certamente lido os papéis do baú antigo. Não era ela, afinal, a única fantasiosa recriadora da História.

— *O senhor andou a ler os papéis do baú de D. Gonçalo?*

O barbeiro evitou responder. Esperou que o silêncio dissolvesse a curiosidade da interlocutora. Mwadia entendeu e escolheu um novo território para espriar as suas dúvidas.

— *O senhor inventou os comunicados, inventou a autoria de um assassinato que nunca se consumou, inventou tudo isso para quê?*

— *Você não é a pessoa certa para acusar os outros de serem inventores...*

— *Quer regressar para a prisão porque, no fundo, foi na prisão que você mais se sentiu vivo. É isto, não é, Mestre Arcanjo?*

— *Você sabe perguntar, você sabe responder...*

— *Mais triste que ser escravo é ter saudade da escravidão. Não foi o senhor que escreveu estas mesmas palavras?*

— *Minha filha, você ainda anda à procura de uma igreja?*

— *O senhor bem sabe que sim.*

— *Nunca encontrará nenhuma.*

— *Não diga isso, defendeu-se Mwadia, com vigor.*

— *Você não entende: igrejas há, o que falta é a crença.*

O barbeiro explicou-se: ele seria um crente, sim, no dia em que a igreja morasse dentro de cada um. Em miúdo, tal como Mwadia, deixara-se encantar pela solenidade dos rituais. Mas depois a igreja perdera tudo isso: em nome de um maior contacto com a gente perdera-se o contacto com o divino.

— *É o que digo, Mwadia: não leve essa Virgem para nenhuma igreja.*

— *Levo para onde?*

— *O que tem a fazer é o inverso do que tem feito: deixar que a Santa a conduza a si, ela é que anda procurando um lugar seguro para si.*

— *Não diga isso...*

— *Deixe-me falar, não me interrompa. Tenho um pedido e você, Mwadia, não pode recusar este meu último pedido.*

— *Peça, Mestre Arcanjo.*

— *Queria que, por uma noite, deixasse a Santa ficar comigo. Eu durmo aqui, na barbearia. Durmo aqui com ela.*

— *Na barbearia?*

— *Me deixe dormir com a Santa. Uma noite que seja, me deixe receber os votos de uma Santa.*

— *Está bem, vou buscar a Santa. O senhor promete-me que cuidará bem dela.*

— *Agradeço-lhe, minha filha. Agora, só mais uma coisa.*
— *Afinal, não era só um último pedido?*
— *O anterior foi o último, este é o derradeiro...*
— *Diga, Mestre.*
— *Vá-se embora de Vila Longe. Vá, quanto antes!*
— *Porquê?*
— *Nunca ouviu falar de terras que deixaram de constar? Foram varridas, erradicadas.*
— *Não comece, Mestre.*
— *Eu estou doente, a doença já me atacou a cabeça. Sabe por que quero dormir com a Santa?*
— *Para se converter, como fez o Imperador?*
— *O mais triste na história é como tudo se repete, sem surpresa. Já viu como voltamos a dar tantas licenças aos estrangeiros? Ao menos, lá para onde eu vou, eu é que serei sempre o estrangeiro.*

Mwadia regressou a casa e escutou os galos espantando o escuro. Não tardou a que adormecesse. O sono turbulento que se seguiu semelhava uma das visitas que ela encenara. A jovem sonhou que caminhava por dentro do rio, o corpo submerso contrariando a corrente, os pés pisando os calhaus rolados e levando na mão, como porta-estandarte, uma tocha ardente que as águas não apagavam.

De súbito, o rio começou a ferver como se o leito fosse uma enorme caldeira acesa. Os peixes moribundos se acumulavam à superfície e, dos corpos flutuantes, escapavam-lhes os globos oculares. Num instante, o rio se atapetou de pequenas esferas brancas que cobriram por completo o leito azul.

Este sonho é meu, escutou uma voz, ecoando no sono. *Venho buscar esse sonho que é meu*, repetiu a voz. A visão esbatida de um homem

debruçando-se no leito e que lhe beijava a fronte lhe surgiu ao mesmo tempo que escutava longínquas palavras:

— *Se não despertar agora, minha filha, você se converterá num peixe cego. Como eu que, há séculos, navego prisioneiro no ventre do rio.*

Estremunhada, Mwadia acordou e os seus olhos arregalados percorreram o recinto a confirmar que não havia mais ninguém no quarto.

No dia seguinte, o barbeiro não estava. Mwadia procurou por vestígios de luta. Na barbearia não havia sinal de desordem. A Virgem ali estava, coberta com um plástico. Sob o pé da estátua havia um envelope onde se podia ler:

*Último Comunicado dos Serviços Secretos
(Tradução para português)*

Mwadia rasgou o sobrescrito e leu alto, voz quase embargada por uma tristeza que, sem que se apercebesse, lhe estrangulava o peito:

*Assunto: ordem para fazer desaparecer uma base de apoio
terrorista.*

Confirma-se o desaparecimento do agente Benjamin Southman que investigava a explosão da nave de espionagem no Norte de Moçambique. Existiam já suspeitas de que a região albergava movimentações inimigas mas, agora, os nossos Serviços estão certos da necessidade de uma intervenção rápida e dirigida para extirpar este centro do Mal, bem no coração de África. As forças estacionadas na área do oceano Índico já receberam ordem para intervir de forma pronta e radical.

Mwadia pensou que devia informar alguém do desaparecimento do barbeiro. O melhor seria falar com Matambira. Estava nos Correios, junto à arruinada central de telefones. A moça encontrou-o numa das habituais crises de reumatismo.

— *Doem-me os ossos todos.*

— *Foi da pancada que apanhou no boxe.*

— *Maior porrada foi a vida que me deu.*

— *Venho por causa do barbeiro, ele desapareceu. Acha que lhe fizeram mal?*

— *Estou certo que sim.*

Ela que olhasse em redor. Em Longe todos viviam do golpear da lâmina, o barbeiro com suas navalhas, o alfaiate com suas tesouras. E Casuarino com seus golpes baixos.

— *Mas você, Tio Matambira, você faz o inverso, você costura as distâncias.*

— *O meu caso é ainda mais cruel. Tudo isso que faço é falso, os correios, os telefones.*

— *Nada funciona?*

— *Nada. É um fingir de conta.*

— *Quer dizer, esses americanos nunca fizeram telefonemas?*

— *Como? Se as linhas estão cortadas, roubaram os postes, os cobres, os isoladores...*

— *E Rosie?*

— *Rosie, o quê?*

— *Vai sentir saudades dela?*

— *É pena ela não ser pugilista...*

A resposta intrigou Mwadia. Havia um tom confessional que ela preferiu deixar à margem. Mas o boxeur voltou a insistir, retocando o contorno dos próprios dedos.

— *Tenho umas mãos bonitas, não acha?*

— *Nunca reparei.*

— *Foi a última coisa que Benjamin me disse: que eu tinha umas belas mãos.*

— *Agora, que reparo melhor...*

— *Quando sua Tia Luzmina foi para a cidade eu devia ter ido com ela. Aqui não há lugar para alguém como eu...*

O olhar de Matambira se fixara nas poeiras que rodopiavam na praça. O vento roubava a vila do seu próprio desenho. A luminosidade que restava não parecia solar.

— *Já se despediu de sua mãe?*

— *Vou lá agora.*

— *Sabe por que a sua mãe engordou tanto?*, perguntou o pugilista.

— *Sim, ela me disse. Foi por causa da minha ausência.*

Matambira sorriu, tristonhamente. A gente tem unha para não gastar o dedo. Às vezes, porém, é preciso cortar a unha para poupar o dedo. Isso disse Zeca Matambira como intróito para adocicar o que diria de seguida:

— *Seu padrasto não parava de bater em Constança.*

Começou quando Jesustino se dedicou à bebida. O álcool esboroou o miolo do alfaiate. E havia, suspeitava-se, razões de um desgosto de amor. Só isso poderia ter convertido em cruel azedume a antiga doçura do goês.

— *Com mais carne, as pancadas doíam menos.*

Quando regressou a casa, Mwadia encontrou a sua mãe reunida com a brasileira. O silêncio escuro na sala as convertia em velhas beatas trocando viuvices.

Não havia tempo para espera, a filha queria tirar de si todo o peso da culpa. Não fora ela quem deslaçara a lendária beleza de sua mãe, Dona Constança Rodrigues. A verdade parecia, afinal, ser bem diversa.

— *Minha mãe, a senhora engordou por causa de quem?*

— *Já disse. Foi você que me fez isto.*

— *Não terá sido, antes, para se proteger das pancadas de uma certa pessoa?*

Constança cobriu o rosto com as mãos e ficou nesse modo um tempo. E falou assim mesmo, prisioneira por entre a grade dos dedos.

— *Foi Matambira que lhe contou essa história?*

— *Que importa? Engordou para se proteger, sim ou não?*

— *Não foi para me proteger.*

— *Então foi para quê?*

— *Foi para proteger o meu marido, o seu padrasto Jesustino Rodrigues.*

Depois dos acessos de pancada, Jesustino muito se queixava dos ossos. Fora Matambira quem, sem o saber, sugerira o remédio. Muitas vezes o pugilista comentara o quanto era doloroso bater em adversários magricelas.

— *O soco dói mais a quem bate do que a quem é batido. Sobretudo, se o agredido não é bem enchido.*

Foi então que Constança se empenhou em ganhar volume. Para que Jesustino não se magoasse quando a agredia.

Uma porção da alma de Mwadia se acabrunhara: preferia ter sido ela a razão da tristeza de Constança Malunga.

Quem mais se emocionou com a revelação de Constança foi a brasileira que se ergueu para consolar a anfitriã. Estava abafado, mas ela passou-lhe uma capulana pelos ombros como se houvesse um frio que apenas elas as duas sentissem.

— *Obrigada, minha filha, agradeceu a matriarca.*

— *Gosto demais quando você me trata assim.*

— *Lhe conto um segredo: quando você entrou em nossa casa eu acreditei que era uma das minhas filhas que regressava.*

— *Está falando sério?*

— *Não se lembra que a tratei por «minha filha»?*

— *Eu pensei que fosse um carinho.*

— *E levei-a ao luande para você ver onde nasceu...*

A nossa vida inteira é feita de esperas. E, afinal, basta uma palavra, uma só palavra para sermos deuses, isentos de esperas. Era isso que sentia a brasileira, uma alegria triste inundando-lhe o olhar. Constança cortou, célere, evitando choros:

— *Você vai sair amanhã?*

— *Irei à cidade, passarei pela polícia. Ficarei lá uns dias, à espera de notícias. Depois, irei embora, não estarei fazendo nada aqui...*

— *Volta para a América?*

— *Não. Regresso ao Brasil. Esta viagem me fez entender quem sou, de onde eu sou...*

— *O melhor é sair daqui, minha amiga. Vá e sem esse Matambira...*

— *Constança, minha pobre amiga, você não entendeu nada. Eu nunca podia trair Benjamin.*

— *E porquê?*

— *Porque ele não é meu marido.*

— *Como não é seu marido?*

— *Não é.*

— *Nunca chegaram a casar?*

— *Nós não somos quem vocês pensam.*

Mwadia estremeceu: os vaticínios do barbeiro eram certos? A conspiração que ele urdira não era fruto dos seus doentios delírios? Afinal, os estrangeiros congeminavam realmente contra aquela pobre terra?

— *Vocês são espiões?*

— *Bobagem, menina!*

— *São ou não?*

Rosie Southman inspirou fundo. O que quer que ela fosse dizer era custoso. O dinheiro que o casal trazia era de uma associação religiosa afro-americana, a Save Africa Fund. Acontecia, no entanto, o seguinte: Benjamin vivia de esquemas, de enganos, cambalachos. Era assim que ele ganhava a vida: em vez de subtrações ele fazia subtrações, atrapalhando as aritméticas, baralhando os cifrões.

— *Pode ter a certeza: o meu Benjamin teve mais encontros secretos com Matambira do que eu própria*, suspirou Rosie.

— *E o que faziam os dois, Benjamin e Matambira, nesse encontros? Não me diga que...*

Rosie ergueu o braço a sugerir uma outra interpretação. Southman e Matambira desacertavam as contas, arredondavam por cima, muito por cima. Casuarino, o grande empresário, que se acredita o grande enganador era, afinal, o mais enganado. Ainda mais ludibriado, porém, era o financiador americano que se empenhava na salvação dos irmãos africanos.

— *Mas esse Benjamin é um historiador ou um homem de histórias?*

— *Não, ele é, de facto, um historiador. Tudo isso é verdadeiro: a sua paixão por África, a procura do seu passado africano...*

— *Você sabe onde ele poderá estar, agora?*

— *Deve ter ido para o Zimbabwe. Era essa a sua intenção. Nós sairíamos os dois, mas de outra maneira...*

— *Zimbabwe? Da maneira que aquilo está esse seu marido já está preso...*

— *Há muito anos que Benjamin Southman está preso. Prisioneiro de si mesmo.*

Primeiro, a brasileira despediu-se de Mwadia. Espremida nos braços de Rosie Southman, a jovem gemeu:

— *Eu também saio amanhã, volto para Antigamente.*

Constança foi atingida pelo anúncio. Virou o rosto para que não se notasse a mágoa de saber da partida de Mwadia. E de saber daquele modo: palavras displicentes dirigidas a uma outra que não ela. E foi a tristeza de ver a filha partir que, depois, a fez demorar tanto no abraço à estrangeira. No final, sacudiu as mãos como sempre fazia quando enxotava as lágrimas e declarou:

— *Esperem, tenho prendas para vocês.*

Foi ao quarto e voltou. Trazia uma capulana para Rosie. A visitante exultou. Enrolou o pano garrido na cintura e experimentou uns passos de samba enquanto cantarolava:

— *Viver e não ter a vergonha de ser feliz...*

Constança juntou-se à dança e as duas rodopiaram com tanta convicção que mesmo a Mwadia pareceu escutar um batuque. Depressa a mãe se cansou. Enfrentou a filha enquanto recuperava o fôlego.

— *Para si, minha filha, trago duas lembranças. Uma de cada rio.*

— *De cada rio?*

— *Somos todos feitos assim: de duas águas.*

Estendeu, primeiro, um lenço de estimação. Era uma herança de Dona Rosária Rodrigues, a avó materna de Jesustino.

— *Esta é a lembrança de uma velha dona de escravos.*

Depois, exibiu uma pequena caixa de rapé. Tinha sido pertença de Lela Amissi, bisavó de seu pai Edmundo Marcial Capitani.

— *A avó Lela foi escrava. Morreu no chibalo [37].*

— *Afinal havia uma escrava? Porque não disseram logo?*

— *São as boas maneiras, Dona Rosie. Nós só podemos falar da nossa gente quando ela já morreu.*

— *Mas essa avó já morreu.*

— *Sabemos lá nós quando morremos...*

Rosie Southman retirou-se. Constança e Mwadia ficaram, como na primeira noite, frente a frente. A mãe sabia: aquela era uma despedida. E as despedidas são sempre derradeiras. O momento pedia a palavra certa. Constança escolheu sarar antigas feridas: todo filho quer ser mais que único. E Mwadia acreditava ter sido menos do que ninguém. Por isso, a mãe disse:

— *Sempre a embalei no braço esquerdo.*

É assim que as mulheres fazem prova do indefectível afecto pelos seus descendentes. No dia do desmame, os homens sabem que podem voltar a ter relações com a mulher pelo facto de elas voltarem a apoiar o filho sobre o braço direito. A Mwadia, afinal, ainda restava mágoa por saldar:

— *Por que é que nunca me olhou nos olhos, mãe? As minhas irmãs é que saíram lindas, só elas é que herdaram a sua beleza?*

— *Você não entende, filha. Os seus olhos são espelhos. Neles eu me vejo gasta, velha e gorda.*

— *Diz isso só para convencer, as suas razões são outras...*

— *Não quero envelhecer mais. Um dia destes estou num retrato desses da parede. Nessa altura, então, eu a olharei nos olhos...*

Constança dispensava a palavra inteira. Bastavam-lhe as metades. A meia voz, ela pediu:

— *Não vá, filha. Fique comigo.*

— *Tenho que ir, a mãe sabe.*

— *Eu sei tudo sobre a vida de seu homem, aliás, sobre a sua morte.*

Constança falou vincando as vogais, sublinhando as consoantes: fazia tempo que Madzero não estava vivo. Não morrera, fora morto. Essa fantasia que Mwadia criara, inventando de Zero estar vivo, isso era, para ela, mais do que compreensível. Afinal, aquela era a sua maneira de ser amada, o seu único modo de se sentir viva.

— *Eu já conheço essa história, mãe. Morreu numa bomba, não é o que dizem?*

— *Eu vou-lhe dizer como o mataram.*

— *Não vale a pena, mãe. Eu não vou ouvir,* disse Mwadia, estreitando o rosto entre as mãos.

A matriarca prosseguiu. Sabia que a filha a escutaria. Zero fora morto há muito tempo. Espetaram-lhe umas tantas facadas no pescoço.

— *Eu já escutei essa versão. O próprio Zero me contou.*

— *Quando soube a notícia, você ficou maluca, filha. Enlouqueceu e saiu para esse lugar, para além das montanhas. É lá que vive sozinha, você e seus burros, seus cabritos.*

— *Continue.*

— *Continuar?*

— *Já agora, diga: quem o matou? Sabe quem foi?*

— *Quem foi o quê?*

— *Quem matou o meu Zero?*

— *Não posso dizer.*

— *Diga lá!*

— *Não me faça isso, filha, não me obrigue...*

— *Sabe por que não diz? Porque é tudo mentira...*

— *Pois eu digo. Quem matou Zero foi seu padrasto, Jesustino Rodrigues.*

Não podia ser. O padrasto, homem cheio de gentileza, como poderia ter cumprido tais maldades?

— *Mentira, mãe. Por que mente?*

— *Você não sabe quem é esse Jesustino.*

A mãe, serena, explanou: o assassinio, pensamos, nasce da torpeza da alma. Mas não: a vontade de matar nasce das miudezas do dia-a-dia, desse amarelecer sem história em que se convertem as nossas vidas. Não são os grandes traumas que fabricam as grandes maldades. São, sim, as miúdas arrelias do quotidiano, esse silencioso pilão que vai esmoendo a esperança, grão a grão.

E assim acontecera com o alfaiate: sem negócio, sem clientes, sem a sua irmã, sem volta nem saída, o alfaiate amalhava amarguras dia após dia. Certa madrugada, saíra de Vila Longe consumido por interiores braseiros que chiavam dentro dele como a fervura da água. Um dia depois, regressou com a camisa manchada de sangue, sentou-se no degrau da varanda e converteu-se numa acabrunhada silhueta, eterno prisioneiro da culpa.

— *Mas Jesustino matou porquê?*, a voz de Mwadia era quase um soluço.

— *Por ciúme. Zero levou-a a si para além dos rios.*

— *O padrasto tinha ciúme?*

— *Ele sempre gostou de si, sempre gostou.*

— *Posso despedir-me de meu padrasto? Quero falar com ele...*

— *Não o vai encontrar. Ele foi com Casuarino para a cidade. Eles levaram o barbeiro...*

— *Levaram o Mestre para a polícia?*

— *Levaram-no para ser internado, no hospital. Arcanjo estava muito doente...*

Depois, a mãe ficou calada, esticou o pescoço como se espreguiçasse um milenar cansaço. Remexeu nas dobras da capulana e disse:

— *Está aqui, tome.*

— *É o quê?*

— *A foto de Zero Madzero. Você sabe o que tem a fazer.*

Mwadia não se dirigiu logo para a parede dos ausentes, no escuro corredor da casa. Ficou contemplando a fotografia como se desconhecesse aquele homem que nela figurava, de camisa branca, rodeado de burros. Não era aquele o homem com quem, nos últimos anos, ela partilhara encantos e desencantos. Zero Madzero era outro. A mãe tinha enlouquecido. E cerrou as pálpebras, alisando a fotografia com os nós dos dedos. Suspirou fundo, mas o ar ficou-lhe cravado no peito. Se estava tão certa de que a foto não era de Zero, por que motivo ela se ergueu chorando?

A viagem termina quando encerramos as nossas fronteiras interiores. Regressamos a nós, não a um lugar. Mwadia sentia que retornava aos labirintos de sua alma enquanto a canoa a conduzia pelos meandros do Muzenguezi. Na ida, ela se preocupara em sombrear a Virgem. No regresso, ela já ganhara a certeza: ali estava a Santa mulata, dispensando o sombreiro, afeiçoada ao sol de África.

Chegada a um largo embondeiro, ela dirigiu o concho [\[38\]](#) para a margem e foi subindo a ravina, carregando com ela a Santa. Junto ao

tronco, ela depositou a Virgem, se ajoelhou e disse:

— *Você já foi Santa. Agora, é sereia. Agora, é nzuzu.*

Depois, Mwadia amarrou no braço da estátua o lenço que recebera de avó escravagista. Junto ao único pé da Santa ela deixou a caixa do rapé da avó escrava.

Voltou ao barco, retomando a viagem para as áridas paragens de Antigamente. Por certo, Zero Madzero não a estaria esperando. O verdadeiro homem não espera por mulher, é assim o código do lugar.

Ao arrumar a canoa entre os caniçais, ela recordou o burro Mbongolo. O bicho ficara enterrado em Vila Longe. Surgiu-lhe o seu olhar de ardósia molhada: nunca mais as borboletas viriam beber naqueles olhos tristes.

— *Regressou bem, mulher?*

Mwadia surpreendeu-se: afinal, Zero a aguardava, braço estendido para a ajudar a descarregar o pequeno barco. Enquanto amparava a caixa dos antigos documentos, o burriqueiro estranhou a ausência do seu jumento preferido. *Mbongolo ficou, preferiu ficar*, adiantou-se Mwadia, adivinhando o pedido de explicação.

— *E Nossa Senhora?*

— *Está rezando, no lugar dela.*

— *Posso ficar tranquilo, então?*

Ela anuiu, silenciosamente. Andaram como se houvesse um caminho, a poeira rondando como um cachorro junto aos seus pés. De novo, Mwadia se internava na aridez da savana, num mundo despojado de paisagem. As árvores que ela um dia conhecera frondosas eram aqui uma construção indigente de ossatura vegetal, ramos indigentes raspando os céus. Enfim: árvores de rapina.

— *Você regressa carregando o peso da tristeza, mulher.*

Ela não respondeu. Na realidade, estava incapaz de chegar à fala, afogada pelo tumulto dos sentimentos.

— *E como foi lá, em Vila Longe? As campas estão bem tratadas?*

Ela voltou a acenar afirmativamente. O homem quase lhe passou o braço pelo ombro. Mas rectificou a ternura do gesto, guardando-a apenas para a voz:

— *Custa-lhe aceitar, eu sei, Mwadia. Com o tempo você vai aceitar.*

A mulher sacudiu a cabeça tão lentamente que o esposo não percebeu a obstinada negação. Como aceitar que Vila Longe já não tinha gente, que a maioria morreu e os restantes se foram? Como aceitar que a guerra, a doença, a fome, tudo se havia cravado com garras de abutre sobre a pequena povoação? Vila Longe cansara-se de ser mapa. Restavam-lhe as linhas ténues da memória, com demasiadas campas e nenhuns viventes.

— *Tem a certeza que Nossa Senhora ficou bem?*

— *Sim.*

— *Deixou-a na igreja?*

— *A melhor igreja que encontrei.*

À noite, Mwadia sentou-se na varanda. Olhou o horizonte como um fundo esboroadado, uma espécie de parede escura, pontuada de rostos. Ergueu-se como que para ganhar precisão e foi caminhando até distinguir as fotografias, uma por uma, expostas nesse paredão de ardósia. Lá estavam o padraço Jesustino e sua irmã, a beata Luzmina. Lá estavam Zeca Matambira, Chico Casuarino, o barbeiro revolucionário Arcanjo Mistura. Bem no alto, junto à espingarda, posava, garboso, o seu primeiro pai, Edmundo Capitani. No centro, se impunha a redonda figura de Dona Constança, sua velha mãe. Desta vez, conforme o vaticínio, os olhos dela a fixavam, sem culpa, sem vergonha. Com gesto largo, Mwadia como que afastou a visão. Em vão. No momento, ela entendeu: aquela era a parede dos ausentes. E não estava no horizonte. Erguia-se no interior de sua própria alma.

Como se caminhasse dentro de si mesma, foi passando revista aos retratos e reparou que, no fundo, havia um espaço branco, uma moldura

ainda sem imagem. Naquele momento, sentiu que trazia algo em suas mãos. Era uma fotografia. Com passo vagaroso, se encaminhou para o fim do paredão para colocar na moldura a imagem. A foto do último ausente.

Mwadia sacudiu a poeira das mãos e espetou a pá no remexido solo. Comprovou se a campa que abrira estava bem compactada, disfarçada entre os arbustos junto ao rio. Dentro da cova permanecia, intacta, a caixa dos papéis de D. Gonçalo da Silveira. O tempo jazia agora sob o firme chão. O passado apodreceria sob os seus pés, juntando-se ao estrume da terra.

A mulher olhou a noite, inspirou fundo, como se o que estivesse à sua frente fosse um nascer de novo e dirigiu-se para a casa que luzia, longe no escuro. Abriu a porta, com cuidado, aproximou-se do leito onde Zero Madzero dormia e disse:

— *Marido, acabei de enterrar uma estrela!*

Pegou na sacola que já estava preparada e beijou de leve o rosto do marido, tão de leve como se ele fosse apenas uma ausência adormecida. Apoiou a porta para suavizar o ruído do trinco ao fechar-se. Ainda hesitou, à saída do quintal, como se escolhesse entre que ausentes ela deveria viver. Só depois tomou o caminho do rio.

- [1]Mbira: pequeno xilofone feito numa cabaça, com teclas metálicas.
- [2]Nyanga: o mesmo que «nganga», adivinho, lançador das pedras de adivinhação.
- [3]Si-nhungwé: língua falada no Noroeste de Tete, Moçambique. Por vezes, grafada como shi-nhungué, cinyungué ou si-nyungwé.
- [4]Chikundas: etnia da região do vale do rio Zambeze, resultante das mudanças políticas e demográficas do processo da escravatura.
- [5]Cimbirre: árvore de madeira preciosa, conhecida por pau-ferro. Nome científico: *Androstachis johansonii*.
- [6]Achikundas: plural de chikundas.
- [7]Mbawa: árvore de grande porte que ocorre nas florestas ribeirinhas.
- [8]Quizumba: hiena.
- [9]Micaia: acácia. Em África as acácias são sempre espinhosas.
- [10]Msassa: árvore da savana africana. Nome científico: *Brachistegia spiciformis*.
- [11]Chá mbalakate: chá de citronela.
- [12]Hakata: sementes usadas nas práticas de adivinhação.
- [13]Mueva: árvore de grande porte. Nome científico: *Kigelia africana*.
- [14]Magaíça: mineiro.
- [15]Si-shona: língua falada no Noroeste de Moçambique e na maior parte do Zimbabwe.
- [16]Cushe-cusheiro: adivinho, curandeiro.
- [17]Nzuzu: divindade residente nas águas.
- [18]Xipefo: lamparina a petróleo.

[19]Caneco: goês.

[20]Badjia: fritura à base de feijão.

[21]Muana: rapaz.

[22]Pangolim: mamífero de escamas.

[23]Vanguni: plural de nguni, grupo étnico proveniente do Norte da África do Sul e que, em meados do século xix, invadiu o território moçambicano.

[24]Muzungos: nome dado aos brancos ou pessoas de outra raça culturalmente assimilados.

[25]Calada: termo usado para referir a interrupção da ventania.

[26]Casados: designação dada aos colonos residentes em Goa, ex-soldados e marinheiros que contraíam matrimónio com indianas e adoptavam uma vida civil.

[27]Luande: pátio que rodeia a casa.

[28]Msundi: pau de almofariz.

[29]Chamboco: matraca.

[30]Muzimos: espíritos dos antepassados familiares.

[31]Mambo: chefe tradicional.

[32]Muene: Imperador do Monomotapa.

[33]Dzimunthu: escultura representando uma figura humana.

[34]Mulambe: embondeiro.

[35]Olá, alfaiate. Como está?

[36]Matumi: árvore da floresta ribeirinha. Nome científico: *Breonadia salicina*.

[37]Chibalo: trabalho forçado.

[38] Concho: canoa; pequena embarcação.